UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

GLEICIMARA ARAUJO QUEIROZ KLOTZ

PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO ENVELHECIMENTO FEMININO

São Paulo
2016

GLEICIMARA ARAUJO QUEIROZ KLOTZ

PERCEPÇÃO ESTÉTICA DO ENVELHECIMENTO FEMININO

(Versão corrigida)

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Doutor em Psicologia

Área de Concentração: Psicologia Social

Orientadora: Prof^a. Doutora Ecléa Bosi

São Paulo

2016

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU
PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO
CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO
E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Klotz, Gleicimara Araujo Queiroz.

Percepção estética do envelhecimento feminino / Gleicimara
Araujo Queiroz Klotz; orientadora Ecléa Bosi. -- São Paulo, 2016.
340 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
Área de Concentração: Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto
de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Percepção 2. Corpo 3. Envelhecimento 4. Estética 5. Gênero

I. Título.

BH39

Nome: Gleicimara Araujo Queiroz Klotz
Título: Percepção Estética do Envelhecimento Feminino

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Ao meu amor Jorge Klotz.

AGRADECIMENTOS

À querida orientadora Ecléa Bosi, pela confiança ao longo do projeto, por ter me dado liberdade e autonomia. Pela escuta atenta e paciente, pelas sábias orientações. Fonte de inspiração desde o início da minha vida acadêmica.

Ao professor Boris Kossoy pela acolhida em sua disciplina e apoio na Qualificação. Sua contribuição teórica foi imprescindível para realização da tese.

Ao professor Marcelo Ribeiro pela postura aberta no Estágio Pae e nas disciplinas.

Ao querido professor Marcos Vieira, que desde o início da minha vida acadêmica teve um papel fundamental em minha trajetória.

À amiga e colega de trabalho Fabiane Albuquerque de Mello pela imprescindível contribuição na correção da tese.

À Nalva, Rosângela, e Selma secretárias do PST pelo apoio e prestatividade ao longo destes quatro anos.

Aos meus queridos alunos, sempre na torcida, acompanhando entusiasticamente cada etapa do processo.

Às mulheres entrevistadas, pela abertura em aceitar tão prontamente a participar da pesquisa, que me receberam tão bem em suas casas e me abriram seus valiosos álbuns de família. Mulheres que se mostraram profundamente e deixaram seus medos à mostra, mas de uma coragem e força transformadora profunda.

Aos meus pais, João Bosco e Maria Marta pelo apoio, carinho e compreensão em todos os momentos, que me deram segurança para partir e voltar com a certeza de seu amor.

À minha querida irmã Mara, sempre confidente, sempre companheira mesmo que distante.

Ao meu irmão Saulo pela torcida e apoio ao longo desta jornada.

À minha sogra Monica pelo carinho, atenção e apoio durante todo o processo da pesquisa.

Ao meu querido companheiro Jorge, por alegrar as minhas manhãs mais difíceis com seu sorriso e suas músicas. Pela coragem que me deu desde quando este projeto ainda era uma ideia, sem você esta tese não seria possível.

À amiga Solange, companheira intelectual, por dividir as angústias, por compartilhar sua sabedoria.

Ao querido amigo Luis, pela companhia nos congressos e nos momentos de descontração.

Às amigas do *Global Summit of Women* que auxiliaram na troca de experiências e indicando mulheres incríveis para a participação na pesquisa, em especial Luciana Veloso, Alice Furst e Patrícia Brasil.

A todas as pessoas que contribuíram direta ou indiretamente para a realização desta pesquisa, um trabalho desta extensão só é possível através de muitas mãos.

À Capes que possibilitou a realização deste trabalho pelo auxílio financeiro.

A verdade te libertará. Mas primeiro ela vai te enfurecer.

Gloria Steinem

RESUMO

Klotz, G. A. Q. (2016). Percepção Estética do Envelhecimento Feminino. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

O corpo enquanto corporeidade é a existência subjetiva do sujeito, através dele que é possível perceber o mundo e relacionar-se com os outros. Ao envelhecer o corpo sofre inúmeras transformações que envolvem a integridade física, social e psicológica, sendo que para as mulheres as mudanças estéticas são carregadas de sofrimento. Para as mulheres, envelhecer nas sociedades modernas significa perder o capital corporal, uma vez que socialmente as mulheres são julgadas a partir de seus corpos. Portanto a presente pesquisa tem como objetivo analisar como as mulheres percebem esteticamente seus corpos ao longo do processo de envelhecimento. Para tanto foi realizada uma pesquisa com bases qualitativas a fim de analisar o discurso de 15 mulheres idosas da cidade de São Paulo. Os métodos de coleta de dados foram entrevistas de história de vida e análise de fotografias que retratavam as fases da vida das entrevistadas: infância, juventude, vida adulta e velhice. A análise dos dados foi feita a partir da análise do discurso. A partir dos resultados da pesquisa foi possível perceber que as mulheres formam a representação do corpo-próprio através de uma tríplice relação: reconhecimento do outro, reconhecimento pelo outro e autorreconhecimento; sendo que na última parte do processo o espelho e as fotografias possuem grande importância. O processo de percepção estética dos objetos estéticos socialmente partilhados se dá através da análise do sujeito a partir de seus padrões estéticos e representação do corpo próprio, em síntese o sujeito poderá ter quatro respostas possíveis que retornarão em forma de novos objetos estéticos.

Palavras Chave: Percepção. Corpo. Envelhecimento. Estética. Gênero.

ABSTRACT

Klotz, G. A. Q. (2016). Aesthetic Perception of Female Aging. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

The body as corporeality is the subjective existence of the subject, through it it's possible to perceive the world and relate to others. As you get older the body undergoes many changes that involve the physical, social and psychological integrity, and for women the aesthetic changes are fraught with suffering. For women, aging in modern societies means to lose their body capital, once that socially women are judged from their bodies. Therefore this research aims to analyze how women perceive their bodies aesthetically throughout the aging process. For this purpose a survey was conducted with qualitative bases in order to analyze the discourse of 15 elderly women in the city of São Paulo. Data collection methods were life history interviews and photographs analysis depicting the stages of life of the interviewees: childhood, youth, adulthood and old age. The data analysis was made from the discourse analysis. From the survey results it was revealed that women form the representation of their own body through a threefold relationship: recognition from others, recognition from others and self-recognition; and in the last part of the process the mirror and the photographs are of great importance. The process of aesthetic perception of socially shared aesthetic objects is through the analysis of the subject from their aesthetic standards and representation of their own body: in short the guy can have four possible responses that will return in the form of new aesthetic objects.

Keywords: Perception. Body. Aging. Aesthetics. Gender.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1	- Fotografia 3x4 de Maria Helena aos 11 anos em Corumbataí, frente e verso.....	88
Fotografia 2	- Maria Helena aos 16 anos em apresentação de canto na Sociedade Italiana de Arranjos.....	92
Fotografia 3	- Maria Helena com amiga na Praia Grande.....	95
Fotografia 4	- Maria Helena no Hospital do Servidor em Amigo Secreto, Natal de 1976.....	97
Fotografia 5	- Maria Helena em casa com bebê nos braços, Janeiro de 1995.....	98
Fotografia 6	- Maria Helena e a irmã, Holanda.....	102
Fotografia 7	- Monica na Fazenda, Fevereiro de 1952.....	107
Fotografia 8	- Monica com andorinha no ombro, no telhado da Fazenda.....	110
Fotografia 9	- Monica em festa de Réveillon, 1972.....	112
Fotografia 10	- Monica no casamento de seu filho, 2013.....	114
Fotografia 11	- Yara com o pai nos Correios da Rua São João.....	116
Fotografia 12	- Yara no Rio de Janeiro com os amigos.....	122
Fotografia 13	- Yara vestida de noiva.	124
Fotografia 14	- Yara no clube onde pratica natação.....	126
Fotografia 15	- Cleusa com a irmã.....	128
Fotografia 16	- Cleusa no quintal de casa com a sobrinha no colo.	130
Fotografia 17	- Cleusa com o ex-marido no batizado da filha.....	132
Fotografia 18	- Cleusa em fotografia 3x4 para documento.....	134
Fotografia 19	- Catarina com o noivo.....	137
Fotografia 20	- Catarina em foto da inauguração da fábrica da Niasi.....	139
Fotografia 21	- Catarina com o marido e o neto em sítio.....	142
Fotografia 22	- Catarina com a família, Dezembro de 2009.....	145
Fotografia 23	- Foto da infância.....	148
Fotografia 24	- Elca em peça de teatro interpretando Titânia.....	149
Fotografia 25	- Elca em seu casamento civil.....	151
Fotografia 26	- Elca, 2014.....	154
Fotografia 27	- Denise com a irmã e primas em Campos do Jordão, 1941.....	158
Fotografia 28	- Denise com a irmã.....	160
Fotografia 29	- Denise com a família em Campos do Jordão, 1957.....	161
Fotografia 30	- Denise com a neta.....	164
Fotografia 31	- Denise em viagem com amigas para Punta del Este, 1997.....	167
Fotografia 32	- Suzete em sua primeira viagem em família, Atibaia/São Paulo, 1945.....	171
Fotografia 33	- Suzete em sua formatura da Escola Normal, 1957.....	173
Fotografia 34	- Suzete em uma aldeia na Índia, Fevereiro de 1991.....	175
Fotografia 35	- Suzete com o marido comemorando Bodas de Lápis-lázuli, Maio de 2015.....	177
Fotografia 36	- Dirce na cadeirinha no quintal de casa.....	183
Fotografia 37	- Dirce na casa da amiga Suzi.....	184
Fotografia 38	- Dirce na casa da amiga Suzi.....	186
Fotografia 39	- Dirce no Evento Nacional das Secretárias.....	188
Fotografia 40	- Dirce em Jantar com amigos.....	192
Fotografia 41	- Solange em seu aniversário de 1 ano.....	196
Fotografia 42	- Solange em sua Primeira Comunhão.....	199

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 43	- Solange no aniversário de 3 anos da filha.....	199
Fotografia 44	- Solange no trabalho.....	201
Fotografia 45	- Marly aos 10 anos.....	204
Fotografia 46	- Carteira Estudantil de Marly aos 20 anos.....	210
Fotografia 47	- Marly aos 43 anos com o segundo filho.....	213
Fotografia 48	- Marly aos 74 anos.....	217
Fotografia 49	- Nildéia em fotografia para documentos.....	220
Fotografia 50	- Nildéia com a família no aniversário da sobrinha.....	224
Fotografia 51	- Nildéia no casamento da filha.....	226
Fotografia 52	- Nildéia na academia antes da aula de Zumba, fotografia publicada no <i>Facebook</i>	229
Fotografia 53	- Anita com a avó e irmã em Rifaina.....	231
Fotografia 54	- Anita em fotografia 3x4 para documento.....	237
Fotografia 55	- Anita em comemoração na Telefônica.....	240
Fotografia 56	- Anita com a mãe e o filho em Rifaina.....	241
Fotografia 57	- Esmeralda aos 6 anos.....	246
Fotografia 58	- Esmeralda com o noivo na casa da mãe.....	249
Fotografia 59	- Esmeralda aos 45 anos.....	255
Fotografia 60	- Esmeralda fantasiada de cigana em festa de aniversário.....	260
Fotografia 61	- Lourdes no jardim de casa aos 14 anos.....	263
Fotografia 62	- Lourdes jovem.....	265
Fotografia 63	- Lourdes com o marido em final de semana na praia de Juqueí.....	270
Fotografia 64	- Lourdes tomando café com as amigas.....	273

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	- Cone da Memória.....	320
Gráfico 2	- Circuito de Formação da Percepção Estética.....	322

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	16
2. MODERNIDADE	20
2.1. CULTURA.....	23
3. CORPO.....	28
3.1. CORPO E MEMÓRIA.....	28
3.2. CORPO E PERCEPÇÃO	35
3.3. CORPO E ESTÉTICA	39
3.4. CORPO E IDENTIDADE	43
4. ENVELHECIMENTO	49
4.1. CORPO E ENVELHECIMENTO.....	57
5. MÉTODO.....	66
5.1. ESCOLHA DO TEMA E OBJETO DE ESTUDO	66
5.2. POSICIONAMENTO TEÓRICO	66
5.3. CAMPO DE PESQUISA.....	67
5.4. SUJEITOS DA PESQUISA	68
5.4.1 POPULAÇÃO	68
5.4.2. AMOSTRA	71
5.4.3. DEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DA AMOSTRA	72
5.4.4. NÚMERO DE SUJEITOS	74
5.5. COLETA DE DADOS	74
5.5.1. ENTREVISTA	74
5.5.2. FOTOGRAFIAS.....	76
5.5.3. FOTOGRAFIA E PESQUISA.....	79
5.6. ANÁLISE DOS DADOS	83
5.6.1. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	83

5.6.2. ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS	85
6. RESULTADOS	88
MARIA HELENA	88
MONICA	108
YARA	117
CLEUSA	129
CATARINA	137
ELCA	149
DENISE	159
SUZETE	172
DIRCE	182
SOLANGE	197
MARLY	211
NILDÉIA	224
ANITA	238
ESMERALDA	250
LOURDES	266
7. ANÁLISE DOS RESULTADOS	279
7.1. CONSTRUINDO A REPRESENTAÇÃO DO CORPO- PRÓPRIO	279
7.1.1. RECONHECIMENTO PELO OUTRO	280
7.1.2. RECONHECIMENTO DO OUTRO	292
ATRIZES COMO REFERENCIAL ESTÉTICO	294
7.1.3. AUTORRECONHECIMENTO	296
A) ESPELHO ATUALIZA A IMAGEM DE SI	300
B) FOTOGRAFIAS CONSOLIDAM A IMAGEM DE SI	301
7.2. SIGNOS DO ENVELHECIMENTO	316
A) CABELOS BRANCOS	316
B) RUGAS	319

c) PESO	320
7.3. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA.....	321
A) ASSIMILAÇÃO	325
B) NEGAÇÃO.....	326
C) SÍNTESE	326
D) SUBVERSÃO.....	327
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	329
REFERÊNCIAS	332
ANEXOS	338
A. ROTEIRO DE ENTREVISTA	338
B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	339

1. INTRODUÇÃO

Os questionamentos acerca do tema da pesquisa surgiram muito antes do projeto de doutoramento, ainda nos primeiros contatos com idosas asiladas nos estágios da graduação, era evidente o desconforto das mesmas no tocante ao corpo envelhecido. O problema do componente estético do corpo envelhecido é tomado como uma questão menor devido a miríade de dificuldades que os idosos, principalmente em países em desenvolvimento, precisam superar. No entanto, a partir da convivência com as idosas foi possível perceber a carga de sofrimento vivenciada, o constante mal-estar com o corpo e a relevância desta questão como constitutiva da identidade do sujeito.

É importante considerar em primeiro lugar que o número de idosos tem aumentado em países em desenvolvimento como o Brasil, no entanto a atenção, o suporte e a inclusão social dos idosos não tem ocorrido na mesma proporção. A realidade dos idosos ainda é de exclusão social, em última instância temos os idosos asilados, mas mesmo os que vivem em residências multigeracionais experienciam a solidão e o isolamento. Outro fator relevante na composição da população idosa brasileira é que ela é predominantemente feminina, por dois fatores: o maior nascimento de mulheres e a longevidade feminina. Deste fenômeno decorrem alguns problemas uma vez que a população feminina é mais vulnerável que a masculina em diversos níveis: econômicos, grande parte das idosas de hoje não realizavam atividades remuneradas quando adultas; sociais, pela viuvez e solidão; saúde pois estão mais sujeitas às doenças e deficiências; e psicológicas devido às representações negativas acerca do envelhecimento feminino. Apesar destes dados o envelhecimento varia de pessoa para pessoa, sendo difícil estabelecer um consenso sobre o assunto.

O processo de envelhecimento em geral tomado como prioritariamente biológico e objeto de estudo médico nos últimos séculos, tem seu auge na medicina ocidental do século XX. Este saber se propõe a medicalizar a velhice, afastar a doença, promover o controle dos comportamentos e consequentemente alcançar a longevidade. O controle da medicina nas esferas da vida cotidiana é tamanho que seu discurso moraliza o corpo e propõe uma crítica severa ao que considera não saudável, dentre estes o corpo gordo e o corpo velho. Tais discursos naturalizam a velhice e propõe uma batalha contra seus efeitos como sendo de ordem individual e acessível à todos. No entanto é preciso destacar que a definição do

processo de envelhecimento é complexa e vai além dos aspectos biológicos, ele é um processo multideterminado que envolve as mudanças biológicas, psicológicas e sociais.

O problema aqui investigado não é questão (apenas) biológica é antes de ordem política e social. Ciente deste fato Bosi (1994) já alertava sobre o alijamento social que os velhos são destinados na modernidade. Despojados de seu papel de guardiões da memória, na modernidade os velhos são afastados da participação social, e ainda estão sujeitos à mecanismos de opressão de ordem institucional, psicológica, técnica, científica e podemos acrescentar os mecanismos opressivos estéticos.

Se o envelhecimento é um processo penoso para os velhos ele ainda tende ser mais cruel com as mulheres. Os padrões de exigência são diferentes entre homens e mulheres, sendo mais altos para elas. Daí vem a experiência de desqualificação feminina no envelhecimento, Sontag (1972) afirma que para as mulheres não é permitido envelhecer. A experiência do envelhecimento para a mulher é marcada pela negação da beleza, da sexualidade e do próprio corpo. Isto posto ficam elucidadas as falas das mulheres entrevistadas que experimentam a solidão e o mal-estar com o corpo.

Dos diversos estudos consultados para a pesquisa vê-se uma grande quantidade dos que se debruçam sobre a questão estética e sua tirania com os corpos femininos, principalmente com relação ao peso (Sant'ana, 2014, 1995; Novaes, 2006, 2011; Medeiros, 2012; Fischler, 1995; Goetz, 2013; Castro 2007; Goldenberg 2005; Vilhena e Medeiros, 2005). Ser bela é um dos imperativos dados às mulheres. Mas o que é a beleza nos dias de hoje? Ser bela é acima de todas as características ser jovem e magra, assim envelhecer não está contemplado nos padrões de beleza atuais.

Desta forma a relação com o corpo envelhecido é fonte de profundo sofrimento. Mas para entender esta relação profunda entre mente e corpo é preciso em primeiro lugar operar um retorno ao corpo, entender o corpo enquanto condição humana, “o homem é indiscernível do corpo que lhe dá espessura e a sensibilidade de seu mundo” (Le Breton, 2013, p11). Por isso o corpo é mais que um aparato, também é mais do que muitas vezes a Psicologia costuma o assentar, no lugar do sintoma. Entender que o sujeito é seu corpo e que suas transformações possuem um impacto real em sua subjetividade, bem como em suas relações sociais. É a partir do corpo que o sujeito tem a experiência do mundo, que recebe o fluxo contínuo da percepção e ao mesmo tempo é através dele que devolve ao mundo a sua imagem que regula as trocas simbólicas.

A modernidade opera inúmeras mudanças na vida dos homens e em seus valores, acaba por operar mudanças também na relação do homem com seu corpo. O homem

moderno é convidado a ser senhor do seu corpo e moldá-lo como assim desejar. Este imperativo convida a todos a apresentarem a melhor imagem de si, ou seja, jovem e magra atestando a sua competência pessoal. Este *self-made man* ao invés de sentir-se no controle, encontra apenas respostas solitárias para lidar com seu corpo, podendo escolher o que quer ser em uma gama de opções, apresenta-se inseguro e insatisfeito. Daí é possível compreender a corrida às academias, centros de estética, cirurgias plásticas, superexposição em fotografias e redes sociais.

Dentro desta nova organização dos corpos proposta pela modernidade, na qual ainda temos as mulheres mais sujeitas aos padrões estéticos resta perguntar: Quais são as possíveis formas de conviver com os corpos envelhecidos? Quais são os antecedentes que estão relacionados às formas de lidar com os corpos na terceira idade? O propósito da presente pesquisa é então compreender como se constrói a percepção estética do envelhecimento feminino e quais os impactos em suas identidades. Para tanto a pesquisa está organizada da seguinte maneira:

O Capítulo 2 tem como objetivo traçar o panorama das mudanças que a modernidade provoca nas relações sociais a partir da alteração dos valores. Entender como homem moderno restitui os significados da cultura e todo o seu modo de vida.

No Capítulo 3 é discutido o papel do corpo como base para percepção e memória, entendido aqui como corporeidade o corpo é uma totalidade do sujeito. Na continuidade das análises é preciso compreender as relações sociais do corpo, suas dimensões estéticas e identitárias que se dão na relação com o outro.

As discussões sobre o processo de envelhecimento – enquanto realidade biológica, social e psicológica – e as mudanças que ele opera nos corpos femininos são elaboradas no Capítulo 4.

O percurso metodológico da pesquisa é abordado no Capítulo 5, bem como a explicação da sustentação teórica em torno da escolha do método de coleta dos dados e de análise dos dados.

No Capítulo 6 são apresentados os resultados da pesquisa, nele se encontram as 15 entrevistas e suas respectivas fotografias. As entrevistas foram transcritas em sua totalidade, sendo realizadas mínimas alterações para que viabilizassem a sua compreensão. Sua leitura na íntegra não é condição imprescindível para compreensão dos resultados, é possível que o leitor avance do capítulo 5 ao 7 sem prejuízo e consulte os resultados conforme considere necessário.

A análise dos resultados é realizada no Capítulo 7, no qual são analisados em primeiro lugar o processo de construção da representação do corpo-próprio, os principais signos do envelhecimento feminino e, a partir das entrevistas realizadas é elaborada a hipótese de como se dá o processo de formação da percepção estética do corpo-próprio.

E por fim o capítulo 8 traz as considerações finais da pesquisa e abre precedentes para pesquisas futuras acerca do envelhecimento do corpo feminino e suas formas de superação.

2. MODERNIDADE

A Psicologia Social se faz na interface entre as relações individuais e sociais, portanto é imprescindível compreender o contexto sociocultural em que o sujeito se constitui. A realidade biológica do corpo é a base pela qual o sujeito interage com o mundo, mas ao mesmo tempo este ambiente também molda o corpo.

Com sua existência corporal o sujeito age social e individualmente, na modernidade este corpo é imbuído de uma diversidade de significados nas relações sociais. O corpo é objeto de relações sociais e culturais, a ele são atribuídos imagens, sentidos, valores e modos de existência, o corpo é também um objeto de análise da sociedade (Le Breton, 2005).

Para compreender a relação da modernidade com o corpo precisamos elucidar suas bases, as normas e valores que gerem a modernidade, as mudanças que a modernidade provoca no modo de vida do homem, sua relação com o trabalho e o discurso do capitalismo sobre os homens e seus corpos.

A entrada na modernidade trouxe inúmeras modificações na forma de vida do homem. O homem moderno precisa ser compreendido dentro destas novas contingências que ainda hoje nos causam certo estranhamento. A modernidade segundo Berman (2007) é formada por um conjunto de experiências de tempo e espaço, possibilidades e perigos. A experiência da vida moderna se dá de forma conflitante, ao mesmo tempo que este ambiente nos abre para uma vida de aventura, poder, alegria, crescimento e transformação, ele nos ameaça em tudo que somos e temos, é o paradoxo da unidade *versus* a pluralidade. A entrada na era moderna se deve a diversas fontes como o desenvolvimento científico e a organização do trabalho.

Para compreender o posicionamento de um sujeito na sociedade é imprescindível identificar as normas e valores que orientam sua ação. Para tanto utilizarei as proposições de Solomon Asch (1979). Para o autor as normas e valores são formas que os homens encontraram para poderem manter a harmonia na convivência, visto que os homens possuem diversos interesses.

Normas podem ser definidas como controle que limita a liberdade de ação, implicam em obrigação forçada, mesmo quando decididas por consenso. Portanto elas são, do ponto de vista do indivíduo: “restrições obedecidas por causa do medo das consequências” (Asch, 1979, p.299). Mas não obedecemos apenas por este motivo, respeitamos as normas também

porque as endossamos, não por causa da coerção. Nós sentimos as normas como violência quando estas vão contra nossos interesses. Seguimos as normas pois precisamos estar certos de que estas regras serão observadas.

As normas tratadas aqui são normas de livre cooperação, que surgem com o objetivo de gerar benefícios mútuos, assim seu controle é feito por meio psicossociais, ou seja, controladas pelas vontades e ações. As normas possuem a função de estabelecer trilhas claras de ação e também diminuem os imprevistos nas relações sociais. Elas surgem para solucionar problemas, portanto são inovações, invenções sociais, e não hábito. Dizem respeito a um conjunto de pessoas que se referem a um grupo, e a pessoas que se dirigem a este, assim somente membros conscientes as seguem.

Diante dos fatos os homens sempre emitirão juízos, estes são divididos entre justos e injustos, nada mais que posicionamento de valor. É necessário primeiramente dizer o que não é um valor, um valor não é um hábito, apesar de estar ligado a ele. Um valor não é um desejo, apesar de depender da motivação. Este também não é resultado da previsão de uma punição. Não é consequência de uma exigência social, pois esta não pode transportar um valor para um indivíduo.

Os valores podem ser compreendidos como uma forma de agir comprometida com o outro, um exigência, um dever. Toda ação que se ajusta as exigências é julgada como certa, estas exigências estão relacionadas às exigências sociais, mesmo que não haja alguém fisicamente presente. Assim os valores são repostas as exigências que possuem como princípios a ordem, a igualdade (justiça), a verdade e a racionalidade. Existem também forças que impedem que surjam as exigências de justiça, como a pressão, seja ela da necessidade, da paixão ou dos grupos, há também o interesse, o medo, a ambição, a falta de conhecimento, a imaginação limitada e o costume. Desta forma é possível compreender que nesta perspectiva os valores são requisitos que sentidos como exigências que controlam a ação do sujeito.

Heller (1975) compreende a sociedade como substância histórica uma vez que as ações dos homens são determinadas pelas circunstâncias, ou seja, forças produtivas, estrutura social e formas de se pensar em determinadas épocas. Nesta relação a história é compreendida como uma formação heterogênea uma vez que é formada por diversas esferas de valores. Para a autora um valor é tudo o que faz parte do ser genérico do homem, que o explica e o auxilia na realização gradual e contínua das possibilidades imanentes da humanidade. Para Marx (1990) os valores são trabalho, sociabilidade, universalidade,

consciência e liberdade. Ao contrário dos valores podem existir os desvalores que são tudo que rebaixa as possibilidades humanas; a perda é relativa e a realização possível.

Os valores morais são um sistema de exigências e costumes que permitem o homem converter a necessidade interior em necessidade moral, quando as aspirações particulares tornam-se aspirações sociais. No capitalismo o homem pode escolher seu lugar no mundo, seus costumes e suas normas. O capitalismo então desvinculou a ética dos costumes, o homem moderno tem a liberdade de escolher seus valores.

Estas mudanças geram uma alteração na mentalidade do homem moderno, o capital em dinheiro coloca em jogo novos instrumentos de poder, o dinheiro e o tempo, ambos fenômenos do movimento. O dinheiro transforma as relações e altera sua mobilidade, ele acelera o ritmo do tempo, ele traz a percepção do tempo fugaz, que não pode ser desperdiçado, algo que escapa. A escassez do tempo força a criação de uma economia do tempo, é preciso empregá-lo bem, sem prejuízo. Os bens produzidos agora são para consumo imediato, devem ser produzidos e consumidos rapidamente, não existem mais as obras seculares. Há também o surgimento da ideia de acumulação que não havia anteriormente pois na economia natural os bens produzidos pela agricultura eram de consumo direto, impossíveis de serem acumulados, mas o dinheiro é infinitamente acumulável. A própria relação com a religião se altera, agora é racional, externa e individual. A prosperidade econômica é resultado de uma boa organização, a relação com Deus é baseada num cálculo de vantagens.

Berman (2007) também sinaliza a outra mudança decorrente da modernidade que é percepção de instabilidade e fluidez das relações sociais, uma vez que todos sofrem pressão para inovar há uma mudança permanente na vida pessoal e social. Ao mesmo tempo que o homem pode reinventar-se ele se sente inseguro e diluído neste mundo. Há também o processo de autodestruição inovadora, no qual tudo deve ser destruído para dar lugar ao novo, os produtos (e as pessoas) tornam-se descartáveis. O burguês é um niilista, vive no extremo da destruição. O homem moderno é um ser livre desnudo de esperanças, portanto ele vive no aqui e agora. Ele vive em uma sociedade de liberdade sem princípios, usa os valores conforme lhe convém, num mercado de livre troca. O valor primordial é o valor mercantil, desta forma até os valores morais mais abstratos com honra e dignidade possuem um preço. O mercado de troca está sempre aberto a novos produtos e funciona sem regulação. A entrada no período moderno acarretou mudanças drásticas na sociedade, tanto na modernização da economia e da política, do trabalho, da cultura e da arte.

2.1. CULTURA

O capitalismo demarca profundas mudanças culturais e consequentemente na forma com que os homens se relacionam. Nas fases iniciais do capitalismo foi instaurada a primeira grande mudança cultural, o fenômeno próprio da sociedade industrial é que esta sociedade de massas produz uma cultura de massas. Importante compreender o conceito primeiro de sociedade de massa, tal como descrito por Heller (1975, p. 250) “sobrevêm quando a massa da população se incorpora a sociedade”. Assim é possível dizer que há uma “boa sociedade” que desfruta dos bens culturais e do lazer. A sociedade filiteísta usava dos bens culturais como forma de diferenciação dos *nouveaux-riches*. A sociedade precede a sociedade de massas, no entanto ela possui o cerne da massificação, como a solidão, inaptidão para julgar, excitabilidade e falta de padrões. Todas as culturas deixam para as próximas gerações objetos culturais que retratam sua época, portanto o artista é considerado por Heller (1975) como o autêntico produtor da cultura.

A sociedade de massas passou a usar a cultura em seu proveito, as classes médias europeias passaram a usar a cultura como fator de composição social e *status*. A cultura foi usada como ferramenta de ascensão social. Um objeto para ser considerado objeto cultural ele deve ter permanência relativa para ser passado a outras gerações. Chego ao ponto da contradição da cultura de massas, pois a finalidade de uma obra de arte é emocionar o espectador, mas para a sociedade de massas sua finalidade é transgredida, a obra de arte passa ser usada para autoeducação. As obras de arte tornaram-se um valor, uma mercadoria de troca, entraram para o mercado dos bens comuns, e assim como os demais desgastam-se com o tempo. Um dos grandes prejuízos desta relação com a cultura é que perde-se a tradição como forma de preservação do passado pela transmissão de cultura uma vez que os próprios objetos culturais se tornam temporalmente frágeis. A cultura se torna mercadoria, a sociedade de massas não necessita de cultura, mas sim de divertimento, e estes produtos são consumidos vorazmente. Os produtos do lazer servem para quando os sujeitos estão libertos das necessidades do corpo e do trabalho, são as atividades que livram do pensar.

Na sociedade moderna o tempo livre aumenta e a possibilidade de desfrutá-lo como lazer também é ampliada, mas a qualidade do tempo não é alterada. Assim os próprios objetos culturais entram no bojo do processo vital e os verdadeiros objetos culturais são os que suportam esta voracidade de consumo. Sendo parte do processo vital eles também

devem ser produzidos incessantemente, e seus padrões de julgamento assim como dos outros bens produzidos pelo capitalismo são a novidade e o ineditismo. Uma das técnicas da cultura de massa para saciar o mercado consumidor da cultura *kitsch* é de tomar os bens culturais “verdadeiros” e simplificá-los para o mercado consumidor, empobrecendo-os.

Para compreender a lógica cultural do tempo presente traremos à tona as contribuições de Jameson (2000) em seu estudo sobre o capitalismo tardio, terceira fase estágio do capitalismo – precedido pelo capitalismo de mercado ou monopolista – que tem seu início demarcado entre o final dos anos 50 e início dos anos 60. Nesta nova lógica há uma expansão global da mercadoria e não há mais a possibilidade de algo fora do sistema. As relações de mercado extrapolam o nível econômico e reverberam na lógica cultural, agora fragmentada e ideológica, baseado na ruptura, mudanças na representação dos objetos. Neste processo a cultura é saturada de informações e imagens, ocorre a “estetização da vida” o que Benjamin alertava, uma euforia com a nova ordem das coisas, uma frenética corrida às compras. A cultura torna-se mais uma das mercadorias disponíveis e o consumo e a produção são o próprio processo.

O período atual do capitalismo tardio efetua diversas mudanças econômicas, culturais, mercadológicas, no entanto é na cultura que suas marcas ficam mais visíveis. A cultura sofre inúmeras mudanças, a mais marcante é perca da fronteira entre a “alta cultura” e a cultura de massa/comercial. Ao homem que vive no capitalismo tardio resta consumir, sem laço com a historicidade, vive em um tempo autorreferencial no qual consome hoje, vive hoje, sem lastro com o passado.

O que ocorreu é que a produção estética hoje está integrada à produção das mercadorias em geral: a urgência desvairada da economia em produzir novas séries de produtos que cada vez mais pareçam novidades (de roupas a aviões), com um ritmo de *turn over* cada vez maior, atribui uma posição e uma função estrutural cada vez mais essenciais à inovação estética e ao experimentalismo (Jameson, 2000, p.30)

Uma das características relevantes é a falta de profundidade na cultura da imagem do simulacro, um enfraquecimento da historicidade, a profundidade é substituída pela superfície, ou superfície múltiplas. Neste momento a arte está centrada em torno da mercantilização, um fetichismo da mercadoria. Outra característica importante é o esmaecimento do afeto, “o que foi dito a respeito da transformação dos objetos em mercadoria aplica-se com a mesma força às figuras humanas de Warhol: estrelas – como Marilyn Monroe – que se tornam mercadorias e se transformam em sua própria imagem”. Da mesma forma com que os objetos são transformados em mercadoria as figuras humanas

também são. Também ressalta o fim do sujeito individual, ou do estilo, onde o que resta é repetir ou mimetizar modos de ser que já existem. “O pastiche, como paródia, é o imitar de um estilo único, peculiar ou idiossincrático, é o colocar de uma máscara linguística, é falar em uma linguagem morta” (Jameson, 2000, p.44). Neste sentido Jameson recorre a Guy Debord, para qual na sociedade a imagem é a forma reificada, a história se tornou uma coleção de imagens, um amontoado de fotografias. Ocorre aqui uma colonização estética que dificulta a experiência ativa da história, os sujeitos ficam cada vez mais incapazes de produzir representações próprias das experiências.

Neste cenário a relação temporal e espacial sofrem alterações, de acordo com Jameson (2000) a cultura é cada mais baseada pela lógica espacial, na qual o sujeito é incapaz de estabelecer relações entre o passado, presente e futuro, vivendo assim em uma coleção de fragmentos. A este fenômeno atribui características esquizofrênicas, baseando-se em suas leituras de Lacan que compreende como uma ruptura da cadeia de significantes. Este processo incorre em uma incapacidade de conexão entre o passado, presente e futuro com a própria experiência do sujeito. O espectador é convocado a se relacionar com inúmeras imagens ao mesmo tempo, como na obra de Nam June Paik na qual assiste a 57 telas com diferentes imagens ao mesmo tempo.

A nova organização social das cidades e megalópoles, a vida em condomínios e o afastamento da natureza também opera uma nova relação com o Outro. Esse momento pode ser considerado antinaturalista e marcado pela relação com a exaltação das máquinas não como base para criação artística, mas como reprodutora privilegiada. Analisando a arquitetura e sua relação com o espaço o autor indaga o quanto as construções urbanas limitam e até mesmo impedem com que o corpo se localize, disjuntando o corpo do ambiente. Este ambiente inóspito altera a percepção do sujeito. “Os corpos pós-modernos estão desprovidos de coordenadas espaciais, incapazes na prática (e, é claro, na teoria) de se distanciarem ao mesmo tempo, já nos referimos como a nova expansão do capital multinacional acaba penetrando e colonizando exatamente aqueles enclaves pré-capitalistas” (Jameson, 2000, p. 74). E as formas de resistência cultural acabam sendo cooptadas pelo sistema, uma vez que não podem distanciar-se.

É relevante entender como se dá a lógica de mercado no capitalismo tardio, para isso Jameson (2000) traz a tona o pensamento radical de Becker dizendo quem em última instância podemos compreender tudo no comportamento humano a partir da lógica de mercado. O consumo requer uma mercadoria, qualquer objeto que tenha valor de uso, seja a família, os filhos até mesmo o tempo enquanto recurso, uma vez que no final um valor é

uma questão de tempo. Assim como uma das falsas ideias compartilhadas pelo mercado neste momento do capitalismo é da liberdade econômica, a cultura também argumenta a livre escolha, ambos não acontecem. Mas há uma compatibilidade entre mercado e cultura, uma vez que os produtos disponíveis no mercado são cada vez mais imagens da mídia. É o que Debord vai nomear de imagem como reificação da mercadoria. “Os conteúdos da própria mídia se transformam em mercadorias, que são então lançadas em uma versão mais ampliada do mercado que se incorporam de tal forma que as duas coisas se tornam impossíveis de distinguir” (Jameson, 2000, p.284)

A mídia tem proporcionado aos sujeitos uma avalanche de imagens que ditam uma estética e contraem a possibilidade de uma estética livre, relacionada ao que lhe emociona enquanto indivíduo. O desenvolvimento tecnológico acelerou este processo, as imagens são produzidas e compartilhadas instantaneamente.

Neste mundo de imagens os sujeitos desejam olhar e serem olhados e ao mesmo tempo em que constroem imagens, também são afetados por elas. O corpo se torna capital, uma moeda de troca valiosa, por isso recebe tanto investimento. A lógica da modernidade forja o corpo contemporâneo (Novaes, 2007):

Dentro desta perspectiva, o corpo também deve ter a plasticidade da argila, uma vez que, supostamente, deve estar em constante adequação aos ditames de beleza podendo, inclusive, submeter-se a inúmeras interferências em nome do padrão estético vigente ou da identidade que o sujeito queira assumir naquele momento. Algumas destas intervenções podem ser de ordem cirúrgica, como no caso da colocação de próteses ou da subtração de algo considerado indesejável como, por exemplo, é entendido o excesso de gordura. (Novaes 2007, 137) Por esta razão, o corpo deve sofrer constantes alterações em busca de novas identidades; novas imagens lhe são emprestadas num devir eterno e constante.

O discurso científico da modernidade encara o corpo apenas como um suporte do sujeito, sobre o qual o sujeito deve agir sobre ele para se aprimorar. Le Breton (2003) sinaliza que este corpo é um rascunho, obra provisória e não a raiz da identidade do sujeito. Este corpo sofre inúmeras intervenções a fim de melhorá-lo, suprimir suas fragilidades e em última análise escapar da morte, neste sentido cabe ao corpo a analogia com a máquina. Porém impossível de alcançar a perfeição da máquina, possui fragilidades, envelhece. Contrária a realidade corpórea, o discurso da modernidade prega ao homem que este seja: “imune ao envelhecimento ou à morte, ao sofrimento ou à doença” (p.20).

A moralização da beleza como fenômeno social dos novos tempos, associada à chamada sociedade de consumo que disponibiliza, de forma democrática, um número cada vez maior de possibilidades de se intervir no corpo, ajuda na conformação da máxima do só é feio quem quer. Paradoxalmente, vê-se uma massa crescente de excluídos, contabilizada

através da incidência alarmante das chamadas doenças da beleza, assim como as patologias narcísicas e as compulsões, como o grande sintoma social da atualidade (Novaes, 2007).

3. CORPO

O corpo natural é base dos processos básicos do homem como a percepção e memória, no entanto mesmo esses processos possuem um componente social. Na cultura ele sofre pressões mas também é capaz de transgredir, tais relações serão analisadas a seguir.

3.1. CORPO E MEMÓRIA

Um dos caminhos para compreender a ligação entre corpo e mente é através do entendimento da relação entre corpo e memória realizada por Bergson (1939) que em seu livro “Matéria e Memória” realiza uma análise pormenorizada articulação dada por estas instâncias. Em seu estudo com bases fenomenológicas ele faz uso da introspecção para compreender os processos da percepção e desenvolver a tese na qual o sistema nervoso central possui função receptora de estímulos, mas não produtora.

Inicialmente é preciso definir o que é matéria, para Bergson (1939) a matéria é um conjunto de imagens, as quais se encontram entre a representação e a coisa propriamente dita, uma vez que ela é percebida pelo o que ela é capaz de imprimir nos corpos a partir do movimento. O corpo é uma realidade material, portanto ele é ao mesmo tempo imagem, sendo parte do mundo material ele tem existência em torno e fora dele, é um objeto que se relaciona com objetos, desta forma “os objetos que cercam meu corpo refletem a ação possível de meu corpo sobre eles” Bergson (1939, p.12). Assim em sua concepção imagem, corpo e objeto coincidem em significado.

O corpo como um objeto relacional age sobre a matéria e como matéria também sofre sua ação, assim é importante compreender aqui, para além da percepção como essas imagens percebidas pelo corpo material são incorporadas pelo sujeito. Portanto a percepção está constantemente ligada a corporeidade e o convívio com o meio social e físico circundante.

Em sua teoria da percepção Bergson (1939) propõe o esquema que liga o corpo e a ação, pois se dá a partir da interação com os objetos, e ainda está diretamente correlacionada ao grau de proximidade e possibilidade de ação que meu corpo possa ter sobre a matéria, ou seja, os objetos percebidos geram uma ação no receptor. “*Chamo de*

matéria *o conjunto das imagens e de percepção da matéria essas mesmas imagens relacionadas à ação possível de uma certa imagem determinada, meu corpo*” (Bergson, 1939, p.13, grifos do autor). Assim a percepção encontra-se no campo da ação e a intensidade da percepção se dá na mesma proporção da intensidade da ação. Decorrente desta afirmação percebe-se como fator que interfere no campo de ação de um corpo é o espaço, portanto para o autor “a percepção dispõe de espaço na exata proporção que a ação dispõe de tempo” (Bergson, 1939, p.22). O ponto em questão aqui é o grau da percepção, pois uma imagem será percebida a medida em que há a possibilidade de ação sobre ela, ao passo que o sujeito elimina o que não o interessa ou que não há possibilidade de ação.

Existem imagens que evocam a percepção consciente, e convidam para ação, estas são as imagens externas, mas estas não são as únicas. A percepção está ligada às imagens externas, enquanto a afecção aos estados internos, sentidos o corpo próprio, desta forma as sensações são experimentadas onde são produzidas. A capacidade de localizar uma sensação corpórea exige treino e também um representante visual, isto é perceptível na dificuldade da criança em ligar as sensações aos órgãos correspondentes, bem como localizar partes do próprio corpo sem utilizar-se da visão como pista. Conclui-se a partir da diferença da afecção e da percepção que a afecção é sentida e a imagem é percebida, no entanto a superfície do nosso corpo se encontra no limiar entre o corpo-próprio e os outros corpos o que nos dá ao mesmo tempo a sensação e a percepção da imagem, na qual no interior se dá a subjetividade e no exterior a objetividade.

Nossa percepção, em estado puro, faria portanto verdadeiramente parte das coisas. E a sensação propriamente dita, longe de brotar espontaneamente das profundezas da consciência para se estender, debilitando-se, no espaço, coincide com as modificações necessárias que sofre, em meio às imagens que a influenciam, esta imagem particular que cada um de nós chama de seu corpo (Bergson, 1939, p.48).

Existem também imagens que estão fora do esquema percepção-ação, que são formados por imagens que não evocam a ação do sujeito. Este esquema é chamado de Esquema Perceptivo, que cria uma representação, nele a imagem percebida não gera uma ação, mas sim uma representação da coisa.

A percepção não é pura, ela é impregnada pelos sentidos do corpo e também de lembranças que vem misturadas a detalhes de experiências passadas impregnada de signos e antigas imagens, com uma carga de subjetividade. A explicação de como o passado persiste em nossa percepção reside em dois processos, o primeiro está ligado aos mecanismos motores e o segundo às lembranças independentes. A ação é praticada por mecanismos

motores, que são capazes de conservar a ação do passado pela ação automática, ou pela memória que irá buscar no passado e trazer para o presente. Também há a diferença entre o objeto presente e o objeto ausente, o primeiro é percebido através da ação do corpo sobre ele, já o segundo é reconhecido por representações provenientes do sujeito.

Desta forma é possível evidenciar a presença de duas memórias. A primeira delas é a memória hábito proveniente da repetição, do esforço, a partir da decomposição da ação e recomposição, movimentos automáticos, movimentos utilitário, um hábito do corpo. Esta é centrada no organismo e visa a adaptação ao tempo presente. Bosi (1994) ressalta que esta memória é utilizada como adestramento social para cumprimento das exigências de socialização

A segunda é a memória imagem, que é uma representação, registro na forma de imagens, que se ligam à memória e preservam seu efeito até o presente. No momento em que reconhecemos algo estamos associando uma imagem atual à uma imagem anterior. Neste caso, diferente da memória-hábito, há uma espontaneidade ao rememorar o passado.

Nem toda percepção está ligada a imagem, também pode estar ligado ao movimento do corpo, este seria o reconhecimento instantâneo. Os objetos que nos rodeiam estão sempre a nos convidar a desempenhar um papel e isto gera a familiaridade, daí viria o reconhecimento. O movimento nos afasta da imagem, fixa na ação presente, quando nos libertamos da ação podemos nos lançar no futuro a partir da volta ao passado que a imagem remete.

Bergson (1939) explica o processo da percepção através de um diagrama em forma de circuito fechado. A percepção se dá em forma de circuito fechado no qual ao mesmo tempo agem a imagem-percepção e a imagem-lembrança. A percepção do objeto se inicia com uma percepção imediata que contém o objeto e sua imagem, em seguida há uma expansão da percepção em diversos níveis, cada vez maiores, e que contém os anteriores, os quais ocorrem graças à elasticidade da memória que aceita acrescentar ao objeto uma infinidade de imagens subsequentes. O objeto passa então por infinitas reconstruções, em diversos níveis que vão ficando cada vez mais longínquas, mas que contém todas as imagens iniciais, desta forma o objeto percebido não é apenas o que é dado na realidade e cada vez mais se distancia de sua forma original.

Além do espaço o tempo também se relaciona com a memória e a percepção. O presente é sensório-motor, equivale a dizer que o presente consiste na consciência que há do corpo próprio. Estendido no espaço, o corpo experimenta sensações e ao mesmo tempo executa movimentos. Sensações e movimentos localizando-se em pontos determinados dessa

extensão, só pode haver em um momento dado, um único sistema de movimentos e de sensações. Por isso o presente parece ser algo absolutamente determinado, e que incide sobre o passado. O corpo é a centralidade de todo mundo material, inserido no presente.

A relação entre memória e percepção está intimamente ligada ao tempo, nesta relação as memórias acumuladas que fazem parte do passado estão em constante ligação com a imagem do corpo que está sempre se reatualizando no plano presente através do contato com todas as imagens presentes. A memória do corpo se apoia no passado através de sua constituição sensório-motora, com todas as lembranças que visam auxiliar nas ações presentes. A lembrança é invocada pela ação, que busca imagens passadas que possam auxiliar no presente.

A partir do entendimento da relação entre matéria e memória Ecléa Bosi (1994) realiza um salto no entendimento da substância social da memória e da contribuição dos idosos neste processo.

Servindo-se das ideias sociológicas de Halbwachs (1956) Bosi busca esclarecer os quadros sociais da memória nos quais há um atravessamento da memória individual pelas instituições sociais, assim a memória do indivíduo está relacionada, também, às suas instituições de referência. A lembrança não é autônoma, nem descomprometida, mas sim evocada. Quando lembramos de algo é porque alguma situação do presente foi evocativa, e ao lembrarmos reconstruímos as imagens. “A memória não é sonho, é trabalho” (Bosi, 1994, p.55). A lembrança também sofre influência do ambiente uma vez que a memória individual está ligada à memória do grupo e em um nível acima da memória coletiva. Mas existem momentos em que há a libertação da consciência, as memórias do passado apresentam-se nas imagens oníricas, algumas vezes, com os condicionantes sociais amortecidos, frouxos, mas ainda presentes. A linguagem e suas convenções sociais fazem parte do centro elementar e estável da memória coletiva.

O idoso apartado da ação e da vida prática tem no exercício de lembrar sua função social, este lembrar não é meramente evocar, é ativo, enquanto lembra refaz o passado. O sujeito que lembra tem uma função social, ele reconstrói a história da família, do grupo e da sociedade. No entanto este olhar do presente sobre o passado não é neutro, ele o faz de acordo com seus ideais presentes, há então um viés ideológico.

Há que se considerar aqui também a construção social da memória na qual um grupo pode vir a criar um discurso sobre os acontecimentos do passado da maneira a qual desejam que seja a versão contada da história e assim o sujeito se apropriaria deste discurso como

seu, através de um processo no qual as percepções latentes, quando afloradas seriam alteradas pelas condições concretas.

“O passado é, portanto, trabalhado qualitativamente pelo sujeito, sobretudo se o seu tipo for “elaborativo”, em oposição ao “retentivo””. (Bosi, 1994, p. 68). O velho, ao olhar para o passado tem a possibilidade de atar os fios do começo aos do fim. Na sociedade capitalista ocorre uma retração do papel do velho, não há sentimento de continuidade, o que acarreta em empobrecimento para todos.

Outro conceito importante de ser relacionado à memória é o de convencionalização, cunhado por Rivers e disseminado por Bartlett (1932, como citado em Bosi, 1994). Tal conceito refere-se ao processo cultural no qual em dado momento histórico, as memórias, ideias e imagens recebidas de fora assumem formas de expressão ajustadas a técnicas e convenções verbais do grupo, uma estilização cultural. Há que se notar também que a matéria da percepção está intimamente relacionada ao interesse social do fato para o sujeito. A convencionalização ainda é uma modelagem da situação evocada pelas ideias e valores, que se dá pelo processo de assimilação, simplificação, retenção parcial e finalmente construção de forma simbólica. Assim podemos falar de uma construção social da memória na qual um grupo cria um universo de discursos, fixa uma imagem da história, ou seja, ideologia. Desta forma a elaboração grupal está apoiada em representações e ideias dominantes.

Portanto a memória é flexível, a lembrança é a história da pessoa e seu mundo enquanto vivenciado. O extrato objetivo da lembrança (história/mundo) é subordinado a subjetividade (Eu/vivenciado). Assim podemos inferir que existem duas memórias, a memória pura e a lembrança, esta última é a única acessível, que nos é contada por meio da autobiografia, da narração da própria vida, uma vez que não pode ser descolada do vivido.

Os idosos possuem um papel fundamental no processo de socialização das crianças, no contato direto sem o propósito de educar, mas sim de acariciar e rememorar. A socialização junto aos velhos e aos empregados da casa possibilita a criação de um laço com o passado, com a memória social e o contato com o discurso das classes não dominantes. Conforme afirma Hegel (como citado em Bosi, 1994) o passado atua no presente e cria no homem um reavivamento e rejuvenescimento. Enquanto a vida adulta é vivenciada no tempo presente, os velhos, uma vez que são libertos do trabalho eles não utilizam da memória para ação, usam da lembrança revivida do passado. Aos jovens cabe o desafio de superar as gerações anteriores e assim serem bem sucedidos. Do mesmo modo os jovens distanciam-se dos ditos fracassados, no caso os velhos, que são tratados com uma tolerância que encobre uma

atitude de desdém. Aos fracos também não é permitido errar. E ao fim da vida os idosos acabam por acatar este papel, secundário. Assim o papel social de recordador nem sempre é possibilitado, muito mais por uma questão de classes do que de conflito de gerações. Este fator decorre do modo que as relações sociais são estabelecidas na sociedade industrial, uma vez que a velhice para além de uma categoria biológica é também uma categoria social.

A sociedade industrial caracterizada pela aceleração das relações gera rupturas na relação dos homens com os homens e dos homens com a natureza. Assim não há uma continuidade dos projetos, o velho sabe que sua obra inacabada não será continuada, ao contrário será destruída e sim espoliada. Acrescentado ao fato de que o velho não produz mais com sua força de trabalho no sentido capitalista ele perde seu papel social. Ainda há uma possibilidade do idoso ser minimamente respeitado, pela posse de bens, já o idoso pertencente a classe operária está desprovido desta defesa. Assim há um afastamento paulatino do velho, e os adultos usam o discurso da proteção para tentar limitar sua liberdade e campo de ação. O descaso com o velho é tamanho que nem mesmo discordam de suas opiniões, ocorre uma falsa tolerância. Ocorre um empobrecimento das relações sociais pela impossibilidade do estabelecimento de relações de alteridade, de contradição e de afrontamento. Há também uma desvalorização do sujeito própria da relação industrial, desvalorização tal que já se iniciou muito antes do envelhecimento, na qual só há valor na relação de produção. Assim a indústria elimina os velhos operários, pois seu conhecimento é desprezado pela organização e fragmentação da produção, aliado ao discurso da agilidade.

A velhice como fator biológico, assim como a cor da pele, é cercada de preconceitos. De acordo com Sartre (como citado em Bosi, 1994) ela é irrealizável, pois ao contrário da criança que pode realizar sua imagem no olhar do outro, o idoso somente percebe a relação com outro de forma reificada, impossível de gerar consciência. Ao longo da vida sofremos diversas crises de identificação, mas a crise da velhice é diferente pois as agruras são maiores devido a situação de declínio. O idoso se vê dependente de artefatos para realizar as atividades cotidianas. Uma possibilidade de resistir seria mantendo as faculdades vivas para que as mesmas não sofram com processo de senilidade, ou seja, patológico. Importante destacar que a senescência não se confunde com patologia, ela é o processo natural do envelhecimento inerente ao ciclo vital, já a senilidade é um processo patológico não ligado propriamente a velhice e que já se iniciou muito antes, no próprio processo de degradação do trabalhador. Desta forma Beauvoir (1960 b) questiona a falta de sentido da vida do idoso aposentado, pois este sentido lhe fora tomado muito antes em sua relação de trabalho alienada.

Apesar do idoso não ser considerado um ator social relevante na sociedade industrial, ele possui um papel extremamente relevante, uma vez que ele é o guardião da memória, e esta possui um importante papel social. O idoso consegue atuar neste papel com maestria pois diferentemente dos jovens, crianças e adultos ele possui uma grande quantidade de imagens e evocá-las opondo-as as imagens do agora sem se render as determinações do tempo presente. A significação da vida presente é dada pelo alento da memória do passado, de que batalhas foram vencidas e que há esperança no futuro. O idoso é aquele que tem o poder de rememorar estas épocas longínquas. E o idoso possui um discurso desalienador pois ele é o homem criador diferente do atual consumidor de cultura. O velho ao ser repreendido pelos demais pode assumir duas posturas distintas, a primeira é tentar sair de seu papel de rememorador e retomar o plano da ação, mas de forma insatisfatória pois seus passos lentos já não são capazes de acompanhar os jovens. A segunda opção, mais comumente usada, é a de calar-se, o que implica em uma grande perda para o grupo. Sendo que na história este papel de conselheiro já foi de grande prestígio, mas a arte de trocar experiências decaiu.

Segundo Walter Benjamim (1962, como citado em Bosi 1994) existem dois tipos de narradores, havia o conselheiro, aquele estrangeiro que volta para contar suas aventuras, o aventureiro que vence as distâncias do tempo para aconselhar. E há também o conterrâneo, que ficou em sua terra e dela conhece todos os personagens e histórias. Hoje os contadores de história foram substituídos pela imprensa, que ocupa um lugar diferente, pois suas mensagens não são analisadas pelo leitor, e sim os discursos apenas são incorporados. O expectador da comunicação de massa apenas consome excessiva carga de informação, que já vem pronta, digerida e não cumpre o papel da história do narrador, pois minimiza o ato de pensar, assim o sujeito atual é um desmemoriado, a-histórico. Estamos em um tempo apinhado de objetos e carente de memória.

A memória na civilização grega tinha como objetivo a vidência, fonte de conselho, a profecia, atualmente a narração foi substituída pela imprensa e a memória tem como função de organizar o passado. Nos tempos antigos Mnemosyne era a recordadora e tinha uma papel fundamental. A memória é evocadora “apelo dos vivos, a vinda à luz do dia, por um momento, de um defunto” (Bosi, 1994, p.89). A anamnese é a recordação de um tempo antigo que tem como função a libertação dos males atuais. Na memória do passado amadurecem as sementes dos tempos que virão, é o nexo inseparável entre passado e presente. Hoje, conhecer o passado é ordená-lo cronologicamente, a diferentemente da civilização grega acima citada. O passado não é apenas anterior ao presente, mas sim sua

fonte. O narrador tem uma missão circular, e ele não a concretiza sem o ouvinte, seu discurso sustenta a história. A matéria do narrador é a vida humana. Assim como os operários trabalham com os objetos, os idosos trabalham com a “matéria prima da experiência” e são os artífices da vida humana, da memória.

3.2. CORPO E PERCEPÇÃO

Merleau-Ponty (1945) realiza uma análise da percepção a partir do corpo que vai além do entendimento deste como um receptor linear estímulo-resposta como entendido pelos positivistas.

Apesar de ser datado à década de 40 sua proposta encontra bastante atual e tem sido retomada por estudiosos nas últimas décadas que compreendem o organismo como um sistema complexo e inter-relacionado com o ambiente circundante. A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty tem sido utilizada em estudos de neuropsicologia, biociências, ciências cognitivas e inteligência artificial pois propõe um entendimento mais abrangente deste processo, como veremos a seguir (Nóbrega, 2008).

O corpo é entendido como totalidade, logo não pode ser pensado em forma de partes e extra-partes, a unidade corpórea realiza a percepção a partir da conexão de diversos dados ele é “um nó de significações vivas e não a lei de um certo número de co-variantes” (Merleau-Ponty, 1945, p.210). Desta forma o corpo não pode ser tomado separadamente da consciência, bem como não pode ser separado em realidade interna e externa, esses dualismos não são capazes de exprimir a totalidade do corpo.

Para compreender a percepção para Merleau-Ponty (1945) é necessário antes conceituar o corpo-próprio que é o corpo que abarca a existência do sujeito no mundo, que se relaciona com objetos, é palco da realidade objetiva e subjetiva de cada um. A percepção se dá a partir do corpo-próprio na qual o corpo não é um lócus da consciência, como era entendido pela abordagem intelectualista, nem o oposto empirista que entendia como um objeto; o corpo é a realidade da vida do sujeito ele não está no corpo, mas ele é o corpo (Reis, 2011). A grande contribuição de Merleau-Ponty é mostrar que a percepção não está localizada em nenhum destes opostos, mas sim é relacional. E este corpo encontra-se relacionado em um determinado espaço, em um ambiente em uma realidade que age sobre

ele, e que ele ao mesmo tempo reage sobre ela, impossível de ser pensado fora da materialidade.

Quer se trate do corpo do outro ou do meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele. Portanto, sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é um jeito natural, como um esboço provisório do meu ser total (Merleau-Ponty, p.269).

O corpo é a base do conhecimento sobre o mundo, é através dele que o sujeito apreende a realidade, o conhecimento se dá a partir de uma experiência sensível que é anterior ao conhecimento reflexivo, descartando assim explicações de uma consciência metafísica. A consciência do corpo é uma consciência pré-reflexiva não está localizada no corpo, mas é o corpo, resultado de uma percepção (Reis, 2011).

Há uma intrínseca relação entre a consciência e a motricidade, uma vez que a consciência é resultante de uma intencionalidade, movimento em direção a um objeto percebido, quando me volto para algo estou consciente. Estar consciente é relacionar-se, portanto. Quando o sujeito se relaciona com objetos ele se abre para a alteridade, neste abrir-se para o mundo o corpo se relaciona com outros corpos.

É pelo movimento que o sujeito se coloca em relação com os objetos do mundo e o movimento está inserido em variantes de tempo e espaço, por isso o corpo percebe em uma relação espacialmente e temporalmente determinada, pois quando percebo o faço de um determinado lugar em um determinado tempo. A percepção presente é incompleta, só é capaz de apreender uma única face do objeto por vez, o sujeito pode confrontar outras faces por meio da linguagem e do tempo, por isso é incapaz de apreender o objeto absoluto. No entanto a relação temporal não é excludente, quando há a percepção de algo no presente é percebido também este passado imediato e ao mesmo tempo é possível visualizar um futuro eminente, relação que será abordada na sequência para compreensão da memória e percepção em Bergson (1939). A relação intrínseca entre corpo e movimento, pois movimento é a ação do sujeito no mundo, para Merleau-Ponty (1945, 195):

Não estou no espaço e no tempo, não penso o espaço e o tempo; eu sou no espaço e no tempo, meu corpo aplica-se a eles e o abarca. A amplitude dessa apreensão mede a amplitude da minha existência; mas, de qualquer maneira, ela nunca pode ser total: o espaço e o tempo que habito de todos os lados têm horizontes indeterminados que encerram outros pontos de vista. A síntese do tempo assim como a do espaço são sempre para se recomençar.

Ao perceber objetos e agir sobre eles o sujeito aprende a relacionar-se, quando ocorre a aprendizagem de algo significa que o corpo incorporou ao seu mundo, ou seja, que aquilo faz parte do corpo. O hábito-motor que ocorre quando o sujeito incorpora certos comportamentos que se tornam automáticos também está relacionado com o corpo próprio, pois é uma extensão da existência; e o hábito-percepção se dá através da vivência que se transforma em aprendizagem, é aquisição do mundo pelo corpo.

Há que se considerar aqui a vivência do homem moderno com o corpo, principalmente entre os homens das sociedades ocidentais, nas quais há uma subutilização do corpo, que não é mais consumido fisicamente, agora o corpo sofre o consumo nervoso, por estresse. O acesso as tecnologias, as máquinas e a organização do trabalho diminuíram a quantidade de movimentos realizados pelo corpo. Esta diminuição da ação do corpo no mundo deixa marcas na existência do sujeito. Este empobrecimento da ação “desmantela sua visão de mundo, limita seu campo de iniciativas sobre o real, diminui o sentimento de constância do eu, debilita seu conhecimento direto das coisas e é um móvel permanente de mal-estar” (Le Breton, 2003, p.21).

Principalmente nas grandes cidades nas quais o sujeitos tem um cotidiano sedentário há um empobrecimento da sua relação com o mundo que é basicamente por meio da percepção, relegado ao segundo plano o corpo retoma à consciência como sintoma.

Além de perceber o ambiente e compreender o outro, é através do corpo que os sujeitos se expressam, seja pela fala propriamente dita que é um gesto que dá significado ao mundo ou pelo próprio corpo. Neste momento fica evidente a interpenetração da cultura no corpo, não é possível encontrar signos ou reações naturais. “Os sentimentos e as condutas passionais são inventados, assim como as palavras. Mesmo aqueles sentimentos que, como a paternidade, parecem inscritos no corpo humano são, na realidade, instituições” (Merleau-Ponty, 1945, p.257). O corpo é mediado pela cultura, na aquisição da linguagem, na aprendizagem de um comportamento, nas formas de se relacionar com o mundo. Além de operar alterações no mundo pelas suas ações ele pode por meio de experiências externas alterar a consciência do corpo próprio.

Assim o corpo entendido como totalidade e de maneira relacional ao ambiente, daí que pode-se refutar as teorias das sensações, pois o corpo não pode ser um mero receptor de sensações de um mundo externo uma vez que opera com os sentidos, constitui sentidos. O sentir atribui sentidos sempre em referência ao nosso corpo, torna o mundo familiar, daí que o sujeito encarnado é sempre relacional com seu corpo e ao ambiente (Merleau-Ponty, 1945,

84). O corpo como mediador do mundo nos permite compreender as coisas, pois relaciona nossa ação e o resultado.

Resumir o corpo a uma representação não contempla a estrutura completa do corpo e toma o corpo como mais um objeto, o corpo é mais que isso, é uma realidade material, é a existência, é atualidade é o que me abre ao mundo. A consciência do corpo se dá através do mundo, ele é o centro do mundo. Mas nesta relação em que há uma mudança constante, tanto do corpo quanto do mundo como reagimos à primeira? Criamos um esquema do corpo-habitual, que é o esquema corporal, o qual Merleau-Ponty (1945) o chama de fiador do corpo-atual. No entanto há uma diferença entre estes, pois o corpo-habitual não é mais presente e sim uma referência desatualizada, já o corpo atual expressa a existência, o momento presente. Neste constante processo de mudanças a percepção do corpo-próprio necessita de atualizações constantes para que não haja uma lacuna entre o corpo-atual e o corpo-habitual.

O corpo é expressivo pois externaliza a existência do sujeito, isto ocorre pois mais que expressar a existência ele a realiza, a marca da existência do corpo e no corpo são impossíveis de serem negadas, a isto Merleau-Ponty (1945) vai relacionar o corpo encarnado. O corpo não é suporte ou meio de significação, ele próprio é a mensagem, como mensagem se comunica com um outro por isso é de natureza social.

O corpo é conectivo, ele me conecta com o outro e me (re)conecta comigo mesmo. Nele a subjetividade se expressa, se realiza e se (re)constitui a partir da intersubjetividade, pois como corpo estou atado ao mundo, em relação com os outros, convivendo em sociedade. O eu se constitui na relação como outro (Reis, 2011, p.43).

Pela sua habilidade expressiva o corpo pode ser comparado à obra de arte, para Merleau-Ponty (1945) a obra de arte assim como o corpo possuem como características a impossibilidade de separação entre o expresso e a expressão, são um nó de significantes. Se o corpo e obra de arte coincidem não só a obra de arte é passível da experiência estética, mas o corpo também. O corpo percebe sensivelmente outros objetos estéticos, sendo o corpo próprio mais um destes objetos estéticos.

3.3. CORPO E ESTÉTICA

Definir o campo da estética é uma tarefa complexa, enquanto disciplina não há consenso e ao longo da história seu conceito sofreu profundas alterações. Sourieu (1973) realiza uma análise histórica para compreender suas mudanças e os pensamentos que influenciaram. Segundo o autor a questão da estética é tratada desde os filósofos antigos, em Platão surgem as primeiras discussões acerca da arte e do belo. Em seu entendimento a tríade de belo, bom e verdadeiro era hierarquizada, na qual o bem que é um princípio supremo poderia ser alcançado através da contemplação estética. Em seu pensamento o belo não residia apenas em um plano ideal, ele é possível de ser experienciado na realidade concreta e sensível. O belo também é orientado pelo ideal do amor, este enquanto incorpóreo e transcendental ao mundo sensível que é apenas uma representação do mundo original.

Aristóteles debruça-se na realidade sensível, neste sentido a arte dramática tem um efeito catártico nos sujeitos, um efeito purgativo, quase higiênico. Aqui a arte atuaria de forma a suprir as necessidades dos homens darem vazão aos seus sentimentos mais primordiais. Em Santo Agostino reside a ideia de que a beleza é capaz de realizar uma aproximação de Deus. Ainda no pensamento cristão, São Tomás de Aquino definia a arte como “a correta razão da coisa a ser feita” (Sourieu, 1973, p. 11), denota-se aqui uma racionalidade profunda que pode ser visualizada na estética gótica das construções da época.

A renascença provoca uma virada estética nas artes, um rompimento com a Idade Média. A primeira mudança de perspectiva foi a arte como estudo da natureza, na qual o corpo humano e toda natureza devem ser apresentadas sem disfarce. A segunda mudança que a renascença instaura é o conhecimento estético que impregnado do “Pitagorismo Estético” visa desvendar as proporções perfeitas, o estudo da geometria, do espaço, da música, ou seja, impregna-se da matemática. Decorrente da renascença o classicismo pretende encontrar o modelo ideal, o homem comum sem excessos é essencialmente humanista. Ainda na esteira da renascença o barroco perseguia a harmonia nos traços e uma riqueza estética rebuscada. Aqui está evocada a ideia do Deus artista em que a obra é sempre a mais bela possível, o excesso, a riqueza é a marca desta estética.

A ideia moderna que temos de estética foi discutida como a entendemos hoje pela primeira vez por Baumgarten em 1750 (Sourieu, 1973). Para ele existem duas faculdades do espírito, as mais altas ligadas a inteligência que são capazes de compreender os objetos na

essência e as mais baixas da sensibilidade que compreendem os objetos de forma imprecisa. Quando é impossível conhecer um objeto pela inteligência a sensibilidade seria utilizada para compreender o belo, assim a estética seria o conhecimento confuso, relativa à percepção dos sentidos. Entende que a percepção dos sentidos é dirigida ao belo é a que melhor atinge a noção do objeto, daí deriva a noção de estética ligada ao belo. Aqui funda-se a estética como disciplina e ao mesmo tempo a associação de que esta se ocupa do belo.

No romantismo é o sublime que é valorizado, a busca pelo singular, pela liberdade. Neste ideário Kant afirma que o belo é desinteressado, sem finalidade, é algo capaz de agradar universalmente porém sem determinação. A estética se dá através do embate ente o sensível e a razão, o artista é aquele que participa da natureza, e a crítica do gosto nada mais é que julgar a forma e a finalidade da natureza. A estética aqui aproxima a vida orgânica da arte. Ainda seguindo os pressupostos românticos Hegel entende a arte como produto do homem dotado de consciência, do homem que busca compreender os objetos internos e externos e alcançar a verdade. A arte possui um significado interior e uma forma exterior, assim ela expõe de maneira sensível a verdade.

Chego aqui a um momento de impasse, como definir a noção contemporânea de estética visto que este é um campo de contradições desde seu início? O objetivo aqui não é discutir o conceito de estética pois fugiria do escopo do trabalho, mas sim realizar uma opção metodológica. Sourieau (1973) em seu trabalho afirma que a definição de estética como campo que se ocupa do fenômeno do belo ou vulgar, e que a superação das teorias estéticas deste ponto vista baseia no fato da indeterminação do objeto e de seu relativismo, assim como é impossível definir as categorias estéticas, pois recaíram novamente no relativismo. Estética também não pode ser tomada pela sensibilidade estética já que pressuporia uma classe de sujeitos dotados de aptidões estéticas em detrimento dos demais. Impregnados do pensamento positivista os filósofos do início do século XX buscavam uma definição de estética que pudesse ser verificável, portanto pretendiam tomar como objeto da estética o julgamento do gosto, com um viés experimental. Para o autor a estética seria então a ciência das formas, fundamentalmente filosofia da arte.

Payerson (1989, p.15) outro filósofo contemporâneo questiona o posicionamento de autores que negam o papel da estética como teoria do belo justificando que a arte moderna não se preocupa com belo, e às vezes busque intencionalmente o feio. Ele nega esta proposição afirmando que “o belo não é o objeto, mas o resultado da arte, mesmo que este não se conforme à ideia tradicional de beleza”. Assim define a arte como teoria que se refira à beleza ou à arte, seja metafísica, ou em qualquer situação em que se ocupe do problema da

beleza, se encontra no campo da filosofia e é uma reflexão sobre a experiência e ao mesmo tempo especulativa e concreta. Optaremos neste trabalho pela segunda definição de estética.

O próximo desafio é realizar uma aproximação do conceito de arte. Payerson (1989) analisa as três definições mais comuns de arte. A primeira entende a arte como fazer, pensamento que surge na antiguidade, esta concepção não distinguia o ofício da técnica, nem arte liberal de arte servil e de maneira contraditória definia como arte menor justamente as que possuíam aspecto executivo e manual.

A segunda definição, surgida no romantismo, define a arte como expressão e é bastante recorrente no pensamento Ocidental. A arte expressiva seria capaz de externalizar a beleza, a representação artística exprimiria o sentimento suscitado. No entanto esta é uma característica de toda obra humana, porém esta característica não contempla toda a essência da arte. Também nem todas as artes contemplam a linguagem, algumas são expressivas apenas enquanto forma.

E por fim a terceira definição é a de arte enquanto conhecimento, contemplação, no qual a internalização é sua principal característica, “uma visão da realidade” seja ela metafísica, ou íntima. Nesta perspectiva também é possível verificar que não caracteriza uma prerrogativa da arte, outras atividades humanas também o fazem, outras atividades humanas também são cognoscentes e até reveladoras da realidade das coisas.

As três concepções contém características essenciais da arte, porém não podem ser tomadas separadamente. A arte é ao mesmo tempo conhecer, expressar e fazer, mas é mais que isso:

A arte é produção e realização em sentido intensivo, eminente, absoluto, a tal ponto que, com frequência, foi, na verdade, chamada criação enquanto é não só produção de organismos que, como os da natureza, são autônomos, independentes e vivem por conta própria, mas também alcança ser produção de objetos radicalmente novos, verdadeiro e próprio incremento da realidade, renovação ontológica (Payerson, 1989, p. 32).

A ideia de arte em Payerson aqui é uma formatividade, é um fazer que é inventivo na ação e no modo como faz, sempre cria algo original, complementa a realidade.

Sourieau (1973) realiza uma análise social da arte na qual entende a arte como trabalho, que pode ser de natureza individual ou social, por exemplo quando visa atender nossas necessidades estéticas. A arte cumpre funções na vida social tais como: conservação, pois dá permanência e forma aos objetos sociais; patrimonial, pois gera um conjunto de bens estáveis e úteis; ordenadora, pois mantém e embeleza o meio social; sociabilidade, pois cria

aproximações humanas; catártica, gerando evasão as necessidades da alma e por fim prospectiva, agindo como incitadora de mudanças.

Payerson (1989) ressalta que a arte é indissociável da vida e possui dois polos inseparáveis o primeiro é o da arte engajada, que milita pelas causas do seu tempo e se posiciona ante os problemas da vida. Este posicionamento artístico apoia uma concepção de mundo, seja religiosa, política ou social. Um exemplo importante neste momento é a *bodyart* ou arte carnal, ela questiona o mundo, seus objetos e relação, é “uma crítica pelo corpo das condições da existência” (Le Breton, 2003, p.44). Um exemplo desta arte é Orlan, que realiza intervenções cirúrgicas e estéticas no próprio corpo como forma de questionar os padrões de beleza que o corpo feminino é submetido (Novaes, 2007). O segundo polo é o da arte como pura forma, despreocupada com a finalidade de fruição. São dois modos de conceber a arte, ambos indissociáveis e ligados à vida do homem, pode ser razão de vida do artista e do expectador. A arte só pode emergir da vida porque ela está intrínseca à vida, em todos os níveis, e também com diversas funções: educadora, moral, científica, religiosa, política, social. Assim a arte:

Está presente em toda a operosidade do homem. Frequentemente, assume funções ulteriores na vida humana, sem, por isso, perder a própria natureza. Acolhe em si toda a vida espiritual do seu autor, torna-se realmente vida e razão da vida para o artista, em cuja consciência concreta os valores são indivisíveis. Por outro lado, a arte é também uma atividade especificada, que emerge da vida; e dela emergindo, dela se distingue, afirmando-se numa coisa de especificação própria, com uma natureza, finalidade e caracteres próprios (Payerson, 1989, p.42).

Portanto a crítica da autonomia da arte que postula a arte livre de especulação, moral ou utilitarismo e recusa qualquer finalidade não artística não é possível de ser realizada, visto que a arte transcende a própria arte, possui uma multiplicidade de instâncias impossíveis de se isolar. A arte possui suficiência, mas não independência pois assim recairia num isolamento que retiraria seu sentido, inclusive pode ainda possuir um caráter funcional e não cair na heteronomia. Pois o ideal de arte humanista concebe simultaneamente a funcionalidade e suficiência uma vez que a arte não é descolada da vida, mesmo que desempenhe funções não artísticas não deixa de ser arte.

Se a arte é capaz de funções não artísticas é porque contém a vida, assim chegamos a uma das discussões do campo da arte: a forma e o conteúdo. Existem alguns posicionamentos distintos possíveis, a forma como acentuação do conteúdo; ou uma posição conteudista; a inseparabilidade de ambos. Para os conteudistas a arte se ocupa de conteúdos e como são elaborados, como se apresenta o produto final, a imagem ou seja a forma. O

conteúdo é o tema, sentimento inspirador, sentimento que acompanha o argumento posicionamento particular. E a forma, além da realidade extrínseca da arte é entendida como a “inteireza da expressão” na qual a obra exprime tudo sem precisar de complemento ou explicação, reflete os valores. Forma e conteúdo são unidades inseparáveis da arte, o conteúdo nasce no ato de criar a forma. E para os formalistas o substrato material é o sensível da obra e nem sempre a matéria, a obra pronta exprime sentimento; aqui o conteúdo estaria no mundo do artista. Neste ponto a forma dita a inseparabilidade ao conteúdo. Para resolver o impasse é preciso compreender o estilo que é o modo como o artista forma a arte, como ele revela sua vida na obra, então aqui a forma é uma matéria formada. A humanidade do artista e seu modo de formar cria uma identidade com a matéria e consequentemente com o conteúdo expresso. Assim a forma e conteúdo são inseparáveis a partir da perspectiva da forma, pois a arte é acima de tudo formação da matéria.

Na modernidade com o advento da imagem as relações de forma e conteúdo são extrapoladas para os corpos, a estetização da vida e o ideal de beleza passam a ser estruturantes do sujeito. A relação do sujeito com o seu corpo passa ser guiada pelo olhar do outro, a imagem do corpo torna-se signo primordial que medeiam as relações sociais, assim para manter relacionamentos satisfatórios os sujeitos subordinam seus corpos às normas estéticas.

3.4. CORPO E IDENTIDADE

Discuti até o momento as relações que o corpo estabelece com a percepção, através do movimento que ele percebe o mundo; relações que o corpo estabelece com a memória relacionando-se com objetos presentes e ausentes; relação do corpo com a estética que além da percepção do belo ele imbrica sua vida na arte. Neste ponto irei analisar a relação do corpo no desenvolvimento dos processos identitários.

O conceito de identidade é fundamental tanto para Psicologia Social quanto para a Sociologia, mas isso não ameniza as contradições que ele encerra. Definir a identidade sem cair no extremo de uma Psicologia sociologizante ou em uma Psicologia restrita é o objetivo deste tópico.

A principal característica da identidade é abarcar os conceitos antagônicos de diferença e igualdade, pois ela é ao mesmo tempo o que iguala os sujeitos aos seus semelhantes e que os diferencia dos demais.

Ciampa (1987) sinaliza que é importante considerar os aspectos superestruturais para compreender a identidade em uma articulação da objetividade e da subjetividade através de uma relação dialética. A identidade enquanto metamorfose é possível porque o sujeito além de produzir sua subsistência pelo agir instrumental e estratégico também produz sentido pelo agir comunicativo. Essa dupla condição da identidade, subjetividade e objetividade é que o homem se produz, ele é obra do desejo e do trabalho.

Entendida como metamorfose, mudança contínua, movimento, transformação a identidade é tomada como um processo contínuo que sofre por determinantes exteriores e interiores como a autodeterminação. Desta forma para Ciampa (1987) a não-metamorfose é entendida como uma anomalia, repetição que gera uma má infinidade, ao simplesmente repor sua identidade o sujeito é inibido em seu processo de transformação e passa a representar. Aqui ocorre um conformismo, naturalização de um fenômeno que é histórico.

Em situações limite, na qual a formação da identidade sofre tentativas de bloqueio o processo de metamorfose pode se dar de três formas: Simples reposição, na qual o sujeito não se implica no processo e aceita o que o outro lhe atribui; Degradação que ocorre quando o outro lhe atribui um estigma que deteriora a identidade por ataques preconceituosos e discriminatórios; Superação que se dá pela superação dos estigmas e discriminação da sociedade agindo de forma autêntica (Pacheco e Ciampa, 2006). O sujeito dado historicamente é capaz de forjar sua identidade através da ação no mundo.

Mudança e consciência encontram-se intimamente ligadas, as mudanças identitárias partem da tomada de consciência em um movimento contínuo de progressão e regressão, de forma não-linear. A falta de consciência leva o sujeito a uma reatualização da identidade como algo dado, por imposições sociais, por simples rituais. O desenvolvimento tomado de forma consciente permite um salto qualitativo

Os processos de reprodução da cultura, da sociedade e do indivíduo são atrelados e este tripé é produtor de sentido para reprodução da vida humana, são as referências que tomamos para construir nossa identidade. Neste contexto, como sociólogo, Bauman (2005) traz a tona a forte influência do contexto da modernidade na produção das identidades. Primeiramente destaca que a identidade se refere as comunidades, que podem ser comunidade de vida nas quais os sujeitos vivem juntos em uma ligação absoluta e as comunidades de destino onde os sujeitos são fundidos por ideias ou princípios, sendo estas

últimas as principais fundadoras da identidade, visto que o sujeito opta por elas. O sujeito escolhe suas comunidades de pertencimento, precisa conciliar suas contradições e manejá-las pois estas são negociáveis, e até mesmo revogáveis. Como pressuposto a identidade deve preceder de escolha, não há identidade possível onde há um destino sem alternativa.

No entanto neste contexto de diversidade e policultural da modernidade, que Bauman (2005) nomeia de Era Líquida, há uma infinidade de possibilidades, uma polissemia. O sujeito precisa se localizar neste mundo fragmentado, e as existências individuais passam a ser uma “sucessão de episódios fragilmente conectados” (p.18). Se por um lado a modernidade deixa o sujeito livre para forjar sua identidade, por outro lado este precisa se situar em um universo sem fim de possibilidades, que termina por optar participar ao mesmo tempo em mais de uma comunidade de ideias e princípios. As primeiras consequências deste modo de vida são que os sujeitos possuem dificuldade em manter uma consistência e continuidade da identidade – chamada por Paul Ricoeur de *La mêmète*; e dificuldade em manter a coerência do que o distingue enquanto sujeito chamada de *L'ipséité*. Este homem perde a capacidade de se reconhecer e também de se enquadrar, nunca está totalmente em lugar algum, desliza de lugar em lugar, salientando certas características e omitindo outras, a identidade vai se moldando conforme a escolha, fenômeno que Bauman (2005) denomina de *Chez soi* no qual o homem sente-se em casa em qualquer lugar, mas nenhum lugar é completamente sua casa.

Bauman (2005) e Ciampa (1987) coincidem na afirmação de que com a modernidade as instituições tradicionais que funcionavam como âncoras sociais são diluídas, ocorrendo uma crise de sentido. O sujeito perde suas referências, agora as identificações se fazem mais necessárias, cada vez mais se busca um nós. Do ponto de vista de Bauman (2005) as consequências são radicais para o sujeito que busca apoio em grupos de referência, mas este sujeito enquanto possuidor de uma identidade em movimento liga-se a grupos móveis e velozes, tais como as comunidades virtuais que são virtuais e frágeis. Fica evidente o jogo da intimidade *versus* distância do homem moderno, ele não quer isolar-se, mas ao mesmo passo não quer prender-se.

A identidade ganha extrema mobilidade no mundo globalizado, as formas antigas não funcionam mais, são tão fluídas quanto vestes que podem ser trocadas. O sujeito experimenta uma liberdade até a pouco tempo impossível, mas que possui efeitos negativos pois solto, sem apoio e segurança ele sofre uma ansiedade com tantas possibilidades. Em um passado recente, nas primeiras fases da modernidade, a identidade possuía o trabalho como referência, o papel produtivo era relativamente estável. Hoje sem esteio a identidade é

ambígua, incoerente e ambivalente. O modelo de mundo globalizado se repete também nas relações que o sujeito estabelece no trabalho, nas relações próximas, na família, são as Comunidades Guarda Roupas que tem curta duração e são sem compromisso.

O lema da modernidade é “faça você mesmo” seguindo esta legenda o sujeito se vê em uma construção solitária dentro das infinitas possibilidades, ao mesmo tempo em que precisa manter atenção constante pois é constantemente julgado pela sociedade. Ele também é juiz dos outros e aí surgem os inimigos compartilhados, os diferentes que devem ser odiados, aqueles que não se enquadram. O convite obsessivo à mudança leva a uma inquietação sem limites. Estas mudanças são acessíveis aos que possuem recursos financeiros e parafernália. A identidade coincide com a biografia do sujeito que enquanto realiza sua vida tece sua identidade, em um jogo que começa dado materialmente e socialmente, que determina parcialmente suas realizações e a partir dos recursos que possui o sujeito se constrói.

O cenário moderno que tem como consequência a crise de sentido ao mesmo tempo que a imagem ganha força, os sujeitos cada vez mais tomam os corpos e sua aparência como lugar privilegiado para a construção da identidade. Le Breton (2005) associa esta relação privilegiada do sujeito com o seu corpo como consequência da estrutura social individualista, pois o corpo é a instância máxima de distinção. Neste sentido o jogo entre igualdade e diferenciação próprio da identidade pende mais para diferenciação que para igualdade. Em uma sociedade volátil o corpo é tido como um ponto de apoio no qual o sujeito pode realizar trocas simbólicas e relacionar-se socialmente.

O corpo ganha um novo status, ele se torna um objeto que requer cada vez mais investimento. Neste momento o sujeito pode escolher livremente a identidade que deseja e ainda mais ele pode optar por aparentar através da imagem do seu corpo a identidade que lhe convier. O corpo não é mais um destino imutável, ele é modelável conforme os ditames sociais, o corpo é subordinável à vontade (Le Breton, 2005). Socialmente relevante o corpo além de um objeto torna-se um capital, pode oferecer vantagens ou desvantagens nas relações sociais. Constantemente submetido ao controle social o corpo passa ser julgado pelo outro:

o corpo é então compreendido como uma exteriorização do interior psíquico do sujeito, fazendo, dessa maneira, a fronteira entre individual e social. Amplamente inserido no regime de signos sociais, o corpo cresce em sua expressividade tornando-se um lugar privilegiado, no qual se intensifica o controle social, já que na modernidade, o controle sobre o indivíduo tornou-se mais sutil (Novaes, 2007, 138).

Substituto da pessoa o corpo é tomado como sinônimo do sujeito, aqui a forma do corpo passa a ser revestida de conteúdos morais. O sujeito capaz de moldar seu corpo dentro do padrão estético é associado à conteúdos como belo, bom, força, caráter, virtudes não presentes nos que falham nesta tarefa, assim é resultado de seu trabalho e de sua determinação.

O corpo já foi tido como uma determinação, representante imutável do ser-no-mundo, na contemporaneidade ele se torna um objeto transitório, que pode ser moldado conforme as necessidades do sujeito, de acordo com o ambiente social. A maleabilidade do corpo fica evidente nas intervenções estéticas, tais intervenções mudam o olhar do sujeito sobre si e principalmente o olhar do outro. Mais que uma mudança física há aqui uma mudança imaginária que acarreta por alterar a relação do sujeito com o mundo. Socialmente o corpo é simbólico na contemporaneidade, esta relação possui caráter extremo:

torna-se aqui uma escrita altamente reivindicada, embasada por um imperativo de se transformar, de se modelar, de se colocar no mundo. A colocação em signo perseguida por todas as sociedades de acordo com seus usos culturais aqui se torna uma encenação deliberada de si com inúmeras variações individuais e sociais, que fazem do corpo um material a ser lavrado segundo as orientações de um momento. (Le Breton, 2003, p. 31)

Os modelos imagéticos para lapidar o corpo são dados pela mídia. São imperativos estéticos que acabam por controlar, em grande escala, as identificações dos sujeitos. A maior parte das imagens fornecidas pelas mídias são femininas o que reflete em um controle maior sobre o corpo da mulher. Houve uma construção do sentido do corpo das mulheres que segundo Novaes (2007) na modernidade a feminilidade e a beleza da mulher passam a ser naturalizadas. Rousseau em seu Contrato Social estabelece o paradigma no qual o amor materno é o ideário de feminilidade. Até a modernidade a mulher ocupa um lugar de objeto primordial, no século XX com o advento do Capitalismo e a pressão da expansão da produção a mulher vem ocupar um lugar na cadeia produtiva. A mulher incorporada ao processo produtivo passa a ocupar um lugar de cidadã, torna-se produtiva e não mais apenas objeto de fruição sem função. Nesta nova ordem moral e de mercado a mulher se torna sujeito, porém o trabalho na fábrica desgasta os corpos, que passam a ser substituídos pelas máquinas. Assim esse corpo que não produz mais passa a ter outra função na cadeia produtiva, o de suporte para os produtos e torna-se o corpo-consumidor.

A construção de uma bela imagem feminina, inclui dois aspectos respectivamente: o

esforço inerente à sua modelagem e o dispêndio financeiro e de tempo, ambos inerentes ao consumo dos tratamentos voltados para esta área. Nas mulheres, a beleza vem na forma de trabalho sobre o corpo – ser bela cansa e dói. Portanto, mais importante que ganhar dinheiro é estar em forma: seca, sarada, definida (Novaes, 2007, p.125).

O corpo é gerido pelo sujeito, precisa ser transformado, domado. Mas estes modelos sociais são flutuantes uma vez que são baseados nos sentidos e valores do homem moderno que também não são estáveis, a identidade provisória é representada pelo corpo provisório (Le Breton, 2005). Esta nova forma de se relacionar com o corpo, de controlar, mutilar, modificar e negar sua natureza nada mais é que uma negação do corpo, que fica evidente na ocultação de tudo que é feio, velho, disfuncional da sociedade. A liberdade reside no fim da preocupação com o corpo.

4. ENVELHECIMENTO

Entender o processo de envelhecimento requer o reconhecimento de sua multideterminação enquanto biológico, psicológico e social, o qual possui atravessamentos de ordem cultural, histórica, política e econômica, deste modo é possível inferir que existem diversas maneiras de envelhecer. O envelhecimento é um processo contínuo por isso deve ser compreendido a partir da perspectiva do curso de vida, uma vez que os padrões nos períodos anteriores devem ser considerados como um patamar no processo de envelhecimento.

Grande parte da discussão acerca do envelhecimento se baseia na perspectiva dos fatores biológicos, e algumas vezes coloca os demais fatores (psicológicos e sociais) como associados, porém com menor relevância. Como na concepção biológica adotada pela *World Health Organization* [WHO] (2006) na qual o envelhecimento pode ser compreendido como um processo de declínio biológico, com foco nas mudanças fisiológicas individuais e considera também as variações ou implicações socioculturais em função da realidade dos diferentes grupos sociais e econômicos.

Ainda no campo do envelhecimento biológico Néri (1993), compreende o envelhecimento como um processo de mudanças universais, pautado geneticamente para a espécie e para o indivíduo, que se traduz em diminuição da plasticidade comportamental, em aumento da vulnerabilidade, em acumulação de perdas evolutivas e no aumento da probabilidade de morte. Dentro deste quadro o sujeito pode experimentar o envelhecimento de três formas: 1) Velhice normal, na qual há ausência de patologias biológicas e psicológicas; 2) Velhice patológica, degenerescência associada à doenças crônicas, doenças e síndromes da velhice e desorganização biológica; 3) Velhice ótima, fonte de referência de estado ideal de bem-estar pessoal e social.

Outro meio de se estabelecer a velhice segue a definição cronológica proposta pela Organização Mundial da Saúde, de que idoso é aquele homem ou mulher acima de 60 anos (para países em desenvolvimento) ou acima de 65 anos (para países desenvolvidos). A mesma delimitação da faixa etária para considerar a população idosa é utilizada pela Política Nacional do Idoso, com a lei 8.842 de 4 de janeiro de 1994 (Brasil, 1996) e também pelo Estatuto do Idoso, com a lei 10.741 de 1º de outubro de 2003 (Brasil, 2003). Devido as grandes taxas de longevidade mundiais a OMS já passou a considerar um segundo

seguimento de pessoas ainda mais velhas, os anciãos, que são as pessoas com 80 anos ou mais (OMS, 2006).

Groisman (2002), alerta que o conceito cronológico é falho e arbitrário, uma vez que o envelhecimento é vivenciado de forma heterogênea pela população, e também pode variar entre culturas. A utilização da idade como critério para definir quem é idoso possui uma consequência social grave, uma vez que espera-se que quem se enquadre cronologicamente na faixa etária de idoso, mesmo não possuindo estas características, cumpra determinados papéis sociais. Muitos países, com o intuito de superar este problema, já vêm utilizando o critério de quarta idade, assim os sujeitos idosos que não estão mais enquadrados na fase do trabalho e também não apresentam sinais de senilidade possam se enquadrar na terceira idade, esticando o conceito de terceira idade. Assim, faz-se necessária uma divisão dos idosos em subpopulações para que se possam conhecer mais detalhadamente as características destas (Camarano et al., 1999).

Papaleo Netto (2000; como citado em Silva, 2007) traz o conceito de idade funcional, que possui estreita ligação com a idade cronológica, mas que engloba o grau de conservação do nível da capacidade adaptativa em comparação com a idade cronológica do sujeito. O autor ressalta também que em países subdesenvolvidos, devido às precárias condições de vida, o envelhecimento funcional ocorre antes do cronológico.

Alguns autores como Nery (1993) e Marra et al. (2007) também analisam as perdas da capacidade funcional na velhice, muitas vezes em decorrência de doenças físicas e mentais. Essas perdas da capacidade funcional levam a uma dificuldade na realização das Atividades da Vida Diária [AVD's]. As AVD's são atividades rotineiras do dia-a-dia, e são divididas em três tipos: Atividades Básicas da Vida Diária tais como comer, beber, tomar banho e se trocar, que são atividades de autocuidado; Atividades Intermediárias da Vida Diária, como preparar alimentos, arrumar a casa, fazer compras, lavar e passar roupas, que são as atividades de autocuidado e manutenção da independência; e as Atividades Avançadas da Vida Diária, que são mais complexas como as sociais (emprego, hobbies), religiosas e físicas (atividades recreativas); são funções necessárias para se viver sozinho.

Os estudos que contemplam as mudanças biológicas do envelhecimento, em geral possuem suas análises focadas nas perdas, assim como algumas vertentes que estudam o envelhecimento a partir do enfoque social, tais como as perdas de papéis relacionados ao trabalho, perda econômica que leva a um afastamento social; as perdas afetivas referentes à separação, luto, impotência sexual e menopausa; e as perdas psicológicas, que são

relacionadas à identidade, à autoimagem e ao aparecimento de novas patologias (Mincato & Freitas, 2007).

No entanto existem proposições que entendem o envelhecimento como um momento não exclusivamente de perdas. Silva (2007), ressalta que na velhice o organismo passa por inúmeras transformações somatórias, nos níveis psicológicos e biológicos, e que esse processo não é sinônimo de doença. Mas ainda assim existem as doenças típicas desta faixa etária, que podem ser agravadas pelo fato de que os idosos estão mais expostos a um meio adverso, como por exemplo, falta de apoio familiar, dificuldades financeiras, solidão, entre outros.

Sobre o processo do envelhecimento no nível psicológico Moraes (2011) entende como um desenvolvimento a partir de ciclos. Para o autor o envelhecimento psicológico, diferentemente do biológico, não se dá apenas através da passagem do tempo, mas sobretudo pelo empenho no autoconhecimento, que é alcançado a partir do entendimento da dinâmica do psiquismo e da resolução dos conflitos cotidianos; e construção do sentido da vida. Assim o amadurecimento seria uma evolução dos valores, ou da consciência no nível individual, e traria como consequência uma maior resiliência. Neste entendimento o desenvolvimento é dividido em 4 ciclos: a infância, a juventude, a adultez e por fim a velhice que é o ápice do desenvolvimento psicológico no qual o indivíduo alcança o grau máximo de compreensão da vida.

Outra concepção sobre o envelhecimento psicológico é que correlaciona a idade à capacidade adaptativa de se relacionar com o meio, sendo assim leva em conta fatores como aprendizagem, memória, inteligência, controle emocional, estratégias de *coping*. Assim o envelhecimento psicológico estaria relacionado à perda destas habilidades, há que se ressaltar que o processo normal de envelhecimento está associado a tais perdas, mas que no entanto estas podem ser compensadas com outros ganhos associados à velhice como sabedoria, conhecimento e experiência (Schneider e Irigaray, 2008).

Neri (1993) ressalta que no âmbito psicológico o envelhecimento também é determinado pelo senso subjetivo de idade que é formado pelo sujeito de acordo com a forma com que ele percebe os marcadores biológicos, sociais e psicológicos do seu próprio envelhecimento.

Já a perspectiva sociocultural foca no sentido socialmente construído e no significado dado à velhice, considerando ainda, as mudanças fisiológicas e biológicas percebidas pelo sujeito. As marcas da senescência podem variar conforme a cultura, época e acontecimentos da vida das pessoas (WHO, 2006).

O componente social do envelhecimento, ou a idade social “é definida pela obtenção de hábitos e *status* social pelo indivíduo para o preenchimento de muitos papéis sociais ou expectativas em relação às pessoas de sua idade, em sua cultura e em seu grupo social” (Schneider e Irigaray, 2008, p. 590). Portanto sua posição em determinada sociedade interfere em seu reconhecimento enquanto sujeito pertencente ao grupo dos idosos, a performance social possui características como: vestimenta, hábitos e linguagem. Além dos fatores individuais a sociedade possui um papel determinante nos papéis sociais, o que se é esperado de um idoso varia de acordo com a sociedade e época.

As representações das sociedades acerca do envelhecimento têm se modificado ao longo dos tempos. Simone de Beauvoir em seu tratado *La Vieillesse* (1990), mostra que nas sociedades primitivas altamente sujeitas às intempéries da natureza, como nas sociedades nômades ou sedentárias, devido à escassez de alimentos, à pouca religiosidade e, à falta de tradição cultural, os idosos eram mal tratados e deixados morrer. Nas sociedades não controladas pela natureza, a vida econômica é mais rica, possuem religiosidade, o papel do idoso se torna mais complexo, eles se tornam detentores de mais poderes. Como por exemplo na China, onde os letrados cada vez mais possuíam responsabilidades com o passar dos anos, Confúcio estabeleceu que na família todos deviam obediência aos idosos, uma vez que os velhos possuíam a sabedoria. Representações semelhantes possuíam os idosos da Grécia antiga na qual a ideia de honra era ligada à velhice, os idosos possuíam a garantia da propriedade e ocupavam o alto da escala social. O chefe da Polis era orientado por um conselho de anciãos. Em Roma durante algum tempo os velhos eram sacrificados por meio de afogamento, mas o destino dos velhos ricos era diferente, eles compunham o senado e, quanto mais velhos mais valiam seus votos. Entre os Germânicos, povos bárbaros guerreiros, morrer velho era considerado uma desonra, louvável era morrer em combate.

A entrada na modernidade instaura grandes mudanças nas relações com os idosos, na Renascença exalta a beleza dos corpos, assim os velhos se tornam mais detestáveis, principalmente as mulheres. No século XVII a média de idade era de 20 a 25 anos, assim quem chegava aos 40 já era considerado idoso, pois se vivia em condições miseráveis. Em 1603, a Rainha Elizabeth cria a Lei dos Pobres para tentar combater a miséria, assim são fundados inúmeros hospitais e asilos para cuidar dos velhos e dos doentes, já os indigentes eram abandonados, pois os valores do trabalho e do enriquecimento foram difundidos como virtudes e estes não virtuosos não mereciam ser atendidos (Beauvoir, 1990).

Na França no século XIX, o termo velhice designava as pessoas que não podiam garantir seu próprio sustento, indivíduos sem status social eram os velhos, *vieux*, ou *vieillard*,

velhotes. Já os indivíduos idosos que eram bem considerados pela sociedade eram chamados de *personne âgée*. O prestígio da velhice diminui pelo descrédito da noção de experiência, os idosos continuam assumindo papéis importantes, mas como meras figuras decorativas. Os idosos ricos sempre tiveram seu lugar na sociedade e os idosos pobres sempre foram abandonados (Beauvoir, 1990). Assim Matos (2006, p.22), ressalta que:

No século XX a velhice passou a fazer parte de uma visão do envelhecimento dentro do conceito biológico e social. O surgimento de uma pressão social maior negando a velhice, correlacionando-a como uma fase de oposição à produtividade e à juventude, o que gerou uma conotação negativa. Neste início do século XXI a negação da velhice continua, evidencia-se a valorização da pessoa que consegue disfarçar a idade física (cronológica), elogiando-se aquelas pessoas que tem 65 anos com uma aparência de 50 anos; ou afirmando que se é velho por fora e jovem por dentro.

A partir da década de 70, a velhice passa a ganhar notoriedade, deixando de ser um problema da esfera particular e se tornando pública, desta forma surgem as primeiras normatizações do Estado. Como ressalta Scharfstein (2006), nos anos 80 surge uma nova categoria social, “os idosos”, devido ao crescimento dessa faixa populacional, aliado à legitimação das políticas sociais e aos interesses do mercado. A partir do momento em que surgem como categoria social, os idosos passam a ser, também, um problema social.

Na década de 90 surge o termo “terceira idade”, que é um designativo para o envelhecimento ativo e independente, um ciclo entre a aposentadoria e a velhice. O surgimento dessa terminologia está aliada à ideologia pós-moderna. O pensamento pós-moderno passa a tratá-la como um bem que deve ser comercializado e consumido, adquirindo assim valor de troca. Deste modo é função da ciência encontrar os erros para poder alcançar maior eficácia; nesse sentido, a longevidade pode ser atingida por meio da tecnologia e dos avanços científicos. Imbuído deste pensamento o homem pós-moderno tem como valor o culto à saúde, o que, em última instância, é uma negação da morte. O individualismo, pautado na igualdade, na falta de hierarquia, é outro valor da sociedade pós-moderna e este sujeito pós-moderno pode ser entendido como: acrítico, e em carência constante de mercadorias para consumir (Scharfstein, 2006, p. 39). Ocorre então o que Debert (1999) intitula de Reprivatização do Envelhecimento, que pautada nos ideais individualistas da pós-modernidade, é uma ideologia na qual o sujeito idoso é tido como o único responsável pela sua saúde, aparência, isolamento devido às escolhas que fez ao longo da vida. Deste modo: “a velhice passa então a ser vista como consequência da falta de envolvimento em atividades motivadoras, da adoção de formas de consumo e estilo de vida inadequados”.

Há, então, o surgimento da ideia de velhice como algo positivo em nossa sociedade, na qual o idoso é aquele sujeito que possui tempo livre e dinheiro para aproveitá-lo. Nessa visão a velhice é associada ao lazer, como se fosse uma “nova juventude”. Nessa ideologia do lazer os idosos são homogeneizados, e entende-se que todos possuem grande quantidade de tempo livre, e se não usufruem é porque não querem, não levando em consideração outros fatores, como os econômicos e sociais. A velhice é entendida como “idade do lazer”, assim o lazer é tido como modo de evitar o envelhecimento, negá-lo, e traz a necessidade de manter uma vida ativa. O lazer se transforma em nova mercadoria de consumo.

Neste sentido existem duas velhices de acordo com o ponto de vista pós-moderno, ambas são uma questão de escolha, a primeira associada às perdas, idosos que não foram capazes de realizar atividades motivadoras e utilizar os bens de serviço para combater o envelhecimento (Debert, 2003). A segunda visão do envelhecimento, oposta a anterior, que entende esta fase como sendo repleta de realizações, uma “nova juventude”, deixa de ser o momento de descanso para ser o momento do lazer. Debert (2003), ressalta ainda que estas duas visões do envelhecimento estão presentes nas propagandas brasileiras, em um momento o idoso é tido como dependente e em outro é tido como poderoso. No entanto, ainda há uma terceira representação da velhice na propaganda brasileira, uma imagem subversiva, na qual ele ocupa papéis exclusivamente jovens.

Como ressalta Silva (2007) o conceito de envelhecimento é abordado por inúmeras teorias, conceitos e definições, o que comprova que este é um constructo com diversas facetas responsáveis por esse processo. É importante ressaltar que o processo de envelhecimento ainda é atravessado por múltiplos fatores, em seu estudo sobre o envelhecimento feminino a OMS (2006) elencou o impacto dos seguintes fatores: sociais, econômicos, políticos, culturais.

Os fatores sociais que interferem na concepção de envelhecimento, por exemplo em sociedades com baixa expectativa de vida um pessoa pode ser considerada velha enquanto que em sociedades com alta expectativa de vida uma pessoa na mesma faixa etária pode ser considerada jovem. O marco que define quando uma pessoa é considerada idosa também pode variar, existem sociedades que consideram a entrada na menopausa, a aposentadoria, o nascimento do primeiro neto (WHO, 2006). A menopausa é um episódio que possui um forte significado para as mulheres, é um evento universal que ocorre a todas as mulheres por volta dos 50 anos de idade, mas mesmo a menopausa possui uma ampla variedade de sentidos. Em países desenvolvidos a menopausa é encarada como uma doença a ser tratada

por meio de reposições hormonais. Já em países em desenvolvimento a mulher chega a esta fase, em geral com problemas de saúde que desenvolveu ao longo da fase reprodutiva.

A educação também é um fator social relevante, em países em desenvolvimento o nível educacional das idosas é baixo o que as coloca em situação de vulnerabilidade. Os arranjos familiares também interferem no processo de envelhecimento, as idosas ainda são as principais cuidadoras da família e este papel é carregado de efeitos adversos emocionais e físicos. Em grande parte dos países em desenvolvimento o número de mulheres viúvas supera o de homens nesta condição, com o declínio da família extensa estas mulheres se tornam mais vulneráveis.

Os fatores econômicos possuem um forte impacto na saúde das mulheres idosas, uma vez que geralmente elas viveram situações de pobreza desde a infância, tais como: baixa renda que principalmente nos centros urbanos de países subdesenvolvidos acarreta em pobreza nutricional, fome, imigração, problemas dentários e parasitários; já nos países desenvolvidos apesar de possuírem um ambiente adequado há o problema da sobrenutrição devido a uma dieta rica em carboidratos e gorduras.

Historicamente as mulheres ficaram afastadas das atividades políticas e por isso há um *gap* na atenção às suas necessidades, apenas nos dois últimos séculos as mulheres estão tendo a possibilidade de assumir um protagonismo político e tendo a oportunidade de buscar políticas que diminuam tal deficiência.

Os fatores culturais são de extrema importância nas relações estabelecidas com as mulheres idosas, tanto dos outros quanto delas mesmas, que geram grande impacto tanto na saúde quanto nas formas de vida. Culturalmente determinadas atitudes positivas frente ao envelhecimento são um ponto crítico para propor mudanças, bem como no estabelecimento de políticas públicas positivas. Nas sociedades pós-industriais as mulheres são consideradas velhas mais cedo que os homens e atrelado a este fator sofrem mais experiências discriminatórias, são consideradas fracas, dependentes, vulneráveis, sem feminilidade e sexualidade. Há que se considerar que ainda em algumas culturas as mulheres velhas ainda tem a oportunidade de assumir papéis positivos como os de sogra, avó, cuidadora da linhagem, líder religiosa, artesã mestre, conselheiras e líderes políticos. A relação consigo mesma também é um fator de cunho cultural, uma vez que autoestima depende da relação com outros e que possui impacto na saúde física e mental, ela é uma soma de autoavaliação e avaliação dos outros, assim como a vivência de eventos traumáticos. Em países desenvolvidos as mulheres se veem divididas entre duas possibilidades de ceder às tendências

da moda que ditam uma negação do envelhecimento ou se fixarem nos estereótipos e papéis destinados às mulheres idosas.

Assim não é possível determinar uma forma de envelhecimento único, bem como definir *a priori* uma pessoa como idosa. Para fins acadêmicos busca-se estabelecer um padrão para que se possam realizar estudos e políticas públicas. Percebe-se que entre as diversas teorias ainda não há um consenso em como se definir quando um sujeito é idoso. Para tanto, em uma tentativa de sistematização dos trabalhos que concentram-se neste tema, convencionou-se a utilização do critério cronológico, de acordo com o estabelecido pela OMS, de que em países em desenvolvimento seja considerado idoso o indivíduo com 60 anos ou mais, como é o caso do Brasil.

Deste modo Camarano et al. (1999, p.11), propõe algumas medidas a fim de se precisar o conceito de idoso: O critério cronológico é utilizado por ser o mais simples de ser determinado, com menos chance de erros em comparação com os outros critérios, possibilitando assim a realização de comparações com outros estudos.

A primeira é a diferenciação espacial. Várias características culturais são compartilhadas por indivíduos de uma mesma zona geográfica e, na impossibilidade de um aprofundamento maior, os limites espaciais podem ser um primeiro critério de diferenciação. A segunda é a diferenciação de grupos sociais. A diferenciação de grupos a partir de determinadas características, como rendimentos, forma de inserção na família, raça, sexo, nível educacional etc., também permite um maior grau de compreensão na análise do envelhecimento. Reconhecer que o estabelecimento de uma idade-limite única que separa os indivíduos entre idosos e não-idosos é uma terceira medida importante. Com a divisão dos idosos em subpopulações de idades específicas é possível distinguir com mais clareza fenômenos restritos a fases mais ou menos avançadas do ciclo de vida social.

Conforme a assertiva de Camarano et al. (1999), é utilizado o critério cronológico em estudos, porém de uma forma circunstanciada, pois uma população de 60 anos, de uma determinada região, pertencentes à um determinado grupo possuem similaridades quanto ao processo de envelhecimento. Já em outro contexto, essa mesma população de 60 anos poderá apresentar características diferenciadas, pois como já dito antes, o envelhecimento é determinado por diversos fatores.

4.1. CORPO E ENVELHECIMENTO

Compreender a noção moderna de corpo é uma tarefa árdua visto que há uma polissemia nos discursos. Cada cultura com sua visão de mundo atribui um status próprio ao corpo, bem como uma definição de pessoa, assim nos dizeres de Le Breton (2013, p. 18) “o corpo é uma construção simbólica, não uma realidade em si”. Com efeito, esta construção social embasa os significados dos corpos, como por exemplo entre a sociedade Canaque, estudada por Maurice Leenhardt (como citado em Le Breton, 2013), o corpo é considerado pertencente ao reino vegetal, para eles o corpo não existe, o corpo é parte do mundo, misturado ao cosmos, à natureza e à comunidade.

A visão de mundo do homem moderno ocidental em primeiro lugar é embasada pela cisão do cogito cartesiano, assim criam-se as bases do indivíduo como centro do mundo. Este homem toma o corpo enquanto objeto de posse quando diz “meu corpo”, resultado de uma postura individualista consequente ao Renascimento. Nesta perspectiva individualista o corpo é o lugar do sujeito, sua barreira divisória da sociedade e dos demais corpos, seu limite, sua liberdade, seu objeto privilegiado de domínio. O corpo moderno é o que rompe com a sociedade, porém sem o aparato cultural este homem se vê só e precisa buscar suas próprias guias para ações. Lançado à solidão o homem moderno possui uma resposta individual e cria suas próprias referências, assim cada corpo representa sua própria bricolagem de representações.

Ory (2008) destaca ainda que o discurso acerca dos corpos dos homens modernos é basicamente referente ao corpo da mulher. O século XX traz consigo inúmeras mudanças nas relações dos homens com seus corpos devido aos progressos nos serviços de água e esgoto, evolução da medicina, política pública sobre o tempo e espaço – controle do tempo dedicado ao trabalho e não trabalho – e a uma exigência higiênica maior, tais mudanças são mais atribuídas às revistas femininas que à escola e à literatura. Neste sentido Ory (2008) destaca 3 grandes fomentadores de mudanças na relação com os corpos dos homens: a cosmética, a dietética e as cirurgias plásticas. Em primeiro lugar a cosmética que busca intervir principalmente na pele, aqui a cosmética ressurgiu com um discurso modernizador, surgem os novos cremes, as práticas tecnológicas que combatem os maiores inimigos da mulher a flacidez, as rugas, em última instância a velhice. Surgem aqui os grandes institutos de beleza como Helena Rubinstein, Schartzkopf, L’oreal, e etc., que trazem consigo novas práticas de higiene e beleza (Ory, 2008). Em segundo lugar a dietética, tão antiga quanto a

medicina, que propõe um controle do estilo de vida e das formas de se relacionar com a comida. Especialmente na segunda metade do século XX ela retoma com força e assume no período entre guerras uma racionalidade. Surge então o cenário propício para separá-la do discurso médico e vir a tona o nutricionista, não é de se admirar que são em sua maioria mulheres. Expande a preocupação das sociedades desenvolvidas com a nutrição, por dois principais motivos: mudança econômica que em sua organização do trabalho diminui o esforço físico e aumenta o acesso aos alimentos faz com que a partir daí surjam o casos de obesidade; e uma mudança cultural na qual a sociedade sem fome possui uma elite que preza pela exibição de um corpo magro. O medo do sobrepeso no século e a representação das modelos magras em revistas femininas como Twiggy contribuem para instaurar o modelo estético magro. E em terceiro lugar as cirurgias plásticas estéticas que buscam corresponder às necessidades psíquicas, e o autor propõe como razão principal para este desejo o “progressivo desnudamento dos corpos” associado também ao surgimento das cirurgias reparadoras após a segunda grande guerra, ao crescimento da indústria de matéria plástica que introduz o silicone e claro uma sociedade baseadas no padrões modernos e individualistas que buscam exacerbar os padrões sexuais e lutar contra o envelhecimento.

A modernidade implica em uma mudança radical no valores e isso se reflete nas relações com os corpos como destaca Ory (2008) seja na mudança das posturas corpos na qual não há mais a cobrança pela postura ereta, modéstia no olhar, distanciamento do corpo dos outros, lentidão no andar. A velocidade dos meios de transporte, associada às distâncias cada vez maiores a serem percorridas também muda a forma de locomoção dos corpos pelas cidades na qual o andar é sempre apressado.

Na “*Histoire du Visage*” Courtine (1988) busca analisar a evolução dos estudos de fisionomia, segundo ele os códigos de expressão do homem foram tomados como um problema de estudo a partir do século XVI com os primeiros estudos de fisionomia que se propunham a estudar as posturas exteriores do corpo e as associavam às qualidades morais da alma, a partir daí seria possível cunhar um conhecimento sobre o comportamento do homem que auxiliasse nas relações sociais. Ganham força neste século o estudo dos rostos que eram entendidos como espelho da alma, através dele seria possível compreender o homem interior (psicológico), sendo os olhos o lugar privilegiado, impossível de dissimulação. A partir destes estudos surge a noção que permanecerá de que há um discurso do corpo, no século XIX o corpo individual era considerado representante da identidade e da relação social, justamente nesta época instaura-se nas grandes cidades os grandes conglomerados e o medo das massas, como já analisara Foucault (1979). Assim a fisionomia

tinha como objetivo descobrir o que a multidão encobria, distinguir os assassinos, os perigosos, os doentes em meio a multidão, assim as classes trabalhadoras eram as classes perigosas, fica evidente que aí busca-se um conhecimento não só natural, mas social e político. Neste cenário de conflito de classes é que emerge o individualismo, ao mesmo tempo em que a sociedade moderna homogeniza os tipos físicos, ela também os agrupa e os separa os corpos. O homem moderno se individualiza e socializa pela expressão através da exteriorização dos sentimentos ao mesmo tempo em que silencia seu rosto pela inexpressividade, neste sentido Ory (2008) destaca ainda que a expressividade assume bases mais democráticas, baseadas na igualdade e indiferenciação, mas que não deixam de exprimir identidades culturais.

Nesta senda, Le Breton (2013, p.29) afirma que na modernidade com sua noção de indivíduo traz consigo a descoberta do rosto e este é entendido como “sinal de sua singularidade, e seu corpo objeto de uma posse”. O primeiro sinal é a mudança da geografia do rosto, antes a boca era tomada como privilegiada, a fonte de apetite, também do canto, do deleite da bebida, já na modernidade e sua cultura erudita os olhos se tornam mais importantes em primeiro lugar por serem o sentido da distância em segundo por serem considerados “janelas das almas”. Outro fator importante é que no século XIV os retrato individual se destaca na pintura de uma forma não mais religiosa, mas como expressão do sujeito, futuramente substituído pela fotografia, em sequência pela fotografia digital e pelo autorretrato digital ou *selfie*¹. Assim a individuação do corpo se singulariza na individuação pelo rosto, a marca da diferença, a cifra da pessoa.

O século XX também traz uma nova revolução higienista que vem apoiada em um padrão mais alto de sensibilidade olfativa e traz como grandes mudanças: o maior acesso aos banheiros equipados, bem como à água corrente, o desuso da barba nos homens, o uso de xampus, o crescimento ao acesso à produtos que desodorizam o corpo como xampus, sudorífugos, antissépticos, uso de cabelos curtos pelas mulheres – grande influência de Coco Chanel. Há que se destacar também o bronzamento, sobre o qual havia um discurso que por vezes era antagônico: na saúde alertava-se se sobre os riscos da exposição ao sol, ao mesmo tempo que se destacavam os benefício à saúde, nas revistas como *Marie-Claire* faziam editoriais sobre mulheres livres bronzeadas e na cidade uma proposta de mulheres de peles brancas e bem cuidadas, socialmente busca diferenciar-se do operário da fábrica que é

¹ Selfie é um autorretrato digital normalmente retirado com a câmera de mão pelo próprio fotografado ou com a câmera frontal de um aparelho celular. Palavra que vem da junção de self (em inglês própria pessoa) mais o sufixo ie (tipo de autorretrato).

pálido e marcar sua condição econômica de quem passa os finais de semana e feriados no campo expondo-se ao ar livre. Assim vemos ao longo do tempo que quanto mais se desnudam os corpos maior a exigência do bronzearamento (Ory, 2008).

Os adereços, desde as sociedades mais primitivas, possuem grande função social de diferenciação. Na modernidade a moda passa influenciar grandes parcelas da sociedade. Ory (2008) destaca as principais mudanças do século XX como: a difusão das tatuagens, a perfuração dos corpos com uso de *piercings*, a maquiagem (inicialmente “natural” até as maquiagens de grupos específicos), os penteados (ondulação permanente, coloração, alisamentos), as inúmeras mudanças na moda que vão da minissaia ao uso das calças pelas mulheres, com acesso cada vez maior através da industrialização da moda. Há que se ressaltar que o uso de acessórios tem grande mudança de foco neste século, quando passam a focalizar diretamente o corpo e a realçar as zonas erógenas, é o corpo erotizado.

As formas de colocar os corpos à prova também sofrem alteração na modernidade, segundo Ory (2008). Em primeiro lugar o que o autor chama de “despesa corporal” que são as formas de autocoerção com intuito lúdico, como os esportes, as danças que vão desde a dança grupal, de casal até a dança individual e passam a ser realizadas preferencialmente em lugares fechados, as chamadas *boîte*. No campo do esporte ocorre uma evolução dos esportes de meio ambiente até a evolução atual dos esportes individuais de academia com o foco na estética. Ocorrem também as mudanças no trabalho desde a organização científica do trabalho por Taylor que altera a corporalidade no ambiente de trabalho e adaptado por Ford, tal lógica de controle do corpo extrapola o ambiente empresarial e alcança o ambiente doméstico através de aparelhos criados para diminuir e acelerar o trabalho das donas de casa para que estas possam se inserir no mercado de trabalho. Na segunda metade do século surge a ergonomia com o objetivo de diminuir a exaustão do corpo e adaptar o trabalho, que depois se desdobra na higiene e segurança do trabalho. Apesar dessa preocupação com o trabalho não ocorre uma mudança sensível para o trabalhador que exerce funções manuais como o agrícola, industrial e até mesmo nos prestadores de serviços do setor terciário e burocráticos.

Inserido na sociedade do entretenimento e da cultura do corpo o sujeito das classes dominantes tem a possibilidade de estabelecer uma relação autônoma com seu corpo e posicionar-se centralmente na sociedade (Ory, 2008). Esta nova relação com o corpo no último século o privatiza e ele se torna a âncora do sujeito ainda que de forma provisória ganha forte investimento. A sociedade esvaziada de sentido faz com o que o homem tome seu corpo como um valor, um corpo a ser mostrado, digno de ser olhado, o representante da

identidade do sujeito. Mas, sujeito à esta nova valoração o corpo deixa de ser destino e passa a ser maleável, ele agora está sujeito à vontade do homem que o molda a bel prazer. Este corpo precisa ser gerido, caso contrário atestará a incapacidade do sujeito, no entanto a noção de corpo ideal pregado socialmente é extremamente volátil, muda assim como a moda.

Falar das exigências do corpo na modernidade é sobretudo falar do corpo da mulher, este que está sujeito à diversos discursos e ao olhar do Outro que o esquadrinha e julga. Na coleção de imagens contemporâneas é corpo da mulher enquanto objeto que é exposto, o corpo belo em nossa sociedade é corpo saudável, magro e jovem. “A imagem da mulher na cultura confunde-se com a da beleza. Este é um dos pontos mais enfatizados no discurso sobre a mulher – a mulher pode ser bonita, deve ser bonita – do contrário não será totalmente mulher (Novaes, 2007, p. 127).”

A beleza, não obstante um substantivo feminino, se refere aquilo que é agradável aos olhos. Quando falamos de corpo belo, ou o corpo da mulher bela precisamos analisar quais implicações estão por trás deste discurso. Alguns estudos possuem enfoque nas determinações sociais acerca do imperativo da beleza, como Simone de Beauvoir (1960a) afirma que em nossa sociedade nascer mulher implica em ser um Outro, ou seja, uma negatividade enquanto um sujeito diferente do homem. O corpo feminino é tomado enquanto objeto destinado ao desejo do homem, não enquanto uma subjetividade. Com a função primordial de agradar ao outro este corpo precisa ser submetido a diversos cuidados estéticos, tais como vestimentas, procedimentos estéticos, cirurgias. Em última análise Simone acredita que tais procedimentos tem como objetivo impossibilitar o corpo feminino da transcendência, tornar este corpo um corpo impedido.

Interessante notar que 45 anos separam as obras de Beauvoir (1960a) e Goldenberg (2005), mas que ainda hoje mais do que nos anos precedentes o corpo da mulher ainda é tomado como objeto do outro. Goldenberg em seu estudo sobre os corpos das mulheres cariocas constata que este é o objeto de maior investimento feminino. Em nossa sociedade o corpo da mulher é considerado um capital físico pelo qual a mulher consegue realizar trocas simbólicas na sociedade. É pelo corpo que a mulher pode ter acesso privilegiado ao casamento, a aceitação social e ao bem-estar pessoal. A mulher brasileira está reprimida a um controle maior do corpo e se submete a diversas mutilações e sacrifícios para atender ao padrão estético.

Analisando a questão da beleza feminina no nível político Naomi Wolf (1992) aponta que a tirania da beleza imposta às mulheres do primeiro mundo que se libertaram dos

outros discursos alienantes – da religião, dos tabus, do casamento e maternidade – é uma nova forma de limitação feminina. É comum encontrar mulheres bem sucedidas em diversas esferas da vida que se sentem extremamente inseguras com relação a seus corpos, tal mal-estar acaba se tornando uma obsessão e mais, uma forma de controle das mulheres.

O que a autora denomina de “Mito da Beleza” é um imperativo de que a mulher precisa atingir um padrão de beleza extremamente magro – as jovens modelos hoje apresentam um corpo 23% mais magro que a média da população – e jovem é nada mais que um meio de manter as instituições masculinas o poder institucional dos homens. Mais que explicitar um modelo corpo, este ideal propõe um modelo de comportamento, nos dizeres de Wolf (1992, p. 17):

A juventude (e até recentemente) a virgindade foram “bonitas” nas mulheres por representarem a ignorância sexual e a falta de experiência. O envelhecimento na mulher é “feio” porque as mulheres adquirem poder com o passar do tempo e porque os elos entre as gerações de mulheres devem sempre ser rompidos.

A mulher que no início deste século operou uma liberação, agora com um status livre passa a ser bombardeada por uma gama de imagens que visam criar um novo modelo de mulher bem sucedida, livre do trabalho de casa agora ela é compelida a se ocupar da beleza, que também é um trabalho sem fim e efêmero. Há também presente aqui a questão econômica, em uma economia capitalista que se mantém pela elevação dos níveis de consumo esta mulher é convidada a consumir, e isso passa a ser uma virtude. Apesar de seu papel de consumidora esta mesma mulher ainda hoje desvalorizada enquanto trabalhadora uma vez que ainda hoje as mulheres possuem remuneração inferior.

Analizando a questão ainda pelo viés econômico Novaes (2003) ressalta que na modernidade a incessante busca pelo corpo perfeito não se dá pelo discurso de que a mulher deve ser bela, tal discurso sempre existiu, ou apenas pela repetição das imagens dos corpos femininos, mas sim pela responsabilização do sujeito, uma vez que pode ser belo quem assim o quiser, ou melhor, quem assim consumir. Daí surge a culpabilização do sujeito e o mal-estar constante, ser bela se torna um dever moral e social. O discurso da beleza é portador de uma forte carga ideológica que pela via do consumo é que se pode ser realizado.

Com uma beleza não mais natural e sim construída as mulheres são convocadas a trabalharem duro pela beleza, ela precisa investir tempo, dinheiro e ainda sofrer. A beleza da mulher se faz em sutilezas, por isso requer manutenção constante, desde pintura nas unhas, até eliminação de pelos de todo o corpo. Assim tais características de cuidado são associadas ao gênero, e a mulher que não se submete a estes rituais é considerada como

menos feminina. Há ainda o agravante de se associar a beleza feminina ao sucesso em outras esferas da vida cotidiana, a afetiva, sexual e profissional (Novaes, 2003).

A feiura para a mulher é tomada como uma desqualificação moral, a mulher feia é aquela que falha, sem serventia, no âmbito social a mulher feia sofre inúmeros prejuízos, desde as trocas mais básicas com os outros sujeitos como contato e atenção, até as mais densas como afetivas e sexuais. No campo psicológico a mulher feia sofre ainda com a perda da autoestima e culpabilização pela sua condição. Pode-se dizer, que a mulher feia é socialmente invisível (Novaes, 2003).

Ser bela na contemporaneidade é ser magra e jovem. A magreza é tomada como uma virtude, uma capacidade de autocontrole, se antigamente as mulheres tinham o apetite sexual reprimido, hoje o controle é do apetite alimentar que consiste em uma nova forma de aprisionamento. Em uma sociedade lipofóbica que possui grande aversão à gordura e ao obeso as mulheres se impõe a uma forte restrição alimentar ou à culpa pela ingestão de alimentos (Freire, 2011).

Historicamente vê-se que houve uma mudança de padrões, quando na Idade Média devido à escassez de alimentos ser gordo denotava um status social, hoje com a abundância de alimentos e um maior número de casos de obesidade o padrão se inverte. Nahoum (1979) adverte que no século XVIII nas sociedades subnutridas as mulheres “redondas” eram consideradas saudáveis e ricas, e as magras pobres, doentes, fracas. No momento em que há uma abundância social as classes ricas tornam-se comedidas e estabelecem como padrão de beleza a magreza, no entanto nas classes baixas não se sujeitam a esta restrição alimentar, talvez pelo medo da fome.

Desta forma Fischler (1995) ressalta que hoje são atribuídos aos gordos significados ambivalentes, por um lado há uma percepção de obeso benigno aos quais atribuem-se características de *bons vivants*, extrovertidos, sociáveis e o obeso maligno egoísta, sem controle - aqui se encontram os gordos com peso mais elevado. Em geral os gordos são considerados transgressores, violam a regra dos bons costumes, comem mais que a sua parte, são descontrolados, estão associados aos traços de animalidade e quebram o vínculo social.

No tocante ao envelhecimento ficam evidentes os vieses econômicos, sociais e também psíquicos. Tucherman (2004) traça um paralelo entre a Grécia antiga e o mundo ocidental atual, no qual as pessoas comuns miram em modelos estéticos dificilmente atingíveis, os primeiros admiravam os atletas, os segundos as modelos e artistas. Assim como um estético que nega a morte, o pensamento grego propunha a morte como um destino inevitável, porém morrer jovem como um herói fazendo parte da memória social, ao contrário da

morte do velho que logo é esquecido. Na modernidade novamente negamos a morte, esta busca pelo afastamento da morte é dada através de diversas técnicas que visam resgatar a juventude mesmo que em primeira instância seja apenas na aparência, mas ainda nos valores da juventude. A juventude como categoria é tomada como público-alvo na sociedade de consumo, em uma sociedade em que é pela via do consumo que o sujeito interage, mas também ao mesmo tempo o corpo jovem é produto a ser vendido nas clínicas de estética e academias cada vez mais abundantes.

O corpo envelhecido traz em si primeiramente o signo social, um estigma de classe, assim os corpos tornam visíveis as marcas do trabalho, da pobreza, das doenças. Ainda no campo social o corpo velho é aquele que “transgride os valores centrais da modernidade: a juventude, a sedução e a beleza” (Le Breton, 2013, p.224).

O velho é aquele que através de seu corpo dá face aos dois grandes vilões da modernidade: o envelhecimento e a morte, é aquele que Outro que nos lembra da condição humana de finitude. Simbolicamente hoje são signos da anomalia, enquanto possuidores de um corpo desgastado perdem sua individualidade e se tornam apenas objeto sem função.

A velhice ainda traz consigo um adendo a condição social rebaixada da mulher, quando idosa a mulher perde aos olhos dos outros sua sedução que essencialmente atribuída ao corpo e à juventude. E é o olhar depreciativo do Outro que expõe nossa senescência, assim a consciência do envelhecimento se dá por um duplo reconhecimento: o próprio reconhecimento do corpo que muda e a apreciação do outro, assim Le Breton (2013, p. 236) destaca:

É do olhar do outro que nasce o sentimento abstrato de envelhecer. Na mesma ordem de fato, são sequências ao mesmo tempo sociais e individuais que o reformulam em nossa consciência: aniversários, uma separação, ver crescer os filhos, vê-los partir; por sua vez, ver chegarem os primeiros netos, a aposentadoria, a desapareção súbita mais frequente dos seus amigos etc.

Envelhecer na modernidade significa perder juntamente com a capacidade de produção pelo trabalho seu lugar no campo comunicacional, principalmente nas classes populares que não podem ao menos dedicar-se ao lazer.

Debert (2003), em seu artigo Velhice e Tecnologias do Rejuvenescimento, observa que a busca incessante do homem por ideais de beleza atrás de intervenções tecnológicas é um movimento do homem pós-moderno, e possui caráter social. O mercado de consumo dita como devem ser os “jovens de idade avançada”, como devem se comportar e tratar as marcas do envelhecimento. O corpo enquanto realidade biológica é alterado de acordo com

os padrões sociais, ou seja, é alterado por determinantes históricos, o corpo envelhecido é negado através de alterações para se transformar em corpo jovem, o que impede a criação de uma estética da velhice.

Diante da exacerbação da tirania acerca dos corpos na contemporaneidade Le Breton (2013) entende que há uma falsa promessa de liberação do corpo, uma vez que esta passa pela via da liberação si, de forma fragmentada sendo acessível somente às classes médias ou privilegiadas. Esta liberação propõe mais um trabalho do corpo para alcançar os padrões (ou criar novos padrões) do que da via do prazer. Portanto enquanto houver preocupação com os corpos o projeto de liberação é impossível de ser alcançado.

5. MÉTODO

5.1. ESCOLHA DO TEMA E OBJETO DE ESTUDO

A escolha do tema de estudo partiu da necessidade de buscar compreender: “Como as mulheres vivenciam o envelhecimento?” a partir daí “Como as mulheres lidam com as marcas deixadas pelo envelhecimento?” e “Como o envelhecimento interfere no processo identitário feminino?”.

Em nossa sociedade a experiência do envelhecimento é carregada de sofrimento e vivências de negação. As relações positivas com o envelhecimento são poucas e muitas vezes ligadas ao mercado de consumo de bens e serviços. É amplamente difundido na sociedade moderna a visão do envelhecimento como um momento de perdas e principalmente a necessidade individual de se consumir técnicas e utilizar procedimentos que adiem ou neguem o processo, assim se dá o paradigma do bom envelhecimento. Aos idosos que não consomem tais técnicas e procedimentos, é imposta uma culpabilização e consequente rejeição social. No contato com os idosos fica evidente a necessidade de adequação a esta imposição, com poucas expressões de ruptura, visto a possibilidade da rejeição social.

5.2. POSICIONAMENTO TEÓRICO

A presente pesquisa, ao pretender captar a complexa teia de significados dos fenômenos a partir dos próprios sujeitos implicados, é referenciado pela metodologia qualitativa, na perspectiva da Psicologia Social.

A Psicologia Social, procura entender e analisar o indivíduo contextualizado nas suas relações sociais, levando em consideração os contextos históricos e culturais, superando assim a visão positivista de que é possível encontrar leis universais que regem o comportamento humano, bem como a possibilidade de realizar pesquisas de forma neutra.

Consequentemente, quando realizo uma pesquisa qualitativa em Psicologia Social possuo uma visão diferenciada de homem, nesta perspectiva entendo o homem como um sujeito histórico-social. Quando me proponho objetivar uma pesquisa qualitativa busco

principalmente alcançar a compreensão dos significados que os fenômenos representam para os sujeitos da pesquisa.

A pesquisa social implica em reconhecer a existência de uma dimensão ideológica, que está relacionadas as escolhas tomadas pelo pesquisador. Tais escolhas do pesquisador, como método, base teórica, instrumentos de coleta de dados, não podem ser tidas como escolhas neutras. Assim, o posicionamento do pesquisador, seja ele consciente ou não, está condicionado pela posição social que ocupa e pela mentalidade histórica (Deslandes, 2004).

Para a realização da pesquisa foi utilizado o método da História de vida, com o objetivo de a partir das histórias individuais de sujeitos emblemáticos – aqueles que são entendidos como sujeitos capazes de revelar a consciência coletiva de um determinado fenômeno (Ciampa, 1987) – remontar a vivência social da vivência estética do envelhecimento e suas repercussões no processo identitário.

A história de vida investiga a vida de uma pessoa com o objetivo de compreender seus valores e padrões culturais os quais são fundamentais para explicar suas ações, significados e comportamentos. Neste tipo de pesquisa a escolha de bons informantes é crucial, portanto é necessário selecionar indivíduos que sejam representativos do universos sociocultural (Marconi & Lakatos, 2011).

A história de vida é considerada por muitos pesquisadores como uma técnica privilegiada pois possibilita ao sujeito a análise de uma vivência de forma retrospectiva e interpretativa, permitindo assim uma análise crítica do passado, algumas vezes quase em tom de confiança. A história de vida tópica é a “que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão” (Minayo, 1992 citado por Neto, 2004, p. 59).

5.3. CAMPO DE PESQUISA

O campo da pesquisa pode ser definido por alguns autores como Minayo (1992) e Neto (2004) a partir um recorte espacial determinado pelo pesquisador que representa uma realidade empírica, uma dinâmica de interação social. Assim para Neto (2004) a entrada no campo deve preceder de uma aproximação com as pessoas da área. É importante consolidarmos uma relação baseada no respeito e nos aproximarmos gradualmente do campo. Um facilitador pode ser o conhecimento de moradores que possuem acesso aos demais. Dentro desta perspectiva o campo é considerado como recorte espacial.

Para além desta perspectiva, Spink (2003) utilizando-se das ideias de Kurt Lewin do campo como sendo a totalidade dos fatos psicológicos e de Bourdieu de que o assunto é que contém o campo, definiu o campo como sendo campo-tema. Desta forma o campo não é somente localizado geograficamente ou fisicamente, o campo-tema é formado por uma “rede de sentidos que se interconectam”, proveniente da temática definida pelo pesquisador.

O campo é o método pelo qual se compreende os sentidos do indivíduo, ou de uma forma mais ampla do grupo, instituição ou comunidade. Os sentidos surgem a partir de redes de causalidade intersubjetiva que se unem em vozes, lugares e momentos diferentes. O campo é um argumento debatido, um processo que é circunscrito em lugar e tempo, temporalidade tal que une o passado e o presente. É uma produção social, desta forma é produto e produtor da materialidade.

Dentro desta multiplicidade de expressões do campo o pesquisador precisa se localizar, uma vez que ele já está inserido ao se vincular com a temática. Seja seu acesso maior ou menor ao campo, o pesquisador irá se deparar com possibilidades e restrições, e será necessário interagir com as partes mais densas do campo. O pesquisador tem como objetivo compreender como se dão as relações entre os significados e seus produtos, e como estes resultam em discursos heterogêneos. Nos dizeres de Spink (2003, p.32) “a materialidade é social; ela é produzida em fala, sua existência é arguida e a fala continua dentro e em volta dela”.

A partir da compreensão de campo-tema buscamos abarcar os discursos que compõem os sentidos do objeto pesquisado e que resultam nas práticas cotidianas.

5.4. SUJEITOS DA PESQUISA

5.4.1. POPULAÇÃO

A população se refere ao universo total de indivíduos, e está relacionada ao assunto que se pretende investigar, portanto para poder selecionar uma amostra que seja representativa da população é imprescindível compreender a população a ser estudada (Marconi & Lakatos, 2012).

Com o objetivo de conhecer a população é necessário descrever suas principais características quanto a idade, sexo, cor/raça, alfabetização e renda. A composição etária, o

ritmo de crescimento populacional são dados que ilustram a tendência de envelhecimento populacional nacional. O recorte por sexo é relevante pois salienta as diferenças de escores entre homens e mulheres nas diferentes características. A compreensão da questão étnico-racial também é relevante pois estão relacionadas a processos históricos de exclusão que ainda reverberam na sociedade. Os dados da alfabetização interessam pois são essenciais para o acesso a informação escrita e níveis mais altos de educação. A renda da população idosa é relevante pois ela está diretamente ligada ao bem-estar e a satisfação nas necessidades e ao acesso a bens e serviços.

A população brasileira, segundo censo 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), é de 190.755.799, sendo que a taxa média de crescimento populacional tem diminuído sistematicamente nos últimos 60 anos, assim como a tendência mundial (IBGE, 2011). Ao analisar a composição da população por sexo e idade fica evidente que nos últimos 20 anos houve grandes mudanças como: o estreitamento da base da pirâmide, aumento da participação de pessoas entre 25 e 29 anos e alargamento do topo da pirâmide.

A World Health Organization [WHO] (1998) em um estudo sobre o envelhecimento feminino ressalta o crescimento da expectativa de vida das mulheres, já consolidado em países desenvolvidos e em processo nos países em desenvolvimento. Neste estudo em 1991 as mulheres brasileiras tinham uma expectativa de vida de 69 anos, enquanto que os homens tinham uma expectativa de vida de 63 anos, o crescimento da expectativa de vida em 20 anos foi de 8 anos para as mulheres e de 6 anos para os homens.

O crescimento da população idosa no Brasil é notório, principalmente no grupo de 70 anos ou mais de idade, em 1980 representava 2,3% da população brasileira e em 2010 aumentaram para 4,8% da população nacional, com um total de 9.240.670 habitantes, com participação majoritária feminina 5.349.657 mulheres.

O componente cor/raça apresentou em 2010 um percentual de 47,77% de brancos, 7,6% de pretos, 43,1% de pardos, 1,1% de amarelos e 0,4% de indígenas. Já entre o grupo dos idosos é possível perceber predomínio da população amarela, bem como o aumento da proporção de pretos e pardos (IBGE, 2011). O que indica uma melhoria na qualidade de vida destas populações.

No tocante as taxas de analfabetismo estas tem decaído sistematicamente, tanto na área urbana quanto na rural, no entanto na segunda ele ainda é maior. Entre a população com idade entre 60 e 64 a taxa de analfabetismo caiu de 29,1% em 2000 para 20,4% em 2010, entre a população acima de 65 anos a taxa também caiu de 38% em 2000 para 29,4%

em 2010. Quando cruzamos os dados da escolaridade com o sexo é perceptível a diferença entre homens e mulheres. Os homens são mais alfabetizados (67,7%) que as mulheres (62,6%). Dado este que pode ser reflexo das condições de acesso a educação até a década de 60 (IBGE, 2011).

O IBGE analisou também as unidades domésticas e constaram a diminuição de moradores por domicílio, que caiu de 3,7 pessoas em 2000 para 3,1 pessoas em 2010, tal dado corrobora com a tendência de queda de fecundidade (IBGE, 2011).

Os dados referentes à renda são importantes para compreender o acesso do indivíduo aos bens e serviços, um indicador de bem estar individual e pobreza. O censo do IBGE do ano 2000 verificou que a renda da população idosa é inferior a de toda população maior de 10 anos de idade. Apesar deste dado a renda da população idosa foi a que apresentou maior crescimento, subindo 63%. É importante frisar que a base de cálculo do IBGE é o salário mínimo, este tem como objetivo garantir a satisfação das necessidades básicas do indivíduos, assim quanto mais próximo deste indicador mais próximo o idoso estará da linha da pobreza. Neste último estudo houve uma melhora, pois em 1991 52,1% dos idosos recebiam um salário mínimo, e em 2000 caiu para 44,5%, bem como houve um aumento da proporção de idosos que recebe mais de cinco salários mínimos. Também é possível perceber uma diferença nas fontes de renda por sexo, os homens em sua maioria recebem rendimentos por aposentadoria, 54,1%, seguido de trabalho, 36%. Já as mulheres em sua maioria recebem 80% pensão e aposentadoria. Os dados do IBGE demonstram que a melhora da renda da população idosa está atrelada a universalização dos benefícios da seguridade social (IBGE, 2002, p.28).

É importante notar que há uma grande diferença na média de rendimento quando avaliado por sexo, as mulheres tendem a possuir uma renda 70,6% menor que os homens no Brasil (IBGE, 2011). A partir deste conjunto de dados sobre a população brasileira, mais especificamente a idosa, podemos traçar um panorama sobre suas condições de vida. É notória a tendência do envelhecimento populacional, principalmente com o crescimento do grupos de idosos acima dos 80 anos, bem como a maior sobrevivência feminina. Apesar disto, as condições de envelhecimento das mulheres podem ser piores pois estas muitas vezes possuem renda menor e também são em menor proporção responsáveis pela unidade doméstica, e ainda possuem menor escolaridade.

5.4.2. AMOSTRA

A amostra é uma parcela selecionada da população, um subconjunto do universo. Na presente pesquisa foi utilizada a técnica de amostragem não probabilística, sem métodos de seleção estatísticos. O tipo de amostragem não probabilística escolhido foi amostragem intencional, na qual selecionam-se determinados elementos-chave da população para poder compreender a percepção dos sujeitos quanto ao objeto do estudo. As idosas participantes da pesquisa foram recrutadas a partir de contatos da própria pesquisadora, bem como por indicação feita pelas idosas de sujeitos que sejam considerados, por sua história de vida, sujeitos emblemáticos. De forma condizente com a pesquisa qualitativa a partir da amostragem escolhida, fica evidente que não temos a pretensão de fornecer sujeitos estatisticamente representativos da população. No entanto o sujeito é representativo no sentido em que ela participa de uma interação, que é membro do grupo ou coletivo de interesse, portanto participante da rede discursiva em questão (Inguez, 2004).

a) COMPOSIÇÃO DA AMOSTRA

A amostra foi composta por grupo de mulheres idosas moradoras da cidade de São Paulo.

b) MÉTODO

O tipo de amostragem não probabilística escolhido foi amostragem intencional, na qual selecionam-se determinados elementos-chave da população para poder compreender a percepção dos sujeitos quanto ao objeto do estudo. De forma condizente com a pesquisa qualitativa a partir da amostragem escolhida, fica evidente que não temos a pretensão de fornecer sujeitos estatisticamente representativos da população. No entanto o sujeito é representativo no sentido em que ela participa de uma interação, que é membro do grupo ou coletivo de interesse, portanto participante da rede discursiva em questão (Inguez, 2004).

Os critérios de Inclusão para participar da presente pesquisa foram:

- a) Ser do sexo feminino;
- b) Possuir mais de 60 anos de idade;

Os Critérios de Exclusão para participação na pesquisa foram:

- a) Apresentar problemas mentais que sejam incapacitantes para compreensão das perguntas do questionário;
- b) Apresentar problemas físicos que sejam incapacitantes para a compreensão das perguntas do questionário;

5.4.3. DEFINIÇÃO DOS CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DA AMOSTRA

O sexo foi definido como o primeiro critério para participação na pesquisa, uma vez que as vivências se dão de maneira diferente entre homens e mulheres. É importante ressaltar que os arranjos nas relações entre homens e mulheres não são baseadas em condições biológicas ou naturais, mas são construídas pelas relações sociais, existem características atribuídas ao sexo feminino tais como delicadeza, paciência, atenção, ao passo que ao sexo masculino são atribuídas força, virilidade e coragem. Decorrente dessas atribuições são determinados os papéis sociais e expectativas de desempenho ligadas ao gênero de forma naturalizada (Paulista, 2013).

Essa relação social dos sexos possui uma base ideológica, e também material, expressa na divisão sexual do trabalho. Sendo que trabalhos além de serem ligados as característica de gênero, também são hierarquizados. Às mulheres são atribuídos os trabalhos considerados menos relevantes, relacionados aos cuidados, manuais, rotineiros e que muitas vezes não são socialmente visíveis, acontecem principalmente no âmbito privado. Porém, mesmo com a saída da mulher para o mercado de trabalho ainda acontece a divisão sexual do trabalho, pois mesmo na esfera pública o trabalho feminino ainda é majoritariamente relacionada a trabalhos domésticos. E segundo o *Inter-American Development Bank* (IDB) ainda que a mulher realize trabalhos complexos elas ganham em média 30% menos que os homens na mesma posição (Paulista, 2013). Há também que se considerar as diferentes trajetórias que as mulheres estão sujeitas também estão relacionadas a classe e raça/etnia.

O segundo critério de participação no presente estudo foi ser idoso. No entanto o conceito de idoso é multideterminado, nele estão correlacionados os fatores biológicos,

fisiológicos, psicológicos, sociais, econômicos, culturais e individuais. Inicialmente devemos considerar que o envelhecimento é um processo contínuo, impossível de ser demarcado, desta forma deve ser considerado em uma perspectiva do curso de vida (WHO,1998). Em termos biológicos o envelhecimento humano é indissociável ao início da vida.

Os diferentes níveis de desenvolvimento de determinadas regiões podem alterar a percepção do envelhecimento, como em sociedades com baixa expectativas de vida podem considerar como idoso um indivíduo que em uma sociedade mais desenvolvida seria considerado jovem (WHO, 1998).

É relevante também a relação entre envelhecimento e gênero. Em algumas sociedades as mulheres podem ser consideradas idosas quando atingem a menopausa, já em outras pode ser consideradas idosas com o nascimento do seu primeiro neto ou também com a aposentadoria. A partir do senso comum há uma distinção da população idosa em geral entre “meia idade”, “idosos jovens” e “muito idosos”, quando a definição é do conceito de idosa é possível perceber uma atribuição de idade em certa de cinco anos a menos que para a definição de idoso. Assim em uma visão comum, dependendo da classe social, é considerada idosa uma mulher entre 55 e 60 anos, quanto que idoso é considerado um homem entre 60 a 65 anos. Esta grande diferença na percepção de gênero possui base biológica, social ou cultural. Em termos biológicos a menopausa é um processo universal que ocorre em média aos 50 anos, com pouca variação entre diferentes populações. O que tem mudado é a vivência das mulheres relativa a maternidade, pois com o desenvolvimento urbano industrial as mulheres tem tido muitas mudanças nos eventos do período pré-menopausa e conseqüentemente uma diminuição do período dedicado à fertilidade, e posteriormente um aumento do período de vida pós-menopausa. A menopausa é um marco biológico importante de ser entendido na vida das mulheres e não pode ser compreendido apenas com um marco biológico, mas ele é também carregado de sentidos culturais e sociais (WHO, 1998).

Ainda sobre o envelhecimento feminino há que se considerar os papéis assumidos por estas idosas. Com os novos arranjos sociais são as mulheres as principais cuidadoras da família, e com o envelhecimento, cabe a elas o cuidado do parceiro, dos pais idosos e até mesmo de outras idosas (WHO, 1998).

Devido a gama de variáveis que podem influenciar o que é considerado um idoso, há um consenso sobre a utilização do critério cronológico para sistematização dos trabalhos. A WHO (1998) estipulou a idade de corte para definir a população idosa em países em

desenvolvimento em 60 ou mais. Este padrão cronológico é amplamente aceito, no Brasil o Estatuto do Idoso (2003) dispõe os direitos aos cidadãos acima de 60 anos.

Sobre a compreensão de fenômenos da população idosa Camarano (1999) sugere três medidas a fim de se estudar subpopulações, a saber: um recorte espacial pois sujeitos de uma mesma zona geográfica partilham características culturais; um recorte de grupo social por determinadas características de rendimentos, inserção na família, raça, sexo, educação; e por fim um recorte de idade. Desta forma o critério cronológico deve ser usado de forma circunstanciada, pois um mesmo recorte de faixa etária em outro contexto cultural ou econômico pode representar uma forma heterogênea de envelhecimento.

5.4.4. NÚMERO DE SUJEITOS

Participaram da Pesquisa N = 15 sujeitos.

5.5. COLETA DE DADOS

5.5.1. ENTREVISTA

Para a coleta de dados foram realizadas entrevistas com os sujeitos da pesquisa. A entrevista é um encontro face a face que precisa ser realizado de maneira metódica e é o instrumento por excelência da investigação social. As principais vantagens da entrevista são a possibilidade de ser utilizada com quase todos os segmentos da população, analfabetos ou alfabetizados; é mais flexível pois o entrevistador pode esclarecer dúvidas e perceber se está sendo compreendido; dá acesso a condutas não verbais. Por estas características esta técnica de coleta de dados é a que mais se adequa a população estudada (Marconi & Lakatos, 2012).

Na entrevista o pesquisador entra em contato com as informações contidas na fala dos entrevistados, os relatos tratam da realidade vivenciada. Com a entrevista podemos coletar dados objetivos e subjetivos. Vale ressaltar a importância da fala, neste sentido “essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e do significado da fala” (Neto, 2004, p.57). A partir da fala é possível apreender os aspectos subjetivos do entrevistado, alcançar seus sentidos mais profundos, valores, atitudes e opiniões.

Bosi (2003) propõe que a entrevista seja mais que um momento de coleta de dados e seja um encontro que permita formação de laços de amizade. Assim como a amizade esta relação envolve responsabilidade pelo outro. Desta forma este é um momento de troca do qual ambos sairão transformados. A relação na entrevista não pode ser tida como assimétrica, na qual o entrevistador detém o poder.

Este método permite um olhar de forma retrospectiva as vivências do passado, uma visão total de seu conjunto, unindo presente e passado e possibilitando uma compreensão do vivido. Quando analisamos um fato passado utilizamos uma lógica afetiva para realizar uma ordenação pessoal, e cada vez que recontamos um fato estamos diante de um ato de criação.

a) Roteiro

Foi elaborado um roteiro de entrevista que possui três perguntas básicas que se repetiram em todas as fotografias. A primeira pergunta era a mais simples que solicitava a entrevistada que explicasse a história da foto. A segunda pergunta solicitava que a entrevistada contextualizasse e explicasse como era sua vida na época. A última pergunta era relacionada a sua percepção estética, ou seja, como ele se via nesta época. As perguntas foram abertas e genéricas pois tinham como objetivo não induzir as respostas das entrevistadas. O objetivo era para que elas se sentissem livres para falar de suas percepções e narrar sua história de vida (anexo I).

b) Piloto

Foi realizada uma entrevista piloto para testar a validade das perguntas elaboradas. A pré-entrevista também é importante pois nos coloca em contato as questões do depoente e nos assinala mudanças no caminho da investigação (Bosi, 2003).

c) Local

As entrevistas foram marcadas com antecedência, o dia e hora foram escolhidos de acordo com a disponibilidade dos entrevistados. As entrevistas foram realizadas nas casas dos entrevistados. No entanto foi solicitado que as condições fossem favoráveis, que a entrevista fosse realizada sem interferências externas, uma vez que as entrevistas realizadas na casa do depoente nos colocam em uma atmosfera familiar.

d) Gravação

As entrevistas foram registradas por meio de gravador digital, somente após o consentimento do entrevistado. As entrevistadas tiveram total liberdade de solicitar que a gravação fosse interrompida ou que partes da entrevista fossem suprimidas. Somente a pesquisadora teve acesso ao conteúdo da gravação.

e) Transcrição

Ao final das entrevistas elas foram transcritas na íntegra e sintetizadas para posterior categorização e análise dos dados.

5.5.2. FOTOGRAFIAS

Foram utilizadas fotos que retomaram as fases da vida do sujeito (infância, adolescência, vida adulta e velhice) para remontar a história do sujeito e sua percepção acerca da estética. Moreira Leite (1998) afirma que uma das possibilidades do uso da fotografia em pesquisas psicológicas como meio de reavivação da memória dos entrevistados em que se solicita a história de vida. A fotografia possui uma realidade própria, para além de sua constituição, assim sua interpretação pode variar de acordo com o contexto, elas podem ser reinterpretadas de formas diferentes variando de acordo com o momento histórico-social, bem como com o sujeito que a analisa e sua formação cultural e interesses. Isto ocorre em parte pelo fato de a fotografia ser uma representação fragmentária e por isso necessitar de uma ancoragem em textos verbais para análise.

Para compreender as implicações da fotografia foram utilizados como referências os estudos de Boris Kossoy, autor que estudou densamente as tramas do registro fotográfico. Segundo este autor a fotografia ou representação fotográfica pode ser definida como a materialização documental de uma realidade exterior de um objeto, a apreensão de sua aparência. A fotografia é uma construção humana, é a captura de uma realidade efêmera, de um instante congelado no tempo, o documento resultante é a construção de uma

representação, então uma segunda realidade. A fotografia eterniza um momento, registra a morte de um objeto e dá vida a sua representação que perpetuará (enquanto o documento existir).

A fotografia trouxe consigo diversas mudanças na organização dos homens, com implicações na sua vida cotidiana e psicológica. Com o advento da fotografia surgiu um novo conhecimento do mundo, os modos de vida de outros povos puderam ser registrados e compartilhados, desta forma “o mundo tornou-se familiar após o advento da fotografia” (Kossoy, 2012, p. 16). A fotografia trouxe atrelada a si uma nova forma de se fazer informação, conhecimento, pesquisa e arte. Com a indústria gráfica surgiu a possibilidade de disseminação da informação e conhecimento, mas juntamente surge a possibilidade de disseminar e impor crenças. Convém destacar que a fotografia é um instrumento ambíguo de conhecimento pois ao mesmo tempo pode informar ou desinformar, denunciar ou manipular (Kossoy, 2007).

As fotografias tem um forte papel na vida do homem, sua apreciação retoma situações do passado sendo assim fontes de recordação e de emoção. Os retratos atestam a passagem do tempo, os álbuns de família narram a história de uma comunidade, nascimentos, casamentos e até mortes. Kossoy (2012) ressalta a ligação afetiva com os conteúdos destas imagens:

elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através da fotografia reconstruímos nossas trajetórias ao longo da vida. (p.122).

Com a popularização da fotografia após o surgimento de novos recursos técnicos e o surgimento da *carte-de-visite* surge pelo mundo todo o modismo de se retratar e oferecer como presente aos queridos. O retrato carrega sentidos psicológicos múltiplos tais como pertença social, identidade, possibilidade de perpetuação de sua imagem. Nesta tentativa de busca em eternizar sua imagem é comum que o sujeito procure estar em sua melhor forma, seu melhor ângulo, seus melhores trajes. As *carte-de-visite* testemunham esta necessidade, nas fotos do século XIX é comum ver os retratados com posturas e vestimentas nobres, no entanto nem todos os retratados faziam parte da nobreza, havia nestes retratos certos estereótipos a serem alcançados (assim como hoje). Entre o retratado e o fotógrafo havia uma relação de cumplicidade, este último possuía em seu estúdio os trajes nobres, o cenário, e o laboratório

no qual podia retocar o retrato. Desta relação surgia uma nova realidade, a realidade do documento fotográfico.

Com a evolução dos aparatos fotográficos o homem passou a ter acesso aos meios de produção da imagem, passando de retratado a retratista. As pessoas comuns passam a documentar suas vidas cotidianas e ritos de passagem. Surge a “civilização da imagem” quando a fotografia passa a ser impressa e veiculada em massa. As imagens alcançam uma amplitude grandiosa, são utilizadas no âmbito doméstico e também na publicidade graças a sua força em estabelecer conceitos e preconceitos com a finalidade última de induzir ao consumo. A publicidade passou a construir e divulgar ideais reforçados com o uso da imagem: a indústria da imagem se viu enormemente desenvolvida em função da sociedade de consumo; e a publicidade, estabelecendo padrões de gosto e comportamento, tem desempenhado papel predominante na criação de todo um ideário estético. Ao compreender a finalidade de uma fotografia é possível compreender sua organização estética e ideológica dominante em um certo momento histórico e social. “A estética e ideologia são componentes fluidos e indivisíveis, implícitos na representação fotográfica” (Kossoy, 2012, p.145).

Os retratos de família ganham espaço com o advento da fotografia, compõe os álbuns com imagens das relações sociais familiares, tal fenômeno pode ser presenciado em todas as camadas sociais. Em geral estes retratos de família seguem estereótipos da nobreza na forma com que representam os cenários, as vestimentas e as relações familiares, assim, muitas vezes o retrato isolado não serve como documento para análise familiar. Os retratos de família são representações daquilo que se deseja exteriorizar, como *status* social, conforto, beleza, não uma fiel representação da vida cotidiana. Os retratos podem ser divididos entre formais (eventos sociais) e informais (momentos de lazer e ócio). Com o álbum de família é possível acompanhar a memória familiar, registra momentos importantes, ritos de passagem, mas também exclui sujeitos e situações desagradáveis, como ressalta Moreira Leite (1994, p.132):

as imagens eram semelhantes. Suas especificidades apareciam apenas nos depoimentos orais ou nas legendas. Essa homogeneização, resultante em parte de padrões estéticos incorporados pelos profissionais da fotografia e de suas formas de enquadramento, provém também das situações escolhidas para ser fotografadas – os ritos de passagem que legitimam a família como grupo. As roupas com que a família se faz fotografar são as que, até a década de 30, se chamava de roupas domingueiras ou de “ver a Deus”.

Moreira Leite (1994) faz uma correlação entre formação da identidade do sujeito com os retratos de família, nosso primeiro grupo social. Ciampa (1987) define as principais determinantes da identidade como sendo: a) diferença e igualdade, neste processo vamos nos

diferenciando e igualando a partir dos diversos grupos sociais que fazemos parte; b) a representação, enquanto fenômeno social anterior ao próprio sujeito e que o constitui enquanto sujeito representado; c) a identificação do sujeito com a representação pressuposta é reposta. A fotografia representa um momento único fixo no tempo, o qual representa de certa forma quem é o sujeito e como é visto, supre nossa necessidade de identificação imagética. E ainda, os retratos de família criam uma narrativa temporal da vida do sujeito “as metamorfoses que o tempo vai fazendo nos rostos e nos corpos daqueles que um dia descobriram como eram ou como eram vistos, ao contemplar os retratos” (Moreira Leite, 1994, p. 134). Neste processo da identidade é uma metamorfose, uma negação da negação quando o sujeito deixa de presentificar uma representação dele cristalizada em movimentos anteriores, ilustrada no álbum de família.

A fotografia possui um papel de socialização dos sujeitos, na legitimação do indivíduo pela sociedade, pois este sujeito tem sua figura representada de alguma forma e socialmente materializada. Como afirma Moreira Leite (1994) através dos álbuns de família que muitos de nós tivemos nossas primeiras aulas de história.

A relevância de estudar os álbuns de família é que a partir deles é possível fazer a passagem do individual para o coletivo, captar o imaginário das pessoas da época. Compreender as imagens inseridas em um mercado simbólico, mercado tal que tem sofrido alterações que impactam nas estruturas da percepção visual dos sujeitos. As imagens participam das relações sociais como práticas materiais, estabelecendo relações de diversas ordem, seja entre objetos, entre pessoas e objetos e entre pessoas mediatizadas por objetos (Menezes, 2002).

5.5.3. FOTOGRAFIA E PESQUISA

Os registros fotográficos são utilizados em larga escala em pesquisas científicas, seja como objeto ou mesmo como fonte, apesar de conter as duas propriedades ao mesmo tempo.

Na presente pesquisa as fotografias dos depoentes foram utilizadas como aparatos para a memória, pois as fotografias dão precisamente a representação do tempo e espaço trazendo a tona lembranças, reconstituições e imaginação. Para tanto foram solicitadas fotografias que ilustravam a história do sujeito em seu desenvolvimento. A partir das

fotografias foram tecidas narrativas sobre a percepção estética ao longo do processo de envelhecimento.

A fotografia é um documento visual com dupla função de trazer uma informação circunscrita no espaço/tempo e poder detonar emoções. Seus conteúdos são capazes de deflagrar emoções das mais diversas quanto mais próximas foram as relações do expectador com o lugar e a época das imagens (Kossoy, 2012). A fotografia é uma rica fonte informação pois ela é: “um meio de conhecimento da vida passada e portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entrono sócio-cultural (Kossoy, 2012, p.36)”. A fotografia contém informações preciosas sobre o passado, ela pode nos mostrar a arquitetura de uma época, as formas de organizações sociais, a moda, a tecnologia, etc.

Há uma forte relação das fotografias com a memória, uma vez que estas são representações de conteúdos do passado, elas congelam o passado, um único instante, sem antes nem depois, que não se repetirá jamais. As paisagens se modificam, os retratados morrem, mas a fotografia resgata o passado, passado que existirá enquanto houver o documento e a memória, assim:

fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mudo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é pois o documento que retém a imagem fugidia de um instante da vida que flui ininterruptamente (Kossoy, 2012, p.168).

A representação fotográfica possui um papel importante na preservação da memória, uma vez que congela um dado momento para a posteridade, os monumentos caem, as pessoas morrem, mas a fotografia tem o poder de trazer a tona sua imagem, enquanto o documento fotográfico existir, trata-se então de uma memória finita. Assim a fotografia pode contribuir na preservação de uma memória coletiva e de uma memória individual retratada nos álbuns de família, com retratos que ilustram uma época passada. Esses álbuns de família narram a história do sujeito, seu desenvolvimento (Kossoy, 2007), a metamorfose de sua identidade (Ciampa, 1987).

“Com a invenção da fotografia, inventou-se também, de certa forma, a máquina do tempo” (p.146), com esta afirmação Kossoy (2007) ressalta a faculdade que a fotografia possui de nos transportar para tempos remotos, de reavivar a memória e de trazer de volta a representação de um objeto ausente. Outra características deste documento é que ele nos coloca frente a frente com a inexorabilidade do tempo, ele remete a passagem do tempo

para todos nós quando nos mostra a evolução de uma paisagem, o crescimento das cidades, as mudanças no vestuário e em nós mesmos o surgimento das marcas do tempo.

Os homens dos dois últimos séculos puderam carregar consigo um “substituto portátil” do passado que podia ser transportado ao longo do tempo e espaço, a fotografia. Este registro do passado é capaz de reavivar a memória, por isso “todo nós guardamos fotos de nossa experiências de vida: imagens-relicário que preservam cristalizadas nossas memórias” (Kossoy, 2009, p.136). Estas imagens são capazes de descongelar momentos da nossa vida, bem como suas lembranças e sentimentos atrelados.

As lembranças das fotografias podem até substituir lembranças de pessoas e acontecimentos pois a fotografia fixa o dado e pode ser revisitada, diversamente da lembrança que é um dado móvel. É importante destacar o problema da percepção e da memória visual, que são inter-relacionados pela imagem fotográfica e a subjetividade do observador, o que retira da fotografia seu caráter objetivo, quando observamos uma fotografia, não é somente ela que vemos, mas sim todo um conjunto de outras fotografias, memórias e reminiscências que vem à tona, vemos ainda além desta representação imagética, a nossa relação individual com a fotografia. Portanto é impossível realizar uma interpretação única da fotografia uma vez que existem contradições entre o fotógrafo, o fotografado e o leitor da fotografia, desta forma: “o que se vê depende de onde se está e quando; ou seja, o que se vê é relativo a posição do fotógrafo e do observador no tempo e espaço” (Moreira Leite, 1988, p.85).

A fotografia então traz uma rica reprodução visual de microcenários do passado, no entanto ela não reúne em si o conhecimento do passado, portanto ela precisa ser minuciosamente analisada e cruzada com outras informações.

Durante muito tempo ao registro fotográfico foi conferido o *status* da “verdade”, no sentido em que este fosse capaz de exibir um registro fiel da realidade como esta se apresenta. No entanto este registro pode ser apenas relativamente tomado como verdade, sua isenção é relativa, uma vez que “sua materialização sempre se fez a partir do processo de criação do fotógrafo um processo, pois, marcado pela sua subjetividade” (Kossoy, 2012, p.116).

As fotografias não podem ser interpretadas por si só, elas necessitam de um uma expressão verbal, um conhecimento anterior para ancorar a compreensão da imagem. Desta forma desmonta a ideia do realismo fotográfico uma vez que esta é um recorte da realidade. A fotografia é um dado fixo em uma realidade móvel, ou seja ela é uma simplificação, uma reprodução mecânica de um mundo em mutação, uma representação em duas dimensões de

uma complexidade maior. Apesar disto, ao se analisar este registro podemos nos ater a detalhes que seriam impossíveis de ser captados pela nossa percepção. Outra dualidade do registro fotográfico é que nela há um dado explícito do objeto fotografia e um dado implícito do conteúdo, que pode ser cultural, crenças e comportamentos dos retratados (Moreira Leite, 1988, p.85).

Kossoy (2012) alerta para o fato de que ao se analisar uma fotografia de qualquer espécie é preciso considerar que ao longo de todo o processo, desde o registro até a materialização, foi manipulada e interpretada. As manipulações/interpretações perpassam seus personagens como o fotógrafo que registra, cria, seleciona aspectos da realidade; o cliente/contratante que encomenda; a casa publicadora que utiliza com uma finalidade; os receptores que podem ser contemporâneos ou não, que podem estar ligados afetivamente a fotografia no tempo e espaço, que analisam a partir de diferentes repertórios culturais e ideologias. Assim toda esta conjuntura de fatores são capazes de influenciar a construção do registro fotográfico, bem como sua interpretação *a posteriori*, dado desta maneira é possível perceber que a fotografia não pode ser portadora de um registro único e fiel da realidade, mas sim que esta seja uma reprodução parcial, de um recorte da realidade, passível de uma pluralidade de significações.

O processo fotográfico não é um processo de representação da realidade, para além disso é um processo de criação de realidades, pois ao mesmo tempo ela é documento e representação e forja realidades e ficções. O fotógrafo é a primeira interferência na imagem, visto que este inicialmente já seleciona um aspecto, dentre tantos possíveis, da realidade a ser retratada, seguido desta existem ainda outras formas de manipulação técnicas, estéticas e ideológicas. Durante todo o processo de criação do documento fotográfico podem ocorrer manipulações, antes do registro já na intenção, na finalidade e na concepção; durante o registro quando da elaboração técnica e criativa e após o registro quanto aos usos e aplicações da fotografia. A fotografia materializa o índice fotográfico, materializa uma prova, portanto é possível criar realidades (Kossoy, 2007).

Na pesquisa científica as imagens fotográficas também foram utilizadas como recursos de domínio ideológico, principalmente em estudos etnográficos que possuíam uma visão etnocêntrica do branco europeu. Em estudos antropológicos do século XIX, orientados pela visão positivista da ciência, a fotografia era utilizada como uma comprovação irrefutável do fato estudado. Nestes estudos as fotografias eram provas das diferenças físicas dos povos e testemunhavam a supremacia racial branca (Kossoy, 2007). Assim a fotografia como documento científico estava a serviço da ideologia dominante, não obstante este fenômeno

ocorreu com diversos outros instrumentos de coleta de dados como questionários, testes e escalas.

A fotografia necessita ser tratada com um documento em si, não como mera ilustração de um texto. No entanto também não é o fato em si, mas sim uma representação de um recorte de um momento é descontínua. A fotografia nada mais é que um registro visual e material de um fato passado, é um fragmento de um acontecimento, de um instante de tempo que passou, desta forma ela é sempre circunscrita espacial e temporalmente. Enquanto documento materializado iconograficamente a fotografia tem a força de recuperar o passado e ainda criar uma nova realidade.

Ela é regida pelo fotógrafo que no processo de criação seleciona uma representação visual de um fragmento do real, apesar de retratar um fragmento o receptor tende a compreendê-la como uma expressão da realidade, interpretação do fragmento como o todo. Desta maneira toda fotografia tem uma intenção, mesmo que não consciente, por isso ela sempre será portadora de um viés ideológico e cultural. Neste contexto o fotógrafo exerce o papel de filtro cultural, pois é ele quem elege um aspecto, dá um tratamento estético, organiza visualmente a imagem, seleciona um aspecto do mundo e escolhe os recursos.

Kossoy (2012) define a trajetória da fotografia em três etapas que se iniciam a partir da intenção do fotógrafo (quem fez), o próprio ato do registro (como foi feita) e os caminhos da fotografia (quem viu, o que passou). Para além do registro factual da realidade a fotografia é uma expressão de uma individualidade, de uma estética, criação artística.

5.6. ANÁLISE DOS DADOS

5.6.1. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

A partir do giro linguístico a Filosofia e as Ciências Humanas apresentaram um movimento de elevação do *status* da linguagem, gerando uma mudança de foco dos estudos do mundo interno e particular para estudos com enfoque nas relações sociais produzidas pelo discurso. Diversamente ao posicionamento positivista, que considera a prática científica descolada da prática social os estudiosos do discurso questionam a formalidade da linguagem científica e legitimam a prática social (Iñiguez, 2004). Portanto, por esta se tratar de um pesquisa qualitativa em ciências sociais, para a análise final dos dados foi realizada a

Análise do Discurso, pois o discurso individual é produzido a partir da interação com o outro. É, portanto, portador de um nível ideológico, e de um nível de consciência. Mais precisamente a análise do discurso a ser empregada seguirá a vertente da Análise Crítica do Discurso baseada nas ideias pós-estruturalistas de Foucault (1979).

Para Foucault (1979) o discurso é uma prática social como as outras, é produtora da realidade social, portanto passível de definição das condições de produção. Ela possui um contexto ou formação discursiva que pode ser definida como conjunto de relações que formam o discurso, que dispõe enunciados, que definem objetos. As práticas discursivas são determinadas por regras formadas ao longo do processo histórico, condensadas no tempo e espaço e que ainda possuem especificidades em determinados grupos e épocas. Estes discursos se formam para além dos sinais, portanto não podem ser redutíveis à palavra e a linguagem. O discurso ainda é entendido como produtor dos objetos (Iñiguez, 2004).

O discurso é constitutivo da realidade, assim suas práticas podem ser definidas como práticas sociais produzidas através de relações de poder concretas. Tais relações de poder regulam as relações sociais, não apenas de modo negativo, são na maioria das vezes, práticas positivas na medida em que criam formas de saber. Nesta concepção são os discursos que permitem ou inibem a construção das relações de poder, eles também demonstram as posições dos sujeitos dentro das relações sociais. Os discursos dominantes legitimam as relações de poder. São difundidos a tal ponto que tornam-se senso comum. Mas também possuímos a possibilidade da emergência dos contra-discursos, que são formas de resistência ao discurso dominante. Na sua forma genealógica de estudo vemos como os discursos mudam e evoluem ao longo do tempo, bem como a ligação dos discursos com as práticas institucionais, estas ligadas a um poder que produz um saber (Nogueira, 2008).

Neste sentido, a própria análise do discurso é em si uma prática capaz de identificar os discursos, bem como transformá-los. No entanto a transformação do discurso não pode ser encarada como um evento individual, ou de mudança interna do sujeito, nem mesmo seu oposto como uma ideia vinda de fora. A mudança requer “algumas transformações na prática, eventualmente nas práticas que dela se aproximam e em sua articulação comum” (Foucault, 1996, p. 351).

Há uma função discursiva que articula as condições que permitem as práticas, determinam as possibilidades, emanam regras e conservam relações. A análise do discurso analisa esses textos produzidos socialmente que são “enunciados a partir de posições determinadas, inscritos em um contexto interdiscursivo específico e reveladores de condições históricas, sociais, intelectuais” (Iñiguez, 2004, p.129). Nestes textos podemos identificar o

posicionamento discursivo, sua relação institucionalizada; assim o sujeito que enuncia o faz a partir de um lugar de enunciação. Por esta correlação institucionalizada não podemos dizer que haja um discurso descolado dos demais, mas sim intertextualidade, ou seja, correntes discursivas que nada mais são que discursos relacionados a outros discursos. Portanto a análise deve ser criteriosa uma vez que um texto pode ter leituras diversas, sendo necessário identificar a relação social que pesquisamos.

O discurso ao mesmo tempo que afeta as estruturas sociais é determinado por ela. A possibilidade da transformação se dá através da problematização, que consiste em questionar o que é dado como inquestionável, compreender o processo em que coisas são tidas como evidentes. A análise do discurso busca problematizar os discursos sociais e gerar uma compreensão para além do dito e gerar uma produção de conhecimento social.

Bosi (2003) nota uma particularidade: ao se analisar entrevistas realizadas com idosos que são os silêncios, as narrativas hesitantes. Portanto ao se realizar uma entrevista com idosos não se deve ter pressa, nem preencher as pausas. Bosi (2003, p. 54) chama atenção da “fala emotiva e fragmentada como portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis”.

5.6.2. ANÁLISE DAS FOTOGRAFIAS

As análises das fotografias foram feitas de forma coerente com as análises das entrevistas, alinhadas à perspectiva qualitativa de pesquisa, portanto o foco foi dado na compreensão do material fotográfico enquanto produto histórico e cultural. A fotografia como objeto de pesquisa pode ser analisada a partir de dois procedimentos, um é a partir do estudo Iconográfico e o outro é a partir do estudo Iconológico, no qual ambos se complementam.

Os estudos iconográficos partem de premissas técnicas de análise do documento fotográfico, assim são técnicos e descritivos, uma análise da realidade externa. É necessário identificar a conjuntura em que a fotografia foi produzida, qual a técnica e materiais empregados e, quais são os elementos icônicos que a compõe, podemos dividi-los em elementos constitutivos que são: fotógrafo, assunto e tecnologia; e coordenadas de situação: espaço e tempo. Para a análise técnica é importante identificar: a) quem foi o fotógrafo

responsável pelo registro; b) assunto do registro fotográfico; c) quais técnicas foram empregadas nesta imagem; d) local onde foi realizada, e) a data em que a fotografia foi realizada (mesmo que aproximada). Para a análise de conteúdo é necessário empreender uma análise detalhada dos dados da imagem, tais como: a) busca de registros textuais; b) coletar dados de outras fontes para realizar o cruzamento das informações; c) descrever o conteúdo da imagem; d) descrever o tema da fotografia.

Kossoy (2007) ainda complementa que os códigos da imagem são de ordem formal e cultural. Interessa nesta pesquisa se ater principalmente aos aspectos da codificação cultural uma vez que seus elementos icônicos se encontram circunscritos em coordenadas de espaço e tempo precisos, ou seja, retratam um momento histórico e seus determinantes sociais, políticos, culturais. Os códigos culturais podem ser explícitos, específicos do objeto da representação, e aparentes, visíveis. Os elementos de identificação marcantes se repetem ao longo do tempo e se tornam simbólicos, representam uma determinada ocorrência. Os símbolos são uma representação da coisa, mas também podem ser analisados como ideológicos, preconceituosos, estereótipos. Os códigos culturais implícitos estão ligados a uma história e contexto, são heranças culturais, portanto invisíveis, ocultas na representação. Estas últimas só se tornam portadoras de sentido quando somadas a outras informações.

Os estudos iconológicos vão além da descrição da fotografia e buscam compreender os sentidos da representação pictórica, este mergulho na segunda realidade. A iconologia é feita a partir da reconstrução das cadeias de significação. Inicialmente é necessário compreender os signos que compõem a imagem, mergulhar nas particularidades do momento histórico, compreender o contexto político, econômico e social. Buscar o que há de implícito na imagem, pois o significado é imaterial.

Analisar o significado de uma fotografia é realizar uma arqueologia da imagem, é buscar nas pistas o sentido mais profundo como no paradigma indiciário de Ginzburg (2001 citado por Kossoy, 2007) seria a investigação dos dados negligenciáveis que explicam uma realidade complexa e não acessível inteiramente. Tal paradigma foi forjado a partir de três métodos similares de investigação: o primeiro é o método de Morelli que através de signos pictóricos identificava a autenticidade de quadros; o segundo, de Doyle autor do romance de Sherlock Holmes na busca de indícios para solucionar crimes e por fim o de Freud que buscava sintomas que indicariam a fonte de sofrimento psíquico. Assim a fotografia é indiciária, ou seja, portadora de indícios, voluntários ou não, os quais nos dão pistas para remontar o sentido da imagem.

As fotografias são carregadas de sentidos, em uma mesma imagem podemos encontrar diversos elementos icônicos, os quais se encontram formal e culturalmente codificados. Tais imagens representam fatos que possuem laços históricos, os quais uma vez desvendados revelam o sentido iconográfico.

6. RESULTADOS

MARIA HELENA

Maria Helena, Helena, tem pessoa que me chama de Maria. Outros me chamam de Lena. Pode chamar de Lena. Eu vim do interior de São Paulo, de Rio Claro, aqui pertinho. Aí eu vim pra trabalhar de doméstica. Só que eu sou muito ambiciosa, né? Eu não sou muito assim de ficar parada. Aí eu cheguei na casa de uma pessoa e falei: “Tá precisando de empregada? Tá? Tô.” Aí eu fiquei, era uma família italiana. Eu mantenho contato com eles até hoje. Eu morava com eles. Aí eu fiz concurso para o hospital do Servidor, fui trabalhar de atendente de enfermagem. Mas como eu queria trabalhar com laboratório, fiz concurso para laboratório de análises clínicas. Trabalhei trinta anos, no laboratório. Comprei esse apartamento. Fazem 22 anos que eu comprei esse apartamento.

Há porque também vir pra São Paulo e não conseguir nada, acho que você tem que ficar na sua terra. Eu penso assim. Antes de morar na Liberdade eu morava na Lapa. Lá era bom porque eu tinha bastante amizade. Lá era um bairro assim... familiar... entende, assim... mais residencial. Tinha as famílias, tal. O pessoal se reunia de domingo. Aí quando eu vim pra cá eu até chorava, que eu queria voltar. Aí eu fui me acostumando. Fui me adaptando, fui fazendo novas amizades aqui também. E assim foi. Aqui é corrido, você acaba correndo junto. O pessoal do interior vem aqui e fala: “Porque você corre?” Não sei, não sei porque eu estou correndo. Você não está atrasada. Você faz o café correndo, você coloca na mesa, daqui a pouco quando você vê você já chamou o elevador. Você tá com a porta aberta com a chave na porta. Sabe? Umas coisa louca. Mas eu já me acostumei com isso. Sem precisar. Fiz minhas amizades aqui em São Paulo. Só não casei, mas namorei. Namorei bastante. Eu vim para cá tava com 25 anos. Vou fazer 69 agora dia 23. Eu vim com 25. 44 anos que eu tô aqui.

Nessa (foto) daí eu tinha 12 anos. Eu tinha 11 anos. É Corumbataí, interior de São Paulo. Perto de Rio Claro, Itirapina, Brotas. Então porque meu pai trabalhava lá na Companhia Paulista, antiga estrada de ferro. Então você tinha que mandar foto, que tinha as carteirinhas pra você andar de trem, como hoje você precisa de vale transporte de trem,

de ônibus. Então para andar de trem a gente tinha uma carteirinha. Aí pra ir ao médico. Aí meu pai fez. Meu era da Companhia Paulista que hoje chama de FEPASA. Era gostoso.

Fotografia 1. Fotografia 3x4 de Maria Helena aos 11 anos tirada em Corumbataí, frente e verso.
Fonte: acervo pessoal

Ai, aí era feio viu? Porque a gente morava num lugar assim muito parado. Sabe? Meu pai bebia. Era daqueles que chegava... quanto ele tava vindo do serviço agente até se escondia. Porque lá vinha o terremoto. Ele era daquele que chegava se almoço não tava pronto ele já batia, ele já xingava. Mas ele no fundo, quando ele tava bom era o melhor pai do mundo. Era problema de psiquiatria mesmo que ele teve. Ele teve alcoolismo. Mas foi uma vida boa ali no interior. Porque a gente tinha tipo de um sítio. Era muita terra que a gente tinha. Então ele plantava. Ele trabalhava e fazia plantação de arroz, de feijão, de batata. A gente tinha assim sabe? Até esses dias eu tava comentando com a minha irmã. A gente achava que era pobre, mas a gente tinha tudo! Criação de porco, tinha galinha, a gente vendia, vendia cabra. Era boa, mas a gente não sabia que aquilo era bom.

Na ferrovia ele era portador. Sabe aquele que era assim, sabe... tinha o chefe, abaixo do chefe. Ele autorizava a entrada do trem. Ele tinha que dar o sinal. Porque antes o trem não era de computador. Então era assim, tinha a estação. Há uns 500 metros da estação tinha uma cancela. Aí tinha que ficar uma pessoa ali. Porque a hora que o trem passava, se era para o trem passar ele dava sinal verde, era uma bandeira. Se era pro trem parar assim,

tinha que dar um jeito. Botava uma bandeira vermelha. Ele fazia o controle dali. Porque eles não tinham... era telégrafo, né? Aí a comunicação era só feita assim. Se o trem era pra sair tinha que ser feito através de telégrafo, enquanto ele estava na outra estação. Então, se ele saísse da outra estação ele não tinha mais comunicação. Porque demora muito e ele era a vapor, a lenha, você colocava a lenha assim sabe?

Ai, minha mãe era muito sossegada. Nossa! Como era sossegada! Mas ela era legal sabe? Botava a gente pra trabalhar feito doido (risos). Mas ela era tranquila. O agitado de casa era meu pai. A gente ficava assim, ia pra roça. Ajudar ele a cortar cana, a limpar, a gente ia tirar o capim. Eu só não ia tirar o leite de cabra, porque eu tinha medo. Porque tinha bode. Não é que é perigoso, eu tinha nojo. O bode ele avançava, ele era bravo. Então eu só não fazia isso, a gente ia catar ovo no meio do mato. Era simples e não faltava as coisas porque a gente tinha dentro de casa. Mas isso era geral porque na época de 50, a época que os italianos vieram pro Brasil. Então todos eles também passavam... porque a gente também tinha família conhecida, vizinha que era italiana. E a mesma necessidade nossa era a necessidade deles. Só que o comportamento familiar era diferente. Eles eram assim, eu achava que eles eram mais alegre. Os italiano era mais alegre. Mas era uma vida... não era ruim não.

Olha minha mãe teve 16 filhos, ela perdeu 8, assim. Eram 3 foram natimorto, nasceram já... sabe? Aí depois uma morreu afogada, com 3 anos. A gente tinha um rio no quintal. Passava o rio Corumbataí. E o outro foi picado de cobra. Com 15 anos, inteligente. Aí os outros dois morreram agora. Faz 5 anos que morreu um com problema renal. E o outro também meu irmão que foi assim alcoólatra. Inclusive ele andava pelo mundo. Eu que achei ele aqui em São Paulo. Ele chamava Domingos. Ele andava assim, ele vinha pra casa, voltava, porque meu pai batia muito. Mas ainda bem que não deu bandido né? Nossa ele era bom. Aí ele sumia, voltava. Aí voltava sujo. Nossa... aí meu pai trocava ele, dava banho, dava roupa. Aí ele ficava uns 2, 3 anos. Daqui a pouco ele sumia de novo. A última vez ele ficou 20 anos, aqui em São Paulo sumido. Ninguém tinha notícia dele. Minha mãe andava atrás dele assim feito doida, né? Aí um dia uma colega minha falou assim: “Aí eu vi ele vendendo... eu acho que é teu irmão. Ele é parecido com você. Vendendo jornal.” Trabalhava. Aí eu peguei e falei... tava de folga: “Deixa eu ir lá hoje”. E eu cheguei lá quando vê ele apareceu. Menina! A unha do pé tava desse tamanho. Tava abandonado. Me deu uma dó sabe. Aí eu peguei e tirei esses ticket de almoço e falei: “Toma, pode almoçar”. Voltei pra casa. Fui na loja, comprei... fui nessas lojas... nessas lojas bem popular... que eu não ia dar roupa boa, né? Comprei roupa tudo pra ele sabe? Aí no outro dia eu voltei lá e

ele tava lá. Era véspera, anti-véspera do dia das mães. Aí eu falei pra ele assim: “Ó eu já liguei pra Rio Claro. E eles tão te esperando”. Aí eu levei o dinheiro pra ele tudo sabe? Eu levei assim de manhã, tipo assim 10 horas, e levei a roupa também. Quando foi 6 horas da tarde me ligaram. O Lindo apareceu já. Mandaram tomar banho, cortar a unha. Mandaram fazer exame de sangue tinha médico. Os médicos passaram pelo psicólogo, tudo. Não tinha uma doença menina. Aí a vizinha arrumou um serviço pra ele numa fábrica e aí ele voltava com a cesta básica pra minha mãe todo contente menina. E ele fez a vida dele. Aí ele sossegou. Mas só que o alcoolismo dele continuou, né? Aí chegava ele recebia o pagamento e ia pra praia, ficava na praia, ficava lá uma temporada e depois voltava. E assim foi. Esse é um deles né?

Quando criança a gente não liga muito pra isso. Pra corpo né? Naquela época eu não ligava muito, não, não. Aqui... era uma criança normal. Eu lembro que eu tinha umas coleguinhas, brincava. Foi uma época boa essa. Mas a gente não ligava, como a gente vê hoje, menina de 7, 8 anos... elas não querem comer. Imagine! Você colocava comida, o que tivesse você brigava até pra comer mais. Sabe, assim, não se preocupava com o corpo. Não, não era. A preocupação nossa era de brincar, de brincar com a vizinha. Porque tinha dia de brincar, era só domingo. E domingo de manhã a gente ia pro catecismo, o era no catecismo e depois do catecismo voltava pra casa, almoçava, aí depois do almoço podia ir brincar. Não era assim... sabe? A gente brincava uma na casa da outra. Brincava de terra, nessa época, a gente fazia comida de terra, era uma época gostosa.

Olha, esse vestido eu acho que era da minha amiga. Que a mãe dela era diretora, era professora e eu vivia na casa dela, daí todas as roupas ela passava pra mim. Ah, eles tinham condições naquela época. Aí eu ia pra casa dela, dormia, a mãe dela me arrumava, a gente ia pro parque, eles compraram carro, eu andava de carro. Foi uma época gostosa. Não tinha esse negócio de fazer dieta e a gente não tinha vaidade. A vaidade começou acho que depois dos 15, 16 anos. Andar descalço pra gente era normal, e sujar. Ia pra escola descalça, sabe? E não era só você que ia descalça. A maioria das crianças ia descalça. Então ninguém criticava você. Na hora de brincar, brincava todo mundo junto. Não existia *bulling* como hoje. Dá saudade, aí você fica lembrando das colegas. Apesar que hoje através da internet você entra em contato. Você acha, elas me acha. Eu tenho saudade, não tinha preocupação nenhuma, não tinha responsabilidade. Chegava em casa a comida tava pronta, minha tava lá, brigava com a gente assim. Ela era calma, mas com aquele calmo dela ela brigava com a gente assim e falava: “O que que você ficou fazendo na rua?” Então era uma época que assim você era cobrado também pelos pais. Eles não te davam muita abertura assim. Até as

escolas... você não podia sentar. Tinha assim o lado masculino e o lado feminino. Então não podia sentar menina com menino na escola. No intervalo também não. Você já ouviu falar isso. Tinha escola que era separada, escola de freira que era só de menina. Mas essa era pra quem tinha condições de pagar.

Eu estudava canto. Era uma mulher dona Dalva ela que dava aula pra... aula de canto na cidade. Então todo mundo queria, sabe aquela coisa que todo queria assim. Aí ela dava aula, aí ela fazia a apresentação. No dia da apresentação tinha que ir. Tinha um programa na rádio, chamava Sarau de Gala, a gente tinha que ir. Todo mundo do curso tinha que cantar. Ela tocava o piano. Era na Sociedade Italiana.

Eu tinha 16 anos aqui. Aqui era Rio Claro. Eu trabalhava na casa de um médico em Rio Claro, não era ruim não. De Corumbataí nós fomos transferidos para Taiobi, que é perto de Piracicaba, aí foi fechada as estações de trem, a Companhia Paulista, ela fechou. Aí meu pai falou: “Não, agora cês tão crescendo, nós vamos morar na cidade então. E aqui essa, a esposa do médico chama Neide Alvarenga. Nossa, a gente tinha uma amizade legal. Tanto é que essa roupa ela que me deu. Esse cabelo aqui era uma peruca, era peruca dela. E eles tinham 3 filhos, eram 3. Era o Toninho, o Candinho e o Luizinho. E aí eu olhava eles, entrei lá eles eram pequenininhos. Era um sofá assim, a gente dormia tudo junto os 3. Eu cuidava do meu jeito lá, aí o doutor Alvarenga montou o consultório e eu fui lá trabalhar com ele. Ele falou: “Ah, ao invés de eu chamar alguém, vem você mesmo.” Daí ele contratou uma empregada e eu fui lá, ficava de secretária dele. A gente brigava tanto. Ele falava uma coisa, daqui a pouco ele falava outra. Daí terminava o serviço e eu voltava pra casa dele. Eu dormia na casa dele, praticamente morava.

Eu comecei a trabalhar muito nova. Eu gostava de dinheiro e gosto muito ainda. Fui eu que escolhi. Eu fiquei 15 anos. Eu praticamente continuei cuidando das crianças depois do consultório. Nossa ele era bravo menina. Ele tinha um, um chicote assim, era um rabo de tatu, para bater nas crianças. Mas como eu vim de uma família que apanhava eu vi aquele homem e eu ficava agoniada assim. E o Candinho, o pequenininho. Não sei o que que ele fez e ele pegou. E eu falei: “Ah não! Não vai bater mesmo. Não vai bater mesmo!” E eu entrei na frente, você acredita? Aí ele não bateu. Nossa, eu peguei aquele reio lá e escondi, escondi, joguei fora. Nossa, isso com 15, 16 anos. Eu peitei o cara. “Você não vai bater mais, acabou”. As crianças tudo tremendo, assim com medo olhando pra mim. Aí eu falei “pode ficar sossegado, ele não vai bater mais em vocês”... e aí eu conversava com as crianças, falava pra eles o que é certo, o que é errado. “Seu pai vai chegar, não faz isso que ele não gosta.” Nossa, menina. Acabou a história. Agora eu chego, eles tem um sítio. Eu

chego lá e falo pra ele “Eu estou com fome.” Pro doutor. “Frita ovo.” Que ele sabe fritar um ovo. E ele fala “Ah, mas essa nega véia ficou enjoada... (risos) Chegou, mandando, chegou mandando...” Sabe eu converso com eles assim de igual pra igual.

Fotografia 2. Fotografia de Maria Helena aos 16 anos em apresentação de canto na Sociedade Italiana de Arranjos. Fonte: arquivo pessoal.

Na mudança da casa pro consultório eu achei bom. Foi aí que começou a despertar que eu tinha que fazer algo diferente. Que se eu quisesse ganhar dinheiro eu tinha que sair de doméstica, eu não podia ficar. Porque hoje não, hoje a doméstica ganha bem. Se você parar pra pensar uma doméstica ganha mais do que um universitário. Mas naquela época

não tinha regalia nenhuma. Foi daí que eu decidi ir pra São Paulo. Eu estudava, meu pai cobrava muito isso da gente. Daí eu terminei, vim pro ginásio de Rio Claro. Aí vim pra São Paulo, estudei aqui em São Paulo, só que aqui eu fiz supletivo. Aí fiz supletivo, comecei a fazer concurso, entrei no Hospital do Servidor estadual, no IESP. Aí depois eu comecei a fazer um curso técnico de laboratório de análises, aí eu fui pro laboratório. Aí o pessoal todo mundo era funcionário novo, então todo mundo estava no mesmo esquema. O que que acontecia. Aí a gente... uma incentivava a outra. Uma falava “Gente, abriu inscrição pra telefone”. E telefone era coisa caríssima. “Quem vai ficar lá na fila?” Então era folga minha eu ia ficar lá na fila, fazia inscrição para três ou quatro. Outro dia a outra ficava na fila e era assim, um ajudava o outro. “Gente vamos comprar uma casa? Vamos sair todo mundo. Cada um vai comprar seu apartamento?” Tanto que essa menina que ligou ela trabalhava comigo, há trinta anos. “Vamos comprar apartamento?” Então todo mundo saía. “Você foi? Ah, mas você tá muito devagar, você tem que ver uma casa.” Então houve “incentivação”. A gente era assim, era mais que irmãos. Então foi uma época boa mesmo sabe? Naquela época com quinze anos eu estudava a noite, no colégio do estado, era o melhor colégio de Rio Claro. Porque naquela época, colégio do estado pra você entrar, era difícilimo. Eu conciliava, estudava a noite. Eu ia assim, o consultório abria assim tipo nove horas, dez horas, aí eu voltava pra casa dele, almoçava, se tivesse que fazer uma coisa ali eu fazia, eu não esquentava a cabeça não. Mas se eu pudesse quebrar a mão eu também quebrava. Não era tão boazinha assim não. Aí almoçava, depois voltava depois do almoço, porque ele trabalhava no INSS também. Ai ele vinha tipo que quatro horas pro consultório e aí já tava todo mundo agendado. Era muito legal. A gente ia pra praia, eles me levavam.

Começou (a vaidade) porque daí a dona Neide me ajudava, ela me explicava que a gente tinha que se arrumar, que tinha que usar *modess*. Essas coisas, sabe? Aqui eu já me sentia assim... já me preocupava um pouco com o corpo. Já tinha vaidade, como você pode ver eu coloquei uma peruca. Eu já usava um sapatinho alto. Me achava bonita, nossa. Achava, todo mundo que passava me olhava. Eu era tranquila, me vestia normal assim. Não usava maquiagem, tanto é que nem hoje eu uso. Se eu tiver que usar é muito difícil. Eu não me maquiava, mas me sentia bem, bonita. Aí eu fazia unha na manicure, alisava o cabelo, aí já tinha que alisar o cabelo, porque eu já tinha namoradinho, então você... queria ser melhor, se apresentar bonitinha. Procurava assim não usar a mesma roupa, a gente usava assim, emprestava roupa da outra. Era muito bom, essa foi uma das melhores épocas, tirando da adolescência a família, porque a família foi muito tumultuada, né? Foi bem tumultuada por causa do meu pai, mas tirando isso, aí já começou a ficar melhor essa época.

Eu convivia pouco com meus pais. De domingo eu ia pra casa, se eu não fosse pro sitio eu ia pra casa. Nossa meu pai ficava tão bravo que eu não ia. Mas eu me sentia bem na casa deles. Nossa eu me sentia bem mesmo.

Já era vaidosa, já paquerava. Mas não casei com nenhum. Era tudo folgado. Já namorava, mas os meninos era tudo folgado naquela época. Eu sou muito focada no que eu quero. Eles não eram focados, trabalhava na roça, na roça tava bom, trabalhava na oficina, na oficina tava bom pra eles. Era só aquilo. Se conseguisse comprar uma casa “que ótimo”. Então você via minhas amigas com a casa cheia de filhos... e eu falava “não é isso que eu quero”. Eu já pensava. Nessa época aqui... e eles me incentivavam também. Tanto é que o doutor falava “se você quer alguma coisa, você vai ter que sair de Rio Claro, porque em Rio Claro você não vai conseguir”.

E foi aonde que eu vim pra São Paulo. Eu tinha noção. Tanto é que quem me trouxe pra São Paulo foi o menino que cantava aqui o Ricardo. Ele falou “Oh se você quiser ficar na minha tia você vai ter que trabalhar de empregada, você vai ficar lá”. E eu falei “não, tudo bem, dali eu me viro”. Porque eu não conhecia São Paulo. Ele me trouxe foi no mês de novembro, tinha 25 anos. Não (foi difícil) porque ela tinha duas mocinhas, a Soraya e a Regina. E era uma família italiana.

Eu usava a cabeça também. Eu fiz concurso, passei no Servidor. Eu entrei num acordo com ela, eu falei eu era das sete até as quatro no Servidor, nove horas, não é? Aí eu chegava na casa dela, eles moravam no Ibirapuera. Chegava lá quatro e meia, aí eu lavava roupa, passava, ia dormir quase dez, onze horas da noite. Nossa, trabalhava muito, muito, muito, muito. Mas eu tinha que fazer, eu não podia parar, eu tinha que ir. Aí eu conheci uma colega e ela me chamou pra tentar montar um quarto “se você quiser a despesa comigo”. Aí depois eu fiz o curso, comecei juntar dinheiro pra comprar aqui, comprei em construção. Aqui foi em oitenta e oito.

Essa daqui foi na Praia Grande, aqui foi quando eu entrei no Servidor, São Paulo. Porque aqui era uma amiga, essa aqui é uma amiga minha, Maria Lúcia. Ela trabalhava no Servidor e um dia a gente resolveu ir pra praia. Já trabalhava. Porque minha família era de Rio Claro, então não dava pra ir todo final de semana pro interior. Então eu ia pra São Bernardo que essa menina ia pra São Bernardo, ia pra casa da Lúcia, aí a Custódia era uma outra amiga, aí a gente ia pra Cachoeirinha.

Fotografia 3. Maria Helena com amiga na Praia Grande. Fonte: arquivo pessoal.

Então aí eu fui pra casa dela, saí do hospital, tudo com uma sacolinha, não tinha mala não, era sacola mesmo. E nós dormimos e a noite nós fomos num bailinho com as irmãs dela. E de manhã o irmão dela tinha um carro e levou a gente pra praia. Aí nós ficamos na praia, passamos o dia todo. Ela levou macarronada, levou frango. (risos) Foi dois carro, foi bastante gente, é que na hora, sempre a gente tava as duas juntas.

Essa época aqui foi a mais perigosa da minha vida. Porque eu achei assim, andava eu, ela, tinha mais duas meninas, era a Fernanda, e a Custódia, a gente era muito assim... se achava... superior as pessoas. Então a gente recebia o pagamento e ia nas loja de São Paulo e comprava roupa boa. Ia (nas lojas) era tudo de bom, sabe? Apesar disso eu ajudava na minha casa, eu mandava dinheiro pra minha mãe e me vestia bem, tudo. Eu tive problema no útero, cólica, cólica, aquela menstruação que vinha assim... Aí precisou operar. Era endometriose. Aí eu operei. Eu era metida, muito bestalhona. Quem tava do meu lado era a mulher que fazia limpeza. Na hora que eu acordei da anestesia. Ela sentada, assim fazendo crochê, a Dona Maria. Sabe, então foi uma... uma época de reflexão.

A partir daí eu comecei já a avaliar, sabe? Ver que não era roupa, comecei a me apegar mais na religião. Foi uma lição pra mim isso daqui. Aí eu fiquei... abaixei um pouco mais... fiquei mais humilde. Outra porque também né, eu vim de lá do Doutor Alvarenga

era uma vida assim diferente, era até diferente da minha família. Festa... se fosse um casamento eles me levava na festa, de Rio Claro assim. Casou a filha do prefeito lá, compraram roupa me vestiram e me levaram, então eles me deixaram meio assim... um pouco... como que eu posso dizer? Não é vaidosa. Orgulhosa assim, se achando. Aí eu venho pra São Paulo e encontro uma turma que satisfazia aquele meu desejo. Aí eu tava indo no embalo. Até o dia que chegou essa dona Maria, que no dia da cirurgia. Não era nem minha mãe, nem meu pai, não era ninguém que tava do meu lado. Era uma pessoa estranha, que varria, que limpava o laboratório. Então aí eu comecei a pensar. Então aí houve a mudança, aí eu comecei a mudar. Por o pé no chão.

Eu acho... acho não, eu não admitia ser pobre. Eu não admitia não ter dinheiro. Também não roubava nada de ninguém. Mas eu não admitia ficar dura não. E também não pedia pros meus pais. Eu tinha que trabalhar e tinha que ter alguma coisa. Foi aí que aprendi. Eu acho que a própria sociedade cobra isso de você. Porque se você tem o dinheiro você é tratada de um jeito, se você não tem, não importa se é branca. Então você pode ser branca, mas se você não tiver condições o seu tratamento é diferente. O seu tratamento é diferente, ainda mais negro. Hoje não, hoje existe o preconceito? Existe. Mas é diferente. Nunca ninguém me fez assim... mostrou um preconceito, eu vim ter preconceito aqui em São Paulo.

O corpo aqui ó. Como dizia minha amiga “você parece tuberculosa”. (risos) De tão magrinha, era magra, era magra. Se você chegava nas lojas servia vestido. Gozado eu sempre volto em loja né? Eu chegava nas lojas, qualquer modelo servia, tudo sabe? Era paquerada, era paquerada. Até os caras passava assim de carro e olhava pra mim assim. Hoje não, hoje passa os carro assim “tchum, tchum”. Ninguém olha. Mas essa época era uma época bonita. Curtia bastante, trabalhava mas curtia bastante. O rosto não muda muito não. Acho que depois dos trinta mais ou menos que ele dá uma mudada. Até a voz muda. É você tem aquela voz infantil, voz de criança, você começa...

Essa daqui que ano que foi? Em setenta e seis. Essa daqui foi lá serviço, festa do amigo secreto. Ganhei uma boneca. Em setenta e seis, quarenta e cinco com setenta e seis dá, quarenta e um. Trinta e um. Então aqui já era no laboratório, (meu sonho) era trabalhar em laboratório. Era muito bom, porque aqui olha, meus amigos. Meus amigos e minha chefe, ela era de Campinas, a Mako. Então eles me incentivavam muito, me ensinavam, sabe? Tanto é que chegou uma época assim que... eu acompanhava os estagiários.

Eu já sentia diferente, assim no rosto assim. Já se via mais mulher, né? Mais assim, mais madura. Responsável sempre eu fui né? Já era mais seletiva assim pra namorar. Oh

com vinte e cinco, a primeira vez que eu fui..... eu fui na médica e a médica falou pra mim, você vai ser operada, você não vai poder ter filhos... porque eu operei nessa época. “você não vai querer ter filhos né?” e eu falei “ah não”, “mas você nunca teve relação?”, e eu falei “ah não”. Aí eu gostei de um cara e falei “ah é esse que eu vou, é esse”. Aí a minha primeira vez foi com vinte e cinco anos. Vinte e cinco porque eu tava a fim ainda. Tanto é que eu namorei um menino que trabalhava comigo. Eu namorei ele, com trinta anos. Ah menina era pra casar, mas aí eu já tava com a cabeça um pouquinho mais aberta assim, mas por ele, ele achava que a gente tinha que ficar junto, tinha que casar. Que casar, que nada. Eu não tinha vontade porque não era a pessoa que eu queria ainda. Não era a pessoa. Tanto é que eu pensava assim “pronto agora eu me ferrei, agora eu não vou achar mais ninguém”. Porque eu tinha perdido a virgindade, porque antes você só casaria se você fosse virgem. Não, achei outro cara que quis casar também. Mas aquilo que eu te falo, muito sossegada, muito, muito, muito. Tanto é que hoje tá cheio de filho aí. Ele casou e tá empurrando carrinho de neto aí, tá... sabe? Não tem uma casa. E eu falei “Gente. Eu ia tá aí, oh. Olha o que ia acontecer comigo.” Eu namorei três anos com ele. Eu e as minhas irmãs, todas nós compramos casa. Mas tudo assim, as mulheres. Agora os homens, meu irmão minha mãe deu a casa pra ele.

Fotografia 4. Maria Helena no Hospital do Servidor em Amigo Secreto, Natal de 1976. Fonte: arquivo pessoal.

Aqui eu já comecei a engordar né? Incomodava, aí já começou. Quando eu comecei a engordar foi depois da cirurgia. Comecei a engordar, já começava a fazer regime. Mas incomodava sim, incomodava. Mudança no rosto não, não. Continuava com rosto dos vinte anos, mais ou menos.

Fotografia 5. Maria Helena em casa com bebê nos braços. Janeiro de 1995.
Fonte: arquivo pessoal.

Aqui eu tinha quarenta e cinco anos, porque foi quando eu me mudei pro prédio e esse menininho ele nasceu aqui. Olha que gracinha o Vitor, hoje ele já é um homem, uma gracinha não é? Esse menininho morava aqui. E ele foi embora porque os pais se separaram,

nossa menina eu chorava tanto. Porque ela saía e deixava ele comigo, ele ficava aqui. Aqui foi difícil porque você tinha que se adaptar com o pessoal. Porque prédio é cheio de regras, eu vim de uma casa pra cá. Só morei em casa aqui em São Paulo, depois dentro de uma *kitnet*, sabe? Aí foi difícil, aí eu fui me acostumando, fiz amizade aqui, fiz amizade ali.

E nessa época aconteceu uma coisa tão... voltando ao preconceito. Aí o último censo que o Brasil teve. Porque eu que faço minha limpeza. Aí eu peguei a escada, tava limpando aqui com a porta aberta, rádio ligado e tal. E o menino do censo subiu, pra vir na vizinha. Aí ele olha na minha cara e fala assim pra mim “Cadê a pa... a patroa está?”. E eu falei “não, ela não está não, porque?”. E continuei trabalhando. Os meninos riam, porque tinha uns quatro que morava ali. Aí passou outra semana. Aí eu abri a porta e moço do censo veio junto porque ele veio terminar aqui o dos meninos. Aí as meninas E o menino “Oh, você não falou que a patroa não estava?”. Eu falei “não, você perguntou pra mim se a patroa não estava, e eu te dei uma resposta”. E ele falou “vamos fazer a entrevista?”. E eu disse “não agora eu não posso, estou recebendo visita. Se você quiser a gente agenda outro dia”. Aí depois ele veio, ligou na portaria se podia subir e eu falei “não, você não vai subir. Eu vou descer pra te atender aí em baixo”. E ele “ai a senhora me desculpa, não vai reclamar”. E eu disse não vai adiantar nada reclamar, porque de que adianta eu reclamar de você e você vai continuar o mesmo. Você é que vai ter que mudar. E eu falei “Então você tá julgando a pessoa pela aparência. Que isso sirva de lição pra você. Você não bate na casa das pessoas e faça isso.” Aí ele falou “Me desculpa”.

E eu me senti assim como se eu fosse a empregada, como se eu tivesse fazendo uma faxina na casa. Eu me senti isso, que eu não tinha esse direito de ter. Porque hoje tá bonito. Naquela época era tão bonito quanto hoje. Porque uma casa, um prédio no centro da cidade que tinha piscina, com aparência boa, porque esse prédio tem a aparência muito bonita. E aquilo pra ele acho que foi um choque. Eu senti assim. Falei “gente eu não tô acreditando”. Na minha cara, não passei isso no interior e passe aqui. Dentro da minha casa. Só porque eu tava limpando. Botei a escada pra fazer faxina ele julgou que eu era a empregada da casa. Mesmo que fosse. Ele teria que ter modos pra chegar. Eu fiquei chateada. Não vou falar que achei graça, que achei sabe?

Essa não foi a primeira vez. Aí o pedreiro tava descendo e acho que era tipo que eu entrava uma hora na freguesia. Acho que era meio dia que ele tava saindo para almoçar. Ele pra mim assim “Nossa já terminou a faxina?”. (risos) aí eu falei pra ele “Pobre é pobre mesmo né? Eu não tenho direito mesmo né?”. Eu levei ele na brincadeira, sabe assim, porque eu achei que não foi maldade dele.

Eu não aceitava namorar por causa da liberdade. Porque eu via minhas amigas, eu via meu pai, minha mãe. Minha mãe falava “ah eu vou trabalhar fora”. Minha mãe, (por causa do) meu pai, ela nunca trabalhou fora. Eu achava aquilo... eu estranhava. “Meu Deus, como que ela não trabalha fora?” Eu achava que minha mãe tinha que trabalhar fora. Não aprendeu. Porque você trabalhando fora você aprende a viver. É a sobrevivência né? É a lei da sobrevivência. Você tem que caçar, você tem que ir a caça, você tem. Então fica aquelas mulher dominada, pro fogão. Então o que que elas faziam? Elas sabiam bordar muito bem. Nossa as mulher antiga sabia bordar um ponto cruz, uns bordado, não sei o que. Eu nunca fui pra esse lado. Tanto é que hoje você não tem mais costureira, não existe, não existe. O que que acontece, hoje elas são estilista. O jovem hoje é estilista, e é fábrica, tudo fábrica. Porque antigamente a mulher costurava, fazia vestido de noiva, fazia isso, aquilo.

E eu não fui pra esse lado. As minhas amigas que casaram, eu não vejo progresso nenhum delas. Nenhum, nada. Eu vejo elas correndo “ah eu vou embora mais cedo porque eu vou esquentar comida”. A E. é uma amiga minha. “Ah eu tenho que ir lá porque o marido dela lá o S. não sabe esquentar, não sabe ligar o fogão, não sabe usar o micro ondas. Ah eu tenho que ir embora logo.” Ela é uma, ela não sai de casa porque tem que fazer o papel de dona de casa. E fora as outras que tá lá cuidando de marido, cuidando de homem que tem que sair tudo passadinho, as crianças, sabe? Não, não mudaram. E não conseguiram nada. Porque se você sai pra trabalhar e o homem sai pra trabalhar muda, muda. Não vem falar pra mim que muda bastante. A mulher tem que sair pra trabalhar. As antigas, as minhas amigas, tem muitas delas viu? Com a barriga no fogão. (risos) está com a barriga no fogão esperando não sei quem voltar da escola pra fazer comida, sabe? Não tem papo diferente. Não consegue conversar, não te acompanha, não te acompanha. É só aquilo, só aquilo. Ela tem ciúmes, ciúmes porque a gente tá com a cabeça mais aberta. Ela pode até tomar uma cerveja, mas nós não. Nós não tomamos uma, nós tomamos duas. Nós temos cartão de crédito.

Vou até te contar uma história do cartão de crédito. Nós temos cartão de crédito, nós temo conta bancária. Então isso talvez incomode elas também. Uma pra começar por ciúmes do marido, da gente levar o marido pra bebida, ou levar o marido... arrumar alguém pro marido. É insegurança. E a nossa liberdade, elas não podem acompanhar também. Porque elas não podem sair de casa sem o marido, as mulher antiga, não essas jovem... as de oitenta... da minha época, as amigas da minha época não sai sem o marido, não sai porque o marido não deixa e elas também querem ficar grudada neles, de medo que alguém apresente... medo de perder, medo da perda. Porque hoje não, hoje se não deu certo é

vamos separar e você leva o que você quiser da casa e fica cada um na tua. Tava um casal de amigo, eles são de Goiânia. Eu fui pra Holanda, eu tava na Europa, eu precisava comprar um casaco. Aí eu falei assim “ai Gláucia vamo comigo comprar um casaco?” foi eu, ela, e o marido. Aí eu tenho um cartão *American Express*, ele tem crédito. E eu não consegui passar o cartão, aí o marido dela falou assim “ai quer? Usa o meu cartão”. Eu nem conhecia, a gente se conheceu na viagem. Eu falei “Não eu tenho outro cartão”. Aí eu fui lá e passei o cartão. Ele olha pra ela e fala assim “tá vendo? Mulher que tem cartão”. Sabe, porque ela usava o cartão dele. Não que ela não tinha... ela é dominada, ela não trabalha fora. Ela tinha? Tá vendo mulher que tem cartão? Traz independência. E é tudo isso.

É difícil ser sozinha, batalhar sozinha, você tem que tomar umas atitudes, você tem que resolver. Faltou feijão você que tem que sair, você quer comprar uma coisa diferente, você quer comprar uma casa... você mesma tem que tomar as decisões. Você não tem com quem dividir. Mas que ser livre é bom viu? Eu não me arrependo não. Não me arrependo. Não me arrependo de não ter filho. Muita gente me pergunta “ai você não se arrepende de não ter filho?” E eu digo “não”. Essa aqui é minha afilhada. Então eu não sinto falta de não ter filho. Sempre a hora que eu quiser brincar com as crianças eu vou na casa das minhas amigas. Ou vou pro interior. Sem ter trabalho. Aí eu largo. Você, lava a fralda, manda pra escola, encosta a perua, bota a criança pra escola e depois eu venho brincar com ela. Então eu não me... porque depois da histerectomia eu não posso mais ter filho.

Ah sim. Nossa vai mudando... a barriga, aí já começou a dar barriga e tal né? Aí você vai nas loja aí você já não encontra roupa, roupa que serve pra você. Você percebe assim... excluída, excluída. Você vai se sentindo assim excluída. Eu digo assim, excluída assim em matéria de loja. Você não pode comprar uma coisa. Você tem que ver quem faz um vestido pra você. Ou então andar não sei quantos quilômetros pra encontrar uma loja que te vende no seu manequim. Você se sente excluída assim. Aqui você já começa... aqui você já começa a sentir (mudança no rosto) parece que já tem até uma marquinha assim... aqui ó, já dobra ó. Aqui já começa a dobrar essa parte aqui ó. Não me preocupava com isso não.

Eu fui começar a aparentar o envelhecimento foi dos cinquenta pra cá. O pessoal começou a me chamar de senhora. Aí eu pensei “Pô, ta me chamando de senhora?”. Aí quando vê tão levantando pra você se sentar. Aí eu falei “Ah, tá”. Aí eu olhei e é verdade. A mão já começou, sabe quando tá... enruga a mão. Você olha o rosto. Aqui não dá diferença não. Eu não me via. E me incomodava sim. Eu falava “ai que saco, vai querer levantar pra eu sentar”. Agora hoje não, hoje eu já sento numa boa, levantou eu sento. Mas no começo me incomodava sim. Veio a mudança, nossa. (levanta e vai para a cozinha) E como veio. E

ela veio que veio voando. Porque daí ela não parou. Daí ela veio. Aí você começa a olhar o rosto, o fio branco no cabelo. Um fiozinho aqui ó, um fiozinho ali. Ai nossa eu apavorei. Foi a primeira coisa que apareceu, meus quarenta e cinco anos mais ou menos, aí eu já começava a tingir o cabelo, sabe? Eu sentia que o tempo passou. Aí começa a apavorar, aí você já começa a se sentir... chegou, meu futuro chegou. Meu futuro chegou... porque era uns fios... porque você sabe, no negro ele começa aqui ó, o branco dele. Porque vocês não, vocês começa aqui atrás, é um ou outro. Não, o nosso é tipo uma tiara, presta atenção. Aí incomodava, tingia, andava com o lápis preto na bolsa, sabe. E foi. Hoje eu aceito, mas na época eu não aceitava não. Nossa é muito assim, eu não estava preparada pro cabelo.

Mas no mais assim, é a época que eu mais aproveitei. Porque daí eu já estava estabilizada, eu já tinha comprado apartamento, já podia gastar. Aí o pessoal me chamava pra sair, eu já podia sair. Saía mais vezes ia pra um barzinho. Daqui pra frente foi a época que eu comecei a aproveitar. Eu ainda trabalhava no laboratório, até aposentar. Na prefeitura eu aposentei faz uns dois anos. Aí esses dias me chamaram pra voltar pra lá. E eu falei “não, não quero mais não”. Então assim, eu quero viajar, eu vou curtir. Eu vou ser eu. Agora eu vou usufruir, antes eu pesquei. Agora vou aproveitar.

Fotografia 6. Maria Helena e sua irmã. Holanda. Fonte: arquivo pessoal.

Nessa época eu trabalhava só quatro horas, porque eu já era aposentada de um emprego. Mas eu fazia plantão, e é aí que você ganhava dinheiro. Na minha época pagava cento e cinquenta reais por plantão. Nossa era uma briga... eu ganha salário de um

universitário. Ajuntei dinheiro. Era assim eu tinha minha poupança, eu pagava todas as minhas conta.

Olha como eu era gorda aqui, (mostra outra foto) olha que feia. Aqui eu já tava com cinquenta anos. Ah acho que foi por relaxo mesmo né? E comer, comer de tudo. Nossa. Me incomodava... me incomoda até hoje. Eu falava, ah vou fazer ginástica, vou fazer exercício, vou fazer num sei o que. Aí eu fui na médica, ela me deu remédio pra emagrecer, eu emagreci. Nossa fiquei boa. Mas aí eu tive problema no joelho e o ortopedista “para de tomar esse remédio que vai te atacar os rins”. Porque anti-inflamatório ataca os rins. Eu tava tomando o remédio pra emagrecer mais o anti-inflamatório. Aí foi que eu parei e talvez tenha sido isso que engordou. Nossa olha que coisa feia. Não, nessa época eu não tava satisfeita não, gorda, gorda, gorda, gorda. Essa época eu não tava satisfeita não. O rosto... essa foto igual aquela que eu tava de azul, tem cara de homem, olha. Uma cara assim de, nossa, dá até vergonha. Menina eu falei “gente que cara é essa”. E foi nessa época que eu tirei aquela foto pequena. Eu me sentia horrível. Mudava minha vida. Se eu falar que não muda... muda sim. Você começa ficar um pouco mais retraída. O pessoal combina “Ah hoje vai ter uma festa, vamos nessa?”. Aí você já começa a não querer ir na festa. Aí você começa a se esconder. Tanto é que tem uma amiga, ela falou assim “o dia que você achar que tem que sair você me avisa que eu não vou te chamar mais”. Porque eu tava me escondendo. Eu tava me escondendo. Eu não vou, eu me escondia. Aí eu voltei falei não adianta, engordei mesmo.

Essa foto é na casa do meu sobrinho na Holanda. Essa é minha irmã mais nova. Então eu já estava mais tranquila, porque antes eu era estressada. Porque se você começa a correr atrás de alguma coisa você se estressa. Eu estou querendo achar meu *tablet* porque tem alguma coisa aqui... era tranquilo aqui, eu podia tomar meu sorvete tranquila, já podia pagar meu sorvete.

Hoje? Ah... sim... aqui já tava começando a ficar caidinho (e mostra o rosto). Aqui você percebe é aqui. A raça dela faz isso ó, você percebe uma dobra (no rosto). Isso incomoda. Tinha época que eu falava “Ah, se eu tivesse dinheiro eu ia fazer uma plástica”. Ah eu fazia... nossa... o corpo muda... é o primeiro que muda... é o primeiro que muda... ele vai começando a cair, a pele, começa as pelanca. Você olha aqui o tchauzinho, ele vai. Esses dias eu tava olhando no espelho e falei “Nossa. Não, eu vou ter que fazer musculação.” Porque vai... a barriga, a coxa, ela amolecendo, amolece, vai amolecendo tudo. Não é que vai amolecendo, vai caindo. Ela vai... ah não é fácil não. Porque eu vi essa semana que eu tava nua me olhando no espelho eu falei “gente... o que que é isso?” Tanto é que há uns dez

anos atrás eu tava na casa de uma amiga minha eu tava me olhando no espelho e eu falei “Neide do céu. Já começou”. Eu já tava sentindo tudo flácido. Então incomoda sim. Se alguém falar que não incomoda tá mentindo. Incomoda por que além dela ficar flácida ela enrugando assim, ela vai ficando, ó. Ela vai ficando sanfonada. Você pega aqui, você olha a coxa é a mesma coisa que isso daqui (mostrando a parte interna do braço). A barriga já vai dando essa dobrinha aqui em baixo. Porque aí ela vai caindo e faz um avental. Chama de avental.

Então envelhecer não é fácil não. Se você tiver condições de fazer uma plástica arruma tudo direitinho acho que é mais fácil. O ficar velho, sessenta e nove, setenta, não tem mal nenhum, o problema é o corpo. É o corpo que você que ele vai dando mais trabalho. Que ele pede e você não consegue oferecer uma coisa melhor pra ele porque você tá cansada. Aí você não consegue oferecer alguma coisa pro teu corpo. Você fica lenta. Você quer ir, mas as pernas não deixa. Não é assim os setenta, oitenta anos, é a lentidão. Por mais que você queira... você fala “ai agora eu vou andar um pouco mais depressa”, você não consegue, você não consegue. Ai meu Deus. (risos) A energia diminui. A mente também diminui, pra você tirar uma nota assim, você... quando eu tinha quinze, vinte anos, eu ia tirar uma nota assim rapidinho. Hoje não, você vai, você passa ali, daqui a pouco você já esqueceu. Agora eu tô fazendo um curso de inglês e eu falo “ai meu Deus, porque que eu entrei nessa?”. Você não consegue acompanhar, é muito lento. A mente ela vai ficando lenta, por mais que você faça exercício, ajuda assim, mas não é a mesma coisa que com uma idade de trinta, quarenta anos. Ela muda e muda bonito. Muda mesmo. Tem diferença na mente e no corpo.

Ah eu tenho que aceitar essas mudanças, porque não tem como você reverter. Você tem que levar, você fala “não agora vamo embora”. Vamos junto... porque se você pudesse reverter... eu tenho coragem de fazer plástica, se eu tivesse dinheiro. Assim pelo menos assim acho que meu ego ficaria assim mais confortável, né? Eu faria aqui na barriga e tirava um pouco aqui (braço). Ah nossa... eu acho que realiza sim, realiza. Nariz pode deixar o mesmo que isso é da raça, é coisa bonita, é diferente, isso tem que ser diferente mesmo. Mas agora barriga... pelanca sobrando, esse avental eu tiraria sim. Porque eu acho que deixa você assim um pouco mais... pro teu ego mesmo, mais realizada. Aí você fala “Pô, consegui, consegui”. Uma época eu fui lá no médico do estado, do Servidor ele falou... porque eu peso setenta e oito quilos... ele falou “se você chegar a sessenta e cinco quilos”... mas ele foi sacana né? “se você chegar a sessenta e cinco quilos eu te opero”. Imagina o máximo que eu cheguei... eu acho que na foto que eu emagreci eu tava tentando emagrecer mas não consegue. “só te opero se você chegar nos sessenta e cinco”. Mas eu faria sim, entrava no bisturi assim legal.

Você pensou? Vixe. Preenchia bem aqui tudo que tá solto aqui... quadril, bunda assim não precisava mexer em nada. Porque você fica, fica mais alegre. Não que eu seja triste, não sou triste. Você fica mais vaidosa. Você vai por uma roupa assim... você começa por uma roupa assim mais cavada daqui a pouco você olha... você olha no espelho aqui ó (mostra o braço) tem que tá preparada pro envelhecimento sim. Porque ele vai te deixando assim... você bem... não é acabada. Ela vai mostrando assim pra você a realidade do tempo, ela vai mostrando pra você “Olha, teu tempo é esse. Com sessenta anos você tava assim, com oitenta você tá assim, cem você vai ficar assim”. Ou você aceita, ou você arruma dinheiro e faz uma plástica. Com cem anos eu não vou fazer cirurgia, nem eles fazem. Mas você envelhecer é complicado, não é fácil não. Eu tô preparada (para envelhecer) para a cabeça, mas não tô preparada para o corpo. Assim, a aparência, eu não estou preparada para aparência. A aparência é importante, já começou me incomodar. Aquelas coisinhas caindo assim. Você vê que eu volto e falo “tá caindo.” Eu acho que o corpo da gente assim... você cobra dele, não tem como não cobrar. Não existe como. Você fala “Pô, agora você vai aprontar comigo?”.

Eu não vejo vantagem nenhuma em envelhecer. Nenhuma vantagem em envelhecer, não vejo não. Porque quanto mais vai passando o tempo você percebe que vai chegando o tempo de você ficar aqui na terra. Cada dia que passa é um dia a mais que você tá próximo da tua morte. Porque é a realidade, é um dia mais próximo. Quando você é jovem, você não se preocupa com a morte não se preocupa com nada. Com pelanca caindo. Você quer ter um corpo bonito, então você diminui a alimentação, você faz alguma coisa, mas isso daqui não tem como você diminuindo a alimentação. Não tem. O corpo responde diferente. A não ser que eu tivesse sido uma atleta, vindo fazendo ginástica direto, aí sim ele ficaria firme. Pode ver que tem mulher que com oitenta e que sempre fez ginástica, academia ela tem corpo bom. Porque ela trabalhou em cima do corpo dela. Agora eu não, eu trabalhava muito sentada. Eu trabalhava quatro horas, saía daqui, do Ibirapuera, pegava um ônibus, uma hora sentada no ônibus até a Freguesia do Ó, chegava lá ficava mais quatro horas sentada. Então era doze horas sentada, não fiz exercício nenhum. Eu tinha que ter feito alguma coisa, andado, pra não ficar reclamando hoje assim, não tá sentindo. Mas mentalmente eu tô de boa, converso com as criançada, acompanho eles. Envelhecer mais é o corpo.

Eu tenho planos assim, só viagem. Porque antes eu tinha plano assim na minha cabeça “eu vou aposentar e vou comprar um apartamento maior”. Pode ser até aqui no prédio. Aí eu fiquei pensando, eu não tenho filho, não tenho nada, volto pra casa só pra dormir. Tem

condições, aqui dá pra fazer, já recebi oito, dez pessoas aqui em casa. Dá pra fazer uma bagunça, dá pra comer aqui direitinho, dá pra tomar uma cerveja e ficar brincando aqui dentro. Vou viajar, então meu plano agora é viajar, conhecer pessoas diferentes. Tanto é que eu fui pro sindicato. Que ontem teve o baile, agora dia nove tem bingo. Então o pessoal nove horas da manhã, onze horas da manhã o pessoal tudo cantando, da terceira idade. Brincando, sem preocupação nenhuma. Essas aqui eu conheci lá ontem, já vou colocar no meu face.

Então estou convivendo com pessoas diferentes, meu plano é esse. Aquelas pessoas que tá sempre batendo na mesma tecla, não é que eu quero me separar delas, mas eu procuro evitar de ficar muito tempo com aquilo. Eu tenho amiga que só consegue falar daquilo, não consegue mudar de assunto. Eu falo “gente essa aqui tá envelhecendo e só falando nisso? Não tem outra coisa? Não muda?” Eu quero um mundo diferente pra mim. Em janeiro eu fui viajar, eu fui pra Disney. Eu e minha colega, ela tem quarenta e dois anos, a menina. A viagem foi linda, eu vou voltar. Só que eu não quero voltar com essa minha colega, porque ela tem quarenta e dois anos e ela é muito parada. Não, eu quero ir com uma pessoa que aproveite.

MONICA

Como eu sou como pessoa? Meu nome é Monica eu tenho sessenta e quatro anos. E sou paisagistas e ainda trabalho.

Fotos da infância que eu gosto são essas aqui. Essas aqui na fazenda, por exemplo. Eu tinha três anos. Eu não me lembro de detalhes, tudo que eu me lembro era na fazenda onde eu nasci. Eu nasci na fazenda em Teresópolis que era dos meus avós. Eu passava pelo menos quatro meses por ano lá e não sei quantos fins de semana. Mas tudo que eu lembro de bom da minha infância é a fazenda e se refere a esse lugar. Eu tenho muito pouca lembrança.

Fotografia 7. Mônica na fazenda em Fevereiro de 1952. Fonte: arquivo pessoal.

Eu me canso de me perguntar a história dessa foto. Porque uma criança tão arrumada, com um vestido tão chiquezinho, que não era normal. Eu imagino que seja dia de natal e meu aniversário. Porque jamais me vestiriam com um vestido branco desse gênero para brincar na areia, na fazenda. Então eu imagino que seja meu aniversário porque eu nasci no dia de natal. Porque esse é o único dia que eu me lembro que estava com um vestido assim. Senão eu tava descalça, de qualquer jeito. Jamais brincando com areia assim. Essa foto foi tirada provavelmente pela minha avó. Minha avó vivia com a máquina fotográfica pendurada no pescoço, todas essas fotos provavelmente foram ela. A maioria foram da minha avó materna.

Eu era mais para tímida. Sempre me senti melhor perto de gente mais humilde, perto dos trabalhadores da fazenda. Sempre me senti em casa aqui, com o pé no chão, brincando na areia, andando de bicicleta, brincando de pescaria, de... eu me lembro...eu acho que eu era mais retraída. Eu sempre me senti um pouco diferente. Diferente no sentido de sempre ser muito criticada pela minha mãe. Por esse lado meu despojado de ficar no meio de gente simples eu sempre fui muito criticada. Então eu me sentia bem assim mesmo.

Eu nunca me senti bonita, nunca fui a criança bonita, nunca me senti assim. Depois eu sempre quis ter cabelo comprido, era proibido, sempre me cortaram. Curtinho... eu odiava. Eu queria ter cabelo comprido. Pois é, me levavam, me cortavam meu cabelo que nem um menino, eu odiava, odiava... (o porquê) eu sei lá... papai também, mesmo mais velha papai me queria de cabelo curto. Vai ver que queriam um menino, não tinham um menino ainda, né? Meu irmão nasceu depois. Tá vendo sempre de cabelo curtinho que eu odiava. (mostrando outras fotos) Você tá vendo eu era muito feinha. Me sentia feia porque eu só ouvia crítica de tudo quanto é lado. Depois os dentes tortos, tá vendo? Sempre me falaram que eu tinha os olhos lindos, sempre fui magricela, mas esse cabelinho... depois me arrumaram os dentes. Tá vendo aqui eu tava doente, tinha acabado de sair e ficar três meses de cama, porque eu tinha uma doença que na verdade até hoje eu não sei se eu tinha...

Meus olhos sempre foram muito elogiados, me falavam que eu tinha os olhos muito expressivos sempre. Eu nunca me preocupei muito com esta parte, mesmo quando eu era adolescente, doze, treze, quatorze anos... que a minha irmã era um ano e meio mais velha e que as nossas amigas eram mais ou menos da nossa idade e queriam ir para cidade. Eu queria tá andando de bicicleta, de pé no chão, na fazenda. Eu não tava nem aí para... não tava ligada na parte sexual, vamos dizer assim... ainda. Eu era uma menina moleca.

Eu morava no Rio de Janeiro e estudava numa escola que eu odiava, de freira. Odiava aquilo. Era no Arpoador. O uniforme você viu? O uniforme com um laço no pescoço,

chapéu, tudo cheio de regras. Era na frente do arpoador e eu voltava pra casa de ônibus, era a última a ser deixada. Chegava em casa desde os sete anos vomitando com enxaqueca. Comecei com enxaqueca com sete anos de idade. Ficava uma hora e pouco nesse ônibus. Eu odiava o colégio. Aquelas regras, aquelas freiras, e vai rezar, e vai fazer isso, isso pode, isso não pode. Era... era triste o negócio. Eu morava no Rio, no Leblon, e o colégio era na frente da praia do arpoador. Era um calor dos infernos e eu ficava uma hora e pouco nesse ônibus, ia e voltava. E a parte da escola não foi legal não. Olha o uniforme de inverno... no rio de janeiro... saia de lã, blusa grossa, desse tamanho, com punho duro, com colarinho de palhaço, com chapéu de palha, com meia. Era isso. Um dos uniformes... sabe quantos uniformes a gente tinha? Três. Tinha o de gala que era obrigada assistir a missa. Esse era o de verão. O de inverno. E o de gala que domingo tinha que assistir a missa. Não... era coisa de maluco.

Aí quando eu tinha treze anos, a gente veio para São Paulo. Aí eu fui para uma escola mista. Mas a minha classe ainda era só de meninas. Aí meu irmão ia aprontando e ia sendo expulso dos colégios, até que eu parei nessa escola aqui, Ginásio Nossa Senhora do Brasil, eu tinha quatorze anos. Olha só essa foto. Só tem marmanjo. Eu tinha quatorze anos e todo mundo tinha vinte e poucos. Todo mundo era repetente. Todos os repetentes de São Paulo iam para essa escola. E foi aí que eu caí na real. Aí era classe mista, coisa que eu nunca tinha tido. Eu era a caçulinha, que eu tinha catorze anos e tudo (os outros alunos) com vinte e poucos anos. E aí, também apesar de ter ficado um pouco chocada no começo eu me diverti. Porque era só besteira, né? Aí começaram uns a dar em cima de mim, e eu não entendia nada. Parecia que tinha caído no... eu me lembro a primeira vez, a mamãe também era proibido, a gente ia na fazenda escondido para cachoeira, com *gilette* para tirar pelo da perna. Escondido dela, porque também não podia. Quando um desses, que ele não tá aqui, gozou que eu tinha pelo na perna. Eu tinha treze, quatorze anos eu acho. Nossa eu fiquei péssima, fiquei morrendo de vergonha. E aqui nessa idade eu comecei a jogar vôlei. Com aqueles shortinhos bem curtos, e aí os homens começaram a chegar mais cedo, seis e meia da manhã para ver eu jogar e começar a olhar minha bunda. Foi aí que eu tomei consciência, mais do, dessa parte. Mas eu era muito tímida. E foi a melhor escola que eu passei, os melhores professores, era o máximo essa escola.

Aí eu devia ter uns quinze anos, quatorze. Eu gosto dessa daqui com o bicho em cima de mim, eu gosto muito. Tá vendo? Eu vivia com o patins no pé, e em cima da bicicleta. Essa foto com a arara na fazenda. Eu em cima do telhado também com a andorinha, que eu gosto. Essa eu devia ter uns dezesseis. Subi em cima do telhado para pegar um passarinho.

Tem uma andorinha no meu ombro. Eu não tenho ideia de quem tirou essa foto. Ta vendo? Eu era sempre introspectiva, nessa aqui (foto ao lodo) eu tô desenhando. Eu pegava meus lápis de cor e ficava desenhando. Ficava na minha.

Fotografia 8. Monica com uma andorinha no ombro, no telhado da fazenda. Fonte: arquivo pessoal.

Caramba... que difícil te dizer. Já fazem cinquenta anos, cinquenta e poucos anos. Eu não sei. Eu não tenho a menor ideia. A Beth sempre foi mais madura, mais mocinha, mais ligada. Eu não tenho ideia. Eu sei que eu só tava feliz nesse lugar aqui. Só, odiava o resto da minha vida no Rio de Janeiro, aquela escola. Gostava de ficar na fazenda. Quando venderam a fazenda eu achei que tinham cortado minhas pernas, meus braços, tudo. Tiraram meu... eu tinha vinte e sete anos, já estava casada. Mas eu pra mim, qualquer coisa podia acontecer, eu era feliz porque eu tinha a fazenda. Eu podia ficar pobre, eu podia ficar qualquer coisa, porque eu tinha esse lugar. É uma espécie de loucura mesmo. Aí venderam. Aí quando vendeu, parecia que tinham cortado minhas pernas e meus braços. Eu não tava nem aí com o resto. O meu meio era aqui (aponta para fotos da fazenda). Na fazenda também tinha aquelas regras. Tá vendo o vovô, aqui. Só eu podia assentar ao lado dele. Ele era bravo. Ele me adora. Só eu sentava do lado dele. Era proibido falar na mesa, entendeu. Era bem assim. Era hora da refeição, era hora da refeição. Até hoje eu gosto de jantar em

silêncio. Mas comigo nunca foi problema. O problema sempre foi minha mãe e... e meu irmão que eu brigava com ele que nem gato e rato.

Esse foi o primeiro réveillon namorando o pai dos meus filhos. Que ano foi isso? Setenta e dois eu diria. Quem tirou essa foto? foi alguém da festa... Na verdade aqui, como eu tava te falando, meus pais perderam tudo, né? Então quando eu vim morar em São Paulo... primeiro a Beth veio... a minha irmã que eu era *super* ligada. A gente foi morar num apartamento muito pequenininho. Eu nunca tive dinheiro para comprar uma roupa para mim. Foi só quando eu comecei a trabalhar e comprar minhas roupas. E esse foi o primeiro... era de algodão... foi o primeiro vestido comprido que eu tive... acho que o único também, na minha vida.

Então eu acho que nessa época... eu... tava bem. Já tinha namorado. Mas eu sempre fui mais pro quieta do que aquela coisa de... sair com os caras... trabalhava... fugia... de vez em quando saía da faculdade de noite e ia dançar. Mas perto do que acontece hoje em dia eu era uma imbecil. Perto das meninas de quinze anos hoje... eu que eu era um et. (risos) Aqui eu tava acabando a faculdade e trabalhava. No último ano da faculdade eu não trabalhei. Eu trabalhei... primeiro eu fui dar aula de arte para criança. Antes disso eu tinha trabalhado numa coisa que não tem nada a ver comigo. Porque eu queria fazer arquitetura e meus pais não tinham dinheiro para pagar a faculdade. Aí eu fui fazer, antes da faculdade para poder trabalhar... porque naquela época era clássico para ser professora, ou científico. Não tinha tantas opções de carreira. Aí eu fui fazer secretariado, em vez de fazer o clássico, que hoje seria o que? segundo grau, seria isso. Eu fiz secretariado e para poder trabalhar e fui parar no banco Itau. No departamento, junto com a diretoria, eu fui ser secretária e aí é que eu comecei a fazer cursinho a noite. Depois que eu entrei na faculdade eu comecei dar aula de criança, de tarde e passei a faculdade para de manhã. Eu gostava muito, gostava.

Hoje em dia eu acho que eu estou bem bonita. Naquela época... eu acho que eu já me sentia mais bonita sim, acho que autoestima tava mais no lugar.

Aí eu casei... magérrima. Parecia que tava fazendo primeira comunhão (vendo as fotos do casamento). As fotos tavam todas desbotadas porque não teve... olha magérrima, quarenta e sete quilos. É... não tinha fotógrafo, tá tudo desbotado. Acho que aqui era mais, porque eu me casei em setenta e cinco, com vinte e cinco anos. Mas olha, parecia que eu tava fazendo primeira comunhão. Aí eu me casei e fui morar nos Estados Unidos. (escolhe outra foto) Aí eu já tava me sentindo bem mesmo. Eu já tava com o cabelo que eu queria, do jeito que eu queria. Fazia o que eu queria. Eu me sentia... bom todo mundo me elogiava

muito, porque eu tinha vinte e cinco anos, nos Estados Unidos, magrinha, todo mundo me achava tão linda que eu comecei a me achar bonita mesmo.

Fotografia 9. Monica em festa de Réveillon, 1972. Fonte: arquivo pessoal.

Olha eu já tinha me separado, tava muito difícil no sentido que eu trabalhava muito e tinha os dois meninos e levava na escolha, buscava, não tinha empregada. Aquela confusão na vida e nada de dinheiro. Mas como mulher, como pessoa foi a melhor época da minha vida. Por que? Ah... os homens (risos) os homens. Eu tava livre leve e solta, sem um marido que foi um desastre e... aí que eu acho que como mulher eu me descobri depois que eu me separei. E é por isso que eu sempre falo que os melhores anos de uma mulher são os quarenta. Aí você já sabe mais ou menos... muita coisa sobre você. Já não tem aquela insegurança dos vinte anos de idade. Já passou por algumas coisas e aí vai! Porque no resto eu era tão castrada, pelo ex-marido então, era um absurdo. Eu casei com um tipo meio alemão, sabe? Era triste o negócio.

Ah! Eu acho que como eu tava num momento bom no sentido de relacionamento e tudo eu me sentia bonita sim. Eu tava magra. eu acho que a melhor época foi em torno dessa idade mesmo, mas por outro lado muito difícil, né? Porque eu tava bem “amarradinha da Silva” criando meus filhotes, mas tava muito bem com eles., meus filhotes.

Agora com sessenta danou-se, né? Eu nunca senti a idade. Eu nunca... eu fiz cinquenta numa boa, quarenta numa boa. O que me pegou na veia foram os sessenta. Com sessenta a minha cabeça virou de idosa, me sinto idosa, me sinto feia. Me sinto com papo, com olho caído. O sessenta pegou. E eu acho que idade tá na cabeça. Porque eu nunca senti essa história de idade. Porque no fundo... você tem quinze anos... emocionalmente lá dentro você não tem idade. Hoje em dia por eu estar... quando eu me olho no espelho eu não gosto do que eu vejo. Eu não gosto de ver. Não é que eu tô enrugada, que eu tô feia. É que eu tô sentindo a cara caída mesmo, por dentro, eu acho que minha alma caiu no chão. Pronto, acabou-se. Acho que minha alma caiu no chão e ficou.

Uma plástica resolve? Não, não sei. Ah... eu acho que idade tem a ver com as coisas e fisicamente quando você se olha com o que você resolveu. Com as pendências que você deixou para trás. E eu deixei pendências. Tanto financeiramente, muitas. Então o que eu sinto hoje em dia é a insegurança financeira. O trabalho tá difícil. E as pendências que eu deixei pros filhos. Quer dizer, eu gostaria de ajeitar a vida de filho. Tá bem. E eu não vi aposentadoria, não tenho trabalho. Trabalho não aparece então eu não tenho dinheiro. Então eu cheguei nessa idade com as coisas que eu deveria ter resolvido melhor lá pra trás. Entendeu? Eu tenho muito medo de ficar na mão dos outros. Eu tô vendo minha mãe com noventa e um o trabalho que dá. Então a gente não pode viver com medo e eu tô com medo.

Fotografia 10. Monica no casamento de seu filho, 2013. Fonte: arquivo pessoal.

E eu acho que idade você vai percebendo de um ano para cá, como tem sido impressionante, as perdas. Então o que implica com a idade? Não é se você tem cinquenta, sessenta. São as perdas... você vai vendo os amigos... os amigos mais velhos eu já perdi alguns. E ultimamente eu só escuto isso: “morreu com sessenta e dois, morreu com sessenta e cinco”... eu não tenho o menor medo de morrer. Eu tenho medo de ficar na mão dos outros, de ter um AVC, de não ser mais capaz. Perder minha cabeça que nem minha mãe, que não sabe mais nada. De não ser capaz de fazer minha comida. De cuidar de mim. A idade tá me trazendo isso.

Que se eu mudasse minha cabeça eu poderia ficar muito bem até os oitenta. Eu sei o que tá errado na minha cabeça. A minha cabeça ou a minha alma. Eu acho que a minha alma encolheu. Tá assim, tá apertadinha. É verdade... é verdade... eu nunca tive medo de nada... é assim. Eu não tenho, então eu vou para a cozinha fazer congelado, não tem vou fazer isso, vou fazer aquilo. Eu não tenho mais vontade. A minha... eu perdi o tesão. Em bom português eu perdi o tesão. Eu preciso buscar o tesão. Em algum lugar. Certo? É isso que a idade tá fazendo comigo. Não é a idade não, só a idade. É a cabeça. E a cabeça vai modificando a tua alma. Porque enquanto você tem esperança. Que você tem aquele tesão

por tudo. Você fala: “imagina, eu vou fazer um jardim”. Eu fazia até jardim com o maior tesão. Hoje em dia eu nem sei se eu tenho mais tesão para isso. É esse fogo interno que tá fraquinho... e esse é o mais difícil de buscar. E onde eu vou buscar? Me responda! Por favor! É isto. Coisa que eu sempre tive. Eu sempre fui assim. Desde adolescente. Eu era bandeirante, eu ia em creche uma vez por semana ficar com os órfãos, eu trabalhava. Eu fazia tudo ao mesmo tempo. Eu dava aula. Eu não tenho mais vontade. É a falta de vontade. Isso tem a ver com a idade? Não! Tem a ver com o que? Pois é...

Quer foto do que? De idosa? Não quero. Eu não tenho foto sinceramente, quando vem com uma máquina eu fujo, hoje em dia. Não gosto. Não quando eu me olho no espelho. Quando eu me olho no espelho eu não vejo o que eu vejo em foto. Olha que louco? Porque eu não me vejo com a cara de idosa caída do jeito que eu olho em foto, em foto é pior, eu fico chocada quando eu vejo em foto. É eu acho que para sessenta e quatro eu ainda estou muito bem. Perto de muita gente eu tô muito bem. É só que eu não me cuido. Eu fumo, fico estressada, não tô me cuidando nada. Mas perto de muita gente eu tô bem mesmo.

Agora uma plástica nesse olho que tá me incomodando muito... aliás, eu tenho horror de plástica. Eu tô falando em plástica mas meu olho tá caindo, tá no chão já... (risos). O meu olho me atrapalha muito, eu sinto o olho pesado, vontade de fechar o dia inteiro. Mas eu acho que também dá esse olhar de tristeza, né? Eu me olho no espelho quando o olho tá muito caído parece que tua cara tá sempre pra baixo. Mas o que me incomoda muito mais. Eu não fico me olhando no espelho, eu tenho mais o que fazer. É o peso do meu olhar, se tem a ver com o peso da alma eu não sei, mas que tá pesado tá.

Outro dia fiquei chocada, porque nem meu corpo eu vejo do jeito que tá. Porque eu fui para um sítio. Eu tava com duas amigas, aí começou a chover muito. Olha a moleca... Começou a cair aquela chuva absurda. Eu tirei o maiô, tirei a roupa e caí pelada na piscina. Fui nadar pelada na chuva. Olha a idosa... Aí essa amiga minha tirou três fotos. Quando eu vi as fotos... eu não vejo que minha bunda tá caída desse jeito. Eu não vejo! Não me olho no espelho. Eu fiquei chocada. Eu deletei lógico, as três, tavam no celular dela. Eu falei delete pelo amor de Deus. Mas eu fiquei chocada com aquilo que eu vi.

Então meu olhar... eu tenho uma foto que eu detesto. É uma foto que tiraram de mim, puseram um pouco de maquiagem e tiraram para ver como é que eu ficava. Eu não gosto desse corte de cabelo nem nada. Olha isso, olha o papo! Por favor. Eu tenho horror que tirem fotografia de mim hoje em dia, sério. Quando eu olho foto...

YARA

Fotografia 11. Yara com o pai nos Correios da Rua São João. Fonte: arquivo pessoal.

Eu gosto muito dessa, eu estou com meu pai e isso era uma coisa que eu sempre fazia. Eu ia com meu pai todo dia pro correio, que era aqui. Então isso é uma lembrança que eu tenho muito grande. Que meu pai ficava muito triste. Ele tinha uma caixinha do correio que

ele ia pegar carta todos os dias, da família, que meu pai ficou sozinho aqui no Brasil. Então eu tenho essa da família, essa foto. Eu me lembro que aqui tinha um aquário e meu pai... a gente parava para ver os peixinhos. Esse aqui era o correio antigo. Então a gente ia todo dia no correio, meu pai ia pegar. Tinha uma caixinha e a gente ia pegar as cartas dele. Então eu me lembro assim do semblante dele de pegar as cartas. Às vezes ele chorava. Nesta foto eu tinha dois anos. Meu pai quando ele morreu eu tinha dez anos. Era a Rua São João, onde ficava o correio.

Minha mãe são dez irmãos e eu tenho muitos primos. Mas essa prima, especialmente é uma prima que hoje nós somos muito amigas, nós somos confidentes. Então qualquer problema... ela é psicóloga. E ela trabalha com uma linha, não sei com que linha ela trabalha. Mas a gente é muito amiga até hoje. Trocamos confidências.

Eu estudei na escola Caetano de Campos. Aos 7 anos, eu estava começando o primário. A gente viaja muito e meu pai ia ver os irmãos. Então eu sempre viajei para os Estados Unidos onde estavam meus avós.

As irmãs do meu pai elas ficaram. Então, as irmãs dele, eu não conheço muito a história. Tem só uma irmã que eu vivi com ela e ela passou pelo campo e ela era careca. Ela tinha passado por experimentos. Porque ela era ruiva, então ela passou por experimentos. Então eu fui morar com ela, meu pai sempre falava pra mim que eu tinha que conhecer uma vida europeia porque aqui no Brasil ainda era muito, muito primitivo e ele queria que eu fosse morar com essa tia. E essa tia como não pode ter filhos, eu morei com ela, meu irmão morou com ela. Eu fiquei dois anos com ela. Eu fiz quando eu estava no Bandeirantes, fazendo colegial, eu estava no segundo colegial. E ela me chamou para passar... ela tinha casado de novo e ela me chamou para ficar dois anos com ela, na casa dela. Daí eu fiquei com ela, morei dois anos na Inglaterra, ela estava morando e... então e essa tia ela foi muito importante para mim, ela contou toda história e a gente foi na casa, a gente foi na Alemanha.

Fui conhecer todos os meus parentes que estavam espalhados, então a gente passou, foi para a Bélgica, para Holanda, para toda a Alemanha, depois ela morava na Inglaterra, todas esses primos do meu pai estão morando na Inglaterra ainda. Então eu fui conhecer a família e saber da história toda. Meu pai já tinha morrido. E ela é uma pessoa assim inteligentíssima. Quer dizer, sofreu muito, passou por muita coisa, mas ela não chegou a ir no campo. Esse senhor que ela casou era um soldado inglês que salvou ela e levou para Inglaterra. Então eu viajei com ela, fui conhecer a irmã do meu avô que morava na Bélgica. Eu conheci depois todos os meus parentes que estavam na Holanda. E assim... o que foi

muito importante foi ter conhecido a casa que meu pai morou lá em Colônia. E com essa tia. Depois ela veio para o meu casamento. A gente vai ver aí nas fotos. Ela foi muito importante para mim assim. Ela me escrevia. Eu aprendi Inglês. A gente se correspondia. Depois ela ficou doente e já em estado terminal eu fiquei com ela. Então essa tia era irmã do meu pai que eu conheci melhor.

Depois com o meu marido eu fui visitar minha outra tia que estava nos Estados Unidos, irmã do meu pai. E no ano passado eu fui visitar, eu fui, eu levei meu neto. E foi eu, meu irmão, meu neto, minha filha para uma festa de *bar mitzvah* de uma outra prima minha que mora em Boston. Então nessa festa aí que eu fui eu conheci o resto da família que eu não conhecia, veio gente de Israel, de todo lugar. E a gente se encontrou. Então é assim uma família espalhada pelo mundo, quer dizer, na verdade hoje todos já morreram.

Ela veio para cá, quer dizer... ela nunca soube me dizer se ela nasceu na Rússia ou se ela nasceu aqui e veio junto. Porque ela era muito criança quando ela veio, muito neném. E eles foram morar numa Colônia, e por coincidência da vida eu fiz o livro dessa Colônia de Quatro Irmãos. Porque eu tinha uma firma no ano passado de projetos de assessoria de projetos. E eu fiz para o Rabino toda a história de Quatro Irmãos. Ficava em Erechim. Então minha mãe passou toda a vida dela lá, até 15 anos. Os irmãos dela nasceram lá e ela não falava português, eles falavam Ídiche. Você imagina que minha mãe brasileira ela tinha um sotaque que não era muito... ela veio para São Paulo só quando ela casou. A minha mãe apesar de nascer no Brasil todos eles falavam Ídiche entre eles. Então até os meus tios que estão vivos, eles não falam português até hoje. Porque eles foram criados nessa comunidade que só se entendiam em Ídiche. Daí eles foram saindo de lá, hoje não tem mais esse lugar. Eles foram indo, cada um foi para um lugar, Rio Grande do Sul.

Então, a vinda do meu pai foi assim... meu pai estava estudando ele estava no último ano de medicina em Heidelberg na Alemanha. E ele estava com um grupo de rapazes, inclusive tinha um rabino da congregação e falou: “Olha a gente precisa ir embora.” Meu pai contava para a gente que já sentia isso na escola, que jogavam tinta na cadeira, que chamavam de judeu: “Tinha lugares que a gente não podia entrar. E a gente estava percebendo que as coisas iam estourar.” Então como ele estava na faculdade ele estava muito mais a par das coisas. Então esse grupo de amigos vieram todos juntos. Na verdade eles não vieram para o Brasil, eles foram primeiro para o Chile, que já tinha alguém lá, algum amigo e do Chile eles vieram para o Brasil. Ele até contava porque veio do Chile para o Brasil, mas eu não lembro direito. Eu acho que, ah eles vieram fundar essa sinagoga que tem... tinham mais judeus aqui do que no Chile. Então eles vieram para cá e ficou esse

grupo de amigos jovens e eles fundaram essa sinagoga e eu cresci entre eles. Tenho muitos amigos hoje que foram desse tempo, são Judeus Alemães da congregação Israelense. E meu pai veio pra cá e tinha bailes da comunidade... Ele veio pra São Paulo, eles moravam numa pensão, os rapazes, no centro e eles iam nesses bailes aí de judeus e conheceu minha mãe. E... aí eles se casaram e ele se entrosou muito com a família da minha mãe. Porque eram dez irmãos e ele (pai) não tinha ninguém. E daí ele arrumou e fez um negócio com o meu tio que morava nos Estados Unidos de importação e exportação. Então tudo que tudo que tinha lá que não tinha aqui, naquela época podia vir... então trazia carro, trazia geladeira. Televisão, acho que nós fomos os primeiros a ter. Então a gente viajava muito, eu, meu irmão e meus pais a gente ia muito pra lá. Ia pra negócios, e eu ficava com meus avós e com meus tios lá, na casa deles e meu pai ia com a minha mãe fazer os negócios, viajar pelos Estados Unidos. Aliás, meus avós não, minha avó, meu avô morreu antes. Meu avô não chegou a fugir. Aliás, meu avô é uma história tão complicada. Meu avô foi preso porque ele era acionista na Alemanha e ele nunca mais saiu. Então minha avó veio com meus tios para os Estados Unidos e meu avô não conseguiu sair da Alemanha e ficou lá.

Essa solidão do meu pai, assim eu sentia, eu sabia que meu pai ia morrer. Sempre sabia que meu pai ia morrer uma dia. Porque meu pai era tão triste e ele tinha saudades e de fato... eu sempre me preocupava, perguntava para ele se ele ia morrer e quando eu fui... um dia ele foi me buscar na escola, no Caetano de Campos e... ele veio me buscar, voltou para casa, passou mal... naquela época, acho que não tinha... ele teve um ataque de coração, mas ele teve vários no mesmo dia. Então não teve recurso, naquela época, hoje ele teria salvado. Meu marido morreu muito parecido, na mesma idade. E meu pai morreu, minha mãe ficou viúva. Minha mãe também criou a gente sozinha. Era só um irmão. E deixa eu ver se eu me lembro mais alguma coisa das fotos aí... meu pai e meu marido morreram bem jovens.

Então, eu já tinha. Eu já era nadadora, desde pequena eu fui. E eu competia, desde criança eu competia. Então quando eu estava no ginásio eu me lembro muito bem, que eu era muito magra, eu nadava muito e sempre exigiram muito de mim. Eu acho que sempre exigiram de nadar. Minha mãe me levava no clube e eu era... era... “atletista”, sei lá o que eu era. Então eu nadava pelo clube. Eu nadava no rio Tietê e eles exigiam muito, eu me lembro que era muita exigência de nadar, de ganhar. Eu me lembro que uma vez eu fui no Pacaembu, eu fui nadar e estava com febre, eu estava doente. Me levaram e eu tive que competir. Então eu sempre ganhei, eu sempre quis ganhar as competições, né? Depois quando eu tive filho e fiquei muito tempo sem nadar. Eu tive as quatro filhas, eu morei fora, a gente morou muito fora.

Então eu só voltei a nadar... eu acho... eu nadei pelo bandeirantes, nadei eu fiz competição, mas depois eu tive filhos e meu marido... meu marido não era nada esportista e minhas filhas por acaso são, por que eu sempre levei elas para nadar. Mas daí eu fui só nadar, depois quando elas já estava grandes. Daí eu entrei nesse grupo de máster, eu nado pelo clube e eu só fui nadar de novo depois que minhas filhas ficaram grandes.

Eu me lembro... tem uma foto minha que era muito marcante... eu era muito magra, muito magra. Não comia, e assim brigavam, eu era obrigada a me alimentar, minha mãe me dava muita vitamina para mim poder engordar. E quando eu ia nadar eu tinha que ganhar. O meu corpo assim... eu nunca dei muita bola para o meu corpo. Eu só percebi que eu era baixinha quando eu entrei na faculdade. Eu nunca soube que eu era bainha. Quando eu estava na faculdade eu não sei porque. Quando eu fui fazer ciências sociais eu vi que minhas amigas eram grandes. Eu só me dei conta que eu era baixinha na faculdade, porque antes eu não tinha percebido isso. Então eu não tinha muita noção do meu corpo, assim, não era vaidosa.

Acho que como atleta eu nunca tive vaidade, assim de me arrumar, de fazer o cabelo, estava sempre de cabelo molhado e... mas como a gente viajava muito para os Estados Unidos, então sempre minha mãe comprava roupa lá e eu usava muito roupas que aqui não tinha. Então todo mundo falava: “Nossa que bonito!” eu me lembro, a única coisa assim que eu me lembro do meu corpo, que assim, quando eu comecei a ir em festinha... a gente tinha essas festinhas assim, bailinhos. Daí eu comecei já a me preocupar assim com uma roupinha bonitinha. E eu queria estar sempre assim arrumadinha para ir para os bailinhos por causa dos meninos. E naquela época a gente era tirada para dançar e você não podia ficar sentada. Então o que eu me lembro assim da minha roupa.. porque como eu era muito magra... da minha roupa... a empregada engomava todas as minhas saídas pra ficar maior. Isso eu me lembro bem. Como a gente ia muito para os Estados Unidos eu tinha sapato que ninguém tinha, de todas as cores, amarelo, azul... Coisas que ninguém tinha na época. Então minha mãe comprava... que naquela época não se fazia roupa... ou não se comprava, era tudo feito pela costureira. Então se eu tinha um sapato amarelo eu já queria um vestido amarelo.

E hoje eu tenho um boutique, porque minhas filhas são estilistas. Eu tenho quatro filhas. Então eu vendo roupas, é engraçado. Mas assim eu ia fazer roupas eu que escolhia os modelos e levava meu sapato, porque eu queria o vestido daquela cor do sapato. Então como eu era muito magra eu fazia questão de... ah eu me lembro que quando eu usava calça, eu não usava uma calça só, eu usava duas. Porque todas as minhas amigas tinham bunda, eu não tinha bunda. Então eu me lembro que ia nos bailes, a gente ia muito em

festinha, desde os quinze anos. E eu colocava duas calças para aparecer que eu tinha bunda, mas até hoje eu não tenho bunda. Então eu tinha essa vontade de ter uma bunda, assim todas as judias tem bunda e eu não tinha. E minhas filhas tem e eu não tenho. Minhas filhas são o contrário de mim. Eu tinha peito que eu não gostava muito de ter peito. Minhas filhas são exatamente ao contrário, não tem peito e tem bunda. Então é engraçado, assim o conceito... perna bonita eu sempre tive e hoje meus netos falam: “Vó você tem perna de menina, das minhas amigas”. Acho que eu sempre tive, porque eu nadava. Não mudou as pernas.

Mas eu nunca mudei meu corpo, meu corpo é parecido com o que é hoje. Talvez eu tenha um pouquinho mais de peito, um pouquinho mais de barriga. Mas o corpo não... mas o rosto... todo ano eu falo assim: “Esse ano eu vou fazer uma plástica”. Mês que vem eu faço 74 e eu falei para as minhas filhas: “Óh, vocês vão me dar um presente. Vão fazer uma vaquinha e vão me dar uma plástica”. Mas chega na hora eu tenho medo. Ah... mas eu queria mexer um pouquinho, puxar um pouquinho. Eu não me olho muito no espelho, porque eu acho que tá as ruguinhas aparecendo. Aqui a gente vê bem as rugas, no... nas fotos que eu tirei agora. De corpo, assim, eu nunca tive problema de achar que o corpo... pelo contrário. Eu era muito magra quando eu casei, eu já estava muito magra. E meu marido gostava de comer, eu nunca gostei de comer. Só hoje que eu gosto.

Ah achei uma foto de adolescente! Essa foi a melhor fase da minha vida. Eu tinha um namoradinho no rio. Ele não está aqui, ele está tirando a foto. Eu tive essa fase de adolescente e eu ia muito para o rio. Ah sabe porque que eu não tinha (fotos da adolescência) porque dessa fase de adolescente, dos 17 eu morei na Inglaterra, eu morei fora. Eu só tenho aquela com minha tia. Acho que eu passei muito tempo fora

Ah, no Rio eu tinha alguns amigos. Eu ia nas férias para o Rio e eu tinha um namorado lá. Eu tinha uma tia que morava no rio, daí tinha esse namoradinho que eu ia muito pro Rio. Você vê que a foto é muito antiga. Do dia eu não me lembro, mas eu me lembro muito dos meus amigos, esses amigos do Rio. Era uma fase gostosa, eu ia para a casa da minha tia nas férias e sempre estava com esses meus amigos. Eram sempre os mesmos. Eu entrei no Bandeirantes e fiz dois anos de colegial, daí eu viajei e fui para a Inglaterra e passei dois anos antes de entrar para a faculdade. Inclusive o meu namorado... naquela época o avião não saía de São Paulo, saía do Rio, então ele foi me encontrar no aeroporto. E depois eu nem sei o que aconteceu com ele.

Fotografia 12. Yara no Rio de Janeiro com os amigos. Fonte: arquivo pessoal.

Ah eu nunca fui muito ligada com vaidade, com roupa. E como eu era, sempre fui atleta, nadava, meu cabelo era sempre molhado... num tinha preocupação com o corpo. Teve uma época que eu usei aparelho no dente, usei óculos, e não ligava. Nem me achava bonita. E é engraçado, minhas filhas são estilistas e elas fazem roupas para todas as grandes lojas, Calvin Klein e tudo que sobra eu ponho aqui na minha boutique e vendo. Eu trabalho muito com esse lado de roupa. Eu tenho um blog de roupa, faço roupa sustentável e ajudo elas na fábrica. Mas são duas fábricas e duas trabalham nas fábricas. Então elas são muito ligadas com roupa, né? Mas eu não sei se na minha época... e uma coisa assim, eu já falei para as minhas filhas. Eu gosto muito de andar de jeans e camiseta. E a gente tem uma marca de jeans ecológica e eu ajudo.

Minha adolescência eu fiquei muito pouco no Brasil, na minha adolescência a gente tinha bailinhos. Todo sábado a gente tinha um bailinho e eu me vestia, como os meninos vinham me tirar para dançar. E eu gostava de me vestir para o bailinho. Só assim para eu me trocar e me arrumar. Ia na costureira fazer meu vestido, tudo combinando. Tinha sapato cor de rosa, amarelo e azul e sempre com uma faixa. Eu não sei porque que eu usava sempre uma faixa da cor do sapato. Então naquela época tinha aqueles vestidos

estampadinhos, tecido de *cotton*, hoje é algodão. E usava sempre uma faixa da cor do vestido, uma faixa cor de rosa. E eu ia assim nos bailinhos.

Eu tenho uma amiga e nós somos amigas desde sempre, porque a gente nasceu na mesma época, crescemos juntas e até hoje nós somos muito amigas. A gente arrumou marido junto, casamos na mesma época. Minha adolescência foi assim, tranquila, saía só nesses bailinhos durante a semana eu estudava muito, porque eu estudava no Bandeirantes, sempre estudei lá, estudava muito. Eu sempre fui muito boa aluna. No Caetano Campos fui muito boa aluna, então eu passava muito tempo estudando, tocava harmônica, estudava harmônica. Não é como hoje, a gente não fazia muita coisa. Eu estudava balé porque meu pai, assim era apaixonado por balé no municipal. Eu gostava mais ou menos. Era imposição dele, mas eu acabei gostando, porque eu fui até o corpo de baile. Depois no corpo de baile tinha exigências, de sapatilha, tinha andar na ponta do pé, mas não tinham muitos problemas. Eu dancei toda minha vida, fiz balé. Minha neta agora entrou no sapateado, me matriculou e falou: “Vó, você vai dançar sapateado comigo”. Eu faço, aprendi samba com a minha filha. Então sei lá, elas acham que eu sou da idade delas, porque... quando vão dançar, quando vão fazer cursos me levam. Eu não me canso mesmo. Eu nado com pessoas jovens, da tua idade. Eu nado numa boa. Eu sempre fui medalhista, ganhei o Panamericano. Eu acho que eu tenho uma propensão para esporte, porque eu me esforço bastante. Mas eu acompanho bem a turma de máster. A gente viaja muito, é bom né? A gente já viajou o mundo inteiro. Eu já fiz triátlon, já corri, já andei de bicicleta. A gente já viajou... eu fui com minhas filhas para a França de bicicleta. Limitação física eu acho que não (tive). Ah já tive assim, muita lesão de joelho, mas nada muito sério. Já tive problema de cartilagem do joelho. Mas nunca caí, nunca me machuquei. Aliás, já tive cada tombo, mas nunca me machuquei. Eu fazia um trabalho na cinemateca de projetos... e eu sei que eu fazia concerto lá em cima. Tem uma escada que é enorme, para você chegar ao estúdio. Então, um dia eu não sei o que aconteceu, eu me distraí, ou alguém me chamou e eu rolei daquela escada enorme até embaixo. O povo achou que eu tinha morrido. Chegou lá baixo eu levantei e saí andando. E as pessoas desconfiadas: “Mas você não machucou nada?” “Você deve ter um músculo que te apara!”. Porque assim, eu já caí várias vezes, mas nunca de... nada que me machucasse, que me impedisse de praticar esporte, né? Não tive nenhum tipo de limitação.

Tem as fotos de noivado, casamento. Meu marido era judeu, mas não fazia esporte nenhum. Esse era meu marido. Nessa época a gente fazia noivado, tudo direitinho. Esse aqui é o rabino. Casar com um não judeu não era possível. Não sei, isso nunca me passou pela cabeça. Meus amigos são todos da colônia. Nem imaginei, mas acho que minha mãe

não ia aceitar. Fiquei noiva, acho que em 60. Estava na faculdade já. Entrei nova, logo depois do colegial. Eu já estava na faculdade, eu estava nas Ciências Sociais na Maria Antônia e meu marido fazia engenharia. Quando eu estava lá eu já estava casada, eu estava grávida com nove meses e eles invadiram a Maria Antônia e eu tava lá dentro, grávida de nove meses. Então eu nem terminei as ciências Sociais por causa disso. Muita gente morreu da minha turma. E o meu marido estava no *Mackenzie*, no último ano de engenharia e ele falou: “Você não vai mais lá”.

Fotografia 13. Yara no dia de seu casamento. Fonte arquivo pessoal.

Foi em 64 isso, então foi o último ano que eu fiz na Maria Antônia, Ciências Sociais, depois a gente foi viajar muito. Eu só voltei para a faculdade quando eu já tinha três filhas, a quarta nasceu durante a faculdade. Mas a minha filha mais velha ela não falava direito. Trocava as coisas. Quer dizer ela é uma *super* empresária. Mas daí eu fui estudar fono(audiologia).

O dia do meu noivado, não me lembro muito não... eu sempre conheci meu marido. O pai dele era nosso médico de família, então eu sempre conheci ele. Eu comecei a namorar em novembro e em maio que era meu aniversário eu já fiquei noiva. Foi tudo tão assim, meio rápido. Daí eu fiquei muito tempo noiva. Só casei acho que 4 anos depois, porque ele estava se formando.

O meu vestido era todo plissado, eu que desenhei ele. O casamento civil foi na casa de uma amiga minha. Eu casei no civil em abril, no civil o dia eu não sei. Mas no religioso foi dia 18 de abril. Meu padrasto entrou comigo na igreja. Eu tinha 22 anos e me sentia muito magra, eu não gostava de comer. Meu marido era gordinho. Eu queria engordar, mas eu não conseguia engordar. Meu marido já era gordinho, ele era bem gordo, quando ele morreu ele já estava bem gordo. Eu engravidei um ano depois, quando eu estava como nove meses de gravidez, já estava no último ano de faculdade. Eu não terminei, mas por outro lado foi bom, porque muitas matérias eu não precisei... eu não tinha terminado Ciências Sociais e muitas matérias em fono eu não precisei fazer. Eu tive três filhas bem seguidinhas, de onze meses de diferença, bem pertinho uma da outra e a última é que foi só 10 anos depois. Fiquei completamente sem praticar esporte e não engordei também. Eu ficava pra lá e pra cá levando elas. E nos intervalos... e quando eles estavam maiorzinhas a gente viajou. Meu marido trabalhava fora. Às vezes eu ia com ele.

Quando meu marido faleceu elas estavam entrando na adolescência, só tinha uma pequena e ele faleceu de repente, assim. Nessa fase eu acho que eu surtei. Tanto é que eu não sabia se eu queria ir embora, se eu queria ficar. Daí eu passei... eu peguei minha filha pequena fui para Israel, mudei. Fiquei morando lá. Daí elas começaram vir, depois começaram a voltar. Foi meio bagunçada a minha vida. Daí eu tive que trabalhar. Não podia mais, só trabalhar com fono, então eu fiz mil coisas, abri galeria de arte e hoje também eu faço um monte de coisa. Eu tinha consultório, eu tinha galeria de arte, trabalhei muito para criar as meninas, né? Então assim foi tão rápido que eu nem... daí elas saíram para trabalhar.

Essa são as últimas. Eu passei o fim de ano com minha filha menor em Buenos Aires. Tá vendo, aqui mostra minhas rugas dos olhos. Olha, estou cheia de rugas, preciso dar um

jeito. Mas você vê, eu faço tanta estética facial e comigo não funciona. Eu faço para os outros. Deixa eu ver... (dificuldade de escolher a fotografia atual). Então, eu não gosto da minha cara. Ah eu estou muito enrugada, acho que não combina com o meu corpo. Mas qualquer hora eu vou fazer uma plástica. Acho que o corpo não mudou. Acho que não, quando eu tô de maiô eu tô igual. Essa é a turma que eu nado, eles são jovens. Você vê que as meninas que nadam comigo são jovens. Realmente eu preciso dar um jeito no meu rosto. Eu só sinto minhas costas um pouco grande. Quando eu ponho uma roupa às vezes não cabe aqui, mas isso é da natação. Eu não me olho muito espelho, porque eu fico olhando muito de perto as rugas e... mas você vê, eu faço tanta ginástica facial, eu faço muito com os outros, mas comigo não funciona muito não.

Fotografia 14. Yara no Clube onde pratica natação. Fonte: arquivo pessoal.

Mas assim, eu vejo minhas amigas, minha turminha elas tem um pouco caído aqui (pescoço). Eu até queria puxar um pouquinho, mas eu acho que também a natação ajuda. As minhas amigas todas usam aparelho auditivo, todas, praticamente todas ouvem mal. Então eu não sei se é o esporte que faz eu ouvir bem, ou por eu ser fono também pode ser... também tenho essa vantagem. Quer dizer, caiu. Eu as vezes faço audiometria para mim e tem uns graves que eu não escuto. Tem um pouquinho das células ciliadas que caem um pouquinho. Mas assim, a maioria das minhas amigas já não tem assim... eu não sei se é o DNA que é bom, mas assim, eu tenho muito pouco problemas de dente. Não tenho falha de dente. E não tenho problema de audição também. Não enxergo lá essas coisas, mas assim, eu acho que com a idade vai caindo. As células vão diminuindo, né?

Eu acho assim, a postura de andar... meu irmão fala para mim: “Nossa você anda retinha”. Porque meu irmão tem 5 anos a menos e já está devagar. Eu ando sempre depressa. Assim não tem nada que me incomode. Eu de vez em quando tenho um problema de joelho, porque eu acho que faço um pouco over. Eu nado muito. Não tenho problema físico. Nada que me impeça de fazer alguma coisa. Eu corro às vezes, ando de bicicleta com minhas filhas. Mas assim a barriga não é a mesma que era. Eu assim quando engordo um pouquinho eu dou um tempo... não como açúcar, essas coisas. Às vezes eu esqueço. A gente sempre almoça junto depois da natação. Então eu abuso um pouquinho... eu saio muito, vou em festa. Eu como! Mas eu me cuido. No dia a dia eu não como coisas que engordam muito. Mas eu acho que eu tô... não tenho celulite, nada flácido. Eu não tenho nada. Eu vejo tanta gente com celulite. Não tenho tudo lá em cima né? Mas também não é que eu me esforço. É uma coisa automática, natural. E às vezes eu nado até melhor que muito jovem. Todo mundo fala que eu sou fora de padrão. Mas eu acho que eu sempre cuidei disso. Minha avó nadou até morrer. Minha mãe era campeã de esgrima. Então eu acho que é uma coisa que a gente educa né? Eu ensinei minhas filhas a nadarem, mas não que elas sejam campeãs. Eu tenho esse grupo de idade, é um grupinho que a gente estuda junto. Eu tenho esse grupo com a Esther que a gente estuda a espiritualidade da idade. Ah eu faço um monte de coisa, cada dia eu invento uma coisa... pesquisa. Eu faço duas vezes por semana no neonatal, eu cuido duas vezes por semana dos bebês pré-termo. E eu fico meio cansada, é plantão, é em pé e é muito quente. Sabe as isoletes são muito quentes. Tem horas que eu preciso parar. Eu tenho que trabalhar, preciso trabalhar. Eu me aposentei, mas tenho que trabalhar. E eu quero fazer um doutorado também, não sei aonde. Eu preciso estudar, eu não posso ficar parada.

CLEUSA

Fotografia 15. Cleusa com a irmã. Fonte: arquivo pessoal.

Eu nasci em São Paulo, aqui mesmo e morei a vida inteira aqui no bairro na Vila Prudente. Eu tenho 62. Eu tenho 6 irmãos, 7 comigo. Na foto aqui é a minha irmã, ela não chega a ser a mais velha, ela é a terceira irmã. É três mulher e quatro homens.

Ah filha, a vida era meia difícil, não é? Os meus pais era muito pobre. E morava meus pais e os sete filhos. Da infância... bom eu não tive infância, eu não tive infância. Porque eu acho que infância é você brincar... né? Um monte de coisa e nós não tinha assim como brincar, aonde brincar e com o que brincar. Mas eu não trabalhei quando era criança. Quando minha mãe teve esse meu irmão que era mais novo eu tinha nove anos. E minhas irmãs e minha mãe elas faziam sapato. Trançava sapato. Então elas ficava com a minha mãe trançando sapato, essa daqui e a outra irmã. E eu ficava para cuidar da casa e desse meu irmão. Eu tinha responsabilidade em casa. Porque nós morava num barracão, quarto e cozinha, né. E como minha mãe trabalhava com minhas irmãs em casa e eu ficava para cuidar do meu irmão mais novo e cuidar da casa.

Olha pra te falar a verdade eu nem lembro (da história desta foto). Eu devia estar com 6 anos mais ou menos. Pra te falar a verdade eu não lembro. Eu só lembro assim de mim mesmo foi mais ou menos na época que esse meu irmão nasceu, nove anos. Porque antes assim eu não. Tem meus irmãos, minha irmã que lembra de muita coisa, sabe? Eles falam, mas eu dessa foto aqui assim eu não lembro. Eu não tinha complexo nenhum... Na escola assim eu nunca tive problema assim de sentir ou feia ou gorda, apesar de que eu era gordinha, mas comigo eu nunca tive esse problema não. Na época em que eu estudei e tudo não tinha esses problemas não. Eu me sentia bem, tudo normal.

Aqui eu tinha uns dezesseis anos. E esse bebê no meu colo é minha sobrinha. Hoje ela tá com 48 anos. Foi a primeira sobrinha. Essa foto aqui eu lembro. Quando a gente tem dezesseis anos a gente pensa assim bastante em se arrumar, tá sempre arrumadinha né? Essa aqui foi uma época boa, apesar que eu trabalhei bastante também. Na época dos dezesseis anos assim foi uma época boa. Época que eu conheci minhas amigas da firma, a gente saía ia em aniversário, ia a noivado, ia em casamento. Foi uma época boa. Nessa época eu trabalhava em fiação. Trabalha aqui perto, trabalhava numa aqui em baixo. Eu trabalhava... é uns cone sabe? A gente enchia, a gente trabalhava nas máquina e enchia aqueles cone. Era bom trabalhar lá.

Fotografia 16. Cleusa no quintal de casa com a sobrinha no colo. Fonte: arquivo pessoal.

Nessa firma que era boa, e numa outra que eu saí dessa e trabalhei lá, ali no Ipiranga era melhor ainda. Porque ali não tinha chefe, não era assim encarregado. Era uma família, sabe? A gente se dava muito bem. A gente era uma família, todo mundo, encarregado, chefe geral. Tudo de bom, era bom demais trabalhar lá. Essa foto não era um dia especial, é que o pai dessa menina gostava de tirar foto. Quando ele vinha passear aqui na minha casa ele vinha com a máquina, aí ele batia. Não era um dia especial, era um dia normal. Essa foto foi tirada aqui na minha casa mesmo, era no quintal da casa mesmo. E acho que nós ia começar a construir e você vê que tem umas coisas aqui, que nós ia começar a construir aqui.

Não, assim... eu gostava de me arrumar, tá assim sempre arrumadinha. Mas assim com o meu corpo eu me sentia bem eu nunca tive ou tem isso que eu não gosto, aquilo que eu não gosto, sabe? Nunca... me sentia bem, não tinha nada que me incomodava. Depois eu me relaxei.

Aqui era batizado da Tereza. Ah esse dia foi muito bom, foi minha irmã que batizou, essa daqui ó. Ela que batizou a Tereza. Foi um dia muito bom, veio meu sobrinho, esse meu marido aqui já era casado, ele tinha duas filhas, as duas filhas dele veio. Aqui eu tava com uns 39 anos. Eu tinha 37 quando eu fiquei grávida, depois 38 quando eu tive ela. Aqui mais ou menos ela deve estar com um aninho. Eu tinha uns 39 anos aí, a Tereza é minha única filha. Era uma vida normal, meu marido trabalhava, eu trabalhava. Eu trabalhava em fiação também. Só que aí a gente trabalhava ali na Santista, no Belenzinho. Era uma empresa bem grande. Ai, ali já não era muito bom. Eu não gostava de trabalhar lá porque tinha um encarregado lá muito... que pegava muito no meu pé. Então nessa Santista aí não era muito bom. Eu trabalhei a vida toda com fiação, trabalhei e me aposentei tudo no serviço de fiação. Eu me aposentei com 42 anos, porque eu comecei a trabalhar com 14 anos e em fiação tem a “salubridade”.

A gente trabalhava 5 e ganha 1, por causa do barulho e do pó. Você trabalha cinco anos e ganha 1. Então quer dizer, quando eu tinha 25 anos de firma eu me aposentei. Ainda não me aposentei mais nova com 39 anos porque teve uma época que eu fiquei desempregada. Eu fiquei desempregada tudo, daí eu perdi um tempo. Aqui eu tava quase para me aposentar. Eu me aposentei com 42 anos. Nessa época aqui a minha cunhada olhava ela.

Fotografia 17. Cleusa com o ex-marido e a filha batizado. Fonte: arquivo pessoal.

Quando eu tive ela depois fiquei de licença tudo, a minha cunhada é que olhava. Aí depois era minha mãe que olhava, que aí depois minha cunhada não quis mais olhar então eu fui para trabalhar a noite, das 10 às 6 da manhã. E quando eu dormia minha mãe que ficava olhando ela. Trabalhar a noite era terrível, não porque você dormindo umas quatro horas durante a noite você consegue levar o dia bem. Porque você dormindo sete ou oito horas de dia que a noite já faz bastante falta. Aí é muito sono, sabe. Eu praticamente dormia quase o dia inteiro. Porque minha mãe chegava na minha casa umas nove horas da manhã. Aí eu já ia dormir. Porque minha mãe ficava olhando ela e eu já ia dormir. Minha mãe ia embora as seis horas, porque eu morava aqui pertinho sabe? Eu morava pertinho minha mãe ficava das nove até as seis da tarde lá, e eu dormia. Mas sempre a noite assim. Mas teve uma época ruim porque minha mãe quebrou o pé aí ela não pode mais olhar minha filha, aí eu tive que cuidar dela de dia e trabalhar a noite, e a noite ela ficava com meu marido, né? E eu ia trabalhar. Trabalhar a noite não é fácil não.

Pra te falar eu me sentia bem também. Sabe assim fisicamente eu me sentia bem. Deixa eu te falar uma coisa. Eu me sinto assim, conforme eu vou envelhecendo, mas eu não me sinto envelhecendo. Na minha cabeça é como se eu fosse ainda uma jovem. Sabe eu não tenho mudança assim no corpo. É tem assim, o corpo da gente modifica, assim de uma adolescente, para uma jovem, para uma senhora de sessenta e dois anos, é lógico que o corpo tá todo... assim fisicamente. Fisicamente ele tá todo modificado. Mas na minha cabeça, pra mim eu não tenho sessenta anos, sabe, eu não me vejo com sessenta e dois anos. Sabe eu não sei. Assim, conforme o tempo vai passando... mas parece que a mente da gente... não sei, não modifica. Eu fico bem, tem pessoas que às vezes fica chateada, porque já tá com uma certa idade, já não gosta de falar a idade... ou então um negócio ou outro, a pessoa não gosta que chama ela de velha, mas eu não tenho isso comigo. Porque para mim é assim, eu tenho sessenta e dois anos mas, no meu sentimento assim, para mim, eu não me sinto com essa idade.

Nessa foto eu estava com sessenta anos. Não foi diferente fazer sessenta anos. Eu me sinto normal. Não mudou nada fisicamente, nem psicologicamente. Não tenho problema com a idade, ela vai chegando e eu não me incomodo. Essa foto eu tirei para RG, que a minha já tava vencida então tinha que fazer outra nova e eu tirei para minha RG.

Fotografia 18. Cleusa em fotografia 3x4 para documento. Fonte: arquivo pessoal.

Mas sabe só se essas pessoas (que se preocupam com a aparência) não tem ocupação, elas tinham ocupação. Mas sabe porque, que tem uma moça aqui, moça não, ela tem setenta anos. Ela também não fala idade. Ela tem uma vida razoável, uma vida boa sabe. Mas se você ver como ela reclama, como ela deseja morrer, sabe? Ela não tem animo para nada. Mas eu acho que é porque ela não tem uma ocupação. Ou então se tem de tudo né? Você não tem como pensar se vai sobrar dinheiro para pagar uma conta, se vai te... se você vai conseguir pagar tuas contas, por o que comer dentro de casa, né? Uma vida meio corrida, então eu acho que a cabeça da pessoa não tem tempo de pensar coisa ruim. Mas a pessoa que fica o dia inteiro em casa, tem uma casa boa, tem casa alugada, tem duas pensão, a dela e do marido, tem um carro, mas só fica dentro de casa? Não faz nada. Aí é que a pessoa vai se sentindo sozinha, os filhos moram longe, vai se sentindo sozinha, vai achar que a vida vai acabar daquele jeito. Então é isso. E eu como eu sempre trabalhei, desde os meus nove anos, vamos dizer. Que foi quando eu comecei a cuidar desse irmão mais novo, depois com quatorze anos eu já fui para dentro do fio, para ajudar meus pais. Agora quando eu era casada meu marido já não ganhava muito, então eu sempre tive que trabalhar. Agora que eu tô com a Tereza eu não ajudo muito, mas faço o possível. Então eu acho que talvez a vida que a gente leva não deixa a gente pensar na idade, na velhice. Tem gente que não tem mais nada para preocupar então fica procurando coisa. Eu me acabei um pouco porque eu peguei a diabetes, eu era mais encorpada, com a diabetes eu emagreci muito. Hoje eu já não uso creme, nem maquiagem. Eu ganho uns cremes da natura, do boticário e dou para Tereza. Quando eu era jovem, a gente usava sempre pintura, cílio postiço, fazia aqueles risquinhos com o rímel, gostava muito de usar, usava sempre. Mas agora eu não uso mais não. Acho que para tudo tem sua hora certa. Acho que deixei de usar pelo tempo, acho que depois que eu casei e tudo a vida fica mais corrida, você já faz tudo, então algumas coisas você deixa para trás.

Eu me aposentei, mas eu nunca parei de trabalhar. Logo que eu me aposentei eu fui trabalhar de copeira e faxineira num escritório que tinha aqui na Vila Ema. Aí depois eu fui trabalhar, aí fechou o escritório, e tudo aí eu fui trabalhar de diarista. Trabalhei de diarista um tempo, aí depois uma vizinha aqui me chamou para trabalhar para ela, mas por mês, trabalhar na semana. Aí eu fiquei trabalhando com ela. Aí depois que eu fiquei muito tempo trabalhando com ela. Ela tinha o pai dela acamado, né? Aí ela faleceu essa moça. Aí a filha dela me chamou para cuidar do vô. Aí eu fiquei cinco anos cuidando desse senhor na cama. Cuidei desse senhor cinco anos. Aí depois que ele faleceu eu voltei a trabalhar de diarista novamente. E estou trabalhando de diarista.

CATARINA

Eu nasci em São Paulo em 1946. Morei com meus pais, meu pai é comerciante, e no mercado tinha um box. A minha infância foi muito tranquila, muito boa. Quando eu era criança... eu era a caçula né? Aí eu era bem, porque meu pai tinha uma casa boa. E meu pai era ortopedista, ganhava bem. Depois quando ele se aposentou ele comprou o comércio. Então eu sempre tive boa comida né? E boa escola, estudei tudo. Até o casamento. Eu morava em interlagos. Perto do autódromo, da pista. Eu brincava muito na rua, com as crianças a noite, a gente se reunia para brincar. Agora não pode né? Ia no matinê todos os domingos. Aí com 16 anos conheci meu marido, comecei a namorar. Eu estudei lá em interlagos, colégio Ademar de Barros. Municipal. Eu era uma criança feliz. Bagunceira não, porque meu pai era muito rígido né? Mas feliz, brincava, ia na escola, estudava. Tenho boas lembranças. Mas eu tive uma infância boa, fui criada com mãe, com pai. Brincava na rua, era menina com menino, não tinha maldade né?

Era magrinha, mas tinha saúde. Tinha cabelinho sempre curtinho, franjinha. E eu era o anjinho da procissão. Eu tinha uma foto de anjo, minha irmã pegou de mim sabe? Se vestia de anjo, aquelas asas. Quando vinha a procissão minha mãe já começava a fazer o vestido. Eu adorava me sentia. Se sentia, que os outros falava né? “Ah que anjo bonito!” É, não sei, não sei se me sentia bonita. Eu era criança né?... Não eu sempre fui magrinha... nada me incomodava... e minha mãe fazia aqueles vestido. Comprava pano, a gente escolhia rodado. Aqueles laços enormes. Eu queria o meu enorme. O meu tinha que aparecer aqui (na cintura), parecia uma borboleta. Ela levava na costureira. Com manga fofa. E eu chegava e falava: “Eu quero a manga bem fofa!” A costureira falava: “Mas não fica bom.” E eu: “Ah eu quero fofa!”. E fazia aquele mangão, parecia que eu ia voar. Hoje eu não punha um vestido daquele na minha neta.

Essa foi quando eu comecei o namoro. Foi o primeiro e só foi um. Ele se chamava Sebastião, era seis anos mais velho que eu. Aqui ele tinha 22 e eu 17. Ele era muito bonito, e eu tinha ciúmes porque ele trabalhava na noite, no meio daquela gente. E ele não ganhava muito, ele comprava muita roupa boa para estar no meio dos artistas. Eu passei uns pedacinhos com ele. Comecei a namorar com 16 e casei com 17. E com 17 tive filho, eu casei e já engravidei. Essa foto foi quando eu comecei a namorar com ele. Você vê que a saia, a saia era pra baixo do joelho, o cabelinho cheinho. E foi acho que uns 2, 3 meses que eu tava namorando com ele, que eu levei ele em casa, né?

Fotografia 19. Catarina com o noivo. Fonte: acervo pessoal.

Eu fui apresentar ele para os meus pais. Minha mãe fez para ele um jantar né? Ela fazia muito peixe, fez um peixe assado. Ela cozinhava muito bem. Eu tenho vários diplomas

que eu fiz curso de pão, faço pão caseiro. Que nem ela, ela adorava cozinhar. Eu falava com meu pai e ele falou para não demorar muito no namoro, tem que casar logo. E ele falou: “Ah eu vou arrumar as coisas e a gente logo casa.” Mas ele... aí eu ficava sabendo que ele tinha outras namoradas na noite. Encontrava foto no carro. Ele dizia que não né? Ele estava num barzinho com a mão no ombro. Ih, aí saía aquelas brigas. E eu falava: “Eu vou embora!” Eu falava para minha mãe que ia embora e minha mãe: “Que vai embora! Vai passar, vai passar. Ele tá com a cabeça virada.” Esse foi o sofrimento. E as vezes falta de alguma coisa que eu queria. Mas dizer que eu passei fome, que eu sofri, nunca.

Eu comecei a trabalhar com 15 anos, naquele tempo eu trabalhava cedo né? Eu comecei a namorar com 16 anos, do nada. Eu trabalhava na Niasi² e teve um baile de festa junina. Aí eu achei meu marido estava lá também. Aí eu vender bloco pra ele. Aí ele falou: “Dá o bloquinho que eu compro todo. Você vai ser a princesa da festa.” E comprou! Ah eu nem lembro, era cruzeiro naquele tempo né. Aí ele comprou o bloquinho todo e eu fui a princesa, sabe? ... da festa. Aqui eu tinha 17 anos, você que o cabelo era armado, desfiava e quanto mais alto o cabelo melhor. Punha Bombril. Eu tinha pouquinho cabelo, até hoje eu tenho. Aí desfiava, a cabeleireira. Essa foto aqui eu tenho 17 anos. Eu trabalhava nessa firma do livro (Niasi) aí ele sai, sai da firma e meu pai falou: “Olha não vai ficar namorando muito tempo. Já é pra casar, vai casar.” Aí casamos né?

Eu trabalhava na Niasi. Eu atendia telefone, hoje é telemarketing. Sabe aquela que atende o telefone? Naquele tempo não era (telemarketing), era atendente de telefone. Eu pegava os recados, a pessoa: “Ah, eu quero tantas caixas de xampu, de condicionador.” Aí eu atendia e anotava. Mas aí logo que eu casei eu saí. Eu nunca mais trabalhei na minha vida. Ah eu gostava, gostava. Eu parei de trabalhar para casar. Naquele tempo as mulheres não trabalhava né. As mulheres ficavam em casa.

E aqui esse livro, deixa eu te mostrar. Foi quando eu trabalhei na Niasi. Logo no começo quando inaugurou. De esmalte... olha eu aqui. Acredita que minha filha falou; “Mãe eu trabalhei trinta anos na Niasi e nunca saí nem no jornalzinho e a senhora trabalhou só um pouco e saiu na revista.” Agora fechou né? Não, não fechou, ela foi para Goiânia.

² Niasi é uma fábrica nacional de esmaltes e produtos de beleza.

Fotografia 20. Catarina em foto da inauguração da fábrica da Niasi. Fonte: Livro Niasi, a Vida do Homem que Realçou a Beleza da Mulher no Brasil, 1998.

Quando eu casei eu fui morar com a minha sogra né? Quando eu morava com a minha mãe eu não fazia as coisas. Aí eu fui morar com minha sogra. Então ela... e eu lavava assim a roupa e ela ia no varal e recolhia e dizia: “Está tudo mal lavada. O colarinho você tem que passar uma escovinha.” Queria ensinar, sabe? Nossa para dar mamadeira pro neném e vinha e ajeitava no meu colo. Aí eu ficava com muita raiva dela sabe? Mas ela fazia pro meu bem né? Mas eu não entendia né? Ah ficamos morando um ano. Aí ele alugou uma

casa e foi trabalhar com o Roberto Luna, que era cantor. Cantava bolero, estava no auge. Ele era motorista, cantava no show. Hoje é (seria) empresário, ganha muito dinheiro, mas naquele tempo não. Ele levava o artista pra cá, pra lá, agendava show. Ele ganhou mais dinheiro foi com o Aguinaldo Raiol. Aí ele saiu e falou: “Ah eu vou arrumar um emprego”. E foi trabalhar... um cara convidou ele para trabalhar, do canal dois. Suzuk, Makina Suzuk. Que inventou a internet grátis, essas coisas toda, trabalhava com ele, de motorista particular, né. Aí ele começou a construir essa casa. Aí que começou a ideia, já estava bem mais velho. Vendo os filhos crescendo né? Aí meus filhos começou tudo a casar né? São todos casados né?

Eu me sentia bem, depois e um tempo começou a pressão a subir. Mas aí comecei a ir para o médico e me controlei. Já faz uns 10 anos e quando ele faleceu aumentou muito. Aí uma neta veio morar comigo aqui, para eu não ficar sozinha. E quando eu melhorei e ela foi embora. Mas sempre tem gente aqui, sempre. Porque essa minha filha mora lá do outro lado da rua. Sempre tem gente aqui. E eu gosto! Essa semana está até bagunçado. Essa semana ficou uma semana inteira aqui, minha neta e minha bisnetinha. Porque eu tenho três bisnetas. As coisinhas mais lindas. Eles vem e ficam aqui comigo né?

Eu me sentia bem, depois eu comecei a engordar e agora estou fazendo caminhada né? (Nessa época) comia normal só, e trabalhava muito, porque com todos aqueles filhos né? Trabalhava muito. Depois dos filhos senti mudanças no corpo... porque meus filhos todos tiveram sempre saúde, eu sempre tive saúde. E meu único probleminha foi esse da pressão que subiu. E tomo remédio, eu já controlei. Nunca fiz cirurgia grande. Eu gostava de arrumar o cabelo, fazer as unhas. Batom meu pai não deixava usar e meu marido também não deixava. Então eu já sou acostumada. Os outros falam: “Passa um batom.” Até hoje eu não uso. Eu vou para a festa e as meninas: “Vó, nós vamos pintar você.” E eu: “Olha lá, olha lá!” Eu não usava nada, era pó de arroz, talco e aí passava assim um talquinho, só. Ah o cabelo era muito arrumado, a sobancelha. Nossa a gente as vezes ia e comprava escondido do meu pai, aí eu e minhas irmãs a gente comprava *rouge*. Agora é blush que vocês fala né? Era um negocinho com uma esponjinha. E nós saía lá na rua e uma passava na outra. Na rua! Nunca bebi, nunca fumei, meu marido fumava, depois ele parou. Mas lá no empório do meu pai tinha cigarro, tinha bebida tinha tudo. Mas eu nunca fumei. E nunca ninguém precisou me falar: “Isso não pode fazer! Isso não pode! Não pode fumar, não pode beber.” Nunca, nunca. Acho que por isso que eu tenho a saúde né? Depois dos filhos os seios ficaram mais flácidos, a barriga cresceu e eu fiquei mais gorda né? Depois dos 40 eu comecei a engordar e não consigo emagrecer. Incomodava muito. Ah eu vou comprar roupa e até

hoje me incomoda. Aí visto uma calça e não serve. Tanto é que eu fui aprender a costurar, que eu fiz o curso de malha. E esses vestidos aqui tudo eu faço. Eles são mais fáceis, ficam soltos. Porque eu não achava roupa. Até que acha, mas... e eu falei: “Vou fazer umas roupas para mim né?” Ah é horrível.

Eu me incomodava que eu queria conversar com vizinho, que eu queria ver uma colega. Às vezes minha irmã dizia: “Ai eu tô indo embora que hoje vai duas amigas minhas almoçar lá em casa e nós vamos fazer um almocinho.” E eu morria de inveja, eu não tive isso. E ele falava: “Não precisa ninguém estranho vir na casa da gente.” Me prendia mesmo, sabe o que é presa? Eu era presa. Era muito ruim e isso me incomodava.

Agora hoje eu sou bem mais feliz que com o meu marido. Não porque eu não gostava dele, nem nada. Por causa da minha liberdade. Hoje eu tenho uma vizinha aí do lado a outra. Então a gente de vez em quando fala: “Vamos fazer uma coisa diferente? Vamos fazer macarrão?” Aí a gente faz a massa do macarrão na maquininha. Faz o molho. Vem ela, vem uma outra. Aí faz o molho. A gente arruma a mesa, põe tudo bonito e fotografa. Hoje eu vou no shopping com as minhas filhas, volto a hora que quero. Vou viajar. Começa a viver. Eu não participo de grupo de idosos, só curso eu faço. Eu não viajo com idoso, eu viajo só com minhas filhas. Assim eles vão, convidam, mas eu não viajo. Eu não gosto. E hoje eu viajo, fico sossegada né? Eles queriam mandar, proibir de você ir no cabeleireiro, de pintar unha de vermelho. E até hoje menina, até hoje eu vou na manicure e falo: “Ah um bem clarinho...” “Não quer vermelho lindo?” E eu: “Não, eu não me libertei.” Aí as meninas falam: “Porque a senhora não pinta de vermelho?” E eu falo: “Ah só quando eu for em uma festa assim, por uma roupa bonita, aí eu pinto de vermelho, senão eu fico com clarinho mesmo”. Porque eu não tenho costume, eu ainda não me libertei disso. Aí falam de baile de terceira idade, e eu falo: “Não, não, não!” Viajo com os meus filhos. Assim uma vida bem sossegada, só que eu tenho liberdade né? Posso ir onde eu quiser, conversar com quem eu quiser. Se bem que eu mantenho... não converso com qualquer um. A minha vizinha do lado e essa nós mantemos uma amizade. Mas nada de ficar dentro da casa do outro. Uma vez ou outra que convida né? “Vamos tomar um chá?” “Vamos.” Que nem visita sabe? Mas não ficar enfiado todo dia batendo no portão. Eu sou muito discreta fico aqui na minha casa.

Fotografia 21. Catarina com o marido e o neto em sítio. Fonte: arquivo pessoal.

Nessa foto eu tinha uns 49 anos. Olha meu netinho, ele hoje é jogador de futebol. Aí eu estava no sítio. No sítio de uma cunhada minha. Foi uma festa no sítio, de uma cunhada minha. Casamento não, aniversário de casamento dela. A gente estava muito feliz, muito contente. Ano... vamos por... 2014 né? Uns vinte anos atrás, vai dar o quê? Porque meu neto tá com vinte, uns dezoito anos... noventa e seis, noventa e sete. Por aí.

Nessa época os filhos já tinham saído de casa. Eu estava presa viu? A gente saía ia fazer compra. E ele aposentou e ficou em casa. Depois ele voltou a trabalhar. Meu filho

formou advogado e ele fazia coisa de cartório para o meu filho. Então ele saía todo dia né? Nunca ele ficou em casa. Se ficava era uma semana, cinco dias, mas logo arrumava coisa pra fazer. Porque ele era trabalhador. Não gostava de ficar em casa. Ficava sozinha durante o dia e mais tarde ele chegava.

Quando fomos morar eu, com ele e os filhos minha vida era normal. Mas ele era muito ciumento. Eu não podia ir em uma manicure fazer uma unha e nada. Ele dizia: “Chama para vir em casa.” Eu não em cabeleireiro, não ia em *shopping*, em nenhum lugar. Ficava só dentro de casa cuidando dos filhos e da casa. Mas ele levava pra sair, pra passear, mas só com ele. Tipo eu arrumar uma amiga e sair, não! E receber uma amiga em casa também não podia. Mas vizinha assim eu mal conversava no portão. Não ia assim de medo dele chegar e pegar eu no portão. Porque ele gritava: “O que que está fazendo aí no portão? Tá vendo o que? Caminhão passar para mexer?” Ele era muito bruto sabe? Ficava dentro de casa só. Cuidava das crianças bem, foi tranquilo. E eu me sentia bem. Eu um filho depois do outro, a cada dois anos. E ele queria um menino. Tanto é que esse menino é idolatrado. Ele idolatrava. Aí depois eu engravidei, de gêmeas, duas meninas, mas na hora nasceram mortas. O médico falou que o coraçãozinho estava fraco, naquele tempo era muito difícil, ultrassom, tudo né? Aí eu operei, laqueei para não ter mais. Tive 5 mulheres, se eu contar... eu tive 5, nasceu e eu tive né?

Aqui... começou a mudar. Começou a pressão alta e logo eu fui me tratar. E logo eu fui ao médico. Tomava muito remédio. Mudou a rotina da vida, o médico mandou tirar sal, fazer caminhada, mas eu não conseguia sair pra fazer né? Mas o que eu fiquei ruim mesmo foi quando ele faleceu. Quando eu estava com ele achava que ele enchia o saco. Porque tipo, as vezes eu estava fazendo uma coisa lá e ele estava aqui. E ele me chamava de Gô. Aí ele: “Gô! Vem cá. Você pode fazer uma pipoca?” Aí eu com os pés ensaboados. “Você quer uma pipoca agora?” E ele: “Agora.” E eu: “Ah, tá.” Aí eu tirava o chinelo de fora, entrava, fazia a pipoca. (Ele) “Um cafezinho preto?” Aí eu fazia né? Aí quando ele morreu eu fiquei muito triste. Eu faço umas Maria Mole, branca quadradona. Ele adorava. Aí ele pegou, nós fomos fazer a compra de Natal e ele pegou bastante caixinha de Maria Mole. Só que eu tava guardando... Aí ele chegou e falou: “Faz a Maria Mole?” E eu falei: “Ah não. Só no Natal.” E era dia 10 de dezembro. E ele: “Não custa, faz uma caixinha para mim!” E eu: “Não, não, não!” Quando foi dia 15 ele morreu. Ele morreu de repente. E eu me arrependo até hoje. Não posso nem ver Maria Mole. Me arrependo. Porque eu não fiz a Maria Mole? Ai meu Deus. Então agora se você chegar e falar: “Ah Dona Catarina, dá para a senhora me fazer um nhoque agora?” Que é difícil. Eu: “Ah vamos comprar a batata... vamos fazer o molho...

porque...”. E eu pensei comigo, minutos a gente gasta para agradar uma pessoa. E a gente não sabe o dia de amanhã. Então eu me arrependi... Ele faleceu em 2009. Foi de repente. Ele saiu para trabalhar e teve um infarto fulminante na rua. Sorte que ele estava na porta do cartório e todo mundo conhecia ele. Chamaram a ambulância. Ele faleceu de uma vez. Não sofreu, não ficou na cama, não precisei cuidar de doente. Eu agradeço a Deus por isso. Ah Deus me livre de ficar na cama né? Ah eu nem acreditei. Foi um baque para os filhos, para todo mundo. Muito difícil. Ele reclamava de uma dorzinha no peito, mas não ia no médico, tomava um remedinho, passava. Fazer o que né?

Ah eu comecei a engordar, a barriga né? Ah eu procurava por roupas, cintas. Eu usei muito tempo aquelas cintas... assim sabe? Mas aí eu ia para o casamento com aquela cinta sabe? Aquela cinta, eu nem aproveitava que aquilo ficava... mas eu queria por uma roupa... mas nem respira. E salto né? Gostava e salto né? E aí... era um horror, hoje eu vou num casamento eu vou tão simples, de sapatinho baixo, me divirto tanto, como à vontade. Então por isso que hoje eu acho tudo melhor. A gente fica escrava. Ah eu sofria, eu não conseguia abotoar uma roupa por causa dessa barriga né? Agora já não tanto né? Às vezes quando eu vou comprar uma roupa eu falo: “Ah eu vou emagrecer, eu vou perder essa barriga. Eu vou começar um regime.” Até que eu diminui muito, tirei o refrigerante que eu tomava e não tomo mais. Só suco natural. Mas também é por causa da pressão. Porque o médico falou para mim: “Dona Catarina, a senhora não tem doença nenhuma. A senhora tem o que o que a senhora come. Essa pressão é o sal. A senhora deve estar comendo muita carne vermelha.” Eles fazem muito churrasco. Aí tirei tudo, fiquei um mês sem comer carne. E melhorou. Meço a pressão e tá ótimo. Agora eu uso outros temperos né? Aqueles condimentos eu tirei tudo, tudo, tudo. Agora eu uso alho, cebola, salsinha, manjericão, tudo natural. E a comida fica ótima. Os condimentos é um veneno. Olha essa aqui como eu estava gorda, gorda, gorda, gorda! Ah, tá vendo, esses sobrinhos aqui vieram dos Estados Unidos, vieram almoçar aqui, aí eu tive que sair correndo para comprar uma roupa. Olha essa barriga aqui. E a moça me falou: “Esse conjunto não vai aparecer sua barriga.” Olha aqui! Quando eu pus e olhei na foto eu falei: “Caramba!”

Fotografia 22. Catarina com a família, Dezembro de 2009. Fonte: arquivo pessoal.

Essa foto aqui foi dia 8 de dezembro de 2009. Eu estava completando 47 anos de casada. Aí no dia 15 ele morreu. Para você como ele estava feliz, os netos tudo caindo em cima de nós. Foi um jantar, nós fizemos uma bacalhoadada. Tem até um CD aí. E gravamos tudo. Todos os meus netos estavam. Tinha um genro meu que estava muito mal e veio. Fazia hemodiálise, saiu da clínica e veio. Parece que foi assim uma despedida viu? E aí no dia 15 ele faleceu. Saiu de manhã para trabalhar e passou mal... ele estava com 69 e ia fazer 70. Era muito ativo, gostava de se arrumar bem. Era 5 horas da manhã, podia cair gelo e ele tomava aquele banho, punha desodorante, tudo.

Atualmente a vida está ótima, está ótima. Posso dar meus passeios, sair. Sair assim com os meus filhos. Eu não vou nada além de... eu vou no *shopping* com uma filha. Mesmo porque eu não gosto de andar sozinha na rua. É muito perigoso. Aí eu vou com elas no shopping. Recebo visita. Assim essas coisas básicas, mas que a gente se sente feliz. Então, esse meu neto ele joga em Sorocaba, meu genro e minha filha vai assistir os jogos dele e eu vou junto. Fico lá na arquibancada gritando o nome dele: “Vai Cassinho!” Eu me divirto né? Eu dei uma rejuvenescida, pelo menos a cabeça, não fiquei bitolada. Eu não sou mais presa, tenho liberdade. Ele me deixou em condições boa, eu tenho uma casa, tenho minha

aposentadoria que dá para mim viver bem. Tudo isso. Não preciso pedir nada para ninguém, depender de dinheiro emprestado. Eu fico feliz cozinhando para a família, adoro a família. E ficar com a família. O meu maior prazer é... que nem minhas bisnetinha estava tudo aqui. A gente sentava aqui e eles ficam pulando... brincando e eu deixo a vontade. Bebia aqui... e eu nem... porque se você pensar que você não leva nada dessa vida. Você vai ficar: “Não! Tira, tira?” deixo bem a vontade. É uma maravilha. A gente ficar lembrando dos tempos, rindo.

Eu me sinto bem melhor agora, a pressão está melhor. Deito durmo bem. Vou na igreja, não deixo de ir na igreja todos os domingos. Sou dizimista, antes não era com meu marido. Ele dizia: “Não vou dar dinheiro para pastor, pra padre, não vou dar dinheiro para ninguém. Vou comprar... (Que ele era bom) Eu compro uma cesta básica e dou para um pobre.” Ele não estava errado, de um lado ele ajudava. Me sinto uma senhora não linda, bonita né? Mas... bem né? Me sinto... estou perfeita, tudo né? Cabeça boa. É quando eu vou a uma festa assim minhas netas me arrumam. Eu ponho brinco porque eu corto cabelo curto né? Se eu ponho uma calça cumprida ou um... tem que ter alguma coisa... se não fica né? Mas... me sinto bem graças à Deus. Eu queria emagrecer, perder essa barriga. Eu precisa perder uns 8 quilos. Porque vai na praia coloca aquela bermuda assim... não... e também para saúde. Não é para nada porque eu não vou arrumar mais marido, namorado, nada. Chega! Nunca mais! Fiquei 47 anos casada.

Hoje eu estava na farmácia com a minha filha, fui comprar um remédio e tinha um vaso cheio de bengalinha. E ela: “Escolhe aí uma.” E eu falei: “Só de for para te bater.” Não preciso ainda! Graças a Deus.

Quando o meu marido morreu nos 6 primeiros meses eu chorei. Eu ficava amuada. E depois eu falei: “Gente eu tenho que viver! E se eu ficar assim eu vou dar trabalho para os meus filhos.” Não tem tempo para mim. Que nem o meu filho. Ele vem aqui e passa correndo. Vem traz um pão doce, um agradinho e sai correndo. Até eu falo que ele é doutor. É visita de doutor.

Mudei o meu quarto, tirei a cama de casal, pus a cama de solteiro. A casa era amarela e eu pintei de azul. Mudei tudo. Fiz tudo do meu jeito. Para não ficar aquela lembrança. Para ficar positiva, mudei tudo. Porque eu vou ficar nessa cama de casal? Pus a minha caminha, mudei meu quarto com as minhas coisas. Dei tudo dele. Tinha terno, tinha relógios, nada menina. Só fotos. Dei tudo. Deixei só uma gravata vermelha que foi a última que ele comprou, e toda hora que eu abria eu via a gravata. Um dia eu peguei e falei par o meu filho: “Leva a gravata do seu pai.” E o filho: “Ah eu não quero ficar lembrando.” Eu

falei: “Ah dá para alguém aí na rua.” Era uma gravata italiana que ele ganhou não sei de quem. Eu tenho as fotos e as lembranças. Eu só tenho um medo, de ficar sozinha. Eu só queria ter mais dinheiro, né? Eu queria mudar de bairro, esse bairro já foi muito bom, mas agora tem nóia aqui. Demais. 7 horas, 8 horas você tem que se fechar aqui, ficar pra dentro. Eles ficam tudo na rua aí, passam fumando. Então eu queria ir para um bairro melhor. Mas por enquanto ainda tá dando. E eu não vou fazer dívida essa altura da vida. Se eu tenho tudo pago, tudo arrumado. Então eu vou ficando por aqui mesmo.

E um conselho que você dá para as mulheres, quando o marido for embora, mudar de vida. Não continuar com a aquela imagem... Agora não, eu faço tudo que eu gosto. Eu faço feijoada, macarrão. E outra menina... você vê, é tudo coisa boba. Ele tinha um chinelo de couro e ele usava o chinelo. Quando ele saía eu adorava usar aquele chinelo para lavar o quintal, porque não escorregava. E um dia ele chegou e viu: “Ah, não põe o chinelo na água, molhou o couro!” Aí quando ele morreu a primeira que eu peguei foi o chinelo e lavava, lavava. E acabei dando para um homem, meu Deus. Que coisa besta. Outra coisa é que ele... sabe quando você vai mexer as panelas e bate a colher na panela? Eu batia a gaveta... e ele: “Opa! Parece que tem uma escola de samba aí na cozinha!” não podia fazer barulho. Ele era tudo assim. Hoje eu, bah, bah, bah! Bato as panelas. Nossa meus netos fazem a maior bagunça. Mudou sim, tudo liberdade. Eu não digo que a vida foi ruim... foi boa. Ele amava os filhos. Eu tive uma vida presa. Agora eu estou livre. Você sabe que tem coisas que eu continuo. Por exemplo, me pintar, um batom um esmalte vermelho para realçar, mas eu não consigo.

ELCA

Fotografia 23. Foto da infância. Fonte: arquivo pessoal.

Eu acho que a minha infância foi uma coisa engraçada... eu não era bonita. Tem uma foto interessante... Mônica é minha filha e Catarina é minha neta. Eu não me considerava uma criança bonita, hoje eu olho e me acho uma graça. Eu acho que todas as pessoas que eu conhecia eram mais... clarinhas do que eu, não sei. Eu sou morena. Meus irmãos eram mais claros. Eles diziam que eu era... que eu tinha sido achada na rua. Essas coisas que parecem brincadeira e que provavelmente... uma parte daquilo eu escutei... Então quando criança... eu acho que até uns 14 eu me achava meio desengonçada, eu menstruei tarde. Toda puberdade começou... aos 10 eu já tinha um monte de menina em volta de mim que já tinha um seio e... eu não tinha, eu não era. Acho ótimo, acabei ficando criança mais tempo. E aos

quatorze que eu... aí desabrochou, desabrochou toda uma feminilidade que eu hoje não quero mais chamar de feminilidade, mas desabrochou. Os hormônios, eu virei o que tinha que virar. E aí eu me dei conta, me dei conta e o mundo me fez me dar conta. A minha história é a do patinho feio, que depois vira o belo cisne. E eu virei uma mulher muito linda.

Então na minha adolescência até os 14 eu não tenho lembranças. Não tenho lembrança de nada, não me achava bonita mas... tinha os amigos da vila, morava numa vila, tinha um monte de amigos... mas também não era importante.

Minha mãe não tinha nem grana pra pensar nisso (moda). Metade das minhas roupas eram roupas dos meus irmãos que ficavam para mim, ou roupa das minhas primas mais velhas que ficavam para mim e que de mim iam para outras primas mais novas. E isso era *super*... tudo... brinquedos... tudo. Não tinha grana para... tavam batalhando para eu... para ter dinheiro um dia para eu ir para a faculdade. Eram outros valores.

Eu me lembro que quando eu fiz 9 anos eu ganhei uma bicicleta vermelha. Nova, zero! E aquilo foi uma grande marca. Em vez de ganhar a bicicleta dos meus irmãos, como... a partir de uma certa idade a bicicleta não muda mais. Quando você faz 10 anos. Então meus irmãos, cada um tinha uma bicicleta que não podia passar para mim. Aí eu ganhei uma nova, vermelha, aro 24 ou 28, sei lá o que que era. Mas eu lembro que aquilo foi assim!

Fotografia 24. Elca em peça de teatro interpretando Titânia. Fonte: arquivo pessoal.

Esse gérmenzinho... essa sementinha de gostar de mim do jeito que eu sou... apesar... Primeiro eu não vou começar de pequeninha, eu volto no pequeninha depois. Mas a

partir dos dezessete, aos dezessete anos eu entrei na USP. Eu estava me preparando para o vestibular da USP. O teatro do Hebraica tinha sido construído e foi inaugurado na época. Sérgio Cardoso que era um grande diretor de teatro de São Paulo foi convidado para montar uma peça inaugural. Montar um sistema para o teatro e a peça inaugural foi “Sonho de uma noite de verão”. Dona Elca muito metida, foi lá fazer a... participar da escolha de atores, fui fazer a audição e fui escolhida para o papel de Titânia.

Titânia é a deusa, ela é a magnífica. Eu entrei a nessa fantasia como diz a música do Chico (Buarque): “Ela entrou nessa fantasia”. Eu entrei nessa fantasia e nunca mais saí. Eu sou Titânia desde os dezessete anos. Eu ando como Titânia. Titânia se apaixona pelo burro, pela mágica do Deus, ela se apaixona pelo burro e fica muito feliz. E na hora que ela volta e fica sabendo de toda a brincadeira ela tira de letra. Ao contrário ela curtiu muito, foi ótimo! Que bom! Eu vivi uma história de amor. Que diferença faz. Parece brincadeira, mas não é. Porque você aos 17 virar deusa é um gosto que eu carrego comigo. Eu sou deusa. Eu sou mulher.

Mas de todo o jeito eu virei deusa. Eu fui deusa, e deusa não tem uma preocupação... as minhas grandes deusas, os meus arquétipos hoje fora a Titânia que não é arquétipo, é incorporado. Os meus arquétipos são das deusas gregas, são Artêmis e Athena. Não são deusas preocupadas com a beleza, apesar delas serem belíssimas elas não são preocupadas com isso. Eu não quero nem ouvir falar das deusas que são as belezinhas, as gracinhas, as do feminino. Esse feminino eu tô fora. Então na minha juventude, a entrada... essa presunção de que a deusa tá dentro e de que eu sou linda de qualquer jeito, deixa de ser...

Eu me lembro quando eu tava casada. Entrou uma moda de calça abaixo da cintura. E que meu então marido falou: “Ah, você precisa comprar umas calças dessas, são super charmosas.” Eu falei... desde então eu digo: “Eu nunca estou na moda.” Ao contrário, tá na moda eu não vou usar. Eu não entro nessa porque eu sei que isso com certeza acaba te deixando numa dependência. O tempo todo se tá na moda, se não tá na moda. Então eu não estou na moda e não dou a mínima. Alguém que eu encontrei ontem que tinha lido o artigo falou: “Nossa Elca, você tá na moda, que agora esse negócio de morte tá na moda.” Eu falei: “Não querida, eu não estou na moda. Eu estou criando moda. É diferente. Não me coloque como estando na moda. Porque não é verdade.” E o cabelo branco também. Tem gente que hoje me encontra, como o cabelo branco está entrando na moda. Tem a molecadinha que está deixando o cabelo de *granny* as pessoas dizem: “Nossa, você está super na moda”. Realmente as pessoas não entendem que é possível você fazer moda. Você ser modelo. Também não estou preocupada com isso. Não estou preocupada com isso. Não

estou preocupada em fazer moda. Acho que é importante inovar, acho que é importante quebrar paradigmas. Não dá para ficar nessa. Mas não preocupada em fazer moda, não estou preocupada em ser o centro das atenções. Encerrei. Meu ego... tá satisfeito da vida. Não preciso mais nada. Não preciso de elogio, não preciso de parabéns, não preciso de sucesso.

Fotografia 25. Elca em seu casamento civil. Fonte: arquivo pessoal.

Quando eu entrei na faculdade eu entrei em economia. Na classe antes da minha tinha 3, na minha tinha 2, numa classe de 40 homens. Então eu... eu fiz a faculdade toda uma dondoca, era um mundo masculino. Eu era a dondoca que não precisava estar lá, estar preocupada com nada, ao contrário, eu dentro daquele mundo se eu não tivesse o mesmo tipo de resultado acadêmico que eles tinham eu simplesmente ia ser tratada como a loira burra. Então meu negócio na faculdade era fazer parte de grupos onde eu não ia só datilografar o trabalho. De jeito nenhum. Eu tinha coisas para dizer. Eu sempre, eu sou ao contrário, eu tenho opiniões muito claras sobre as coisas. Tenho razões lógicas para defender minhas posições na vida, sobretudo. Às vezes até demais. E então eu fiz os meus quatro anos.

Eu fui para o Banco Mundial! Agora em junho eu vou começar o meu curso de rabina. Eu vou virar rabina. Então eu olho para a metade deles e digo: “Gente, como vocês pararam no tempo!” Eu não digo nada (risos). Mas eles pararam no tempo, vivem dos louros

do que foram e não são mais. Eu fui para trabalhar e aí eu fui virei professora, fui trabalhar na secretaria do planejamento, dava aula na USP, antes disso eu dava aula na UNB, antes disso voltei e fui estudar fora, porque naquele tempo não tinha doutorado no Brasil.

Ser professor é uma responsabilidade muito grande. Toda essa questão estética era o de menos. Eu queria era no final do ano ter o reconhecimento dos meus alunos de que valeu a pena, de que o curso foi interessante, de que eles aprenderam alguma coisa. Eu tenho ex-alunos maravilhosos, um é o diretor do IBEMC hoje e quando ele me encontra ele me chama de mestra. E eu acho o máximo. Estética? Que estética? O importante é que eu tenho muitos alunos cujas cabeças eu ajudei a formar como economistas. Estética? Estética não tem problema nenhum, estética é moda, muda de uma estação para outra.

E quando eu me formei eu me separei do primeiro marido... ele tinha uma exigência estética grande, ele queria... ele queria cabelo... não podia cortar, o cabelo tinha que ser longo, tinha que ter um pouco desse *sex appeal*. Na cabeça dele era importante. E eu tinha consciência de que eu tinha esse sex appeal que ele queria. Eu ia fazer escova, fazia... fazia... como chamava? Touca! Eu fazia touca. Quando o primeiro casamento acabou eu passei uma fase... bem preocupada. Foi um choque. A mulher por quem ele se apaixonou era parecida comigo uns dez anos mais nova. Teve ali um impacto. Eu fiz uma plástica de rosto e de barriga. E falei eu tenho que voltar a me achar, não posso deixar cair a peteca. Eu fiz uma plástica e tinha 35 anos. Não... 84, em 86 eu fiz 40. Eu tinha 38 anos. Foi ótimo! Foi assim que acabou o divórcio. Ele saiu em fevereiro eu ainda não tinha mudado de casa e eu falei: “Eu vou fazer”. Porque se eu me sentir abandonada, feia, desprezada. Se eu incorporar isso no meu olhar no espelho eu tô frita! Acabou! Então eu fiz a plástica com o melhor plástico, Milano. Foi maravilhoso. E foi legal porque eu chego nos 70, com os sinais do envelhecimento, mas que talvez tivesse ficado muito piores que se eu não tivesse feito uma plástica aos 38. Nunca mais faço. Nunca mais tive vontade de fazer, nem... acho ótimo, acho que eu sou assim, estou na medida. Estou de bem. Mas eu fiz essa plástica e a partir dali retomei minha vida comigo mesma.

E fui encontrar o segundo homem da minha. Um grande amor, o primeiro também foi um grande amor, valeu apenas e foi maravilhoso. Que bom que ele foi embora e que eu fiz a plástica, que eu não tinha mais marido para perguntar se eu ia me mudar para os Estados Unidos para trabalhar no Banco Mundial. Eu fui lá, fiz minha carreira, mas encontrei um segundo marido lá. E esse... ele era... eu nem se isso aí é interessante para você. Mas enfim, eu tô achando ótimo, depois eu vou querer uma cópia disso aqui, porque tem uma história aí, que eu tô contando e tô achando muito bom de estar lembrando.

Quando a gente tava começando a namorar, sei lá, tinha uns dois meses. A gente se encontrou em novembro, fevereiro era *Valentine's day*. E este homem que ganhava mais do que eu me aparece com um casaco de couro preto, maravilhoso, forrado com pele, maravilhoso. Lindo, lindo, lindo, lindo. Me dá de presente e me diz: “Agora você pode jogar fora aquela capa cinza que você tem de gabardine, que está muito feia.” Eu olhei para ele e falei: “O que? O que? Você está achando que vai chegar na minha vida e vai ditando o que eu vou usar ou vou deixar de usar? Quem é você para julgar as coisa que eu uso e que eu gosto? Eu sou assim, e se quiser é assim que eu sou. Adorei receber seu casaco, vou usá-lo em situações de gala, vou usar. Mas o meu casaco de gabardine eu adoro.” E aquilo foi um drama, porque ele teve um susto, ele não estava fazendo aquilo para me depreciar, ele me deu o casaco porque pensou que talvez eu não tivesse grana suficiente porque tinha filho e tinha que pagar casa. Ele tava... e ficou: “Ah, não, não foi isso que eu quis dizer.” E esse segundo homem também era do tipo que descia do carro, antes de entrar, vinha e abria a porta para eu entrar no carro e depois ia para lá entrar no carro. E na terceira vez que ele fez isso eu disse: “Não precisa, eu sei abrir a porta e fechar sozinha.” (Ele:) “Não mas é uma gentileza”. (Eu:) “Por favor. Esse tipo de gentileza não é comigo.” Uma vez eu fui sair de manhã e ele me perguntou: “Você não quer levar um casaco que tá meio frio?” “Meu, se eu passar frio eu vou aprender sozinha, amanhã. Não precisa que você me trate como criança. Então tinha toda uma postura de eu me cuido, me gosto, me trato confio nas decisões que tomo, confio nas coisas que eu gosto.

Eu encontrei uma mulher que acha meu cabelo muito bonito. E que me disse... Como é que ela me falou? “Eu acho que seu eu deixar o meu cabelo branco eu vou ficar com cara...” Eu acho que foi a palavra embolorada. Aí eu falei para ela: “Enquanto você achar...” Nem sabe o que tem por baixo da pintura. Tá tudo coberto. Ela não sabe quanto cabelo branco ela tem. Ela não sabe. Ela falou: “Acho que vou ficar embolorada.” E eu falei: “Enquanto você achar que vai ficar embolorada, não deixe. Porque você vai se olhar no espelho e vai achar que está com cara de embolorada. O dia que você achar que vai estar radiante, prateada, deslumbrante. Você pode deixar que você vai ficar prateada, deslumbrante!” Então é uma questão de como é que a mulher se olha no espelho e que óculos ela usa quando ela se vê no espelho. Então essa coisa de ir atrás da eterna juventude é dramática. Porque vai fazer tudo ser ruim, todo envelhecimento vai ser ruim.

Fotografia 26. Elca no estacionamento, 2014; fotografia disponibilizada no *facebook*. Fonte: arquivo pessoal.

Então eu tô começando coisas novas. Eu tô fazendo um documentário. Se você se interessar eu te mando. Sobre mulheres de cabelo branco. Ai, tá lindo. A gente fez um *teaser* já. Com Lei Rouanet, eu consegui a Lei Rouanet, consegui a aprovação, consegui captar. Então eu tô vivendo a vida que eu tenho, valorizando as coisas que tem a ver com o momento de vida que eu tô. Eu não fui fazer um filme sobre quando eu era... eu fui fazer um filme sobre o que eu sou. O que eu sou e as mulheres e um pouco essa questão da dificuldade. Quem são essas mulheres que estão deixando o cabelo, que estão topando

mostrar os seus cabelos brancos com muito orgulho, com muita altivez. Eu tenho a impressão que a questão da cor do cabelo acaba sendo um indicador de como é... pelo menos do seu ponto de vista de lidar com a questão da aparência que a mulher que pinta o cabelo não lida em com o seu envelhecimento. Eu queria entender o que é não lidar bem com o envelhecimento. Para mim hoje, mais do que nunca a mulher que pinta o cabelo não conseguiu encontrar um padrão de beleza para o que ela é. Está tentando ser o que ela não é. E a maioria das que você entrevistou não lidam bem com isso.

Eu digo que a osteoporose me fez perder a altura... porque o osso diminui a densidade e você perde altura, mas quando eu fiz o filme, quando eu me senti linda de cabelo branco eu cresci, porque eu entro nos lugares com aquele monte de velha, enrugada, encarquilhadas e com o cabelo marrom, cor de burro quando foge. Porque diz que mulher quando vai ficando velha vai ficando loira. Eu entro nesses lugares eu sou a única, eu entro meio metro acima das cabeças de todo mundo. E acho que você começa a fazer história. Você começa a ter esse comportamento e as pessoas olham e dizem: “Se ela consegue quem sabe eu consigo?” quando as pessoas me veem muito melhor...

E o *death* café é outro, quer dizer, eu tô me preparando para a morte. Eu tô, na medida em que eu consigo encarar minha morte de frente e sentar com ela na mesa e pensar o que é que eu quero a medida em que eu tô chegando mais para o fim e quais são as opções de asilos... eu deixo a conversa resolvida, fecho a pasta e vou tocar o meu futuro. E trago a conversa da morte para um modelo de poder reorganizar. Amanhã a gente tem o próximo *death* café, e depois que saiu esse artigo (na Folha de São Paulo) tem 45 pessoas querendo vir e só cabem 16, a gente pegou 20. Então eu tô no maior pique. Eu tô fazendo 70 anos e no maior pique, numa boa e pronta para morrer. Se tivesse que morrer hoje eu olharia e diria: “Valeu cada minuto.” Então tem que tocar. Essa ideia de que eu tenho um futuro a ser construído me dá uma... me dá energia, me dá uma criativi... exacerba a minha criatividade e me deixa com o gosto doce na boca. Totalmente, eu tô aqui, eu tô criando, eu tô vivendo. E hoje a tarde eu vou pegar meu neto, eu vou na aula de nataço, domingo tem dia das mães, eu vou curtir o dia das mães. Quer dizer, e deixa você mais de bem com a vida, com as pessoas, com as coisas. Fica mais leve, fica mais fácil. Porque você não entra com o peso do rancor, da mágoa, da tristeza, do... Acho que muitos velhos ficam muito deprimidos e não tem jeito, num fica espaço para curtir eu tô... tô graças a Deus.

E essa é a grande chave do que eu quero te contar. Você tomar as providências antes e deixar as suas diretivas explícitas. O que é que você quer e o que é que você não quer. Isso, vai sair um artigo que eu escrevi enquanto eu estava nos Estados Unidos vai sair o artigo e

se você quiser eu te mando. Porque que eu fiz o meu testamento vital. Então eu fiz por três razões: a primeira é porque tem muita coisa que eu não quero que seja feita comigo, não quero. Eu choquei a plateia quando eu fiz a palestra, o dia em que o meu esfíncter anal parar de funcionar eu encerro minha vida, eu não quero viver na merda o dia inteiro, tocando campainha, pedindo para alguém vir me trocar e a resposta ser: “Acabei de te trocar.” ou “Tem gente com problema mais sério no quarto vizinho, depois eu volto.” Eu não preciso disso. Esse é o critério número 1 se isso acontecer. Segundo critério é minha cabeça, se a minha cabeça não estiver boa, por favor, me deixe ir. Eu quero ir antes. Eu tenho uma camiseta que eu não usei porque está frio que diz: “*If I am not me, I don’t want to be*”. Então, se essas coisa estão claras para mim, elas começam a ficar claras pros meus filhos. Então a primeira razão é física, tem coisa que eu não quero que seja feito comigo. Segundo tem as razões filosóficas. Eu considero, hoje, não era assim antes que a morte talvez seja um portal para alguma coisa mais interessante que o que tem hoje. Eu quero morrer com dignidade, morrer tranquila do meu jeito para poder recomeçar. Eu tô *looking forward* ao que tá do outro lado. Você precisa estar pronto para fazer a passagem. Porque vai saber... essa é minha razão filosófica. E a terceira é a razão... cultural. Porque hoje existem mecanismos que possibilitam que você deixe por escrito o que você quer, e o que você não quer.

Eu fui no ano passado. Eu fui fazer um passeio. Os meus cursos eram todos no Colorado, foi no ano passado quando eu terminei o curso. Eu aluguei um carro eu fui fazer um passeio e passei pelas montanhas rochosas. Isso ainda era maio, as montanhas ainda tavam cobertas de neve, mas as estradas já tinham sido abertas. Então dava para entrar pelas estradas e fazer... magnífico, magnífico. O Colorado já tá a 10 mil pés. A cada 3 pés são mil metros. A cidade que eu tava. Aí quando eu comecei a subir as montas eu tava a 13 mil pés que dá 4 mil metros. E quando eu cheguei no Colorado, na cidade e me senti... você começa, você faz um pouquinho de esforço e sabe. Eu subi e falei, bom. Eu cheguei numa estação de esqui. Tinha uma gôndola que ia pro pico da montanha. Quando eu descii... aí eu vi que eu ia na gôndola. Eu ia ver a vista lá de cima. Quando eu descii e fui saber a informação se podia... o cara falou que eu podia. Eu ia e voltava sem esqui. Na hora que eu descii do carro eu percebi que eu tinha subido... sei lá... de 3 mil metros para quatro mil metros. E que eu me resenti ali. Só de chegar lá na mulher e de falar com ela. Aí eu falei: “Que?” Tem mais 4 mil metros para chegar. Eu olhei e falei: “Pelo amor de Deus. Olha essa vista, esse lugar magnífico. Você precisa mais magnífico que esse magnífico? Com o risco de chegar lá em cima e ter um infarto?” O seu corpo tá te contando. Tutum, tutum, tutum... você vai subir e seu coração vai fazer: “Tu tu tu tu tu tu tu” e vai dar um infarto. Eu falei

para a moça: “Obrigada. Vou entrar aqui, vou tomar um chocolate quente. E vou ficar olhando a montanha daqui debaixo. Vou imaginar, talvez o que poderia ser o panorama lá de cima.” E não subi.

Eu tenho essa sensação de que eu sou muito consistente. Eu não sou perfeita, nem tô querendo passar essa imagem de que eu sou a sabe-tudo. Mas com relação ao meu envelhecimento eu tô num processo de muito estudo, de muita reflexão e de muita programação para poder terminar minha vida bem. Isso implica que naquele momento eu escutei o meu corpo. Eu não fui ousar mais um pouquinho para... então tem coisas hoje em dia que eu não faço mais, não preciso. Eu acho que eu consegui desenvolver uma certa coerência, consistência dentro do que eu quero, do que eu posso.

E é ótimo. Aliás isso tem um nome. Se chama equanimidade. As coisas são como elas são, não como eu gostaria como elas fossem e eu aceito as coisas como ela são e trabalho a minha frustração para que ela não fique ali me rondando como um fantasma. E eu acho que isso é um... isso talvez tenha sido uma grande descoberta. Se eu puder a cada momento...

DENISE

Fotografia 27. Denise com a irmã e primas em Campos do Jordão, 1941. Fonte: arquivo pessoal.

A vida nessa época... eu era... dizem que eu era uma criança feliz, mas ao mesmo tempo... já a minha mãe não era muito legal comigo. Mas a minha irmã era miudinha, apesar dela ser mais velha. Eu era forte, então eu não dispndia cuidados da minha mãe, e a minha irmã ela era mentirosa e eu apanhava por ela... Nessa época também, eu te disse eu sempre gostei do meu pai, porque minha mãe sempre ficou mais com meus irmãos. E eu acho que com sete anos eu ficava muito com meu pai e minha mãe. Menos com amigos, assim muito com eles dois. E minha mãe ia buscar meu pai para almoçar na cidade, no escritório. E eu tinha sete anos e eu discuti com minha mãe e minha mãe me largou na rua. E eu tinha que voltar sozinha para casa. E isso daí é uma coisa que eu nunca esqueci e que me deixou bastante traumatizada.

Eu morava na Rua Antônio Bento, perto do Ibirapuera, uma rua que era perto do Ibirapuera, mas quando nós éramos crianças não existia o Ibirapuera, porque ele foi fundado em 54, mas era perto, tinha jardins, uma casa bem grande, bem bonita e... o bonde passava perto, então a gente ia para escola de bonde. E a minha mãe me deixou na Praça das Guianas na Nove de Julho e eu tinha que ir para casa e não sabia ir direito.

Eu sou essa loirinha aqui. Eu acho que eu tinha dois anos pelo o que tá marcado aí. Porque eu sou de trinta e nove. Olha aí, essa é de 1941, então eu tenho dois anos. Eu tinha dois anos em Campos do Jordão. Alugávamos casa lá, porque minha irmã era muito magra e ela era a queridinha da minha mãe porque dava muito trabalho e era magra... então achava que para comer... naquela época... o ar maravilhoso e não sei o quê. Mas depois ele teve casa lá. As meninas são... eu acho que é uma prima e um primo. Aqui sou eu, a minha irmã, no carrinho não sei... não sei... tem uma prima e não sei essas outras. Eu tive um irmão que faleceu dois anos mais novo que eu. E teve um irmão temporão. O que logo faleceu era hidrocéfalo, mas esse ninguém conta, nem nada porque meus pais até esconderam, as coisas que eram feias não se falava nisso né?

Eu sempre fui considerada gordinha, gorda. Então isso daí desde pequena era um complexo de corpo muito grande. Porque minha irmã era bem magrinha ela tem um ano mais do que eu. E eu com nove anos já começou a crescer seios, então era uma coisa, uma gozação. E a empregada da minha avó fazia crochê e fez um sutiãzinho de crochê para mim era uma vergonha até, o sutiã. Mas tinha que ir né? Então eu sempre tive essa coisa de ser gorda né? E para o físico da mulher é ruim.

Fotografia 28: Denise com a irmã. Fonte: arquivo pessoal.

Nem parece tanto, mas eu sempre fui chamada de gordinha, de gorda, gorda. Meu pai me chamava de leão, ovelhinha... e eu também tinha de cabelo crespo, e ele me chamava de leão, e eu sou de Agosto, de Leão. Quando me chamavam de carneirinho, de ovelhinha e tal eu gostava, mas de leão eu não gostava muito não. Eu me sentia gordinha mesmo, né? Eu era muito ansiosa e gostava de comer. E não sabia brecar, e comia, meus irmãos eram

magros e eu comia a comida deles para eles não serem castigados. Porque não queriam comer. Depois ela ficou muito mais magra, eu tenho a foto do meu casamento, você vai ver parecia... minha irmã é muito mais magra, hoje em dia não ela tá deformada.

Fotografia 29. Denise com a família em Campos do Jordão, 1957. Fonte: arquivo pessoal.

A adolescência foi legal , eu passei muito tempo com ele (ex-marido). E a gente dançava muito, tinha muita festinha, festinha de jovens e naquela época tinha os bailinhos e era sempre em casa de família. E o pai, a mãe, o irmão... por isso ele era considerado irmão. Era para os meus pais não terem que levar nos bailinhos, ele levava eu e minha irmã. Era principalmente pela minha irmã que era mais velha. A gente namorava por causa da minha irmã. E nós ficávamos muito juntos e de fato... dançando... e se dançava bem coladinho quando podia... um sentia muito corpo do outro. Então era uma coisa que me ficou na lembrança a vida inteira até eu encontrar ele com a atual esposa dele. Ele velho né? Aí que eu já... que ele fez tanta besteira e eu lembrava dele dançando, só a parte boa. Não lembrava nada de ruim dele. Então era uma coisa... muito legal e eu fiquei decepcionada

quando eu vi ele velho. Falei: “Puxa!”. Quer dizer, eu não me via, eu também devo estar tão velha quanto ele. Eu gostava dele como meu companheiro assim, de jovem né? Tudo, que a gente se entendia, eu podia conversar com ele. Era tudo escondido também, até dar a mãozinha para ele. Não podia dar a mão. Andar de mão dada não podia, era tudo escondido, mas era legal. Então dos 12 aos 16 foi época que eu lembro que era legal, que eu tinha um namorado. Então eu acho que era mais que as outras colegas, e começou a ficar mais sério logo. E depois disso, com a minha gravidez foi um inferno total. Também sem dinheiro, passando mal escondida, não falava mais com uma colega da escola, tava escondida. Meus pais esconderam minha gravidez. Então foi muito ruim.

Meu casamento foi uma tristeza só. Eu me casei de roupa escura (a mãe fez com que ela se casasse de azul marinho). E agora que eu vejo que minha irmã tá de branco. Fizeram um casamento assim... eu também tive muito trauma que a minha cunhada, mulher do meu irmão caçula, ela também casou grávida, ela teve uma festa. Meus pais deram uma festa para trezentas pessoas para ela. Ela casou na Capela do Sion, com um vestido todo rendado da França. E quando a filha dela nasceu minha mãe mandou uma empregada. E quando a minha filha nasceu, eu tinha que andar com a Vera como se fosse uma faxineira, num ônibus e morava num prédio de prostituta. Foi um castigo e culpa. O pior de tudo era a culpa. O quê que eu fiz com os meus pais? Sempre, não me saía dessa, ia procurar meus pais o tempo todo. E eles não queriam e a culpa ficou muito tempo. A culpa é terrível. E eu não tinha culpa, era a natureza. Eu tava muito tempo com ele sozinha. Meus pais iam para o Guarujá e me deixavam sozinha com ele na casa. Mas já foi né? E os resultados foram muito bons porque as minhas duas filhas são espetaculares.

Acho que eu me sentia gorda né? Eu era gorda mas tinha um namorado. Me sentia bem com ele, ele não era o galã dos galãs. Então não era cobiçadíssimo, mas era meu queridinho. Então eu estava bem assim. Eu já estava me aguentando gordinha. Eu tô vendo aí que não era tanto, era um exagero que eles faziam. Quando eu estava grávida estava parecendo mais gordinha. O corpo atrapalhou sempre, eu acho. Agora menos. Eu tô gorda, eu tô gorda, agora eu emagreci e tava melhor. Mas as pessoas falam: “Não, não tá gorda!”. Porque eu sou grandona mesmo, eu tenho ossos pesados. Eu acho que eu sempre me senti gorda, porque foi falado muito que eu era gorda em família, porque os outros eram magros. Na gravidez não foi muito bom não, era vestida pobremente. Eu estava atrapalhada eu acho. E o corpo também, né? A prova é quando eu fui dar a luz eu entrei na terça-feira e a Vera nasceu só na quinta. O corpo também não estava preparado. Era muito jovem, mas é o corpo... mas eu acho que não tinha muito tempo para pensar no corpo. O corpo era uma

coisa secundária porque a cabeça tava muito mal. Era um turbilhão porque eu nunca pensei que ia acontecer isso. Não da gravidez, porque eu sempre gostei de criança, e tal. Mas eu não sabia que era tão difícil e que ia me dar um problema tão grande. Foi muita infantilidade também, não tinha ideia e naquela época não se falava em evitar, nem nada né?

Minha foto da adolescência é essa, eu já estava casada, minha filha devia ter um ano, a Vera a mais velha. Eu sou a segunda (da esquerda para direita) da foto, essa é minha mãe (quarta da esquerda para direita), esse é meu pai e esse é meu ex-marido, esse é o irmão caçula, e esse é o que faleceu que tinha dois anos a menos que eu. Isso é em Campos do Jordão também, por coincidência. Coincidentemente a foto que eu tenho... Essa foto é em 1957. Eu me casei em 56, tinha 17 anos aí.

Me separei com vinte e poucos anos, né? Treze anos depois de casado. Eu também sempre tive seios muito grandes e como eu tive filhos e não me cuidei direito tava com o seio caído. Eu pensava: “Não, eu tenho que me cuidar, da cabeça mais do que do seio. Então eu tenho que investir mais na minha cabeça, não adianta só consertar o meu seio.

E me dizia que eu não queria mais cair num homem que nem o meu... porque geralmente as pessoas acabam um casamento e já entram no outro, mas não procuram uma coisa diferente. Eu sabia o que eu tinha passado, ele fez muita besteira por irresponsabilidade e eu idem, como criança. E eu fiquei muito deprimida com as besteiras que ele fazia. Eu escondia dos outros e ele entrava como bonzinho e eu entrava como a deprimida, ele como cuidando. Ao lado disso ele tava fazendo besteira e tudo aí por fora. Então essa foi a minha adolescência, meu crescimento né? E foi indo.

Quando eu me separei eu vi que eu precisava mudar de vida então eu fui trabalhar de recepcionista no Banco Safra e também tinha que me arrumar um pouco. Eu tinha largado os estudos no segundo contabilidade, do Dante Alighieri e eu voltei a fazer Secretariado porque eu vi que eu trabalhar com meu pai porque eu gostava dele. Eu achava que esse era o caminho. E fui fazer secretariado no Álvares Penteado. Então eu saía cedinho para escola e depois ia trabalhar. E quer dizer, eu já tava mais arrumada e tal. E deixava a Marina que era pequena e a Vera que ia para escola também, as duas iam para escola e comecei a estudar.

Depois eu consegui fazer, eu vi que eu precisava progredir e peguei aula de datilografia. Tudo o que eu não gostava. Depois eu fui fazer Economia, eu fui fazer faculdade. Estudei sozinha e entrei na faculdade. Claro que não era a USP, mas eu fui para a São Judas e acabei me formando também. Então custei, mas depois através de uma

Psiquiatra que eu fui buscar o diploma. Porque eu não ia buscar o diploma. Eu não queria fechar.

Fotografia 30. Denise com a neta. Fonte: arquivo pessoal.

Mais tarde nós abrimos uma indústria familiar de cama e mesa, porque o meu irmão dizia que só “patricinha” que podia ter uma loja. E eu fiquei com a parte administrativa/econômica porque eu estava acabando o meu curso de Economia.

Eu já não andava mais, eu tinha muitas dores nas pernas, eu não conseguia andar, não conseguia mais guiar. Arranjei esse Psiquiatra que me mandou andar e ir para o Ibirapuera. De repente eu fui vender a minha casa e comprar o apartamento, né? Mudar e começaram a ter assaltos, a Marina entrou na faculdade em Botucatu. Porque uma estava fazendo Medicina na Bahia e a outra entrou em Botucatu. Então eu fiquei sozinha na casa e fui vender e estava com medo de... Eu não tinha como comprovar rendimentos, estava fazendo sozinha porque estava afastada de toda minha família. E entrei no Ibirapuera e saí correndo, de... de... de nervoso, de desespero eu não sabia como eu estava fazendo as coisas. Então desde essa época eu comecei a correr, depois que... aí eu cheguei a correr 34km, eu ia para a USP e fazia isso. Eu corri a mini maratona. Fui nadar também por causa das pernas. E a corrida era a válvula de escape.

E a minha mãe ia me perseguindo para fazer o destrato da firma até no clube, no Paulistano que eu era sócia. Ela me perseguia, porque ela não tinha nada com isso, e ela me perseguia. Então é isso, eu comecei a correr, fiz uma maratona, uma mini maratona na rua e fui morar no apartamento e com isso começou a mudar um pouco a minha vida porque... inclusive com as depressões minha mãe mandava me internar. E parece que não era nada obrigatório... ela mandava me internar, ela não queria amolação né? Quer dizer, isso daí não foi muito bom, inclusive para as minhas filhas. Graças a Deus, também tiveram que superar. É uma coisa que ficou na cabeça, fica uma marca. Pra mim e para elas também. Quando eu ia internada elas iam ficar com alguém, quando pequenas. Também era uma fuga para mim, porque era desaparecer de tudo, da família. Mas a volta sempre era muito duro né? Tinha ter uma luta muito grande para voltar. E ver a sociedade. E depois eu fiquei muito castrada.

E de repente eu descobri o clube para fazer natação, fiz turma para se distrair. Então a noite também ficava lá. Ia fazer esporte a noite ia lá no bar e ficava cantando e tal. E começou a minha salvação acho que assim.

Adulta que também já faz tempo... essa é minha neta, ela já tem 35 anos. Nessa época eu tinha... minha neta tem 35, vamos dizer uns 32 anos atrás... eu tinha uns quarenta anos. Nessa época eu tava, parece que eu tava muito feliz com ela. Ela foi a primeira neta. Eu sou uma avó jovem, porque a minha filha teve essa netinha com vinte anos. E eu tive ela com 17 eu devia ter uns 37 nessa foto. Eu já era corretora de imóveis, não lembro se eu tava com a fábrica. Eu tive depressão e eu tive que... minha filha veio fazer residência aqui em São Paulo e ela acabou se separando do marido. E com ela ia fazer residência e ele não tava, então eu tive que tomar conta da minha neta. Era um suplício, no sentido que eu achava

que eu não tinha condições, mas no fundo no fundo devia me fazer muito bem de estar com uma criança. Mesmo quando eu tava com depressão ela dançava e cantava e eu ficava bem. Depois quando esse netinho aqui nasceu eu tava caída, com depressão e ele deu com o caminhão na minha cabeça e eu tive que me levantar! Um caminhão madeira. Um ano ele tinha, para eu brincar com ele. Eu morava sozinha, já faz tempo, porque me separei com 29 anos, uns oito anos depois..

Eu sentia... porque a minha mãe, apesar de eu ser parecida com a minha mãe... ela sempre foi considerada lindíssima e nunca ninguém falou para mim que eu tava bonita. Não, não sentia nada assim. Eu também não era horrorosa assim, e tinha assim... sempre tinha a comparação com a minha mãe que tinha pernas lindas, aí eu falava assim: “Eu tenho as pernas...” “Não! Você não tem as pernas dela. Ela que tem, ela que é a artista, você não é artista.” Então esses problemas familiares são muito grandes porque... inclusive meu pai lia Estado de São Paulo e eu lia a Folha, minha mãe pintava com técnica, clássico assim e eu não eu sempre quis fazer contemporâneo, tudo solta, leve solta. Mas ela era considerada a artista e eu nada. Mas ela tinha largado tudo.

Sempre em comparação com os outros. E nessa época, inclusive eu nunca fui comprar roupa nem nada. E minha mãe falava: “Uma saíinha velha minha serve para a Denise”. Esse negócio de corpo acabou sendo secundário para mim porque eu achava que tinha que cuidar da cabeça. A cabeça para mim é... porque o sofrimento foi tão grande. E preconceitos e culpas. E que tratar do corpo... e custava caro, então eu preferi investir em psicólogos e psiquiatras.

Essa daqui é bem atual, eu já tava mais magra. Eu tava num barco, nós fomos numa excursão com um clube pra Santos. Eu fui com as amigas. Eu também tenho dificuldade de viajar, porque também todo mundo ia viajar e eu não podia porque não tinha dinheiro. Então me deu assim um pouco de trauma dessa viagem. Então eu fui para Punta del Este, essa era minha amiga que hoje eu já não tô tanto, porque ela é dez anos mais velha. Ela foi comprar um apartamento em Punta em 97.

Eu tava começando a me descobrir com 60, eu tava mais preocupada, mais arrumada. Aqui (antes) eu ainda era uma mistura da minha mãe, eu ainda tava muito presa. Aqui (hoje) já estou mais solta, mais autêntica, separada da família e começando a ver o meu irmão. E agora depois da morte dos meus pais eles começaram a ver a minha importância e a dar muita importância a mim.

Fotografia 31. Denise em viagem com amigas para Punta del Este, 1997. Fonte: arquivo pessoal.

Nessa época, para mim uma revelação principalmente de tudo foi a corrida, foi poder andar depois que eu não andava mais. Eu não conseguia mais andar, eu tinha dores em tudo. Fiquei com artrose precoce nas costas e nas pernas. Então eu ficava muito parada, né? E me atacou de tudo. Depois quando eu comecei a correr foi uma iluminação na minha vida, que eu podia ver que quando eu não tava bem com as pessoas eu dava para sair correndo. Literalmente correndo. Era assim uma coisa muito legal. Eu já comecei a melhorar por volta dos 60 anos. Foi uma mudança muito grande perceber que eu podia correr, e como gorda, sem técnica nenhuma, sem nada. Eu corria e não tinha professor nem nada. E eu fiz... muitos pacientes do meu psiquiatra correrem comigo. Levei muita gente para correr. Foi uma coisa extraordinária pro corpo. Me libertou das dores e eu podia andar de novo e tal. Foi uma coisa muito legal. Eu corria no parque, comecei a usar muito agasalho. Olha, eu to gorda! (ao ver uma foto no parque) as crianças tavam pequenas e eu levava também. Eu comecei a sair com meus netos a mostrar como é bom tratar do corpo, a fazer ginástica, tudo. Mas nessa época era mais a corrida, a corrida que me despertou. Também eu conseguia raciocinar melhor quando eu tava no parque. Então eu ia muito pro Ibirapuera, ia muito pro bosque do Morumbi e corria lá. Então eu levava a minha neta, essa que tá hoje com 35 anos, ela tinha 2, 3 anos. As sete horas da manhã eu tava lá que eu levava uma colega pra correr e ela é médica e ela tinha que se arrumar. Eu largava minha

neta sozinha no playground e ia correr. Naquela época não tinha perigo e ela me via. Porque eu subia e descia e falava: “Ei, tudo bem?”. E voltava, corria. Era muito bacana. Eu acho que a USP e a corrida foram as grandes mudanças na minha vida. Comecei a andar e acabei correndo de ansiedade.

E eu também a coisa que eu mais queira e eu fui fazer cursos da terceira idade (Universidade Aberta para Terceira Idade). Eu fui fazer Estética e História da Arte, Psicologia. E para mim era um glória tá na USP porque provavelmente... em jovem eu sempre ouvi falar da USP, e tem uma coisa... isso também foi um marco e eu fui fazer Artes na USP e me abriu a cabeça. Isso foi o que me entretinha. Todas essas coisas. E agora quando meus pais morreram, já quase que seis anos né? Então eu nunca tive dinheiro né? Foi uma miséria total e eu acho que eu também tinha problemas Psicológicos, eu também não parava muito nos empregos, eu não gostava de ser secretária, eu não gostava de fazer essas coisas e foi indo... Mas foi bem... foi um inventário que foi bem feito, sei lá. Hoje em dia eu tô tranquila, tô segura, tô muito melhor se você quer saber. No envelhecimento eu tô muito melhor do que eu passei até agora. Porque eu sempre me senti muito perseguida, muito abandonada, muito coisa... e hoje em dia não, eu sou dona de mim, posso dar o que eu quero para minhas netas. Se eu quero viajar eu posso, se eu quero gastar... eu sou muito, muito, muito econômica, mas se eu quero alguma coisa eu posso, então é uma situação que eu não passei a minha vida inteira. E agora nós estamos legal. Que as minhas filhas chegaram a discutir sobre: “Quem vai ficar com a mamãe?”. Porque nós não tínhamos dinheiro mesmo. E com os pais riquíssimos, riquíssimos... podres de ricos. Então eles não.. não... fingiam que não olhavam direito para a gente. Davam quirelas, né?

Hoje minha vida é mais tranquila, porque a questão financeira me dá uma liberdade. Muito bem com minhas filhas, eu também posso presenteá-las bastante, os netos e tudo, né? Isso eu vejo muito meus netos. Meu neto me convidou para viajar com ele. Mas em viagem de adolescente, então eu tive que fazer escalação de morro, trilha... agora as lembranças... eu digo: “Nunca mais!”. Mas é coisa de corpo também. Porque subir uma montanha e descer uma montanha escalando. Eu morria de medo. Mas era só jovens, era eu no meio. Na trilha também, era uma trilha terrível e eu não sabia. Eu tava com uma sacola. Eles tinham aquela mochilinha. E meu neto não tinha 15 anos e eu falava: “Miltinho pega a sacola da vovó! Eu vou cair!”. Ele achava que era um mico e ele não queria... e fingia que não me conhecia. Demorou para ele pegar minha sacola. Porque ninguém ia de sacola. E nós fizemos bastante coisas depois, porque o meu corpo tava todo torturado pelas depressões, pela falta de movimento. Quando eu comecei a correr a me movimentar... Aí

ninguém me pega mais. Eu tô muito bem. Às vezes eu acho que eu tô com depressão cada vez menos. Então hoje em dia eu vou jogar, eu vou... aumentou bastante a autoestima, mas eu acho que ainda tem que melhorar. Tá bem legal, eu tô escolhendo as roupas que eu tenho que por. Tô me cuidando, fazendo ginástica, e fisioterapia. Muito pela dor nas pernas que melhoraram também. Eu superei porque eu já andei de bengala. Eu superei também essa dor nas pernas. Eu me esforço a ir fazer ginástica, não pela estética. Eu acho que eu nunca superei a estética, mas pelas dores e tal. Já é um tratamento e tá sendo legal. Eu acho que o meu envelhecimento foi a melhor coisa que eu tive da vida. Tá sendo minha adolescência, minha solução. Eu posso viajar, semana que vem vou fazer uma excursão pequena. Depois vou viajar com o meu neto e minha filha. Já fui, já fiz algumas viagens. Estou me acertando com o passado, com o corpo... mais ou menos... eu não mostro tanto o corpo... passa né? E os resultados foram legais não posso me arrepender, porque eu fiquei tratando da cabeça. Nunca deixei extrapolar tudo, mas era muito importante a cabeça, pro corpo também, porque eu sei que: *Mente sã, corpo são*".

O corpo eu posso te dizer que eu sempre sofri. E com todos os traumas que eu tive eu acho que o eu permaneci mais, porque hoje em dia não... eu permaneci eu não ligo do meu casamento. Eu não perdoava meus pais, eu sempre falava do meu casamento e era uma coisa horrível para mim. Hoje em dia passa assim, agora o corpo não gosto. Eu não consegui superar esse negócio do meu corpo.

Quanto ao corpo... domingo passado a Alice disse: "Nossa vó como você corre!" Nós fomos no Banco do Brasil ver aquela peça lá... como chama? "A língua em pedaços". É uma coisa maravilhosa, acho que vai fechar para psicanalistas. Acho que vai passar aqui na Livraria Cultura. É maravilhoso. Foi a primeira mulher que lutou pelos direitos das mulheres, essa freira. Mas nós fomos passar na região perto da Praça da Sé, só craqueiros. Mas uma coisa horrível de noite. E nós tínhamos que correr. Aí a Alice deu um grito: "Ah vamos pegar um ônibus!". Nós entramos no carro, éramos em 5 mulheres. Tinha uma psicanalista também, e a minha filha que quer deixar a medicina e ser psicanalista. Nós corremos para o carro e parecia um filme. Ela ligou o carro e saiu correndo. E a Alice disse: "Nunca vi minha vó correndo tanto". E eu não andava mais.

É tudo complicado, porque corpo é corpo. É a continuação, daquilo que existe desde que eu nasci. *Mente sã, corpo são*. Até as gorduras no corpo, tudo. E eu nunca fui satisfeita com o corpo se você quer saber. Nunca fui e hoje em dia eu vou fazer 76 anos e não fico pelada perto de uma pessoa. Tem um problema do seio, o problema dos pneus, o problema... e não gosto de mostrar meu corpo. Eu tive um namorado também a pouco

tempo, há uns três anos atrás, e eu não queria ficar pelada perto dele, eu tinha muita vergonha. Eu tenho vergonha do meu corpo. Isso, você quer saber? Eu tenho vergonha. E é um pouco da sociedade que condena os gordos. Então você ultrapassa um pouco o peso normal, que dizem que é normal. E é errado.

Quanto ao corpo eu sou uma negação, eu não gosto do meu corpo, nunca gostei e não gosto. Mas para minha salvação foi a cabeça e o dinheiro também que me salva. O dinheiro ajudou, a corrida, a USP.

SUZETE

Fotografia 32. Suzete em sua primeira viagem em família, Atibaia/SP, 1945. Fonte: arquivo pessoal.

Nessa foto eu estou sentada em uma escadaria, aos quatro anos em Atibaia. E fascinada porque eu estava passeando com a família e era uma coisa relativamente rara. Eu tenho uma parte da história que eu não sei se interessa. Meu pai era político, mas um político pobre e autodidata e apaixonado realmente pelos pobres. Era uma paixão enlouquecedora. E ele era uma pessoa muito capaz. Então ele enriquecia rapidamente no comércio, por exemplo, montava uma loja tinha uma... aí ele achava que tinha dinheiro suficiente para ajudar os pobres, então na própria loja dele ele montava um consultório médico, as custas dele e com farmácia e fazia fila na porta da minha casa de quilômetros. E obviamente acabava a loja e acaba com tudo e a gente começava tudo de novo. Então eu tive essa coisa do alto e baixo constante. E essa foto me lembra muito um momento gostoso, um momento que a gente estava podendo passear.

Eu passei minha infância em São Paulo, os primeiros anos do curso primário eu fiz no Colégio Sagrada Família e meu estava numa fase maravilhosa. E senão quando nós perdemos absolutamente tudo e meu pai... meu avô morava em Santos, e aí eles construíram

às pressas uma edícula na casa dele para que nós pudéssemos nos acomodar. Até que voltamos a embalar.

Acontece o seguinte, eu era daquelas loirinhas que chamam atenção. Então todos me achavam uma gracinha né? E muito esperta. Eu sempre tive um retorno em relação ao meu corpo e a minha mente muito grande, muito, muito. Eu era muito paquerada quando meninota ainda já tinham rapazes que queriam namorar comigo e meu pai ficava desesperado porque eu era realmente muito criança. Então assim, por outro lado tem uma coisa que as pessoas nem chegavam a saber que eu sempre fui muito sofrida, que eu tinha cólicas violentíssimas que ninguém sabia. E eu passei pela vida... eu fiz inúmeras cirurgias, estéticas só essas manchas que eu tenho pela brancura. Falam assim tão bem da pele branca, né? Besteira porque ela cria esses problemas. Eu fiz uma quantidade enormes de cirurgias, assim eu era sofrida e de alguma maneira eu tinha que disfarçar porque eu era aquela gracinha de moça. Mas o retorno que eu tive sempre foi assim de deslumbrante. Então eu me aceitava, eu sempre me aceitei fisicamente, nunca procurei fazer nada diferente, porque me aceito normalmente. Mas tinha umas bobagens de pré-adolescente... Meu cabelo brilha muito, brilhava muito. Não é que eu fui atrás de... e o menino na escola dizia: “Sua cabeça é o sol!” Então eu me escondia do sol para que ele não ficasse brilhando. Isso é coisa de criança mesmo.

Eu não tenho muitas fotos da adolescência, eu tive uma adolescência muito... eu trabalhava muito. Meus pais sempre meio atrapalhados e eu trabalhei desde muito cedo. Essa foto da minha formatura da escola normal aos dezessete anos e todo mundo fala: “Ai mas como você era bonitinha”. Então assim uma que eu acredito que poderia estar.

Em primeiro lugar eu cuidava da casa, era a dona da casa. Minha mãe saía para trabalhar e eu tinha dez anos e assumi a casa e uma irmã de cinco anos. E eu dava... como eu sempre tive muita facilidade para escrever e sempre li demais eu tinha alunos particulares em casa, até as horas da noite. Como não era suficiente eu resolvi ajudar uma tia que tinha um salão de beleza então eu ficava fazendo manicure, foi muita luta. Eu precisei, precisei. Em seguida eu me formei na escola normal aos dezessete anos e casei em seguida. Então assim a vida de alguma maneira continuou sendo difícil porque a gente casou assim e não tinha nada. E nós éramos muito novos, enfim. Casei eu tinha feito dezoito.

Fotografia 33. Suzete em sua formatura da Escola Normal, 1957. Fonte: arquivo pessoal.

Aí eu lecionei, era professora primária, depois eu não aguentava, realmente a distância. Porque naquele tempo você tinha classe de emergência na alta periferia, então era uma coisa muito longe. Aí eu fui ser secretária e depois eu prestei um concurso e fui trabalhar na Secretaria da Fazenda, depois do outro concurso eu fui trabalhar no Tribunal

de Contas. Eu fiz vários concursos, e eu tinha muita facilidade né? Então eu sempre passava. Até foi muito engraçado porque eu pedi demissão da empresa que eu era secretária. E ele falou: “Mas porquê? Você não está satisfeita? Eu dobro seu salário.” E eu falei: “Não é que eu vou fazer um concurso...”. E ele falou: “Você vai fazer um concurso e está me pedindo demissão?”. E eu falei: “Não é que eles disseram que tem urgência. Logo depois do concurso já tem as nomeações.”. E ele falou: “Você ainda vai fazer um concurso...”. E em quinze dias eu tava nomeada.

Houve uma fase da adolescência em que eu engordei por algum motivo e eu me sentia insegura nessa fase. Durou um ano mais ou menos. E foi nessa época que eu conheci quem veio a ser meu marido. E que ficou deslumbrado. Então isso fez com que eu abaixasse um pouco aquela afliçãozinha. Mas eu me sentia muito bem. Nunca precisei procurar nada assim de reforço, de ajuda. Eu não tive muitos problemas com a questão estética. Mas tenho observado por exemplo pessoas que tem acne por exemplo, que sofrem e fazem tratamentos incríveis. E que é um problema muito grande na adolescência. Eu tive a sorte de não ter. Eu tive uma fase do peso, mas foi uma pequena fase, mas menos de um ano.

Eu casei aos dezoito e minha filha nasceu aos 34, dezesseis anos depois. Então é uma coisa muito que a mulher passa também, é uma cobrança absurda, a partir de todos exceto do meu companheiro. Para nós eu acho até que a gente tá tranquilo vivendo junto até hoje por causa disso. A gente não tinha cobranças em relação ao outro. Não tinha grandes expectativas da própria vida. A gente ia fazendo um curso, passava, trabalhava, fazia outro e sem grandes sonhos, sem grandes pretensões. Então assim, foi sacrificado, mas por outro lado dá a impressão que as coisas vieram aos nossos pés. Percebe? Eu acredito que a vida nos traz um retorno incrível daquilo que a gente vai fazendo. Principalmente quando você não tem expectativa. E é uma maravilha né? Aos trinta e quatro e uma cobrança brutal e realmente da família principalmente. A família no caso do meu marido que é sempre assim. E a gente nem queria saber porque que não tinha. A hora que vier, veio. Sabe aquela coisa assim. E veio a minha filinha, ela tem quarenta anos e é uma mulher maravilhosa adorável. Eu tenho três netos. E foi apenas essa. Realmente uma das questões é que minha saúde nunca foi muito forte e eu tinha cólicas brutais tanto que eu precisei tirar os órgãos genitais tanto que eu não tinha... então assim foi como um milagre, tinha que ser isso e pronto.

Fotografia 34. Suzete em uma aldeia da Índia, Fevereiro de 1991. Fonte: arquivo pessoal.

É o que sempre tem me sido dito, inclusive pelos médicos. Eu cresci com vários problemas físicos e tenho até hoje, arritmia, crises de hipertensão malucas. Mas sempre os médicos dizem: “É impressionante essa força que você tem em relação a fraqueza física”. Porque não chega nem a ser fraqueza porque eu enfrento né?

Eu achei a mudança de corpo na gravidez eu achei uma das coisas mais lindas do mundo. Eu tenho tendência a achar as coisas bonitas. E a minha mãe tinha uma visão muito assim dura da realidade. Então eu lembro de uma coisa que me doeu assim quando eu estava grávida. Depois de tantos anos eu estava assim grávida comprando as roupinhas maravilhosas, fantasia de grávida. E eu estava olhando no espelho de perfil. E a minha mãe falou: “Eu não sei o que você vê de lindo nisso daí.”. De fato eu achava bonito, até hoje eu fico fascinada com gravidez. E não tive nenhum problema com isso. Eu só tive mais tarde que foi quando eu comecei a perceber que por exemplo eu queria engordar de um lado, mas foi do outro. Porque eu sempre fui muito magra. Então por exemplo minha barriga me soa proeminente. Eu tenho a impressão que ela é gigantesca, entendeu? Então assim tem, incomoda um pouquinho. Você troca uma blusa para ficar mais leve e ficar mais solta. Existe essa questão da vaidade. Mas é um... não dá pra brigar muito, entende? Eu vejo isso

nos homens também. Porque eles sempre precisam se elevar, né? Mesmo o meu marido é muito vaidoso. Ele tem oitenta anos, a elegância dele é uma coisa assim sabe? Ele sempre lindo. Impecável.

As rugas, a questão das rugas eu tenho complexo de culpa porque eu fumo. Sempre fumei, desde menina. Não morri ainda. Todo mundo: “O cigarro vai te matar!”. Eu to com setenta e cinco anos. O cigarro faz ruguinhas em todo contorno dos lábios. Então eu olho e falo: “Burra! Ninguém mandou fumar!”. Falo o tempo todo e é o meu limite. O cabelo branco eu achei a glória, porque os meus pais... o meu pai principalmente ele teve cabelo branco muito cedo. Ele era muito lindo. Ele morreu cedo. E eu era fascinada por aquele cabelo branco. Quando eu vi aquele cabelo branco eu fiquei entusiasmada! Vou deixar o cabelo ficar branco. Aí veio a bronca da família: “Hã, hã!”. Pra mim foi muito bom. E tem a parte dos hormônios que são... que dá uma... e como eu removi os meus órgão genitais eu tive uma menopausa bem precoce. Então tive excelentes médicos, uma coisa bendita. Os hormônios conseguiram controlar isto. Mas incomoda, incomoda um pouco. Na verdade o que me machuca muito mais não é tanto a questão estética, sabe? Eu fico muito brava com questão de preconceito contra mulher. De que a mulher não pode, a mulher não pode. Essa coisa... isto é que me machuca realmente. Essa questão estética nem tanto. Agora eu acho que um pouco de vaidade é necessário. Até para agradar os olhos dos outros mesmo. Para que a pessoa se sintam bem, gostosas aos seu lado. Mas que bonitinho! Olha! Né? Então eu acho quase que uma obrigação você se cuidar. Tudo sem excesso, porque excesso não é bom.

Na verdade eu nunca me sinto bem representada nas fotos. Não sei, eu tenho sempre a impressão que a foto não me mostra como eu sou, não esteticamente. Não mostra minha pessoa. Eu não tenho uma... eu sou custosa com fotos. E agora com essa história do *selfie* eu acabo entrando por causa das minhas netas. Então assim eu tenho milhões. Houve uma fase da minha vida adulta por volta de quarenta e cinco anos, por aí. Em que eu viajei bastante. Então assim eu tenho algumas fotos no exterior que me alegram bastante. E podia ser assim uma dessas... eu fui para Índia e fiquei quarenta e cinco dias. Eu acho uma foto da Índia. A segunda e mais ‘enriquecedora’ viagem internacional, que me valeu o privilégio de praticar Meditação no *Ashram Sri Aurobindo* de Nova Delhi. Eu fiquei quarenta e cinco dias viajando e conhecendo os lugares mais simples. Não é tão perigoso, é a mesma coisa que falar: “Não vem pro Brasil que aqui é perigoso!”. Não é bem assim. Eu acho que talvez ainda os homens indianos sejam muito machistas e até agressivos, muitos deles. De qualquer maneira eu fui num grupo do qual eu acabei me afastando porque eles só queriam fazer compras e eu

queria visitar as aldeias. E eu me recolhi ao Ashram e fui fazer meditação por um tempo, foi o Goia, e provavelmente então eu ponha uma da Índia. Eu fiz quarenta e cinco voos, praticamente um por dia. Eu estou contanto a ida e a volta. Mas norte e sul, leste e oeste e percorri a Índia e fiquei apaixonada.

Fotografia 35. Suzete com o marido comemorando bodas de Lápis-lázuli, Maio de 2015. Fonte: arquivo pessoal.

Eu acho que se você não compartilhar... O que que você está fazendo aqui? Porque a gente vive porque o outro existe. Não sou mais professora, eu estou aposentada. Eu escrevo, sou convidada bastante para palestras, grupos que se reúnem para debate, eu participo de mesas, essas coisas. Me convidam muito para escrever em revistas, revistas digitais inclusive.

Eu colaboro com uma porção de revistas, jornal, site e blá, blá, blá. Então assim, inclusive eu estou em falta com um monte de gente porque eu estou sem inspiração. Talvez esta conversa me faça abrir um pouco as minhas ideias. Prestar atenção nas sincronicidades. Para mim isto existe com toda força, Jung é tudo de bom.

Hoje faço coisas que eu posso fazer com todo meu amor, sem aquela coisa do cabresto que... principalmente naquele tempo a gente tinha nas empresas, nos lugares que eu trabalhava... assédio, tudo que você possa imaginar... uma loira de cintura 46cm passava. Sabe? Então eu sofri muito com tudo isso. Acho que foi a questão que mais me pegou. O assédio, o preconceito, a subestima de quem não conhece. Quando as pessoas passavam a me conhecer elas já ficavam um pouquinho... mas a subestima assim de princípio. Tenho me dedicado bastante as questões feministas, tem um livro que nós escrevemos, trinta e oito mulheres, estudiosas de várias áreas, mas o fundo principal era o direito mesmo. E o meu artigo, ensaio, porque é bem grande: “Mulher e filosofia: uma visão transdisciplinar”. Então mostrando que a mulher não existiu na filosofia. Minha contribuição foi essa. Então esse tipo de enfoque da questão feminina sempre me pegou muito. E agora depois de velha eu pude falar o que eu queria. Porque antes não dava muito. Até porque... a sociedade... eu acho... fala-se tão mal atualmente. Eu acho que houve uma conscientização muito grande né? Eu acho que agora você tem um retorno. Eu acho que agora você pode falar de boca cheia contra o racismo, contra preconceito em todos os sentidos né? Então coincidiu de eu estar numa fase em que eu tô podendo escrever e falar e desafiar um pouquinho alguns grupos né?

Olha, eu sempre fui tida e a vida toda como uma pessoa... não sei se é a palavra agora. Mas assim, elegante, é. Porque eu nunca, nunca gostei de coisas exageradas e sempre fui magra. Então sempre foi fácil para mim. Então nesse sentido assim... eu olho muitas pessoas com menos idade do que eu, e eu falo: “Meu Deus! Porque elas andam dessa forma?”. Por exemplo ou: “Porque se vestem desta forma?”. Sabe? Eu me sinto bem do jeito que estou e do jeito que eu me visto. E eu não tenho muita preocupação, mais quando tinha antes. Eu estou com um pouco de dificuldades. Eu estou com os pés inchados um pouco. Porque estou saindo de uma crise de Hipertensão. Ah, vou botar um tênis e vou embora feliz da vida. E todo mundo: “Nossa! Como ficou lindo com esse tênis!”. Então assim, eu não tenho mais essa coisa de detalhes, não. Eu me sinto bem. Só fico muito brava de que é a questão da melhor idade. Isto eu fico muito brava. Porque artroses e coisas que você tem tendência e que sua família teve e que você vai ter numa certa idade. Uma série de dificuldades físicas que a gente tem. E eu trato, trato, passo remédio. O que posso, o que posso. Evito o

sofrimento, já sofri demais. Não quero sofrer. Mas assim, acho que talvez se a gente não se entregasse tanto com relação à postura por exemplo, eu acho que daria para manter a postura. Se bem que algumas pessoas carregam mesmo o mundo nas costas. E eu carreguei uma parte do mundo, carreguei mesmo. Então sempre que eu lembro. Pelo meu bem estar também. Enfim.

Eu acho que as mulheres tem mais cobrança que os homens em tudo. Elas tem que ser as melhores, porque senão elas não vão ter determinados empregos. Porque senão elas não vão ganhar tão bem quanto. Eu acho que... não sei, se agente conseguisse encarar... o problema de gênero, da mulher basicamente. O problema de gênero é tão grande, envolve tanta coisa que é melhor a gente não falar. Então assim é que ela nunca revidou o que ela recebeu. Desde a cobrança quer dizer, ela recebeu, ela recebeu com submissão tudo que lhe foi imposto. Então eu acho que a gente está num momento, sim de revidar. Inclusive cobrar. Quer dizer, falou leva. “Escuta e você já olhou no espelho?” Sabe? Essa troca acho que precisaria haver até que se harmonizasse isto. Porque todo mundo: “Ah, o feminismo, que absurdo!”. Não. Eu acho que a balança tava parada e tava tudo igual. Tudo lindo. “Não, pode matar a mulher!” E de repente a balança ficou louca. Precisa esta loucura para que a balança retome o prumo. Se ela não ficar fazendo assim ela não vai encontrar novamente. E em algumas coisas a balança não se movimentou. É a questão dessa cobrança. Essa de jogar para as mulheres essa coisa que entre si elas não se entendem ou se criticam. Não! Os homens se criticam tanto quanto, aos outros homens e as outras mulheres. Precisava mudar um pouquinho esse contexto. Eu acho que o revide... eu estou revidando de uma maneira toda sofisticada. Modéstia a parte. Ah e você tá gravando né? Eu tinha me esquecido do gravador... O meu marido é vice-presidente de uma ONG gigantesca, onde grande parte dos diretores e conselheiros são desembargadores, promotores, pessoas de altíssima capacidade, inclusive econômica, de um status cultural, econômico... Então, como eu faço eventualmente palestras sobre os sentimentos das pessoas, essa coisa da inveja, que essa é a questão do meu livro. E como eu trabalho com meditação, eu fiz muito curso de meditação. E ainda faço. Bom, me convidaram para dar uma palestra neste conselho. Por azar ou sorte deles. Era o mês da mulher. E eu então: “Pois não! Com prazer.”. Num primeiro momento eu senti que eu choquei o público. Porque eu falei o que eu quis. E é a minha maneira de revidar. Quer dizer... eu achei que alguns deles iriam sair... “Não, vamos embora, essa mulher é louca.”. E não, eu tive um retorno muito interessante. Pessoas que eu conheço altamente preconceituosas pegaram o microfone para me cumprimentar. Então precisa encarar, precisa ir em frente. É a única fórmula para que a gente encontre um equilíbrio. E

até o final da minha palestra eu falei que eu ia humildemente tentar responder a questão preconceituosa freudiana: “Afim, o que querem as mulheres?”. Bom primeiro, a questão das flores, onde a mulher vai a mulher ganha a flor. Elas querem flores sim. Flores são muito lindas, enfeitam. Agora evite de dar rosas com espinhos. Peçam para tirar os espinhos, porque cada vez que a gente pega a rosa com espinho que a gente aí... a gente pensa: “Eu sou mulher, eu ganho flores.”. Aí eu falei: “As mulheres querem ser iguais aos homens?”. E um engraçadinho lá no fundo falou: “Querem mais que isso!” E eu falei: “O senhor só me deixa terminar que eu respondo?”. Ele sumiu. Aí eu falei basicamente aquilo que a gente tá cansada de saber: “As mulheres querem igualdade de oportunidades, pois não?”. Pura e simplesmente, querem sentar e... “E aliás eu vou informar uma coisa para os senhores as mulheres gostam de respeito sim. Ainda que lhes tenha sido dito o contrário.” Ah! Fiz a minha parte.

A velhice tem isto de bom. Quando você é aceita você fala aquilo que ficou entalado a vida inteira. Eu não queria que isso ficasse entalado nas mulheres. Eu não queria que as mulheres passassem pelo o que eu passei para poder falar na velhice. O meu trabalho é muito em função disso. Agora de repente eu acordo com um poema que não tem nada a ver com essa conversa de madrugada e um poema imenso, e eu sou obrigada a anotar porque senão eu esqueço. Você não esperava uma resposta *sui generis*. O poema vem, ele tá lá dentro. E tem uma frustração gigantesca da juventude com relação ao poema. Minha mãe era mulher muito severa porque era uma mulher muito sofrida. Então ela não tinha outra forma para se... né? E no quarto centenário eu tinha quatorze anos né? Em 1940. E eu fiz um poema para São Paulo gigantesco. E eu estava empolgadíssima com o meu poema. E nesta mesma altura eu estava com um rapaz querendo flertar comigo, ele gostava sabe? E a minha mãe achou que eu estava escrevendo uma poesia para o namorado. Então ela pegou o poema e começou a ler comicadamente, caçoando do poema, como se eu estivesse falando com o namorado. Realmente eu estava fazendo uma ode, eu adoro ode. E eu fiquei muito brava, eu fiquei assim. Até hoje eu sinto vontade de saber o que eu tinha escrito. Então eu só voltei anos e anos depois a escrever os meus poemas. E eles as vezes brotam, então eu levanto e escrevo, depois eu tenho que ajeitar. Ainda mais... eu escrevo assim sem enxergar. E depois eu acomodo... Mas eles vem eles brotam. Agora outros trabalhos não, são de pesquisa mesmo. Lógico que você sabe com é. Mas sobre o feminismo, muitas ainda não tem a consciência.

DIRCE

Meu nome é Dirce, daqui há um mês, dois meses vou fazer oitenta anos, tô velha pra caramba, mas não me sinto. Eu nasci em São Paulo, na cidade né? Na Amaral Gurgel, naquela época ali não era boca do lixo, era um bairro bom. Nasci ali e sempre morei em São Paulo. Me criei e até hoje... fiquei um ano na Europa, um ano na Itália, mas foi assim presente de formatura, presente de aposentadoria. Mas sempre morei aqui e não tenho a mínima intenção de... eu nunca tive de sair. Então, mais ou menos é isso. Estudei em São Paulo, colégio de freiras, no Notre Dame ali em Sumaré. Depois eu fiz secretariado no São José de freira também. E comecei a trabalhar, que é uma coisa que eu adorava, eu gosto ainda. Eu gosto muito.

A minha infância... Olha até os nove anos ela foi boa. Não porque até os nove anos estava tudo bem. Eu tinha meus pais, eu tinha meu irmão. Meu irmão nasceu eu tinha seis anos. E ele estava com três. Aí de repente meus pais se separaram, aí eu fui... o juiz, a besta humana... a sentença era os dois para o colégio interno. Meu irmão tinha três anos. Então foi péssimo. Então daí para frente... a parte de... de... infância propriamente dita, essa acabou né? Eu fiquei no colégio interno até os quinze. Foi muito tempo. Então sabe... o resto da infância, adolescência... era colégio de freira. Se você tá interna no colégio de freira é diferente, você sai fim de semana, você nem tem uma turma, a tua turma tá lá no colégio. Então tem muita coisa que falha né? As músicas da época, os filmes, os namoricos... tudo isso... puff... você não tem, você perde... Você até praticamente quase adulta. Com quinze anos você já é praticamente quase adulta. Falta pouco para ser adulta né? Ainda mais gente que já passou certas coisas, a gente amadurece mais rápido.

Não foi difícil no colégio de freiras. Todo mundo acha que foi, mas não foi. A época de internato foi boa. Porque tinha... tudo tinha desmoronado. Aquela estrutura familiar tinha acabado. Depois a minha mãe morreu, logo depois a minha mãe morreu, em 42 ela morreu. Então também... sair para morar com a minha avó era... não gostava. Meu pai maravilhoso fez o que pode, mas... né? O meu colégio era bom, não tinha aquela coisa rígida. Era um colégio legal, as minhas amigas eram legais. Então eu sempre tive facilidade em fazer amizades, então eu sempre tive muitas amigas. A gente... quando eu tava maiorzinha a gente sempre se encontrava no domingo, sabe? A gente saía né? Então eu não acho que a fase de colégio interno foi ruim. Não, não, não, nada de trauma não. Foi muito

bom. O trauma foi outro, foi outra coisa. Depois eu saí, com quinze anos fui morar com o meu pai. E daí eu fui fazer o secretariado, aí já era externo já. Aí eu ia de manhã e voltava.

Assim de mocinha... na época do internato não tinha muito isso. Não lembro de ter pensado sequer (no corpo). Mas saindo, você faz amizades, você compara, você faz amizades fora do colégio. Então tinha uma coisa assim. Eu nunca me achei uma moça bonita. Mocinha assim... nunca me achei bonita. Mas eu tinha algumas coisas que eu gostava, que eram boas que eu gostava. Por exemplo as pernas, eu era muito magra. Vou te mostrar uma foto na idade de dezoito anos. Eu era magérrima e tinha perna grossa. Então eu tinha uma perna bem feita, bonita. Tinha minhas mãos, eram muito bonitas e o cabelo. Então eram coisas que eu cultivava, que eram bonitas. Mas eu não tinha problema em não ser bonita. Não era feia, mas não era bonita. Aí você cultivava certas coisas né? Por exemplo, eu ia na praia e fazia questão de ficar de *short* o dia inteiro que era para mostrar as pernas né? Tirei foto da mão... uma vez um fotógrafo o Jaime Lorca, que na época não era tão famoso ele tirou foto da minha mão. Então eu não sei se aproveitou. Eu acho que não. Não soube de nada. Então essas coisas assim a gente vai gostando. Cabelo também era bonito. Mexia muito, cortava, fazia mecha, deixava cumprido, fazia o diabo. E o cabelo era bom, ele obedecia. Então não tinha uma coisa mas tinha a compensação, né?

Olha como eu era bonitinha? Oh! Essa aqui, olha como meu pai era exagerado. Tem todas essas que são muito lindas. Mas aqui eu acho que dá para você ver uma menina. Fazendo um pouco de pose, meio dengosa. Eu gosto dessa. Não lembro do dia dessa foto. Aliás dessa fase eu lembro muito pouco. Se bem que eu lembro de coisas de quando eu tinha quatro anos e tem algumas coisas aqui... essa aqui eu não lembro nada dessas coisas. Eu me lembro da minha cadeirinha, era uma cadeirinha de ráfia. Que lugar era? Que lugar era? Acho que era o jardim da minha casa. Eu imagino. Acho que era um dia comum. Quem tirava foto era meu pai. Então talvez tenha sido fim de semana, porque é de dia, parece de manhã né? Eu desconfio que era dia de semana. Aqui era no Guarujá, aqui eu era menor. Aqui foi no Guarujá, aqui é minha prima. Minha prima tinha casa lá. Aqui é minha mãe e eu, quase apanhamos para entrar nesse lugar, nesse balaio aqui. Então essa fase aqui... engraçado eu lembro... essa aqui eu já não lembro.

Não tive muita adolescência né? O que que eu fazia? Saía aos domingos, a gente saía domingo de manhã e voltava de tarde. Ia pra casa da minha avó, era um ambiente muito ruim e eu não gostava não. A minha mãe morreu em 48, eu tinha treze, já tava interna há uns dois, três anos. Então... quando a minha mãe tava viva também era ruim. Não era bom, era tudo complicado. Meu pai pegava a gente, aí tinha que levar, a minha não tava... eu

achava sempre que num era bem vinda, sabe? Por isso que eu gostava do colégio. Aí... minha casa, com minha mãe e meu pai era uma coisa, a casa da minha avó era outra coisa. Quando eles se separaram a minha mãe ficou meio louca, sei lá. Ela ficou esquisita. Ela era uma mulher rígida, ela era uma boa mãe e de repente ela ficou esquisita, então... eu preferia... é claro que eu preferia sair nos finais de semana, mas se não saísse também... não fazia diferença

Fotografia 36. Dirce na cadeirinha. Fonte: arquivo pessoal.

Dos quinze aos dezoito eu morei com o meu pai, eu meu pai e meu irmão. Aí a gente morou ali, juntos, foi bom. Foi uma época boa. Meu pai não sabia o que fazer muito bem

com os filhos, mas deu certo no fim das contas. Foi difícil, mas não só porque ele era um homem, meu pai não era o tipo casadoiro sabe? Ele era bacana, eu adorava meu pai, ele foi sempre muito bacana a vida toda. Mas era assim... ele tinha dificuldade de fazer algumas coisas com a gente. Dessa época, por exemplo, sexta-feira era o dia que ele dedicava muito, a gente saía, depois ia ao teatro. A gente morava perto do TBC que na época era o único teatro de São Paulo. Aí eu arrumei um namoradinho. E é engraçado que nessa época, eu tinha, eu... meu pai saía e jogava. Então ele chegava em casa muito tarde e eu tinha esse namoradinho que se chamava Gilberto. Aí ele... aí bom não era só com ele. Qualquer pessoa que me chamasse para sair à noite eu dizia que eu precisava voltar dez horas, mas isso era eu que tinha falado. Meu pai nem ficava sabendo. Nem sabia que eu saí, porque quando ele vinha eu já tava de volta há anos. Então era uma coisa assim que eu mesma me impus. Não sei se era por falta de ter alguém que freasse, eu mesma me impus um horário para chegar.

Fotografia 37. Dirce na casa da amiga Suzi. Fonte: arquivo pessoal.

Mais pra frente, mais pra frente, eu tinha dezoito, vinte, vinte e cinco mais ou menos. Foi uma fase muito boa, eu trabalhava numa editora na Sete de Abril. Então eu fiquei anos ali, na rua Sete de Abril, era uma editora de revista técnica, chamava Habitat. E nessa época, aí sim, aí comecei a viver mais normalmente como todo mundo. Saíamos, nós tínhamos uma turma, eu era a única brasileira, resto era... era todo mundo... se não era estrangeiro era filho de, né? Eu sei que foi uma coisa... uma escola de cultura naquela época... uma fase boa porque a gente saía muito, passeava, viajava, acampava... e era um pessoal legal que você não tinha que ficar se segurando, nada. Todo mundo era amigo. Não tinha essa coisa de... namoro ali acho que saiu um que eu me lembre... então não tinha... a gente era... se dava muito bem. Isso aí durou até um tempo, depois cada um foi casando, se formando né? O pessoal ia se formando, daí já ia trabalhar... daí ia casando. Casaram quase todos. Eu, essa minha amiga... que somos amigas até hoje e mais o que? A Fê... mais umas duas... acho que ainda ficou... ficou eu e ela só.

Essa fase que eu te falei viu? Nessa fase que eu achei que eu tinha essas coisas que eram bacanas. Mas eu nunca fui vaidosa de me maquiar, nem sei maquiar, nunca fui vaidosa nesse ponto. Eu tinha a vaidade dessas coisas que eram minhas, né? Já nasci assim. Mas me arrumava, gosto de me arrumar. Sempre me arrumei, sempre me pintei assim... batom e *blush*. Cabelo, de mexer... até hoje eu gosto de mexer no cabelo. Roupas, adoro roupas. Então eu sempre me vesti muito bem. Tenho um certo bom gosto e era assim... eu fazia questão.

Essa daqui é legal. Olha como eu era magra... magérrima... olha aqui ó, o bracinho fininho. olha o cabelo, tá vendo como ele já era, sempre foi bonito meu cabelo. Olha aqui que pose artística.

Eu gosto dessa, mas aí não aparece muito a cara. Ah isso foi uma tarde na casa da Suzi, minha amiga. Era um dia... um sábado talvez. Aí nós ficamos tirando foto, brincando. Ela que tirou. Eu era exibida, eu sou leonina né? Eu tinha um corpo lindo. Tá vendo como é triste? Você vê que é bonita depois. Eu tô sempre fazendo pose. Gostava... aí né... você vai engordando... engordei... eu era magérrima e engordei vinte e mais vinte... engordei quarenta quilos... até os meus quarenta eu tinha tudo normal, corpo, tudo... mas aí eu acho... eu acho hoje que foi emocional essas minhas gorduras. Depois que meu pai teve um enfarto e nessa época eu engordei vinte quilos... e ele morreu dez anos depois. Só que ele tava desenganado... Então foram dez anos naquela expectativa. Eu engordei mais vinte. Aí fiquei com quarenta quilos a mais e fiquei pesando quase cem. Até quando eu... eu tive

doença do pânico nesse período. Foi exatamente entre o período do enfarto até morrer. Foi muito bom... muito bom... ((risos)) foram dez anos em suspense. E ele realmente... aconteceu o que eu esperava, tocou o telefone... ele tava no clube e morreu lá. Então é engraçado que... é ele morreu jogando, então quer dizer para ele foi bom. Ele... a sensação que deu assim na hora foi um alívio. Ah, pronto, chegou né? Depois claro a ficha cai, né?

Fotografia 38. Dirce na casa da amiga Suzi. Fonte: arquivo pessoal.

E eu saí da doença do pânico. Não tem grandes coisas para pensar, é fácil né? Mas foi aí nessa época que eu engordei e comecei a ficar com muita depressão, muito chata, até o

dia que eu entrei numa loja... e a mulher olhou e falou assim para mim “Cinquenta e dois né?” Mas eu fiquei tão indignada. Saí dali e fui direto para um endocrinologista e fiz um regime e emagreci vinte quilos. Mas foi assim, rapidinho eu emagreci. Depois engordei, mas eu nunca mais voltei naquele peso, nuca. Nunca mais. Consegui manter e hoje eu tô mantendo esse peso que eu tenho há muito tempo já. Mas nossa... aquele dia eu fiquei tão brava, eu queria dar na vendedora. ((risos)) E ela tinha razão. Foi na hora que ela falou né? E eu falei “Pô, a vendedora sabe o que fala né?” Aí eu fiquei brava, saí da loja indignada e falei “Ah, quer saber? Vou tratar de emagrecer.” Mas aí com essa coisa o corpo muda né? Não é só porque engordou, é por outras coisas também. Que vai ficando tudo mole, tudo flácido. Eu tive um azar que eu tive um problema nas pernas... é... circulação, eu tenho milhares de veias arrebitadas que não tem como fazer... é artrose nos dois joelhos... essas coisas que... o que sobrou mesmo foi o cabelo, porque os resto... ((risos)).

Eu trabalhei lá doze anos, depois eu saí. Trabalhei em vários lugares... assim, dois, três anos em vários lugares. Aí terminei nove anos na última empresa, aí me aposentei. Trabalhei quarenta e dois anos. Tá bom né? Aposentei... já tava aposentada, quando eu parei mesmo eu já tinha cinquenta e sete? É acho que cinquenta e sete. Não tinha sessenta não. Mas eu comecei a trabalhar com dezenove, então eu trabalhei o tempo todo, sempre com registro. Não tive perda de... eu sou secretária. Eu sou, não digo que eu fui, eu sou. Eu fiz vários cursos depois de formada, vários cursos de Administração. Eu num fiz faculdade porque eu estava trabalhando e eu queria... aliás quando eu ia terminar... quando eu terminei o secretariado eu queria fazer Psicologia. Então na época... foi cinquenta e três... eu acho... só tinha no Mackenzie de dia, e eu queria trabalhar de qualquer jeito. Então eu falei: “Bom, deixa mais tarde eu faço.” Aí passa o tempo, quando eu me aposentar... aí não fiz... então... durante o percurso da minha carreira eu fiz muitos cursos de Administração. Então eu sou uma secretária diferente, eu sou muito administradora mesmo. Me sinto... hoje eu sou síndica, adoro ser síndica por causa disso... primeiro porque eu me sinto trabalhando, sou útil e segundo porque essa coisa de administrar é a minha praia, é uma coisa que eu gosto de fazer.

Eu acho que (as mudanças começaram) um pouco nessa época aí, eu tava gorda e olhava no espelho e me sentia horrível, uma pata choca. E aí você começa né? “Puxa, eu era magrinha.” Não sei o que... quando eu emagreci e mais ou menos depois que eu dei uma estabilizada eu nunca mais... eu olho no espelho e até hoje... eu... não... não... não é isso que eu tô esperando. Então por exemplo eu fiquei cheia de... de... celulite... não tenho coragem de botar um maiô... de jeito nenhum. O formato do corpo ele continua o mesmo, eu tenho

cintura... mas eu tenho celulite. Isso aqui (parte interna do braço) eu não faço plástica porque eu não tenho dinheiro. Eu faço assim (movimenta os braços) é horrível. Me incomoda muito o braço, mais do que a cara, porque a cara eu num vejo né? Mas o braço eu vejo, o braço eu sinto, né? Então você começa a ficar assim... você começa a... então desanima a gente... fico muito chateada porque o corpo é importante. Porque eu falo assim “Bom eu tô velha, mas eu tô enxuta, com o corpo bom, com as pernas boas.”

Fotografia 39. Dirce no Evento Nacional das Secretárias. Fonte: arquivo pessoal.

Olha eu já tô engordando. Olha já gorda! Eu acho que essas não são a minha cara... eu gosto dessa. Eu me lembro com certeza. Eu organizei sozinha um Evento Nacional de Secretárias. E trabalhando hein? Fiz tudo da minha casa, da minha cadeira da minha sala da Bombril... da Bombril não... nossa era Bombril já? Onde eu trabalhava meu Deus? Eu

organizei isso daí e deu um trabalho. Tinha mais de quinhentas secretárias. E eventos paralelos. Foi lá naquele hotel... como chama aquele hotel do... Alfa. Foi oitenta e três talvez. Eu já tenho uns quarenta anos aí.

Você já percebe bunda... aquela que eu tô de calça. E aí já começa (a engordar) aquela que eu tô de calça dá para ver bem. Até que eu sou fotogênica... Eu não vejo essas fotos há muitos anos... agora eu começo a ver que eu tô gorda.

Então aposentar... eu não queria aposentar... não queria ficar parada. Não sei quando eu vou parar, não sei. Aí eu tava na Bombril e eles fizeram tudo, eu não fiz nada. Só dei a minha carteira e a menina fez tudo. E me aposentei. Ela ligou: “Você está aposentada.” “Não diga.” Aí continuei lá mesmo, trabalhando. Depois... ah é... quando eu saí eu não tava na Bombril, já tinha saído, eu saí da Bombril e fui trabalhar no Sindicato. O Sindicato das Secretárias, a gente que fez... uma turma, minhas amigas, nós tínhamos uma Associação das Secretárias e daí com essa coisa a gente começou a fazer um monte de coisa, a Associação funcionava muito bem. E éramos uma turminha muito bacana sabe?

Em agosto, em setembro, treze de agosto foi o dia que eu fui embora. Noventa e seis, exatamente. E daí no dia seguinte, no mês seguinte eu viajei. Eu já tava com a viagem marcada. Aí eu fui para Itália e fiquei um pouco. Em oitenta e oito que eu fui para ficar, fiquei um ano lá. Aí eu fui sozinha. Ah fiz muita coisa, primeiro eu fiz um curso. Morei um mês em Florença e fiz um curso lá. Foi muito legal esse curso, um pessoal bacana mesmo. Depois aí você sente a vida da cidade. Porque era assim, eu ia para Itália e queria vir embora né? Acabaram as férias, falei: “Ah, quer saber, eu ficar o tempo que eu quiser. Quando acabar o dinheiro eu vou embora.”

Eu acho que assim, na Europa o velho... o povo enxerga o velho, o velho trabalha, o velho tem algumas regalias, mas ele também tem uma vida muito boa porque ele é respeitado. Agora é que nós estamos começando a ter umas coisas boas. Mas até uns dez anos atrás, era velho, era velho. Quer dizer hoje o pessoal tá vendo que o velho hoje não morre, tá duro de morrer. E outra é que não é aquele velho. Eu me lembro que uma vez eu fui no cemitério para ver a idade da minha avó. Ela morreu com sessenta e dois anos, pra mim desde que eu nasci ela era uma velha. Ela era italiana, com aquele *birotão* aqui, aquela saia escura, preta no chão. Sempre aquela cara de velha. Eu falei: “Não é possível! Quantos anos minha avó tinha?” Eu fui lá ver, eu tinha mais que ela.

Quanta coisa eu faço na USP. Lá na Psicologia eu fiz vários cursos, inclusive um que eu gosto muito da Maria Júlia, que é... eu fiz duas vezes esse curso, Psicologia da Morte. É muito interessante, pela Universidade Aberta. Tem alguns cursos que você consegue entrar

como ouvinte. Um dos cursos que eu fiz com a Maria Júlia era de... de... doutorando, era pós, então eu pude assistir a aula... eu falei: “Eu fico quietinha.” Ela: “Fica nada.” Eu falei: “Tá, mas eu vou fazer o possível.” Então ela me deixou assistir. Então conforme o lugar você assiste. Eu fiz um belo curso de migração na Geografia... agora estava fazendo Cinema. É o menino que fez o curso com a Ecléa, o Paulo Roberto Ramos ele chama. Tem outro que eu fiz... fiz o ano passado ou outro... acho que o outro semestre, o segundo semestre do outro ano. Que é na Química, é o professor Terron, primeiro eu fiz de Música, o cara entende de Química, é químico e entende de música pra caramba... música clássica. E depois Cinema. Cinema com música, foi muito interessante. Tem muita coisa a USP, nossa... é só você fuçar lá. Ah menina, tem o livrinho, você vai lá e pega. Eu sempre falo para as pessoas: “Gente pega o livro, estuda e vai ver como é que faz.” Como é que eu entrei na USP?

Eu parei de trabalhar de vez foi assim... eu tava no Sindicato e... meio que sem compromisso assim... Falei: “Saeco, o quê que você tá fazendo hein? Eu não sei o que eu vou fazer.” “Ah, eu vou no Parque da Água Branca.” “E o quê que tem lá?” “Vai lá que você vê.” Aí eu comecei a frequentar o Parque da Água Branca que tem também muita coisa, que é do Governo, do Fundo Social, do Governo do Estado. Então eu comecei a fazer umas coisas lá. E aí além de fazer curso eu comecei a fazer um voluntariado, então eu comecei a trabalhar... eu trabalhava na recepção, organizando coisas... sabe? Quer dizer que não foi assim um choque. Eu saí... fiz isso... eu não parei assim abruptamente, eu fui parando. Depois disso lá mesmo eu encontrei uma colega, que foi minha colega de classe a Maria Antonieta e ela que me falou da USP. Ela falou: “Você sabe que a USP tem?” Eu falei: “Não, não sei.” Aí ela tinha o livrinho, eu comecei a olhar, comecei a me interessar. Aí comecei USP Universidade Aberta para Terceira Idade e Parque, em dois mil e seis eu saí do Parque. Olha quanto tempo ficamos. E daí... aí começa tudo quanto é coisa, a gente descobre um curso aqui... um curso ali... aí você faz amizade. A USP tem um... antes era na Biblioteca Álvaro Guerra, é num... é da USP, é um projeto da USP chama-se Estação Memória, não sei se você conhece. Chama Estação Memória, a gente começou a frequentar lá, fiz muita amizade, foram doze anos desse curso. E a Denise... conheci a Denise lá, e ficamos amigas lá.

Eu sempre brinco que eu fiquei dona de casa depois dos sessenta porque eu trabalhava, eu nunca fui dona de casa. Eu morei sozinha... desde os vinte e quatro que eu moro sozinha. Mas é muito diferente você trabalhar e morar... é outra coisa né? Eu não cozinhava, eu não fazia nada na casa. Vinha faxineira e eu nem via a cara dela. Aí quando

eu parei, que eu tinha mais tempo eu gostava de cozinhar. E comecei a cozinhar e até que cozinheiro bem. Descobri outras coisas. E descobri que eu sei... que eu tenho boa mão. Eu sei cobrir caixinha, eu sei pintar... fiz curso no MAC, dois anos com o Sílvia. Nossa eu fiz muita coisa na USP viu? Tô descobrindo coisas que nunca passaram pela minha cabeça. Eu acho bom, eu to achando bom.

E eu não tenho porque fazer coisas que eu não queria né? Eu faço, simplesmente. Sempre fui muito livre, muito, muito. Que eu acho que é uma coisa preciosa, muito importante. Liberdade é você fazer aquilo que você quer fazer, porque você quer entendeu? Tem gente que tem filho e faz porque o filho quer... tem gente que não tem vida própria.

Nossa olha essa como eu tô gorda... era horrível. Eu sentia que eu tava cada vez mais feia. Muito feia. Ah pega guarda-roupa inteiro e dá... Essa daqui é o aniversário do Dito. Ah eu odeio essas fotos todas. Aí eu já engordei. Tá vendo? Você sabia que eu cheguei a perder seis centímetros? Eu tinha um metro e setenta e cinco e a última vez... que eu me recuso a aceitar, mas estava lá sessenta e nove. Eu acho um absurdo isso. Mas a gente percebe. Principalmente perna. Minha perna ficou tão feia, minha perna... É a coisa que eu mais tenho tristeza é a minha perna. Eu sempre tenho uma boa aparência... eu posso tá morrendo e nunca fico com cara de doente. Ai como eu tô gorda. Aí eu já tinha emagrecido. Fechei a boca só. Nunca fiz atividade física... detesto. Vou começar agora a fazer um pouco de exercício para fortalecer a perna. A minha perna não obedece.

Você vê a Hebe Camargo? Oitenta e tantos anos com aquela perna limpa né? Mas eu num tenho essa perna. E isso me faz muito mal, muito mal... eu detesto. Acho que sei lá... engordar a gente engorda, fica... eu não me conforme com essa celulite, com essas pernas que ficaram tão... tão feias né? Elas ficaram horríveis. Da idade a gente aceita. Pô, tudo bem né? Quer dizer, aceita mais ou menos. Mas ninguém fica conformada de mudar, mas você ficar... tive azar de ter as pernas que ficaram cheias de varizes. Oh, é inteirinha assim. Aí também dói o joelho. Então sabe? Eu gosto de saia, eu gosto de vestido. Então eu fico com vergonha de usar... às vezes eu fico sem vergonha e uso mesmo... no calor... todo ano eu falo: "Não vou usar roupa sem manga." Acabo usando, mas não me sinto bem.

Fotografia 40. Dirce em jantar com os amigos. Fonte: arquivo pessoal.

E praia eu posso até ir vestida de *smoking*, mas de maiô nunca mais. Piscina, nem pensar. Eu tive agora em... onde é que nós tivemos? São Bento do Sapucaí... o hotel tinha uma bela de uma piscina... um calor... tava tão bonito... eu fui no ano novo. O pessoal: “Vamos na piscina?” E eu “Hã, hã... outra hora...” Eu levei maiô, mas eu não tinha coragem. Porque eu acho que você não tem que expor feiura para ninguém né? Você mostra o que é bonito, o que é mostrável. Agora eu vou lá mostrar minhas pernas, minhas banha, minha celulite? Eu me sinto mal, essa coisa mexeu... mexeu comigo sim. A mudança do corpo mexeu. Ela é difícil. Porque você sabe? Eu não fico me olhando no espelho... o dia que eu resolvo olhar bem... eu falo... outro dia eu percebi que eu tava... aqui... isso tudo ((mostrando pescoço)) enrugou... eu nunca tinha visto isso, eu vi agora. Cada vez que você olha assim criticamente, você descobre mais uma coisa né? Agora o rosto... engraçado Gleici... o rosto não me incomoda tanto. Acho que como eu nunca me considerei bonita sabe? Mas o resto me incomoda muito, ah e como incomoda...

Limitação... muita, muita, muita... vou te dar um exemplo: antigamente eu descia tranquilamente até a Oscar Freire e descia, agora não mais. Eu vou até um pedaço. A última vez eu fui até o Tietê, não sei se eu continuo indo mais... mas não dá mais... eu num corro, eu sempre andei muito depressa. Eu tinha um namorado que eu saía desembestada e ele parava e ficava esperando “O que você está fazendo?” “Esperando você.” Sempre andei muito de pressa, sempre fui muito elétrica, então eu tenho muita limitação. A perna dói,

tanto que agora eu vou começar a fazer uma fisio, quero ver se eu entro numa academia porque minha perna tá muito... fraca sabe? Se eu sentar no chão eu não levanto. Entendeu? Ela não tem força, a minha perna. Subir uma escada... carregar um peso... tudo isso é complicado. Eu me sinto sem equilíbrio. Porque a perna não obedece e eu me sinto desequilibrada. Eu tenho muita limitação... ih... toda a vida eu troquei as minhas lâmpadas... não é que eu tenho medo de subir na escada. Eu falo “Com as duas mãos ocupadas como é que eu faço?” Essa última... outro dia queimou uma lâmpada da minha cozinha que tem aquele negócio... aquele lustre que tem que tirar né? Hã, Hã... chamei o moço e falei: “Troca aqui para mim?” Você tem limitações, com certeza. Não vou falar que não... subir num ônibus... eu não ando de ônibus. É duro, eu não consigo. Sabe a minha perna não vai? E isso dá vergonha. Eu sinto vergonha. Quando eu vou sentar em algum lugar que tem muita gente eu sempre “Hã, hã... ai minha perna...” Sabe? Ah tá todo mundo sabendo. Mas é uma coisa que é uma defesa minha. Eu falo: “Ah, a minha perna não obedece...” Eu preciso segurar, sabe? Preciso segurar com as duas mãos né? Então é uma vergonha, eu tenho vergonha dessas circunstâncias...

Não é isso, eu acho que é mais assim a coisa da estética mesmo. Eu me sinto feia. Muito... principalmente assim se eu... você vê, várias fotos eu tô de vestido e hoje eu fico pensando: “Será que eu boto uma meia?” Um puta calor, vou por uma meia? Tem até um negócio que eu comprei, tipo uma base, você passa e dá uma disfarçada, não é que fica bom. Então dá uma bela disfarçada. Então eu me sinto mal... até hoje... porque eu me sinto mal... eu acho que eu vou morrer assim... eu fico com vergonha de mostrar certas coisas, né? Às vezes eu tô falando, eu percebo... agora eu tô de blusa. Mas eu percebo que isso aqui tá balançando (braço) eu faço assim já... Continuo andando, saio com ela (cachorra) duas vezes por dia... ando por aí... por exemplo segunda-feira eu fui na cidade, na Quinze de Novembro, estacionei no estacionamento, fui aonde eu tinha que ir e voltei. Agora eu adoro aquele centro. Eu gosto muito. O que eu queria era andar mais um pouco naquelas ruas antigas. Num dá. Não estou inválida, né? Enxergo, ouço... todo mundo acaba ficando surdo... por enquanto eu ouço. Eu ouço, eu enxergo, eu ando, minhas mãos me resolvem tudo que eu preciso. Cozinho, lavo louça. Vai decair, antes de acontecer você já sabe. Um dia você fala: “Nossa eu sempre vim até aqui numa boa, agora eu tô cansada.” Muitas amigas sobem e descem de ônibus, eu não gosto de ônibus, nem quando eu era mocinha... nem dinheiro eu tinha e eu pegava táxi. Qualquer coisinha eu pegava táxi. Você acha que agora eu vou? Enquanto eu puder dirigir eu vou. Eu perguntei: “Tem limite?” Não tem limite de idade para carta, enquanto você puder dirigir você vai tirando carta. Eu ótimo.

Vou dirigir, eu gosto, pois eu gosto de dirigir. Adoro uma estrada, só que agora eu tô com medo de dirigir a noite na estrada, na cidade não. Mas pegar uma estrada a noite, a luz do lado de lá incomoda. Você vê? É outra, não é bem que eu não posso fazer mas eu tô diminuindo um pouco. Também é prudência. Eu não vou subir da escada... pra cair da escada? Pra que que eu vou abusar? Se eu quiser um dia que não tiver ninguém eu até subo, mas se não precisa... eu subo aqui, eu tenho meus armários, vão lá no teto. As coisas que eu uso pouco estão lá em cima. Então se eu vou dar um almoço, um coisa os *pirex* grandes estão lá em cima. Eu subo na escada, abro o armário e fico as duas mão ocupadas. Eu falei: “Um dia eu morro. Porque eu vou cair com tudo na minha cabeça. E vai quebrar o *pirex*.” ((risos)) Você automaticamente deixa de fazer certas coisas. Fala: “Dá pra fazer, mas eu não vou fazer.”

Você tá velha, é inegável. Eu tenho pena dessas pessoas, artistas principalmente que vivem do seu rosto, do seu corpo. Eu acho por exemplo, a Fernanda Montenegro, ela tá assim, ela é a única artista que eu vejo... eu pelo menos não conheço outra que não fez plástica e que aceita o jeito que ela tá. Acabou, o resto... a Beatriz Segal outro dia ela fez... ela diz que não mas ela fez... ela tá muito bem, ela fez oitenta anos... oitenta e sei lá quantos. Então eu acho que assim, esse pessoal sofre muito, muito. E as que foram lindas sofre mais ainda. A internet toda hora tá mostrando artistas como eram e como ficaram. Pô, dá dó. Mas tem muitas, não sei se você recebe. Mas tem muitas. Sei lá, a Janis Johnson quando era jovem, aquele peitão que ela tinha, agora tá toda caída. E olha que é gente que se cuida e que tem dinheiro para se tratar, fazer isso e fazer aquilo. Aí é que tá, você tem que se conformar, não adianta você falar: “Eu não quero ficar velha.” Então a opção é pior, eu prefiro ficar velha. Se você não ficar velha você morre, então vamos ficar velha. Então eu acho que assim, são coisas que você... olha, eu sempre tive muito medo de andar de avião. Então eu vou, quando o avião fecha a porta eu falo: “Bom, não pode parar, porque não tem alternativa, você está aqui dentro.” E é mais ou menos isso, você tem que dança conforme a música. Tem quarenta é uma coisa, tem sessenta é outra, tem setenta é outra. Que a gente não seja infeliz é o máximo que se pode acontecer, não ser infeliz. Não ficar: “Há quando eu era...” Quando eu era, eu fui... acabou. Eu acho que a gente tem que ir se adaptando. Eu me sinto muito bem. Eu não tenho dor, eu tenho artrose nos dois joelhos, eu tenho a coluna toda esculhambada. Eu não tenho dor. Eu tomo remédio, lógico. Eu não tenho força na perna, mas dor eu não tenho mais, eu já tive, eu não tenho. Eu não fica falando: “Ah, eu tô com dor. Ah...” Não, não, não. Não resta muito tempo, então vamos aproveitar. Eu só acho ruim que eu tô dura. É a única coisa que eu reclamo da minha vida é que eu tô dura

mesmo. E também já me adaptei, tenho que fazer economia, nunca fui econômica... e agora sou. Eu aprendi a fazer a unha, eu nunca tinha feito a unha. Eu tinjo meu cabelo. Tudo isso eu aprendi, eu aprendi porque a grana tá curta. Então vamos economizar. Eu tô muito bem, eu tenho bons amigos, eu levo a vida mais ou menos na flauta, não sou uma pessoa nem chorona, nem reclamona. Tem dias que eu disparo a reclamar de tudo e também sou briguenta. Eu gosto de uma briga, então minha filha vai tocando o bonde.

Eu sempre falo, eu gostaria de estar na pele da Elizabeth Taylor que era uma mulher linda deslumbrante e foi ficando velha e gorda e papuda né? Que deve ser terrível né? Porque a gente que é normal já sente uma bela de uma diferença. Imagina uma pessoa maravilhosa né? Com um corpo lindo né? Deve ser terrível. E influi psicologicamente. Tem gente que não transa de jeito nenhum, simplesmente não transa nunca porque tá feia, tá com celulite, tá gorda. Sabe? Então são coisas que eu acho que não é fútil não. São coisas que eu acho que influi muito na cabeça. A gente mesmo se cobra né?

SOLANGE

Fotografia 41. Solange em seu aniversário de um ano. Fonte: arquivo pessoal.

A infância foi boa, divertida, eu brincava mais com os meninos que com as meninas. Não tinha, eu não tinha muita paciência para brincar com as meninas, sempre com os

meninos, bolinha de gude, soltar pipa, pega-pega, aquela coisa. A única coisa de ruim na minha infância foi a separação dos meus pais, eu tinha sete anos e isso marcou, mas infância foi tudo bem. Foi em Pinda (Pindamonhangaba). Já que é infância a de um ano né? Não lembro. Foi meu aniversário de um ano.

Na minha infância? Eu nunca tive problema, nunca parei para pensar nisso. Eu demorei muito para... para... entrar na adolescência, eu tinha quinze anos e ainda brincava de boneca, eu ainda não descobri o sexo. Não tinha paquera, não tinha... eu sempre fui tranquila para isso, nunca fui assim... eu não... só quando eu tinha quinze anos que eu descobri o sexo oposto, aí que eu comecei a balançar as estruturas, a sentir borboletas no estômago.

Eu brincava muito, de correr... brincava, sempre ativa. As brincadeiras mais de meninos sempre, mas depois começa a crescer e todo mundo brinca junto, mas é sempre na rua. Não passava muitos carros que Pinda não tinha muitos carros, então dividia dois times, mesclava homem, mulher... aí era de roubar bandeira... aquelas brincadeiras que interior tem e hoje aqui você não escuta mais falar. Eu não me lembro de como eu sentia, mas eu me lembro de situações assim... o que eu não gostava.

Mas eu não sei se isso tem a ver com o corpo. É... quando você começa a crescer... a minha mãe queria que eu usasse, vamos supor... um vestido que ele era todo cheio de nervurinha, godêzinho... assim de cintura baixa... até aí o vestido... e eu tinha um sapatinho de verniz branco que tinha salto e eu me achava o máximo com ele, entendeu? Me achava linda, adulta... só que a minha mãe, toda vez que eu tinha que sair com essa roupa minha mãe me fazia vestir uma meia de crochê até o tornozelo... que a minha vó tinha feito... a meia ainda ia... o problema que a meia tinha dois pompons imensos. Então isso para mim... eu achava que eu já tava ficando moça com doze, treze anos, entendeu? Eu já queria ficar adultinha, mas aqueles pompom... me deixava... eu queria morrer... eu ficava com a minha mãe com bico, eu me lembro, se eu encontrava com alguém do colégio eu começava a andar atrás dela...

Outra coisa... quando eu comecei a entrar na adolescência e começou a nascer o seio, a minha mãe foi comprar sutiã para mim, então era aquilo... eu queria pôr para ficar moça, para me sentir adulta, mas ao mesmo tempo eu achava aquilo tão feio... porque hoje é bonitinho, antigamente tinha aqueles bojo, aquelas coisas pontudas, esquisita. Nossa como era horrível. E eu tinha vergonha de usar o sutiã, eu preferia que aparecesse o bico, eu andava mais assim ((encurva-se)) mas eu preferia o bico do que... mas eu de uma maneira geral eu nunca senti... eu nunca parei para pensar... eu sempre fui tida como uma pessoa

muito bonita, para você ver... quando me levavam para o hospital, meu pai que sempre preferiu um filho homem, mas diz que eu era tão linda, tão linda que eu parava todo mundo... as enfermeiras... todo mundo... todo mundo vinha para mexer comigo como eu era uma criança muito bonita... quando eu cresci, mesmo na infância, sempre ouvindo falar que eu era bonita.

Eu era adolescente eu tinha uma Pindamonhangaba inteira apaixonada por mim... sempre tive muito homem, muitas paixões no meu pé e eu nunca quis. Acho que como eu tinha muito... você ficava... sabe? Eu me sentia assim... eu lembro que eu ficava... quando eu completei quinze, dezesseis anos quando você começa a querer paquerar... aí sim era a época da minissaia... então eu tinha uma jaquetinha jeans e uma saia jeans, do mesmo tecido... uma saia... um jeans diferente, não é esse jeans... uma sainha que a minha mãe fez e uma jaquetinha com bolso e tinha uma bota que hoje eu olho... uma amiga minha tem essa foto... eu e ela... a bota parece uma bota de paraplégico, aquelas botas cheia de metalzinho aqui que você passava o cadarço... era uns ganchinhos... então eu tinha uma bota daquela, eu tinha um cabelo na bunda, bem comprido... nossa e em cidade do interior era assim... você fica na praça, sábado e domingo a tarde, as meninas andam só assim ((em círculo)) e os meninos ao contrário. Como diz a minha... a mulher do meu pai lá de São José do Rio Preto, a caipirada vai fazer o *footing*... ((risos)) Não, porque lá é cheio de palavra assim... aí eu ligo lá “E a Livia?” “Ah a Livia foi fazer o *footing*.” “Hãã?” Eles vão pro alpendre, a gente vai para varanda, eles vão pro alpendre. Isso aí eu acho engraçado... enfim...

Então... eu tinha... eu tinha amigos que eram assim... os meninos era todo mundo maluco, todo mundo apaixonado por mim... eu sempre tive um corpo bom, magra, bunduda. Os meus amigos mais íntimos sempre me falavam: “Ah você parece uma tanajura.” Viviam me enchendo de apelido, que eu era bunduda, que eu era num sei o que. E eu queria morrer com isso. Eu ficava brava com eles. Um dia a minha mãe cortou meu cabelo bem curto... aliás eu tava contando essa história ontem... eu tinha um amigo que simplesmente nunca mais olhou na minha cara. Ficou com raiva. Eu falei: “Bom, se ele não fala mais comigo...” “Ah eu não gostei que você cortou o cabelo.” E ele era apaixonado por mim... e ele era enorme de gordo. Chamava Cláudio, eu nunca vou me esquecer. E eu falei: “Nossa, se eu soubesse que você gostava tanto do meu cabelo eu tinha trazido o cabelo e você ficava com ele.” Bom, mas foi isso.

Sempre me falavam que eu era muito bonita... eu ignorava... ignorava... sempre ignorei... me incomodava... eu ficava irritada, parecia assim... a mesma coisa... você passa... “Você tá com o cadarço tá desamarrado.”, aí vem outro: “Seu cadarço tá desamarrado.”,

“O seu cadarço tá desamarrado.”, “Pô mas que saco.” Sabe? “Deixa meu cadarço desamarrado.” Você entendeu? Então, é... todo mundo vinha com as mesmas conversinha, com a mesma... eu me sentia um troféu... a outra... bem... eu tô podendo né? Mas eu me sentia assim... eu me sentia um troféu que parecia que quem queria namorar comigo, os que queriam namorar comigo não era porque queriam namorar, parece que era uma disputa... se tinha no colégio dez meninos na sala os dez queriam... então eles ficavam entre eles empurrando... aquela coisa de criança... “Ah não, eu é que vou namorar com ela.” “Ah não é eu.” Então eu me sentia um troféu.

Fotografia 42. Solange em sua primeira comunhão. Fonte: arquivo pessoal.

Eu sempre me senti bem em tudo. Sempre tive bastante amigo, sempre tive... na primeira comunhão eu tinha uns oito, nove. Sentia bem. Como que você vai se incomodar com um monte de gente te achando linda e maravilhosa? Eu era... minha filha, quem não for bonita com quinze anos não vai ser bonito nunca mais na vida. Quinze, dezoito anos...

se você não tiver um puta corpão, gostosona... você não vai ser nunca mais. E eu... com relação à isso eu acho que eu nunca parei para pensar porque eu nunca tive problemas. Eu nunca tive cara cheia de espinha, as minhas amigas... todo mundo queria morrer... eu tinha um cabelo maravilhoso... meu cabelo sempre foi lindo, todo mundo sempre gostava... meu cabelo eu quero ele com cachinho é só fazer uns rolinhos que ele fica... você quer liso? Ele fica. Oh, hoje eu lavei a cabeça, eu só fiz assim... não é de as partezinhas e secar... ele fica bem. Eu acho meu cabelo bonito, todo mundo... eu mesma que corto. Eu não vou em salão para fazer nada, eu mesma faço a minha unha... eu não tenho paciência, eu não gosto que as pessoas ficam mexendo em mim. Então, vaidade aqui você viu que é zero né?

Até os trinta eu fiquei casada, depois que eu me separei eu fiquei dois anos bem mal, até... um ano e meio, dois para reestruturar a vida de solteira de novo. E nova né? Porque eu vejo a minha filha tem trinta, vai fazer trinta e três anos agora em novembro. Mas eu me casei com dezoito, eu levei seis anos sem ter filho, eu tinha vinte e cinco quando ela nasceu. Quase sete anos né? Eu casei em julho com dezoito anos. Em novembro eu já fiz dezenove. Casei lá (Pindamonhangaba), na época eu não tava trabalhando... eu trabalhava numa escola de Inglês... é quando eu conheci ele eu tava trabalhando, mas também saí antes de casar. Me separei, fiquei morando sozinha, fiquei uns dois anos e meio, três morando em Pinda e depois me mudei para São Paulo. Eu vim para cá, a minha filha quando eu me separei ela tinha cinco... é... ela ia fazer cinco, eu me separei em julho... no dia que eu me casei foi o dia que eu me separei... em julho.

Nessa foto eu tinha vinte e oito, se ela nasceu... eu tava com vinte e cinco. Eu tinha acabado de fazer vinte e oito e ela, eu faço quinze de novembro e ela faz vinte e nove de novembro, ela é sagitário, no mesmo mês. O pai dela era trinta e um de outubro, eu quinze de novembro e ela... em menos de um mês os três faziam aniversário... então eu tinha vinte e oito e ela três. Era aniversário dela, a gente sempre fazia na casa da minha mãe porque tinha uma varandona grande, um espaço grande. E a gente tava lá comemorando o aniversário dela, mais um aninho.

Eu sempre me senti bem, sempre. Não teve nenhuma época que eu me senti assim mal... só agora depois da menopausa, não é que eu me sinta mal, mas... você... passa várias noites sem dormir direito, você fica cansada... mas isso não é... o corpo te dá um cansaço pelo fato de você não ter dormido bem. Não é que você... eu raramente vou em médico, raramente tomo remédio... sou uma pessoa saudável, não tenho nada, tirando... Minha gravidez foi muito tranquila, eu engordei bastante, dezessete quilos. Eu retinha líquido por causa das infecções urinárias, eu urinava sangue, pus... o corpo voltou rapidinho.

Fotografia 43. Solange no aniversário de três anos da filha. Fonte: arquivo pessoal.

Uma outra coisa que eu tive na minha vida também... amores platônicos de gente que gosta de mim e não aparece. Eu chegava, eu já era casada, meu ex-marido nunca soube disso. Mas eu chegava para trabalhar, e abrir a loja, eu tinha um boutique, na época do Cruzado ainda... menina, todo dia... mas eu descobri depois quem era... e era um homem casado... e amigo da gente... eles sempre estavam na minha casa e eu também fiz de conta... porque eu fiquei tão chocada... tão chocada... que eu achei uma falta de respeito tão grande,

porque a gente vivia na casa deles e eles viviam na minha casa, ele a mulher... Então ele passava uma hora... então tinha flor...

Eu já tive... num foi o primeiro. Eu acho que esse é o quarto que eu sei que eu descobri né? Então eu sempre chamei muita atenção e olha... sou uma pessoa simples, num sou uma pessoa... discreta... num sou perua, não sou cheia das correntes, cheia das maquiagem, de salto, a mulher fatal... num sou... e eu não sei minha filha o quê que atrai. Então eu acho que eu nunca tive problemas, voltando ao corpo... com o corpo porque... eu tenho uma cicatriz no rosto, porque eu cá eu tinha quatro anos... tem gente que às vezes eu tô conversando e ela fala: “Nossa e essa cicatriz? Eu não reparei que você tinha.” “Cicatriz?” Eu fico assim: “Mas aonde?” “Aqui.” Nossa... aí é que eu vou me lembrar e tá no rosto. E tá no rosto, mas pra você ver, se eu dou risada ele enruga bem, é uma coisa que eu tinha quatro anos, eu tive adolescência, eu tive tudo... nunca... eu nem lembro... essas coisas não me incomodam, eu sou uma pessoa que acho que quem vai gostar de mim, vai gostar de mim como eu sou, eu não tenho que tá enfeitadinha, eu não tenho que tá... entendeu? Linda com *botox*, esticada... eu adoro caminhar, mas eu não suporto fazer ginástica. Tem gente que fala: “Ah você faz academia? Pô, você também com um corpão desses, você não deve sair da academia.” Mal sabem que nem na porta eu passo. Então eu sou assim... talvez... me sinto privilegiada sim porque eu tô lá numa balada eu vejo menina de dezoito, vinte anos já com aquela barriga... aí eu fico... “Poxa, se eu fosse daquele jeito eu talvez fosse me cuidar...” e de uns três, quatro anos pra cá depois da menopausa... é...

Eu andei mudando coisas na minha alimentação. Eu tenho uma alimentação bem saudável agora... eu não como gordura... só carne branca ou peixe, muitos legumes, muita salada e... todo dia mandioquinha, todo dia batata doce, brócolis, berinjela, mandioquinha que eu amo, cenoura, todo dia eu como essas coisas. Então não parei de tomar... de... porque quando você começa a entrar na menopausa seu metabolismo muda. Eu que sempre fui magricela desse jeito eu comecei a ter colesterol, gordura. Aí eu comecei mudar. Mas o cigarro ajuda a ter colesterol também. Então quando eu parei de fumar... ontem por exemplo eu saí de casa, tava com uma preguiça do cão. Eu morro de preguiça, depois que eu saio minha filha... eu chego em casa as cinco horas da manhã.

Nessa época minha vida era cheia de amigos, cheia de coisas, novidades, outro mundo. Você sai da cidade do interior... a cabeça das pessoas lá... eu era outra pessoa... aqui eu sou um número, isso é bem diferente, lá você tá com um problema de energia você... aqui você fala: “Ah, eu vou na Eletropaulo.” Lá você liga ou fala com o gerente e fala: “Oh fulano...”, ainda mais meu marido que tinha um rede de jornais... a gente faz parte daquela

coisa hipócrita da sociedade... do Lion's Clube, do Rotary Clube... aquelas parafernália toda que eu acho isso um saco... um absurdo, uma coisa ridícula. Pinda tem Exército, então eu tinha... chegava Coronel novo na cidade e a mulherada, a mulherada do Rotary, do Lion's tinha que preparar um chá para a mulher do Coronel, as primeiras visitas, as primeiras amigas dela na cidade... vamos fazer compras, vamos no cabeleireiro. Ah, aquelas coisas tão fúteis... de gente que não tem o que fazer de cidade do interior. Mas aqui a vida é diferente né? Então o que eu sinto de diferente do meu corpo é isso, que você entra na menopausa, que você sente o que o negócio começa... você sente diferença de pele, você começa a engordar, principalmente nessa parte da cintura, eu ainda parei de fumar. Como eu estava te falando eu estava com uma preguiça louca de sair... e as meninas... e eu já estava comendo tudo o que tinha aqui em casa e eu falei: "Gente, para, isso é ansiedade."

Não sei se com relação ao corpo eu acrescentei muito, eu não sinto que mudou muita coisa. É o mesmo pique, saio, eu sempre trabalhei a noite. Eu fico a noite... eu fiquei quatro anos, levantava... a hora que eu tenho que dormir eu já tava... nem dormia já ia pro hospital, chegava cinco da manhã e ficava até nove horas da noite com minha irmã passando mal. A minha irmã primeiro (teve câncer), minha irmã caçula, o da minha irmã foi muito grave, já tava bem... mas graças à Deus ela tá ótima. O da minha mãe também foi no intestino e foi início, e foi aqui em cima. Só que a minha mãe já tinha setenta e nove anos... aliás o aniversário dela... dois dias depois do aniversário dela, ela já tava no hospital, dois dias depois foi a cirurgia. Mas ela tá ótima agora, emagreceu muito... ela tá em Pinda, ontem eu tava cuidando dela.

Mas a menopausa, até hoje eu sinto o raio do calorão, tem horas que é mais intenso, mas infelizmente eu não posso tomar hormônio, eu tenho nódulos também no seio, então... é engraçado que o hormônio te dá qualidade de vida. Você num sente o envelhecer... todo mundo vai envelhecer, mas você com o hormônio você tem a pele... você não enrugando, você demora mais para começar a textura de cabelo, de unha... de tudo né? De lubrificação vaginal... de tudo porque muda tudo. Então você tem diferença, você sente diferença. Conforme você vai perdendo... esses calorões você não sente nada disso, você tem a disposição normal que você tinha antes, mas... quando você não pode tomar... eu acho o seguinte... eu estava falando com médico... porque que se você tá tomando... ah o maior risco é câncer de mama, vão bora. Se você tá todo ano fazendo mamografia, você descobre alguma coisa tá bem no início e dá para cuidar.

Fotografia 44. Solange no trabalho. Fonte: arquivo pessoal.

Então porque não se tem... outros... outras coisas... os ossos... não é só a parte pele, beleza, sexual... não, os ossos você vai ter osteoporose. Eu fiz densitometria óssea e tem um lado... agora qual lado do quadril... que tem que eu precisaria... eu teria... muito mais qualidade de vida seria muito melhor se eu fizesse exercícios, academia e isso eu não suporto, desde... ginástica que eu tinha que fazer no colégio... educação física, eu nunca gostei, eu deitava a professora virava eu ficava deitada ela levantava eu: “Dois...” ela virava eu deitava... eu nunca gostei. Olha o que não é legal de lidar e de sentir são os calorões, às vezes as noites mal dormidas que você tem, porque isso afeta no seu humor. O fato de eu parar de fumar também é um agravante. E deixa irritado porque o cigarro te dá uma saciedade. E aí a menopausa também, esses calorões. A hora que você tá com o calorão você tem vontade de arrancar a roupa, de xingar quem tá falando com você. Você tem vontade de falar: “Cala a boca, espera um minuto, deixa passar esse calorão.” Você começa a ficar muito agressiva e isso é muito ruim porque você começa a ter que ter controle para não mandar o sujeito para aquele lugar. Entendeu? Isso é ruim, você acaba perdendo o controle, mas isso é mental, é mais uma coisa de se controlar para você não ser sem educação, não ser agressiva, não ser estúpida. Mas não é a ver com o corpo... com o corpo gente... se não

tomar hormônio a pele vai secar... a minha vai, a da minha mãe secou... a de outra.... então não adianta... o dia que eu lembro passo o creme, o dia que eu não lembro fico sem o creme... não sou, eu não fico lá o dia inteiro lá que nem as minhas amigas que se lambuzam... só passo um creme nas minhas pernas... nossa ela vem toda lambuzada (amiga)... eu falo: “Você vai vestir a roupa assim?” Sabe? Ela tá escorregando de tanto creme. Ela tá besuntada. Ela tem uma pele ótima, ela faz ginástica, ela faz exercício, faz musculação, tem o braço definido, tem tudo, toma hormônio e já está com sessenta e seis anos.

Eu sou de cinquenta e sete. Ué eu me sinto, lógico. Todos os meus amigos, esse lugar que eu fui ontem... são pessoas que eu conheço há dezessete anos e todo mundo fala: “Gente... olha fulano, olha eu tô assim, eu tô assim. Oh essa aqui é uma *mardita*, é uma privilegiada.”

Eu nunca fiz plástica, eu nunca fiz nada. Meu seio parece que eu tenho assim, dezoito anos, empezinho, todo direitinho... não tem nada caindo. Pequeninho é melhor, ainda mais que eu engordei uns quatro, cinco quilos de um ano para cá, eu tô engordando e acho que isso também ajuda, que não cai né? Você começa a engordar porque a menopausa faz isso, porque você começa a não queimar com tanta facilidade a gordura, você começa a... mas o problema é que acumula aqui (na barriga), o culote e aqui. E a gordura abdominal tem a ver com o cardíaco, porque as pessoas sempre falam... “Você tem sempre que tá medindo a cintura, quanto mais redondinha você for...” Porque eu tenho uma barriguinha estranha, ela é redondinha aqui, não é aquela coisa que é esparramadinha, que começa aqui de cima... aqui em cima você tem ó, osso. Não é aquela coisa que começa aqui... então... uma coisa assim, tudo por igual... bom qualquer uma é ruim... e isso é difícil de tirar. Isso se você me perguntar se eu gostaria de tirar? Gostaria. Faria uma plástica? Não. Aí também não, fica assim. Preferia não ter... mas também tenho e vou fazer o que? Vou me matar por isso? Não vou me estressar com isso. Entendeu? Porque se não gostar de mim... se o cara não quiser transar comigo por causa da barriguinha... ele que vá procurar uma sem barriguinha, eu não tô preocupada não... se eu quiser é só fazer assim (estala os dedos) e sempre tem.

Então isso é que é ruim, você tem que ter sempre jogo de cintura... porque o cara tá te cantando... isso quando não são mulheres que começam a te cantar... elas tão atacando também porque agora... os dois lados... quinta-feira passada eu fiquei numa saia justa brava... então tem mulher também atacando... Menina, eu estava por aqui... aí eu fui no supermercado... sabe aquela geladeira que é aberta que você pega hambúrguer... então eu

fui pegar hambúrguer eu reparei... não olhei a pessoa, mas eu reparei que tinha uma mão de uma velha já... que também pegou alguma coisa, mas a mão era uma mão esquisita, com um anelão, unha comprida, mas era uma mão de velha, uma mão brancona. Eu fui pegar leite, eu fui pegar leite de novo eu vi a mão. Aí eu falei, nossa a segunda vez essa mão, então eu vou disfarçar... disfarcei e fiz assim para ver de quem era a mão. Era de uma mulher que parecia uma bruxa. Velha, magra, esquisita. E ela me olhou e eu dei uma disfarçada e fui embora, eu mudei de corredor, mas sabe toda hora que você vai fazer assim você uma mão. Eu falava: “Gente!” ou então eu comecei a virar assim, eu percebia que a pessoa... não importava o corredor... nossa fui pagar, ela não ficou no meu caixa, foi em outro caixa. Menina a hora que eu tô saindo, tô com as minhas compras vindo... porque tem uma ruazinha estreitinha... a mulher não me vem atrás de mim e não me agarra e me mordeu? Aquela coisa? E ela me agarrando e eu comecei a gritar. A fazer assim... “Socorro, socorro, me solta, me solta!” O porteiro veio, eu nunca tinha visto o porteiro. Eu até ficava com vergonha de passar na rua e o porteiro...

Eu já ouvi que muitas pessoas dizem que não conseguem emprego porque são bonitas demais... não, não foi meu caso não. Ah... só encheu um pouco a paciência eu acho que pela minha personalidade de ser seletiva. É... o que deu trabalho foi sempre... nossa quem escutar isso e ver esse depoimento vai falar: “Nossa, essa aí se acha a boa né? A gostosa.” Mas infelizmente foi assim, foi o que eu mostrei. Eu mostrei para você... é umas coisas loucas e sempre foi assim. De burra nunca fui julgada, porque a gente de escorpião é bem esperta, bem dedicada ao trabalho. Mas eu nunca levei cantada em trabalho, nunca... assim... cantada de chefe, de ambiente de trabalho nunca. Isso não. Já teve gente do trabalho que se interessou por mim, veio com um paquerinha bem discreta. E eu sempre... ó eu trabalho há dezessete anos em uma casa noturna, gente... o povo tá bêbado, é normal... é normal você ouvir cantada. Eu vivo no meio de cubano, cubano é a raça mais sem vergonha que tem. Então o cara tá pagando a conta, a mulher tá aqui... ele é mais alto e tá um pouquinho atrás jogando beijo. Se ele vai sem a mulher: “Quando você vai jantar comigo? *Muy hermosa*.” E eu fico com aquela cara... eu fico... e é com todo mundo. Ex-namorado também. Meus namoros... são poucos namorados, mas eles duram bastante tempo, quatro anos, sete anos, cinco anos.

Porque eu também sou muito dedicada em relacionamento. Aliás é uma coisa que eu preciso aprender sobre esse assunto, mas aí é uma outra entrevista. É uma coisa que eu acho que eu preciso mudar muito. Eu me dou muito, eu me anulo muito, primeiro que escorpião é assim... e escorpião... o seu marido não precisa ser o homem mais bonito do mundo, nem

rico para você ter orgulho dele, você tem que ter orgulho do seu marido. Você se anula a zero para que ele sobressaia. Para você é importante: “Este é o meu marido. Este é o meu amigo!” A gente se anula muito, eu acho, para o outro tá sempre bem. Você tá com preguiça, você vai fazer comida, mas ele não quer o arroz, um bife e uma salada. Ele quer uma lasanha, ele quer não sei o que... e você vai e você faz. Então a gente... e o pior não é que a gente faça querendo igual, mas tem hora que a gente põe... “Poxa eu faço tanto por ele. O que ele faz por mim?” aí você começa. A gente tem que fazer por fazer, porque a gente quer fazer. Eu acho que eu tenho que aprender.

Mas uma coisa, os meus namorados, todos muito mais jovens que eu. E precisa de a metade, dois deles para dar uma de mim. É... “Vamos no supermercado?” “Ai, mas agora...” Até levantar... “Então vamos, vai...” “Você não quer ir? Fica aí, eu já tô saindo. Já tô lá em baixo.” “Ah, tá bom...” Levanta assim (de vagar). Não, pelo amor de Deus, a hora que fizer isso não vai, fica. Não fique... é para ir vamos embora. Agora fica aí tudo morrendo, entra no carro... não, não tenho paciência, não tenho... eu lembro que eu namorava um venezuelano e ele era dezenove anos mais novo que eu. A gente entrou... fomos no supermercado um dia e eu cheguei já fui pegando o carrinho, indo nos corredores... e ele desesperado, taurino... todo calmo... e eu: “Calma? Eu tô com pressa. Eu quero fazer logo. Ir para minha casa.” Ponho tudo no carrinho, passo no balcão, ponho no carrinho de novo... chega no carro, tira, põe no carro. Quando chega na minha casa eu encostei perto do elevador, já abri o porta malas, já descí, já fui tirando... eu sempre morei sozinha, eu nunca tive homem que fizesse isso para mim. E outra, eu não tenho paciência de esperar esses molenga mexer a bunda, entendeu? Para vir ajudar... você já vai fazendo. Aí, nossa, mas ele deu um berro comigo no estacionamento do prédio que eu morava... “O que eu tô fazendo aqui? Eu sou um imbecil?” Justamente por isso...

Essa foto foi a namorada do meu chefe que tirou, foi acho que perto do carnaval. Foi tirada a noite no trabalho, aí eu gostei e falei, manda para mim.

Eu acho que independente de eu estar interia ou não, eu acho que eu sou desencanda com a vaidade. Eu acho que eu já fui muito mais vaidosa. Eu vou falar a verdade, uma amiga minha me definiu muito bem. Quando você mora no interior... eu não saía na rua sem cabelo penteado, sem maquiagem, sem unha feita, sem o sapato combinar com o cinto... porque antigamente era tudo cominandinho, o cinto a bolsa... tudo... porque eu era da sociedade, eu era... eu tinha que ter uma imagem. Quando eu me mudei para cá... aqui minha filha, se você sai de pijama e vai no supermercado ninguém te conhece. Então a minha amiga fala: “Solange, você tinha um cabelo...” eu tinha um cabelo pigmaleão, eu

fazia uns rolinhos... meu cabelo parecia... todo mundo falava: “Que coisa mais linda!” Não vai pensando que só homem que me achava linda não... mulher também. Então é... o que que acontecia... Ah é, eu fazia, eu era vaidosa, toda emperequetada porque o outro né? E hoje é... você fica mais madura, você é mais consciente... você tinha que tá... e outra coisa, eu nunca me preocupei com moda. Essa minha amiga de Miami: “Ai Solange eu ganhei uma bolsa Chanel original.” Eu: “O que que é isso?” “Ah é uma marca super famosa. Os tubos!” “Nossa eu nunca ouvi falar!” Eu tenho roupa... eu só gosto de roupa velha... eu tenho roupa... ai que vergonha... a minha filha que fala: “Mãe, pelo amor de Deus!” Eu tenho uma blusa... eu sou friorenta aqui, aqui (braços e colo)... então na hora de dormir eu tenho uma blusa, dessas de gola olímpica, canelada que fica bem justinha no corpo, mas eu enganchei ela num preguinho em algum lugar e tem um rombo aqui e aquilo é meio tricot e não tem como costurar ou emendar... então é para eu dormir... menina eu tiro ela, eu lavo, eu já faço assim, enxugo na toalha para secar logo para já usar de novo. Eu uso ela quase todo dia. E minha mãe costura para minha irmã... todo mundo costura bem. E ela fala: “Nossa, dá aqui que eu vou arrumar.” “Que arrumar nada.” Nossa, eu juro você vai no meu guarda roupas tem umas cinco, seis peças que eu comprei há uns dois, três anos e tá com etiqueta. E não é porque eu não gosto, são lindas, mas é que eu nem lembro delas, são novas. Eu lembro das velhas. Na hora de sair é isso com isso... adoro roupa velha. Eu sou muito clássica para me vestir, eu não vou por moda. Eu olho, eu gosto, ficou bem em mim? Você pode gostar ou não, eu gostei. Então o que importa é só eu.

Sapato, eu tenho fissura por sapato. Antes comprava um monte de sapato, gostava de sapato de salto. Hoje não, eu não tenho um calinho no meu pé. Não tenho uma marca de sapato. O sapato tem que ser confortável, bonito é segundo plano. Eu não quero nada me incomodando, nada me apertando. Porque você olha os pés da mulherada, menina nova... usa muito sapato de salto alto ou sei lá o que. Então tem calo nesse dedo, tem calo no outro dedo. Que coisa mais feia isso gente! Meu pé parece um pé de bebê, maciinho, maciinho.

Eu sou muito mais feliz comigo mesma, com o corpo, com vida, com tudo... sempre muito difícil a minha vida, não foi nada fácil não... porque meu ex-marido não queria e nunca me ajudou com nada, ele não queria me sustentar... e a gente tinha um patrimônio que era para eu ser rica e ter uma vida... mas ele achava que eu era nova, não quis me dar os bens, dividir os bens porque ele falava que qualquer malandro que chegasse... que o primeiro que viesse... que ele batalhou tanto... que ele acha que ele que batalhou, que eu não batalhei nada... então na hora... a gente ia fazer um desquite amigável, e na hora de entrar ele me chama e falou que não ia dividir os bens. Eu falei: “Meu filho, você faça o que

“você quiser com esses bens, eu não quero nada. A única que eu quero é não ficar um dia casada com você.” E ele era muito apaixonado por mim... assim... três vezes por dia no mínimo, eu ouvia mais, mas três vezes no mínimo, do dia primeiro que eu casei até os doze anos esse cara falava que me amava, mas falar é fácil... as atitudes... eu acho que quando eu comecei a me reconhecer, a confiar em mim, a me enxergar como gente, a me encarar que eu vi que tava tudo errado. Eu li o rodapé de um livro chinês “A importância de viver – Liu Yutang”, eu nunca vou me esquecer e essa frase dizia assim: “A importância de se fazer as coisas cedo, se elas não derem certo você tem tempo de fazer tudo novamente.” Então eu tive.

A minha mãe... a minha mãe não porque eu não contava para ninguém que eu pretendia me separar, eu fui falar para ele primeiro, né? Quando eu falei que eu tava me separando a minha mãe quase teve um troço. Minha mãe era separada: “Ruim com ele, pior sem ele.” Aí todo mundo né? E eu falava: “Gente eu sou tão infeliz, não é possível. Infeliz do jeito que eu sou eu prefiro tá infeliz sozinha.” Então eu tive muita dificuldade, muito medo, não dormia de noite, medo de não ter como pagar as contas, da minha filha passar fome. E isso minha filha tinha cinco anos. E Nossa Senhora, eu tinha mesmo, muito medo. Quando você tava empregada, ótimo... aí as vezes você não tava empregada. A hora que você começa a pegar idade... eu trabalhava num hospital que faliu, nos últimos empregos.

Depois dos quarenta, com toda dificuldade, melhor fase da minha vida... para transar... me relacionar... para fazer amigos, para tudo. Você parece que encara melhor as coisas, tá mais madura. Com todos os problemas que a minha vida nunca... você tá vendo que eu não tenho parada até hoje. Mas foi a melhor época, depois dos quarenta. Mais preocupada comigo, antes eu era preocupada com o que os outros iam achar, hoje eu me importo com o que eu falo. Não o que você vai entender. O que você vai entender azar o seu. Você que entenda com você quiser, não foi isso que eu falei. Eu acho que a hora que eu comecei... antes eu vivia muito o que os outros iam pensar... na hora que você começa a aprender a viver o que é você... pronto. Eu perto das outras entrevistadas devo ter sido uma porra louca então... porque eu vivi minha vida tudo ao contrário. Eu era muito velha e séria quando eu era casada. Eu lembro que eu fazia faculdade e o meu marido dizia: “Olha, você não vai em nenhuma república, porque só puta que vai em república.” Eu tinha um desespero, que tudo que me representasse liberdade... falava em acampamento eu falava... gente acampar deve ser a coisa mais deliciosa. Isso é uma liberdade. Viajar, nossa era um sonho! Ir numa república... putz. Eu fui ser intensa depois.

MARLY

Fotografia 45. Marly aos dez anos. Fonte: arquivo pessoal.

Eu nasci em São Paulo, eu tenho setenta e quatro anos, nasci em quarenta e um, fevereiro de mil novecentos e quarenta e um. Eu nasci em São Paulo mesmo no bairro de Perdizes. Era um bairro bem... assim... parecia meio rural ainda, tinha um riozinho, com uma pontinha, tinha um campo assim. Era até divertido, quando não passava carro era divertido. Quando dava enchente era outro problema. Mas aí era uma infância assim, bem assim, bem assim naquela regiãozinha ali, de... bem parada... porque São Paulo a gente não tinha muita mobilidade, porque para ir para cidade tinha que tomar um ônibus longe e tal. Então era outra São Paulo, que hoje não existe mais. E eu sou a primeira filha de um casal, filhos de imigrantes, os dois, os dois imigrantes italianos. E quando eu tinha seis anos, cinco anos, nasceu minha irmã e a primeira lembrança que eu tenho assim de comparação e de ficar com ciúmes e tal é da minha irmã que era mais bonitinha que eu, que ela tinha acabado de nascer... ((risos)) quer dizer hoje, depois você entende que a criança pequenininha é mais... pode nem ser mais bonitinha mas é mais bonitinha por hipótese né? Então é a primeira hora que você pensa se você é bonitinha ou não é bonitinha... você fica achando que você não é e a irmã é... e tal. Então essa é a primeira memória que eu tenho disso. Agora eu não sofri nenhuma restrição ou comentários por ser gorda, nada disso, eu nunca tive problema.

A infância foi assim, normal. Comecei a estudar, sei lá... comecei a ir para uma escolinha que era uma escola experimental no Parque da Água Branca quando eu tinha cinco anos e meio e era bem assim, só de passear, de ir ver as abelhas, de ir ver o cisne. Não tinha praticamente a questão da alfabetização ainda. E depois eu fui na metade dos sete anos, já... com mais de sete anos, já sei lá... fiz segundo semestre depois que eu já tinha completado sete anos aí eu fui para uma escola comum, privada. E fiz o primeiro ciclo, do primeiro ao quarto ano que era assim antigamente. Depois eu fiz o quinto ano e depois eu fiz uma seleção para entrar numa outra escola, que era uma escola maior que era uma escola de freiras, então era só meninas, né? E eu estudei até o colegial nessa escola, e foi uma vida normal, de brincar. Mas assim um pouco mais fechada que os meninos. Tinham os meninos que brincavam na rua de tudo e a gente era menina, mas era uma vida mais separada, mais segregada, os pais também achavam que as meninas tinham que ficar mais em casa, não sei o que... esse tipo de coisa. Eu não tinha irmãos né?

Essa é daquelas fotos que se faziam antigamente, que tem assim doze posições. Não sei se você chegou assim a conhecer esse tipo de coisa. Eu tenho uma assim, doze poses de trança, e uma roupa que eu nem lembro qual... acho que era um não sei se era um listradinho, um xadrezinho, uma coisa assim. Tem minha e da minha irmã, a gente foi no

fotógrafo, fazer a tal fotografia né? Você tinha que ir né? Casamento você ia no fotógrafo, tirar a fotografia.

Eu tenho algumas lembranças, uma por exemplo nessa escola, que era essa escola lá no parque, que as crianças todas tiravam a blusa, por exemplo para tomar sol e eu não tirava a blusa em hipótese alguma, eu chorava... duas coisas que eu não fazia: tomar leite, então eu ficava de castigo porque tinha que tomar leite, leite com café, leite com banana, sei lá o que elas faziam, e eu não tomava e ficava de castigo; e tirar a blusa em hipótese alguma, eu não sei que ideia que eu tinha, nós éramos... não tem seio aos seis anos, mas não sei... era uma coisa que eu não tenho lembrança de haver qualquer restrição ou qualquer comentário, mas pode ter sido de alguma coisa ter entrado sem uma consciência né? Mas eu não tirava de jeito nenhum, era uma coisa assim... até hoje assim... usar uma blusa decotada eu não gosto, não me sinto bem, não me sinto à vontade, é uma coisa que permaneceu. Uso maiô, tudo, mas uma blusa decotada, tal...

Aí na adolescência você tem uma coisa mais consciente, isso era uma coisa inconsciente que depois eu dizia assim: “Nossa, será que eu tinha essa coisa na cabeça?” Desde tão pequena, engraçado isso. Agora na adolescência... bom... aí quando eu tinha uns dez anos eu lembro de um fato que eu achei interessante te contar... porque eu tinha uma colega na classe que eu acho que tinha uns dez, onze anos já... ela dizia para mim: “Mas você acha que eu sou a mais bonita da classe?” Porque ela era bonita, tinha uns olhos... e eu falava: “Ah, eu acho que você é sim e tal... “Mas mais bonita que a fulana? Que a cicrana?” E daí eu pensava assim, poxa vida, ela é bonita sim e tá preocupada em se comparar com as outras... eu não sou bonita e não é por aí que vai ser a minha vida... eu lembro dessa coisa. Assim, não tão elaborada, mas pensando dessa maneira. E aí eu pensava assim: “Ah eu tenho que estudar, eu tenho que fazer uma porção de coisas assim porque eu não sou bonita para ser estrela de cinema, nem Miss Brasil.” Porque naquele tempo Miss Brasil era assim, aquela coisa, era a Marta Rocha, etc. Eram as referências... então essa é uma coisa que eu às vezes lembro e penso assim... puxa é uma coisa interessante de ter tão jovem, uma coisa assim... e também porque a beleza não era nada elaborada, você tinha que ser bonita, não dava para ficar assim se produzindo como hoje que às vezes uma moça não é tão bonita mas ela consegue mudar bastante. Era mais natural, tinha né? Você arrumava o cabelo, etc., mas não era essa coisa da estética de fazer cirurgia para... para modificar um traço né? Ah eu acho que era mais assim, cabelo, arrumar o cabelo sempre para ficar arrumadinha e tal. Quando eu era pequena era trança, aquele negócio que puxava e tal... eu não gostava muito, mas tudo bem, era meio que padrão, depois eu achava que era legal, eu não tinha

cabelo bonito para ficar solto eu ia no cabeleireiro e arrumava, coisa desse tipo. E a minha mãe por exemplo adorava comprar uma joia para mim, algum anel, uma correntinha, então eu usava mas não tinha assim muito apego, até hoje eu não tenho... difícil eu sair de casa e lembra que eu tenho que por um brinco, ou um colar... eu às vezes sou capaz de sair de casa com a roupa que eu tô né? Quer dizer eu faço um policiamento para não sair muito desmazelada... mas às vezes eu tô em casa, com uma roupa comum e saio, não tenho problema. Não é o fato de não ter me vestido bem que me deixa ficar em casa. Eu uso um (brinco) que é um pouco maior, aí dói e a noite eu tiro e no dia seguinte eu não lembro mais...

Fotografia 46. Carteira estudantil de Marly aos vinte anos. Fonte: arquivo pessoal.

Eu acho que foi assim, até os dezesseis, dezessete eu estudava em colégio de freira e eu assim por exemplo, o relacionamento social mais assim, com estranhos e tal era bailinho de formatura, bailinho na casa dos colegas, porque estava preparando a formatura, juntar dinheiro... aquelas coisas. O contato era assim e eu gostava por exemplo de fazer ginástica, eu ia num departamento, no DEF que era um negócio do Estado que tinha ginástica rítmica, essas coisas e tal. Agora não tive coragem de aprender a nadar, eu fiquei com muito medo, eu era sócia de um clube, mas tive muito medo e não aprendi a nadar, fui aprender agora depois de aposentada. Ficou aquela falha lá no passado. E convívio assim, mais entre amigas e tal. Não tinha muito contato com os meninos... só em bailes e festinha, tal... depois eu comecei a estudar na faculdade, entrei na faculdade fiz Direito primeiro. E comecei a

namorar... eu participei de um Movimento Universitário Católico da JUC, e conheci assim, comecei a ter mais contato com todo o tipo de gente universitária, mulheres, homens, tudo né? Aí fiz muitos amigos, namorei, casei com uma pessoa que participava também. Eu tinha formado já e já tinha começado, já estava fazendo Economia, eu estava com vinte e oito, vinte e sete.

Fiz Direito na Católica e Economia na USP. Quer dizer, nem foi aqui, foi lá na cidade, na Vila Nova. Eu comecei a fazer estágio quando estava na faculdade e não achei muito legal trabalhar com Direito, você fica um pouco decepcionada. Eu achava que a justiça era importante e tal... que a Constituição... aquilo tudo... aí no meio teve aquela quebra da... do Golpe Militar que mostrou que tudo isso era muito relativo... a relatividade da justiça me deixou um pouco decepcionada e daí eu fiquei pensando que devia ter outros instrumentos mais eficazes de atuação, daí eu resolvi fazer Economia e me formei em sessenta e nove. Eu trabalhava com Direito já, já tinha passado num concurso de advogada, nessa época estava trabalhando como advogada aí fiz Economia e pedi uma licença na Prefeitura e comecei a trabalhar como economista e daí eu teria que voltar para essa carreira que era concurso e era assim... a gente tinha que pesar os prós e os contras... daí eu tive assim uma sorte que um amigo que trabalhava na prefeitura que ele disse assim, porque que eu não ia trabalhar na Secretaria de Finanças numa função econômica emprestada dentro da própria Prefeitura e aí eu fui trabalhar como economista numa área de orçamento e finanças e não tive que abandonar a minha carreira que era de procuradora. E aí o resto da vida eu consegui fazer esse tipo de coisa. Eu saí da Prefeitura, mas emprestada para o estado mas em uma função de economista.

Eu me sentia muito... assim... atuante, com uma força de atuação, com uma energia de trabalho de vida social de tudo, tudo... de ter amigos, depois quando eu casei, que eu tive um filho... infelizmente meu casamento não foi muito bem, com cinco anos de vida comum a gente se separou... nós não nos entendemos muito bem e daí começamos a ter problemas, aí meu marido teve uns problemas tal e a gente acabou se separando, tinha um filho já tinha quatro anos quando a gente se separou e daí depois... aí eu estava assim mais dedicada a trabalhar a ter a minha vida, a cuidar das minhas responsabilidades, problema de família, de mãe doente também... que você tem, né? Toda uma coisa... daí eu conheci também no trabalho mesmo uma outra pessoa que acabei estabelecendo laço de vida estável, tal... e estamos juntos até hoje. Apesar de quando acabou meu primeiro casamento eu disse assim: “Meu Deus, eu nunca mais na vida eu quero pensar nisso. Que inferno! Que horror.” Que é

muito horrível quando você... foi muito, muito problema tudo, mas aí depois acabou e eu acabei me apaixonando muito e aí passou a ser uma coisa legal.

Eu nunca me achei bonita, eu sempre achei que isso era uma coisa superável pela maneira como a gente é, pela liberdade que você tem, pela maneira como você interage. Eu nunca achei que eu fui bonita, mas eu acho que isso nunca fez muita diferença, eu acho assim que as mulheres... às vezes eu penso que uma mulher bonita ela fica escravizada pela beleza né? Então eu via assim uma colega que era mais bonita e tal tão preocupada... então tinha que fazer... tinha uma sobrinha do meu marido que era maravilhosa que foi fazer uma operação plástica que ela não precisava, que ela estava muito bonita, e que tinha umas ruguinhas que ela foi fazer e ficou um negócio assim... que né? E eu falava: “Nossa, com é que pode estragar assim um rosto tão bonito com uma plástica?” Então eu... e outra coisa, a pessoa sente na obrigação de estar sempre bonita, tá sempre correspondendo ao que os outros pensam da gente né? Então eu acho que eu fui mais voltada para mim mesmo, para a minha... meu prazer... meu bem estar... a minha realização, do que estar com a aparência maravilhosa para os outros. Não sei se os outros pesaram menos para mim, né? Me sinto, acho que de certa forma, até mais independente do que devia né? Devia por um brinco de vez em quando, arrumar o cabelo. Mas eu não sou... eu tenho uma cunhada que tem noventa anos que já fez plástica, que se veste na maior estica, que tem milhões de bijuterias e continua comprando. E eu falo assim: “Ela é o oposto, ela é o extremo oposto de mim.” Eu acho ela legal, eu acho que ela tem uma força de vida, ela quer continuar vivendo. Ela fala assim: “Se um dia eu morrer...” a gente morre de rir, eu acho bacana isso, é uma força de vida.

Eu acho que foi muito legal (a gravidez) eu acho que era uma coisa bem assim, forte, muito... de muita realização... eu não fiquei com medo nenhum de ficar enorme e gorda. Foi tudo bem, muito bem. Eu acho que foi mais difícil a transição da primeira menstruação. Porque eu não entendia, eu tinha medo, eu sempre fui muito tímida e eu não sabia conversar nada disso, não queria perguntar para minha mãe porque tinha medo... vergonha de perguntar coisas para a minha mãe. As coisas eram muito tabu, e eu acho que foi uma transição mais difícil... e a minha mãe não conseguia nem falar comigo, ela queria falar as coisas comigo e eu não aceitava, não deixava... quer dizer era muito forte essa, esse fechamento e a minha timidez que eu era bastante tímida. Até hoje eu acho que eu sou tímida, mas eu faço força para ir para frente.

Então, vamos dizer que com trinta e quatro anos, eu me separei do meu marido e foi uma fase muito difícil e então depois, quando eu me apaixonei de novo por alguém foi

muito bacana, foi muito assim... intenso e de muita participação, muito bacana e... também eu sempre tive assim muita alegria com o trabalho, sempre gostei... tive um contato legal com os colegas, eu tinha muitos colegas. Bom, já quando eu fiz Direito e Economia a maioria de homens, os dois cursos. Direito hoje não, mas naquela época tinha menos de um terço de mulheres, era uma sala grande, de cem pessoas. Quer dizer aí eu aprendi a ter contato, eu aprendi a me virar, a saber como agir e tudo isso. Assim quando eu tinha uns quatorze ou quinze eu achava que casar devia ser a maior bobagem da vida né? E daí eu tive dois pretendentes que queriam namorar, casar e eu dizia: “Não, eu vou estudar. Que casar agora?” Aí acabava o namoro... quer dizer nem tinha começado, que naquele tempo o rapaz vinha e pedia... e falava: “Ah você quer namorar comigo? Eu tenho boa intenção. Quero casar.” E eu dizia: “Não, não quero.” Nem por nada nesse mundo, é que eu achava muito dura a vida de uma esposa. As mães trabalhavam muito, tinham que cuidar dos filhos, não tinha muita facilidade. Agora depois aí eu tive um outro filho com quarenta e cinco anos, eu tive outro filho. Meu segundo filho foi com quarenta e cinco anos. Assim, na verdade não era uma pretensão nossa ter filho, eu achei que nem ia ter mais, porque eu já tava assim com uma modificação um pouco na parte de menstruação... já tava meio que tendo algumas falhas... então... eu achei que não, que nem podia engravidar. Até que um dia eu tive uma falha de um mês.

E eu trabalhava na CESP, na assessoria econômica e eu falei com médica: “Ih, eu acho que eu tô com algum problema.” E ela falou: “Então você vai fazer exames.” E eu: “Imagina, imagina. Deve ser uma falha aí de época, tal.” E ela: “Ah, não faz mal, você vai fazer.” Ela não era jovem também, era amiga da gente. E eu fui fazer... quando chegou o resultado ela ria, morria de rir, no fim eu acabei rindo junto... ela falou: “Ah, legal, fazer o que?” Foi legal, a gente encarou bem. Foi muito bom, adorei ter engravidado de novo. Foi tranquila, tive parto normal como o primeiro. Foi bem legal, meu filho tá com vinte e nove anos agora. Eu fiz um mestrado e terminei em noventa... noventa e oito, é que eu tava trabalhando e aí formou um grupo que fez um trabalho conjunto aqui com a USP, com o IEE tinha a participação de alguns professores aqui da Poli, do IEE, para os trabalhos lá da CESP. E eu entrei nesse grupo e daí eu fiquei com vontade de fazer o mestrado, tava criando o Mestrado Interunidades aqui do IEE. Aí eu me inscrevi, me matriculei e fiz o mestrado já bem... não era assim, na sequência da carreira universitária, foi bem longe, foi ligado à todo o trabalho que eu fazia e ainda aproveitei por uns tempos enquanto eu trabalhei, ainda aproveitei todo esse conhecimento.

Eu com trinta e sete fiquei com o cabelo bem branco. E daí eu pintei assim durante um mês e eu pensei que eu não ia pintar o cabelo o resto da vida, que era uma coisa muito chata, que eu não ia ficar a cada dez dias olhando se eu estava com raiz. Não era meu estilo ficar cuidando assim.

Fotografia 47. Marly aos quarenta e três anos com o segundo filho. Fonte: arquivo pessoal.

Aí eu falei: “Sabe de uma coisa? Ele vai ficar branco.” E daí eu nunca mais pinteí, o que me economizou muito tempo de vida. Mas é assim, a gente precisa ter um pouco de coragem para fazer isso, porque demora muito para ficar tudo igual. Fica um pedaço escuro aqui em baixo, o resto meio cinzento... aí a cabeleira achava que eu tinha que por tudo cinzento, a outra achava outra coisa... e eu falava: “Não, eu vou ficar firme.” Porque eu não quero é ter o trabalho de tá pintando, então eu tenho que aguentar a verdade não tem jeito. Filho fala: “Mãe, pinta o cabelo, tá feio assim.” Olha, eu recebi alguns elogios quando eu pintava né? Daí eu ficava pensando né? “Tudo bem eu recebi um elogio mas eu não quero te esse trabalho, não acho legal. E também não é verdade. Eu nunca quis assim uma coisa que é muito diferente do que eu sou, porque primeiro dá trabalho e segundo eu... é uma coisa assim, não combina comigo... então eu falei: “Não, eu preciso ter coragem para fazer isso.” E daí o meu marido não reclamou de nada, falou: “Tudo bem, eu também acho que é assim que tem que ser.” E daí eu fui em frente. E daí depois não ficou tão feio e eu falei: “Ah que legal.” “Que bonito que tá o seu cabelo.” “Ah eu também acho.” Aqui atrás custa muito a ficar todo branco. Custou muito, anos.

Já não tem tanto libido para o sexo... acho que é assim é difícil... quer dizer, é difícil assim... eu não me... eu acho que eu não... disfarçou um pouco pelo fato de ter um filho pequeno, eu tava... nós estávamos preocupados... o casal preocupado com a maternidade, o filho pequeno. Ele obriga você a retroceder, é impressionante. Foi uma coisa interessante. Retrocede, você começa a conviver com casais que tem o filho pequeno também, porque você vai na escola, na reunião, vai nisso, naquilo... então você acho que muda o foco da preocupação para mais longe, você joga para mais longe. Agora nessa época eu não tinha muita... preocupação nenhuma com a aparência em termos de parecer mais velha ou não. Acontecia de vez em quando que perguntavam se era meu neto. E eu dizia assim: “Não, é meu filho.” Quer dizer... era até legal, eu achava legal. “É meu filho.” “Ah! É seu filho?” era um pouco engraçado, mas sem problemas, nada assim que fosse ruim... era legal até. Eu estava com o dobro. E às vezes tinha gente que dizia assim: “Nossa que legal, você é tranquila com ele. Você não fica desesperada porque ele tá fazendo isso ou aquilo...” e eu falava: “É, pois é...” Da idade e da experiência anterior. Então eu acho que foi muito bom. Foi bem legal.

Acho que o fato de eu não me sentir bonita não me atrapalhou muito, eu me sentia bem, livre, era bom nosso relacionamento e tal... eu acho que o pior é assim, quando você já não tem tanta libido, tanta vontade às vezes o marido tem ainda... desencache assim um pouco... eu acho que essa é uma fase assim um pouco mais difícil. Mesmo a menopausa foi

sentida mas não era uma coisa horrível... a minha médica tinha mandado eu fazer reposição hormonal porque eu sou meio assim, meio *natureba*, meio de homeopatia... mas acabei fazendo durante um tempo e depois eu tive que fazer... o do seio e apareceram alguns nódulos, tal... aí fui consultar um médico especialista e ele falou: “Não põe mais nenhum desses remédios na boca! Isso não pode. Nem um adesivo. Você pode ter tendência...” Porque a minha mãe chegou a ter um câncer de mama, mas já idosa ela tomou muito remédio para o... muita... ela tinha uma doença autoimune e ela tinha que tomar muita medicação, cortisona e tudo, e que favorece o desenvolvimento. Então parece que não era assim um coisa genética, mas ele: “Não, não pode mais...” Não senti assim fisicamente, mas eu comecei a fazer um pouco de outro tipo para evitar né? Porque ter filhos, tal... depois eu larguei de fazer e fiquei grávida... ((risos)) Um susto. Mesmo quando eu fiquei grávida a médica falou se eu queria fazer o teste para ver se tinha algum problema... e abortar e etc... e eu falei: “Olha eu não vou abortar de jeito nenhum então eu nem vou fazer esse exame... se eu já não vou abortar. Não vou nem criar o problema de ter que fazer uma escolha.” Então dispensei e fiquei tranquila e falei: “Vai acontecer o que tiver que acontecer.” E meu filho nasceu *super* bem, sem problema nenhum.

Eu trabalhei até os sessenta... depois eu fiquei aqui na USP trabalhando um pouco mais, eu trabalhei até uns sessenta e cinco, sessenta e seis. Fazendo aquele projeto, eu me aposentei formalmente e continuei participando da pesquisa até uns sessenta e sete por aí... eu achava gostoso, eu achava legal continuar... mas daí depois você percebe né? Já tinha... eu tava numa área econômica e tal. Aí eu pensei: “Deixa eu dar lugar para os outros que tem que trabalhar.” E aí imagina, ficar tomando lugar aqui... tanta gente precisando do lugar aqui... então é melhor eu parar também... e o projeto que eu estava não era muito simpático. Tinha uma porção de probleminhas, tinha que viajar. Tinha que ir para Brasília de vez em quando e eu falei: “Vou cair fora, agora tá na hora.” E parei. E quando eu tava trabalhando ainda eu pensava que eu tinha que fazer alguma coisa que eu não ia ficar parada dentro de casa mesmo. E comecei a fazer curso de Francês aqui e aí eu vinha do IEE para cá fazer o curso durante a semana e como eu tinha também conseguido passaporte italiano eu resolvi estudar a minha língua mãe. E fazendo aqui também... aí eu fiquei ocupada com essas duas coisas.

E assim, fiquei assim tentando participar de algumas coisas... a gente quando se aposentou, eu e o meu marido a gente comprou um sítio e começou a trabalhar com agricultura orgânica e a gente ficou quinze anos trabalhando com isso. Então era uma ocupação intensa também.

Fotografia 48. Marly aos setenta e quatro anos, fotografia utilizada no aplicativo *whatsapp*. Fonte: arquivo pessoal.

Então a gente manteve até quando conseguiu e daí a gente vendeu e eu continuei assim trabalhando na Associação de Agricultura Orgânica e entrei num movimento chamado *Slow Food*, que também trabalha na questão da alimentação, eu conheci lá na Itália quando eu fui no Encontro Nacional eu conheci o *Eataly* lá na Itália em Torino. E eu dizia: “Ah, precisava ter isso no Brasil.” Você fica com tudo assim... só tem isso. O supermercado estabelece que você só pode comprar... comer essas coisas e você fica restrito. A gente trabalha essas coisas. Tem gente que tem uma cozinha industrial e monta uma aula para quem quiser aprender.

Então é o seguinte, a gente começa a sentir assim que você tá numa fase da vida que não sei quanto tempo você tem pela frente, mas você sabe que cada vez vai... eu acho assim... eu me sinto às vezes um pouco... eu procuro até participar porque eu acho que isso é a vida da gente. Eu procuro participar até mais porque eu acho que a gente dá um sentido a um tempo de vida onde você não tem mais que criar filho, e tal... não ficar se metendo na vida dos filhos também... querer mandar nos outros... então você precisa ter o seu espaço de convivência e de atuação seu. Para você se sentir contente com você mesmo e tal. Então eu acho que essas coisas que eu faço são ainda no sentido do idealismo, das coisas que eu acredito e tal... e é assim... também procuro manter a saúde... procuro ter sempre... eu adoto mais a medicina homeopática, então eu procuro se eu vou tomar uma medicação, tomar um alimento melhor para me sentir melhor. Não ter depressão que é uma coisa muito comum nas mulheres mais idosas, eu procuro me tratar o necessário para continuar vivendo e vivendo bem. Eu procuro estar (ativa)... de vez em quando dá preguiça e eu falo: “Vou ficar dentro de casa só lendo um livro.” Aí eu falo: “Lendo um livro só não vai dar certo, é melhor eu continuar...” que às vezes é uma tentação se fechar um pouco.

Eu acho que eu não mudei muito não, acho que não é fundamental... eu procuro manter claro uma aparência normal, tal... mas não faço nada para ficar... aparecer mais... eu não gosto de aparecer nunca fui muito de aparecer... então procuro manter assim o que é necessário. Não faria uma cirurgia plástica, nada disso. A única cirurgia plástica que eu faria numa determinada época, é porque eu me sinto barriguda e falava: “Ai como eu queria me livrar dessa barriga!” Mas como eu consegui superar essa tentação... nenhuma outra me seduz. É porque para trabalhar eu sempre tinha que manter um pouco mais assim essa coisa né? Da aparência, da roupa, da formalidade e tudo. E quando era advogada inclusive mais... tinha que comprar mais roupa, tinha que ver o que tava na moda também para você não ficar completamente fora... mas uma coisa assim mais social... hoje eu sou mais assim... mais do blusão... ((risos)) eu nunca fui... não seria agora que eu ia ficar enclausurada numa questão de aparência.

Às vezes quando eu leio essas coisas... quando eu tava lendo aquele texto de Francês do cara que é presidente, vereador do... sei lá... do senador que tem que tirar a ruga porque a aparência é importante... você vê que as pessoas acham que a aparência é importante e fala: “Poxa vida, mas e o conteúdo foi pro brejo né?” Que a gente vê que é isso mesmo que acontece. Todo mundo preocupado com a aparência, em fazer um belo discurso, mas a verdade é que tá todo mundo em guerra e as coisas que precisam ser feitas não são feitas e o dinheiro tem mais importância que os outros valores... às vezes eu penso... essas moças que

querem aparecer e faz... a gente tem tido exemplos de moças que vão ser modelos e etc... e se matam porque fica tão sem objetivo a vida, ou então começa a ficar um pouco mais velha e sabe que vai perder então como é que fica né? Aos trinta anos não tem mais profissão, se você não tem vários anteparos, de outras coisas eu acho que fica bem difícil. É como uma escravidão. Eu li um livro que me marcou que é A Mulher Eunuco, nem deve ter mais. Esse livro é muito interessante que fala da mulher que se submete às regras sociais e às regras da publicidade e da indústria e aí tem coisas assim que são meio chocantes. Depois que eu li aquele livro eu fiquei com as coisas assim cozinhando na cabeça e falei: “Nossa é mesmo, como a gente se dobra ao absurdo, ao que não tem valor.” Depois eu leio algumas coisas assim sobre essa questão da idade e tudo. Eu sigo a medicina antroposófica, que os valores são assim bem diferentes, muito mais na homeopatia, do valor da mente... isso também eu sigo.

NILDÉIA

Eu nasci na Bahia, em Lençóis que hoje eles mudaram o nome para ficar chique e chama Chapada da Diamantina. Então eu nasci lá. Ah, mas a nossa coisa foi na roça sabe? A gente não tinha... Aí ela tava falando assim para mim... ela tava contando para o Fernando: “Ó Fernando a nossa vida era muito difícil, a nossa mãe tinha nove filhos. Nove filhos.” Era uma época que a gente queria uma mistura, uma coisa e a gente tinha que procurar sabe? E pescar, fazer alguma coisa. Agora, fome, fome a gente nunca passou não. Arroz, feijão, essas coisas sempre tinha né? Mas foi bem difícil. Nove irmãos, mas eu sempre fui assim, eu sempre gostei de fazer minhas coisas... porque eu acho que a gente tem que ser útil na vida.

Na infância eu brincava, brincava... foi boa... aí meu pai veio aqui para São Paulo com a minha irmã mais velha, aí resolveu todo mundo vir para cá. Eu vim para cá eu tinha onze anos aí quando a gente chegou aqui tinha um monte de gente pedindo nós. Nós era umas meninas bonitinha, gordinha. Minha mãe falou: “Não, meus filhos eu não dou.” E fomos tudo morar num cômodo e cozinha e... tamo tudo aí fia, pobre mas... todo mundo digno... casada, separada, viúva, mas tá tudo aí. Eu não tenho foto da infância porque era muito caro. Nem tinha máquina nesses tempo para lá sabe? Que tinha, tinha, lógico que tinha, mas nós não. Eu morava mesmo... sempre morei na Zona Leste, eu morava num lugar chamado Vila Nova York, que eu tinha um tio que morava ali, depois meu pai comprou uma casa na Vila Rica, eu morava numa rua, meu marido na outra. E depois nós casamos e ele acabou comprando esse terreno e nós viemos para cá.

Eu lembro, eu era bem gordinha, baixinha gordinha e a minha irmã era magrinha, compridinha, magrinha... meus vestidinhos colocava assim os vestidinhos franzidos que ressaltavam bem a barriga. Era sempre gordinha...

Me sentia bem, quando eu era criança eu não ligava para o negócio de gordinha. O negócio de gorda a gente vai perceber... ou magra... quando a gente começa a se interessar pela outra pessoa. Aí você já quer namorar, já quer ficar bonita. Foi que nem agora. Eu gorda desse jeito, caindo tudo no meu corpo, ninguém vai olhar para mim, ninguém vai olhar para mim... então eu vou ter que mudar se eu quiser alguém na minha vida. Na infância nem tinha coisa de ter vaidade porque onde a gente morava era muito pobre era assim nem tinha sabe? Nem tinha. Sempre me chamaram de Déia, sempre me chamavam

de Deinha... não eu tinha um apelido! Que o meu tio colocou em mim. Me chamava eu de Maçã, porque eu tinha as bochechas tudo vermelho assim, sabe? Parecia que eu passava *rouge*.

Fotografia 49. Nildéia em fotografia para documento. Fonte: arquivo pessoal.

Eu conheci meu marido com dezesseis anos, eu tinha dezesseis e ele tinha vinte. Era novinha... aí com dezesseis anos eu trabalhei numa gráfica, com quinze anos, trabalhei numa gráfica e depois meu pai faleceu e eu tinha dezessete e entrei numa oficina de costura, aí trabalhei até casar, depois trabalhei mais numa firma e depois não trabalhei mais. Com vinte, ia fazer vinte e um, eu me casei. Casei nova.

Eu me sentia bem com o meu corpo. Aí eu era gordinha, mas depois eu dei uma murchadinha, eu tinha as pernas grossa, sabe? Colocava minissaia. Nossa aí eu estava bem! Aquelas meia de telinha, não sei se você lembra, aquelas telinha. Me sentia bonita, me sentia. Ah, adorava fia... como a gente não tinha dinheiro a gente ia lá pro Brás da vida e comprava pano. Eu ia de manhã, comprava um pano e fazia uma calça comprida e de noite já ia pro baile. Eu fazia e de noite já ia pro baile. Era no tempo de umas saias que tinha um zíper assim... e tua mãe deve lembrar, que usava dos dois lados. Fazia aquela saia, uma cintura alta e nós ia pro baile dançar. E era bastante irmã, porque minha mãe tinha uma escadinha. Então a gente saía três, quatro junto... as irmãs. Saía porque era tudo diferença de um ano e meio assim... tudo amiga.

Na adolescência o meu cabelo era bem enrolado. Tudo o que você falava: “Oh, esse cabelo vai ficar liso.” Eu passava. Essa semana mesmo eu tava lembrando. Eu fazia uma tal de touca de gesso. Lá com Maisena e esticava todo o cabelo. Moça eu fiz tanta... eu não sei como eu ainda tenho cabelo de tanta que eu já mexi nesse cabelo. Eu fazia alisamento, comprava um negócio que chamava Henê³, pintava os cabelo de preto, pintava e alisava. Esse Henê era forte viu? E acabava com o cabelo, a minha irmã tem o cabelo quebrado até hoje com esse Henê. Nossa tinha uma tinta que chamava Santo Antônio. Nossa, de manhã tava com um cabelo e de noite já tava com outro, e no outro dia já tava com outro. E eu não sei porque ainda tenho cabelo. Agora eu sosseguei.

Essa foto eu não lembro não. Essa foto eu lembro o que que foi. Essa foto era foto de documento, 3x4 e eles davam essa maiorzinha.

Ah, essa época foi difícil. Meu marido bebia. E acontece que eu casei grávida. Aí ele pegou... eu trabalhava e ele falou assim: “Vai ter que casar né?” Aí a gente caiu na besteira de ir morar lá na minha sogra. Então eu cozinhava junto com ela... é... e morava no cômodo. Ali eu passei o pão que o diabo amassou... Com as minhas cunhadas. Minhas cunhadas me faziam de gato e sapato. Se eu fosse uma pessoa ruim eu não conversava com as minhas cunhadas até hoje. Sabe? Eu fiquei seis anos ali e foram os piores seis anos da minha vida. Então você fazia, fazia... mas você não fazia. Aí eu acabei mudando para essa

³ Henê é um produto alisante para cabelos presente no mercado há mais de 50 anos.

casa, essa casa era um quarto, aqui e aqui uma cozinha, e um banheiro que o meu marido trabalhava na Eletropaulo, sabia fazer eletricidade mas nem dinheiro para comprar fio não tinha. E nós usava vela no banheiro. E a porta era uma capa de chuva que ele tinha da Eletropaulo.

Um dia o *desgramado* bêbado foi fumar no banheiro e pôs fogo no banheiro. Ai filha, não tinha água, não tinha luz. E eu pegava a luz emprestada de um cara que trabalhava na Eletropaulo vizinho aqui. A água eu ligava a mangueira na caixa d'água. Sabe? Foi difícil viu? E eu mudei para cá só tinha o reboque e aqui era vermelhão (no piso)... porque elas deitava e rolava. Aí e gente veio para cá e foi melhorando...

Fotografia 50. Nildéia com a família no aniversário da sobrinha. Fonte: arquivo pessoal.

Casar grávida foi ruim, mas eu tirei de letra. Eu era solteira e ele também. É que a quarenta anos atrás a coisa era feia né? E o meu marido mudou muito. Minha mãe não queria que eu casasse. Minha mãe não queria. Mas nenhuma mãe ia querer. Sua mãe ia querer que você se casasse com um cara que trabalhava por conta, ficava no bar a noite inteira jogando bilhar e o que ele ganhava no dia gastava no jogo? Aí quando eu fiquei grávida ele falou: “Eu vou mudar a minha vida. Eu não vou mais entrar em bar para jogar dinheiro, eu vou cuidar de você, eu vou arrumar um emprego.” Tanto que eu fiquei grávida em setembro e ele entrou na Light em novembro.

Eu tive dois filhos, com quatro anos de diferença. Aí depois fiquei tomando remédio, doze anos, oito anos aí comecei a passar mal e falei para a médica: “E se eu parar?” Ela falou: “Se você parar você fica grávida.” Eu fiz laqueadura e não tive mais filho. Mas nossa foi difícil viu? Nem fiquei grávida muito nova, vou ser sincera fia, com dezesseis comecei a namorar, com dezessete comecei a ficar e fiquei três anos aí... e na minha época a gente não tinha conhecimento de camisinha, de comprimido de nada...

Eu senti muita diferença no meu corpo durante a gravidez porque eu tive que esconder a gravidez. Porque assim, naquela época tinha uma novela que não é do seu tempo, a sua mãe deve lembrar que tinha... chamava... era Selva de Pedra. Então tinha o Cristiano e a Simone, então tem muita menina da idade da minha filha com esse nome. Então usava umas bata, uns vestido largo. E onde que eu trabalhava a mulher falou: “Se ficar grávida aqui eu mando embora.” E aí eu comecei a engordar, engordar... aí eu usava aqueles vestido, aquelas bata que todo mundo usava... e eu já era mais gordinha e ninguém percebia. Aí eu chegava no ônibus e passava mal... chegava em casa e passava tão mal... minha mãe falava: “O quê que você tem?” E eu falava: “Eu comi batata doce.” ((risos)) E ela falava: “Eu sei que batata que você comeu.” Olha o tanto que eu fiquei grávida em setembro e quando chegou em fevereiro eu passei muito mal aí eu fui no médico. Olha que eu fui... eu sabia que a mulher não gostava... eu fui em três médicos diferentes e levei três atestados. Ela ficou braba e pegou e me mandou embora. Aí eu cheguei e falei lá no Departamento Pessoal, que era até genro dela, que casou com a filha dela, eu falei: “Oh, Nelson eu não vou assinar nada não. Eu sabia que ela ia me mandar embora eu tinha quase três anos e pouco aqui, mas amanhã eu volto para assinar.” “Mas porque você não quer assinar?” “Eu não vou assinar.” Aí eu catei o ônibus.

Fui lá no Sindicato das Costureiras, lá no Sinac e falei: “Escuta eu fui... eu tô trabalhando, eu tô grávida, já tô de cinco meses, fui mandada embora. Eu tenho menos direitos?” Ela falou: “Não importa, casada ou solteira você tem o mesmo direito.” Aí no outro dia minha irmã foi lá e falou: “Olha, vocês não podia mandar ela embora porque ela tá grávida.” Ih, fia a mulher me pagou e foi com aquele dinheiro que eu arrumei a casa lá, mas... quando a minha filha nasceu eu fui lá levar a menina para as minhas amigas ver e ela não deixou ninguém sair na hora do almoço pra me ver. Ficou ruim viu? Mas é complicado. Mas eu não me arrependo não viu? Nossa a minha filha é uma beleza.

Aí quando a minha irmã foi lá falar que eu tava grávida aí tive que sair. Minha mãe, não sabia, ninguém ficou sabendo. As pessoas foram saber eu já estava quase de cinco meses já, quase cinco meses. E vamo embora, vamo ganhar neném. Meu corpo mudou muito,

engordei quase vinte quilos. Muito. Não emagreci depois, sempre fui gorda e minha família toda gorda. Minhas irmã tudo é de peso viu? Tem uma que vai lá no Sindicato que ela não aguenta nem andar mais. Ela tá... aquilo lá já tá complicado já. A gordura não me incomodava não... não... eu só fui me incomodar com a gordura... porque eu ia sair de casa eu colocava uma roupa, ela não me servia eu ia na máquina e abria. Todo mundo faz isso.

Não me incomodava... mesmo eu não ligando para a minha gordura eu sempre gostei de andar bem arrumada. Sempre fui vaidosa. Não saía sem... sempre colocava meia, não saía sem uma pintura, eu sempre gostei de usar uns colar, uns badulaque, eu sempre me arrumava. Nunca andei... “Jamais que eu vou no Shopping Aricanduva de vestido com o chinelinho Havaiana que eu tô limpando o quintal.” Não, não saio. Sempre arrumada... então a gente sempre reclama: “Déia, você tem um rosto redondo, corta esse cabelo curto fica mais redondo ainda.” E eu cortava aquilo, picava. Aí resolvi mudar o corte. Aí depois que eu emagreci fiquei com o rosto mais fino e acho que esse corte ficou bom para mim. Nunca mais vou cortar meu cabelo assim. Jamais! Você vê que aí era enrolado, enrolado e curto, jamais! Nessa época gostava, gostava porque num tinha dinheiro para nada né fia. Era só passar o pente e acabou. Sempre fui vaidosa, sempre fui.

As mudanças... não mudou muito. Depois dos cinquenta que meu cabelo começou a ficar branco. Porque até hoje eu tinjo o cabelo, eu não tenho muito cabelo branco. Porque a minha mãe morreu com oitenta e seis anos e não tinha. Então, mas eu levo a vida numa boa... pra ruguinha tem o tal do *Renew* (creme) do Avon que você passa. Vai melhorando. Para cabelo você tinge. Então você tem que mudar. Você não tá gostando que tá com o cabelo branco você pega uma tinta e muda. Eu tenho muito pouco cabelo branco e ruga demorou sim, por mais que eu não cuidava da minha pele, que agora eu cuido até que por ser... eu vou fazer sessenta e três anos eu tenho a pele boa. Eu tô com uma cunhada aí que com cinquenta anos ela tá mais velha que eu. Sabe porque? Eu não fico na balada até tarde, eu não bebo, eu não fumo. Isso aí conta muito na vida da gente. Faz diferença, principalmente cigarro, a pessoa quando fuma muito fica velha muito rápido.

Eu tinha uns trinta e cinco. Essa foto aqui eu lembro bem, foi dia dezenove de dezembro. Porque foi aniversário de um ano da menina. Dezenove de dezembro, ela fez um ano... agora ela vai fazer vinte e oito... tem vinte e sete anos essa foto... oitenta e sete, oitenta e oito... essa foi oitenta e oito. Era aniversário da Gabriela minha sobrinha.

Quando a minha filha casou foi em noventa e nove, quantos anos eu tinha? Eu sou de cinquenta e dois. Cinquenta anos? Não... eu tinha quarenta e poucos. Porque quando a minha neta nasceu eu tinha cinquenta anos. Eu tinha quarenta e seis por aí. Essa época aí

foi boa. Foi meu marido tava aposentado. A gente tava com casa na praia, ele tava transplantado, do primeiro transplante que ele fez, um transplante em noventa e seis e depois ele perdeu em dois mil. Essa fase aí tava sossegada. Podia ficar na praia uma semana. Ele era aposentado e não precisava fazer a tal da hemodiálise. Essa fase foi bom.

v

Fotografia 51. Nildéia no casamento da filha. Fonte: arquivo pessoal.

Nossa o vizinho aqui, o vizinho aqui foi no casamento da minha filha e Sorocaba no sítio. E ele tava perdido... ele tava de carro e passou perto de mim e falou: “Déia eu não tô te conhecendo!” Eu falei: “Banho de loja!” Me sentia... eu era uma gorda que aceitava as minhas banhas, minhas gorduras. Eu aceitava, mas aí eu tive que mudar. Uma que eu queria mudar mesmo, e outra por causa da saúde. Eu já tava com o pé... já tinha que por palmilha no sapato.

Essa daqui não tem como esquecer né? Foi o casamento da minha filha. Foi dia dez de abril de noventa e nove. Nossa esse dia foi um dia corrido mas foi bem gostoso. Casou em frente a piscina, pegamos empréstimo na Fundação para fazer uma festa.

Depois (que ele morreu) foi tranquilo né fia? Porque daquele jeito ele não poderia viver. Ele fazia hemodiálise aqui... não tinha mais veia... eu chegava nos hospital eles tava tirando sangue do pé. Ele começou a fazer hemodiálise aqui na virilha. Não tinha mais veia. Tudo na vida comigo aconteceu... e a Déia tá aqui. Só que agora eu pedi para Deus: “Deus me dá mais dez anos de vida pelo amor de Deus. E sem problema.” Eu arrumei um que tem

um monte de problema ele... mas eu tiro de letra... problema assim, de doença também... com a família... tudo de bom.

Ah aí todo mundo começou a falar de mim né? Porque tá emagrecendo... porque a viúva... ah no Sindicato... no Sindicato não me chama mais de... mas me chamavam de Viúva Porcina... e eu falava assim: “Viúva Porcina, por baixo!” ((risos)) Ah fia, eu nem esquento com o que falam de mim, sabe? Sou eu que pago as minhas contas... eu ando muito... eu sou direita... eu sou uma pessoa que... eu falei para o meu namorado agora... eu fiquei quarenta anos com o meu marido, eu tinha tudo para arrumar outra pessoa para a rua... porque ele saía para fazer hemodiálise meio dia, de casa e voltava cinco da tarde... ele tomava calmante e tinha dia que ele dormia o dia inteiro, mas eu sou uma pessoa que jamais eu vou trair alguém.

O que eu não quero para mim eu não quero para os outros. Eu tô com essa pessoa ele é separado, mas eu gostei muito dele porque ele chegou em mim e falou para mim: “Déia, eu sou casado no papel. Porque a minha ex mora com as irmãs. Faz quinze anos, mas eu pago pensão para ela, eu pago plano de saúde.” Eu falei: “Olha Fernando eu não quero casar com você. Papel não vai mudar nossa vida. Eu quero viver feliz.” Então eu falei: “Deus tem que me dar mais uns dez anos para nós passear.”

Foi assim, oh. Eu comprei o computador e comecei a entrar no bate-papo. Tinha um menininho aqui que era gay e ele morava com um rapaz. Um dia ele veio aqui arrumar meus cabelos e falou: “Ah, você tem computador? Tem um tal de Bate Papo da Uol que é tão bacana... a gente entra lá com outro nome.” E me ensinou a mexer. Aí eu tava mexendo. Uma vez eu arrumei um gordo menina! Que tinha mais de cento e cinquenta quilos. Aí se achava a última batatinha do pacote. Só que eu sempre fui esperta. “Vamos se encontrar?” Eu: “Vamos! Aonde?” “Lá no Shopping Tatuapé.” Aí eu fui lá e nossa... mas aquele gordo comeu tanto... “Vamos para o Guarujá comigo?” E eu falava assim: “Como que a gente vai?” “De ônibus.” “O quê que você faz?” “Ah, eu trabalho com brinde.” O Fernando, esse que eu namoro com ele é engenheiro. Tem um big de um sobrado, tem carro e falou: “Tudo foi eu que conquistei.” Tem dinheiro, tem tudo. Só que, de verdade, eu não tô interessada no dinheiro dele. Só que na vida você tem arrumar alguém para somar com você. Vai dividir? Aí o gordo falou assim para mim: “Olha a gente desce de ônibus.” E eu falei: “De ônibus eu não vou.” “Ah, porque? Você só anda de carro?” Eu falei: “Não.” Aí eu pensei... eu descia a serra de Honda Fit zero, agora eu vou descer... eu vou andar para trás? Eu sou do signo de escorpião, eu não sou caranguejo para andar para trás. Deixei o gordo.

Fotografia 52. Nildéia na academia antes da aula de Zumba, fotografia publicada no *Facebook*. Fonte: arquivo pessoal.

Aí apareceu um na minha vida... com trinta e seis anos... que eu levei no Sindicato. As muié ficou doida pelo Daniel... “Onde que você arrumou ele?” A minha irmã gorda que não gosta das muierada falou assim: “Fala que foi na macumba.” Só que aquele Daniel, a gente ia almoçar e eu pagava. Eu colocava crédito no bilhete único para nós passear. Mas ele tinha

trinta e oito anos... bonito... ele vinha fazia comida... ele varria a casa... ele era uma dona de casa... só que o telefone dele tocava de vez em quando e ele atendia e falava assim para alguém: “Olha eu vou... qualquer dia eu vou arrumar uma namorada.” E olhava para mim e dava risada.

E eu já no computador com esse... porque foi assim... um dia eu tava muito chateada durante o dia... e eu perdi o sono... aí eu entrei na internet e comecei a conversar com esse Fernando as duas horas da manhã. Aí ele pegou meu celular e eu dei para ele, depois de conversar muito tempo ele pegou e falou assim para mim que tinha cinquenta e oito anos e eu falei que eu tinha sessenta e dois... que eu tinha cinquenta e seis... e nessa ficou... aí eu peguei... ele ligou aqui em casa e eu falei, eu vou dar o número do telefone porque eu tenho bina e se ele ligar e acontecer alguma coisa comigo eu tenho o telefone e dá para saber onde que ele mora. Aí marcava de ir no shopping comigo e não dava certo. Aí um dia nós fomos no shopping.

Aí eu falei: “Eu faço aniversário dia sete de novembro.” O Fernando sumiu outubro. Novembro começou... aí eu falei: “Eu vou apagar esse Fernando do computador. Ele não aparece mais.” Só que aí eu falei: “Ah deixa ele mais um pouquinho.” Quando foi dia seis de novembro, que eu faço aniversário dia sete... ele me ligou e falou: “Déia, eu tava viajando, que eu fiquei mais de mês fora e meu celular não pegava. Então eu voltei porque amanhã é seu aniversário eu quero te dar um abraço.” E eu falei assim: “Nossa que bonitinho.” “Mas eu quero ir na sua casa.” “Mas você vem aqui? Vai ter tanta gente... minhas irmãs.” E ele falou: “E daí? Eu não devo nada pra ninguém.” Aí ele veio... quando ele chegou no portão eu brinquei com ele: “Eu te contei uma mentira...” “Que mentira? Seu marido está vivo?” E eu falei: “Não, só que hoje eu tô fazendo sessenta e um.” Ele falou: “A idade não importa.” E eu falei: “Quantos anos você tem então?” “A sua idade.” Ele mentiu. Até hoje esse homem não me falou a idade dele. Eu tenho certeza que ele mentiu. Eu sei a idade dele. Até hoje ele não me falou a idade. Aí ele fez aniversário agora dia vinte e cinco. Eu falo: “Quantos anos você fez Fernando?” “Menos um, menos um...”, ele fala. Aí eu fui pegando carinho pela pessoa. Liguei pro outro e disse assim: “Você lembra o dia que você falou que você ia arrumar uma namorada? Eu arrumei primeiro que você. E bem melhor que você.” E fia isso aí tem dois anos que a gente tá. E já falei para ele que não largo mais não. Mas eu sei a idade dele viu?

Foi por isso que eu emagreci (namorado)... não vou falar em detalhes aqui, o corpo necessita... o corpo necessita... Até um dia que eu falei pra ele: “Mas porque que você entrou na internet? Pra procurar uma pessoa igual eu duas horas da manhã?”

Então ele falou assim que é assim, pode até arrumar uma pessoa assim... vou falar o português claro... pra transar, mas depois você não tem o carinho da pessoa. Que nem pensa que todo dia que vem aqui que a gente tran... não é assim, só o carinho da pessoa... que nem ontem ele chegou, fez o café e colocou na garrafa pra mim tomar de manhã... eu faço meus bordados ele vai buscar comigo... vai na festa comigo... só a companhia da pessoa. Porque eu sempre tive assim... sabe fia? Eu sempre falava: “Eu não quero uma pessoa pra mim sair só pra usar meu corpo. E também tinha isso viu? E como que eu vou usar meu corpo... olha eu vou falar besteira... se eu não via nem... meu corpo... porque depois... depois que eu perdi trinta quilos a minha barriga caiu e meu peito caiu...

Aí eu chego um dia em Curitiba e falei assim para a minha filha: “Eu tô querendo fazer cirurgia plástica.” “Tá louca? Não tem nem um ano que meu pai morreu!” No mês seguinte eu fui lá e falei: “Eu vou fazer uma cirurgia.” Ela falou: “Do que mãe?” Eu falei: “Ah eu tô ruim do apêndice e tô com uma hérnia.” “Que hospital você vai operar?” Eu falei: “Não sei ainda.” Porque eu não podia falar porque era hospital de cirurgia plástica. Aí fui lá e operei. Minha irmã foi comigo, dormiu lá comigo e veio. Primeira vez eu tirei a barriga só. Não... a primeira vez eu tirei a barriga. Só que eu tirei a barriga e não tirei o seio.

Eu fiz a cirurgia e falei com médica e falei: “Doutora eu posso sair?” Ela falou: “Pode. Onde você quer ir?” Eu falei: “No shopping.” Ela tirou aquele dreno, que a gente fala que é um cachorrinho. Tirou meu dreno que era aqui e eu fui para o Wall Mart fazer compra com as minhas amigas, elas empurrou o carrinho... eu toda de cinta e o povo tudo: “Nossa, não é a Déia.” Fui pro shopping e me senti a última batatinha do saco. Tinha dez dia que eu tinha feito a cirurgia. Quando tinha acho que dezesseis dias de cirurgia... um dia a minha irmã veio dormir aqui comigo... ela estava dormindo aqui comigo a minha irmã.

Eu comecei inchar de noite, sabe assim (sem fôlego)... menina... eu dormindo encolhida com aquela cinta e eu : “Ai meu Deus do céu, é tão bom esticar a perna e eu não posso.” E eu agoniada e ela falou: “Vai dormir que é cedo!” Eu falei: “Eu queria que fosse duas da manhã para eu ir na médica, duas da tarde. Que eu tô passando mal.” Aí eu fui na médica, a médica abriu aqui um ponto... fia... a gente não é nada... o que saiu de coisa preta... fedida... dessa minha barriga... ela falou: “Nildéia a sua barriga tá necrosando.” Ninguém aguentou ficar naquele quarto, fedia mesmo aquela coisa preta. Aí ela me deu um remédio e mandou eu vir para casa. No outro dia não melhorou e eu voltei de novo. Aí eu já chamei a ambulância do convênio para me levar. Menina, mexeram nessa barriga... tiraram aqui, a barriga ficou aqui baixa e aqui alta. Danou-se tudo. Eu fiquei com aquilo... aqueles peito caído.

Eu falei com médica: “Não, tenho que consertar a minha barriga e os peitos.” Se eu contar para os meus filho vão me matar. Conversei com a minha amiga e falei: “Geane, vamos pro hospital comigo?” Peguei e fui. Ninguém sabia onde eu tava. Dois dias depois a minha filha ligou: “Oi mãe, tudo bem?” Eu: “Mônica, tudo bem. Ai fia, não tava boa sabe? Aquela vez o médico me falou que operou da hérnia e da apendicite mas ele não tirou a minha apendicite. Agora eu passei mal e tirei.” E ela: “Ah coitada, como você sofreu.” E pronto. Aí ela, dois dias depois: “Mãe, pega os documentos da casa da praia.” Que na época eu tava vendendo... “Pega e escaneia e manda pra mim.” Porque o cara da imobiliária queria. E eu falei: “Não posso filha, não posso levantar meus braços.” E ela falou: “Mãe, mas você não fez operação de apendicite?” E eu falei: “Não Mônica, foi da barriga de novo e dos peitos.” “Eu vou te matar, de noite você vai ver.” Eu tô esperando até hoje...

Ah também fia... tirei a barriga, tirei os peitos, fiz lipo e a gordura que tirou daqui eu pus na bunda. Deu certo porque eu fiquei quietinha. Gato escaldado de água quente tem medo de água fria. Eu fiquei quietinha e fiz bonitinho. Porque aí como eu ia arrumar namorado e tirar com o corpo tudo caído? Agora eu ando pelada na casa inteira. Valeu a pena. Agora eu vou falar uma coisa pra você. Se eu tivesse que fazer e fosse nova que nem você... porque a pessoa na academia mesmo com mais idade é mais complicado perder peso. Eu não faria fia. Eu não faria porque o meu irmão que o filho dele é médico, meu sobrinho falou assim... ele tava estudando já: “Tia, deixa eu ver a sua barriga.” Aí eu mostrei e meu irmão falou: “Nossa mas ela se mutilou.” Eu não faria de novo não. Não porque é um risco que você corre. Esse negócio de lipo pode te furar. Você viu quantas pessoas morrem. Ela tirou daqui... parece que eu tinha pimenta no meu corpo sabe? Não compensa não. Você dormir quinze dias com uma cinta apertada, encolhida... a coisa mais normal do mundo é você dormir esticada... eu não faria mais... porque as pessoas faz assim.

Então eu não preciso de comer arroz, feijão, polenta, carne seca... todo dia. Tem outras coisas que me faz bem. Meu sobrinho fala que eu sou criada com ração. Porque eu ponho... “É alpiste na comida tia?” Eu ponho linhaça, eu ponho chia, eu como colágeno. Eu faço tudo sabe? Compro fruta. Não precisa... não é para academia que eu tô indo por beleza, pra saúde. Eu não era assim antes porque não tinha dinheiro e não tinha tempo. E ele doente (ex-marido), se eu comesse a me embonocar muito ele ia dizer que eu estava procurando homem pra rua. E falava... e falava...

Da cirurgia eu pensava, mas de cuidar dele eu faria tudo de novo. Mudei... nossa eu usava cinquenta e seis. Minha calça que eu tava naquela... tava ali... meu sobrinho que veio agora trazer uma máquina aí falou: “Tia não era você.” Eu falei: “Olha a foto lá. Olha a

calça aqui.” Você quer ver a calça? Só para brincar com você? Você vai dar risada. (Sai para pegar a calça antiga) Eu tinha perdido a minha calça e essa semana eu achei. Você quer ver? Deus me livre. Você quer ver o tamanho da roupa. Olha! Essa roupa que tá naquela foto. Olha aqui. (veste a calça que fica bastante larga) Vê que é a mesma roupa. Eu chego na academia e falo: “Olha aqui!” Todo mundo acha que eu fiz redução.

Essas daqui são minhas irmãs, as gordas... mas agora tão pior. Essa aqui então... essa é uma batatinha... aqui a roupa, eu guardei de recordação. É assim, tem que mudar, tem que mudar. Você já pensou eu morar aqui sozinha com um monte de problema de saúde? Quem vai cuidar de mim? Nossa meu pé... até o sapato... o pé afinou. Eu tinha um problema nessa mão porque eu fiz muitos anos crochê... um tal de túnel do carpo. Quando o meu marido era vivo os médicos falavam: “Eu vou te operar.” Como que eu ia operar? Quem é que ia fazer as coisas? Você sabe que depois que eu perdi peso o negócio sumiu? É outra vida. Lá no Sindicato eles querem fazer culinária. Eu vou lá nada, imagina... eu vou comer? Amanhã é dia de eu dançar Zumba fia. Você vai ver meus vídeos lá no facebook eu dançando zumba.

Essa... você sabe que quando você tira foto é porque você tá bonitinha né? Eu aqui na academia. Eu me sinto a última batatinha do saco. Ah, eu chego de manhã cedo e tiro minhas fotos e ponho assim no *Facebook*: “São seis e quinze da manhã.” Aquele frio... “Vamos dançar zumba gente?” E todo mundo curte. Ah eu gosto. Que nem agora, se eu falo eu vou por aquele vestido azul para mim sair eu ponho, não preciso tá pondo roupa, trocando roupa. Mas eu emagreci mesmo pela saúde, vaidade também, mas a saúde eu acho que é muito mais importante. Eu vou no médico, meus exames tá tudo bom. O médico me dá parabéns. Eu chego na academia... por isso que eu fico com essa calça aqui... levo essa calça e as meninas de trinta anos: “Ai...” E eu falo: “Gente olha com eu era.” Ela é a minha lembrança.

E quando eu chego no ônibus? E quando eu chego no ônibus? Toda de batom, de calcinha *legging* e de óculos de sol e falo: “Dá licença pra idosa sentar?” ((risos)) As rugas (o fato de não ter muitas) é família filha, minhas irmãs são tudo assim. O que me incomoda é esse olho aqui. Que eu falei que eu ia até levantar, mas eu peguei trauma depois que eu fui tão mutilada agora. Aí o Fernando fala assim: “Déia, não mexe no que tá quieto.” “De repente eu vou mexer aqui no meu olho...” Só isso que me incomoda, do resto não.

O cabelo branco incomoda, meu cabelo branco incomoda. Porque tanto que eu vejo que ele tá meio branco eu vou lá e tinjo. Hum, hum... mas só aqui, mas é bem branco mesmo.

Ah, eu sempre gostei de batom, olha pra você ver eu tenho um monte de roupa, para cada uma tem um batom. Pode ver que eu tô lá no sindicato e daqui a pouco eu entro no banheiro e todo mundo: “Para Déia, de passar batom.” E eu entro no banheiro para passar batom. Ai, agora depois que eu arrumei essa pessoa eu mudei um pouco. Porque antes eu andava de macacão. Olha, a roupa tá ali, sempre justo. Porque eu queria que alguém olhasse para mim. Eu ia lá no sindicato e tinha um cara lá que até hoje ele tá lá. E disse que era afim de mim... afim de mim... mas eu nunca fui com o jeito dele não. Sempre como amigo. Até um dia eu reclamei dele... eu sempre queria estar sempre aparecendo, no meio do povo dançando. E essa pessoa me sossegou. Os cabelos vermelhos... eu pintava os cabelos de vermelho. Aí ele vira e fala para mim: “Oh Déia, vicê tem uma pele bonita, seu cabelo vai ficar bom essa cor de chocolate.” Aí eu pintei o cabelo. Aí ele falou assim: “Ah, você fica bonita com as unhas mais delicadas.” E eu parei de usar os vermelhos... sem ele falar nada eu fui mudando. Eu fiquei mais quieta assim, mais sossegada. Até a minha família fala. A minha filha fala: “Mãe, o que aconteceu com você?” “Mudei!” É mudei...

Espero ter te ajudado. Eu sou que nem meu filho, qualquer lugar que eu vou eu faço amizade. Lá no Sindicato você percebeu que eu nem tava prestando atenção na reunião. Mas eu não sento, eu vou numa mesa, eu vou em outra, o celular toca. Aí no final do ano eu levei o namorado lá na festa de Portugal. Não, não levo mais não. É que é assim. Eu peguei amizade com o cantor. Então eu sou a primeira a ficar dançando lá na frente. Um dia foi o Tony Ângelo lá. Eu tava com uma flor aqui, se você olhar no Face você vai ver... qualquer dia vou postar essa foto de novo. Eu falei assim: “Não desce que as viúvas tá perigosa!” Ele fez que ia descer e não desceu. Só que depois ele desceu e segurou no meu rosto e começou a cantar “*Dio como ti amo*” eu não sabia onde enfiar a cabeça, nem a cara nada... e todo mundo me fotografando... ele cantou a música todinha abraçado comigo. Mas eu com o Fernando eu não posso fazer isso. Eu tenho que ficar quietinha. Eu não sou a Déia, eu não sou. Dessa vez eu não vou levar ele não.

O envelhecimento eu aceitei muito bem, porque eu... esses dias eu tava falando que eu... tô na melhor fase da minha vida. Então eu tinha duas opções quando eu fiquei viúva ou cair no fundo do poço, ficar aqui dentro da minha casa com depressão... Então eu falei: “Primeiro eu vou achar uma academia, vou para academia, vou mudar minha vida, porque a minha parte eu fiz.”

ANITA

Fotografia 53. Anita com a avó e a irmã em Rifaina. Fonte: arquivo pessoal.

A infância foi assim brincando naquelas praças, correndo pra lá e pra cá. Meu pai tinha... deixou minha mãe, né? ((chora)) Faltava dois meses para eu nascer... mas... minha mãe trabalhava muito né? Minha mãe acordava cedo... e eu vivia brincando pela rua, brigando... naquele coreto da vida. Aí depois a gente veio pra São Paulo, eu tinha onze anos. A gente ficou aqui um ano, voltou pra lá de novo. E ficou mais dois anos lá. Aí voltou

de novo pra cá. Eu tenho duas (irmãs), eu tinha duas, essa faleceu. Essa daqui faleceu e a outra tá por aí. Eu nasci em trinta e nove, em trinta e nove, e em janeiro ainda, não foi no final não, foi em janeiro. Eu tenho quase setenta e sete né? Minha mãe era costureira, lá na cidadezinha ela era costureira. E ela não fazia assim costura como hoje... tira o molde esses negócios... então ela botava a sua blusa em cima e ia lá e cortava e saía perfeito, mas ela fazia qualquer modelo.

E eu não trabalhava assim. Só que depois... eu tentei... como o meu pai deixou a minha mãe aí eu tentei estudar, porque lá a gente fazia só até a quarta série. Era uma quarta série muito boa, muito bem feita, só que era difícil escola aqui. Então eu fui procurar escola. Alguém falou da prefeitura, um monte de coisa, que a prefeitura dava, sabe? Então por exemplo, eu estudava numa escola particular e a prefeitura pagava com imposto, uma bolsa aí eu fui. Mas só que a gente morava num lugar que a minha mãe tomava conta de uma casa e a gente não tinha recibo de aluguel. Então precisava de recibo de aluguel, precisava de carteira de trabalho da minha mãe, precisava de carteira de trabalho do meu pai... E eu falei: “Mas meu pai morreu...” Não tinha, não sabia nem onde ele tava. “Meu pai morreu.” E aí eu pensava... e se pedirem atestado de óbito o que eu faço? “Meu pai morreu...” E isso eu tinha vindo de lá e aprontava isso... aí... eu fiz um monte de coisa errada, eu fui na papelaria, falsifiquei recibo de aluguel... falsifiquei... ((risos)) Mas aí deu tudo certo, eu consegui. Mas depois eu fiquei doente. Eu tinha convulsão. Aí eu não consegui mais estudar, eu não conseguia estudar... aí parei... porque eu dormia... eu ia pra escola e dormia... porque eu precisava tomar aqueles remédios fortíssimos. Eu tomei remédio até mais ou menos trinta anos de idade, dos quinze até os trinta.

Então... e quando eu fiquei doente o médico... porque naquela época não tinha... não tinha assim esses exames que hoje falam... aí ele falou pra mim assim... Ele conversava muito comigo, embora eu tivesse quinze, dezesseis anos. “Ah minha filha... você para ter uma vida normal... você...” Normal... não era normal né? “Vai ter que tomar remédio a vida toda...” Eu olhava pra ele e fazia: “Não vou mesmo, eu vou sarar.” E ele: “Você não vai poder dirigir, você não poder ficar em altura, vai ter que ser muito regulada, seu sono... vai ter horário para tudo.” Tudo isso eu fiz errado. Hoje eu dirijo. ((risos)) Subo es... faço tudo. Ele disse que... porque era só na conversa que ele tentava descobrir... era um médico muito bom. E daí ele falou que foi devido o parto da minha mãe, que foi devido o parto muito difícil que eu nasci muito roxa, então ficou um trauma não na mãe, em mim na criança. E que se eu tivesse sete anos, até sete anos assim mais ou menos. Que era mais fácil de curar, ou então vinte e um. Mas o problema apareceu quando eu tinha... na transição de menina

para mulher, quinze anos, então era muito mais difícil. E eu falei: “Não, não vai ser...” Eu pensava né? “Não vai ser, eu vou sarar, eu vou ter tudo.”

Quando criança a gente não trabalhou não. Nem eu nem minhas irmãs. Brincava, lá na rua brincava, brigava, fazia tudo que tinha direito. Fugia, ia pro rio. Andava a cavalo, ia pras roças. Quando vim para cidade eu não senti muito não. Eu morei... a gente morou nas Perdizes, ali eu fiz amizade, ali eu brincava com as crianças na rua também, que podia. Tinha onze anos e ainda brincava. Porque criança naquela época onze anos era criança, brincava mesmo na rua. Brincava, brigava... fazia a mesma coisa que eu fazia no interior. Então eu acho que eu não senti muito não.

Acho que eu me achava bonita, porque eu era magrinha assim... cabelo cumprido, sabe? O cabelo nosso era bem... era cre... era bem cumprido, assim... a minha vó fazia tranças, fazia aqueles laços. Eu acho que eu era exibida, eu queria aparecer na escola. Sabe criança? Sempre usava, minha penteava o cabelinho e botava o lacinho na cabeça, sempre, sempre, sempre. Minha mãe fazia as roupas.

Aqui eu com a minha vó, eu com o lacinho que usava muito laço. A outra é minha irmã mais velha. Em Rifaina. Era máquina de alguém, ou então quando era em festas tinha aquelas máquinas que a pessoa enfiava a cabeça dentro. E ficava: “Olha o passarinho.” Ele ficava e botava um negócio na cabeça. Dessa foto eu não lembro, mas eu devia ter uns seis anos, cinco anos ou menos. Eu não lembro, mas acho que era o quintal da minha casa. Acho que era o quintal. Não era um dia especial. Alguém apareceu lá com uma máquina e tirou a foto.

A adolescência foi essa que eu fiquei doente, inclusive eu falo... tem gente que fala: “Ah, se eu pudesse voltava para os meus quinze anos, dezoito anos.” Isso eu não gostaria. Ficar doente de novo? Não. Eu ficava em casa... ajudava a minha mãe, cuidava da casa, tudo. Eu fui na escola, tava indo, inclusive o médico passou o remédio. Eu tinha que tomar umas injeções, aí meu braço infeccionou. Ficou inchado daqui até aqui. Tinha uniforme, tinha que botar o uniforme. Rasgou as blusas para botar o uniforme. Época de exame, não sei se hoje ainda é com prova oral e escrita. Então, mas lá tinha oral e escrita. Bom... mas eu fiquei com esse braço, doía... mas o farmacêutico ficou muito apavorado e mandou passar uns remédios e depois tinha que passar álcool canforado, mas tinha que esquentar esse álcool. Eu não quis esperar a minha mãe fazer, eu peguei uma espiriteira. Sabe o que é uma espiriteira? Botei fogo, botei uma vasilha de alumínio, o álcool dentro e botei na espiriteira. O fogo pegou. O fogo pegou eu me assustei, bati a mão o fogo pegou aqui na pele, desceu no braço. Tem cicatriz... se você olhar aqui tem uma coisa bem pouquinha, assim. Tem

pouca coisa mas se olhar bem tem alguma coisinha. Mas ficou bem, mas saiu. Ficou muito tempo. Porque quando eu entrei na Telefônica ainda tinha, porque ele botou como sinais particulares, queimadura no braço direito, depois foi saindo. Aí eu fiquei com os dois braços engessados, enfaixados... aí eu não podia fazer as provas. Eu tive que fazer as duas. As escrita e a oral, as duas tudo oral.

Fotografia 54. Anita em fotografia 3x4 para documento. Fonte: arquivo pessoal.

Com dezessete eu voltei a trabalhar, quando eu entrei no escritório de contabilidade. Praticamente aí eu assumi a minha casa com a minha mãe. As minhas irmãs já tinham casado. Eu já fui assumindo a casa. A minha mãe costurava ainda, mas eu assumi.

Mas nesse interim eu trabalhei num escritório de contabilidade, mesmo sem saber nada, eu entrei com a cara e a coragem. Eu fazia tudo. Antes não tinha nada digitalizado,

era tudo manual, fazia a escrita fiscal, a escrita comercial, visitava cliente. Olha eu fiz de tudo. Quando eu saí de lá eu tinha feito até a sexta série, porque eu parei de estudar aí mesmo assim eu entrei lá. E saí de lá e os contadores perguntavam como que fazia isso. Aí saí de lá para casar.

Na época eu tava doente... eu era preocupada mas não... eu tinha que tomar o remédio direitinho. Mas eu tinha certeza que ia melhorar. Eu me sentia bonita, eu era magrinha, certinha, corpão. Eu era vaidosa.

Nessa foto eu tinha quinze anos. Eu cortei o cabelo curto. A minha mãe não gostava não mas eu cortei. Eu comecei a cortar o cabelo. Eu acho que eu tirei essa foto para escola, para por em documento.

Fotografia 55. Anita em comemoração na Telefônica. Fonte: arquivo pessoal.

Com vinte e um eu entrei na Telefônica, fazia teste, só teste. Só teste escrito, fazia o teste e depois passava pelo exame médico. O teste foi fácil, embora eu tivesse só praticamente a quinta série, sexta... E como eu trabalhava no escritório já, sabia a estética de carta, pedido de emprego, tudo, sabe? Aí eu fiz o teste, e o sufoco foi passar no exame médico. Porque... também não tinha esses exames sofisticados que tem hoje. Mas eu tava com a bolsa cheia daqueles remédios que eu tomava para as convulsões. Aí eu olho pro

médico, e o médico examinou a pressão, olhou isso, olhou aquilo... olhava pra mim... porque o olho da pessoa fica diferente... fica meia... mas ele olhava... “Escuta, você já teve isso? Teve algum problema assim, assim, assim? Já desmaiou?” “Não. Não.” “Você já tomou algum remédio assim, assim?” “Não.” E eu pensava na hora: “Se a minha bolsa cair vai espalhar tudo que ele tá falando aí”. Aí ele: “Fica de pé.” Assim (com os olhos fechados e os braços abertos). Aí ele batia (nos joelhos) para ver a sua... Batia aqui, aqui. “Você já fez alguma cirurgia?” “Já das amígdalas.” “Porque?” “Ah, porque desde criança eu tinha muita febre.” Mentira, era porque o médico que me tratava mandou fazer porque era muito, tinha muita infecção e podia prejudicar meu quadro clínico. E ele: “Só por isso?” “Só por isso.” Aí ele voltava tudo de novo. Fazia os exames de novo, fazia tudo de novo, mandava fechar os olhos, perguntava tudo de novo. Eu respondia a mesma coisa. Teve uma hora que ele olhou para mim, e eu pensava: “Aí, esse médico tá desconfiado mesmo.” Mas aí teve uma hora que ele virou para mim e falou assim: “Não é possível.” Eu não esqueço dessa reação dele, sabe? Ele olhou bem para mim: “Não é possível. Mas eu vou te aprovar.” Mas eu vou te aprovar, ele usou bem essa palavra. Que ele falou... “Não é possível eu acredito em mim ou nela?” Mas eu me lembro bem desse negócio: “Não é possível.” E eu olhando na cara dele. Então deu bem a entender que ele falou: “Não era possível.” Que ele estava pensando que não fosse verdade mas que ele não tinha como provar. Aí eu fiquei lá trinta e quatro anos e tive quatro promoções.

Entrei como telefonista. Tinha uma sessão em cima que era aquela que ficava assim (conectando), a minha não, eram só chavinhas assim. Porque tinha em cima, lá era já esse... era interurbano também porque antigamente até para São Miguel, Itaquera era tudo interurbano. Então eu fazia parte do pessoal que ligava, da equipe, da sessão que fazia para lugares mais pertos, Santo André, ABC, Itaquera, São Miguel, Santos... Campinas eu acho que ainda não era nós não. Aí essa outra parte que era a longa distância era no zero um que tinha esses negócios da pedrinha... que ficava... ((risos)).

Eu fui para monitora, de monitora eu fui para assistente, de assistente eu fui para chefe de setor. Aí eu fui chefe de setor do Distrito de Consolação que tomava conta de todos os postos da Consolação, daqui do Centro, depois de um ano, dois anos, foi inaugurado o serviço de despertador, aí eles me convidaram para ir para lá. Só que tinha que ir trabalhar a noite e às vezes de sábado, domingo para ver como é que estava. Trabalhar a noite não, tinha que fazer visita a noite porque era vinte e quatro horas. Mas só que eu vou de chefe de setor pra lá, e eu tô de chefe de setor aqui eu não quero. Eu falei não, porque lá a responsabilidade vai ser maior. Eu vou ter que montar uma sessão. Eu que montei tudo,

sabe? Desde a rotina de trabalho, como é que era, fazer os estudos lá. Eu com o técnico lá, a gente foi montando. E... eles falaram: “Não, a gente vai te dar um nível a mais.” Aí eu falei: “Ah, então eu vou.” ((risos)) Era como chefe de setor, mas com um nível a mais.

Aí casei. Aí casei. Com esse cara aqui... ((risos)) Não, não é esse não. Cadê ele? Sumiu. Sumiu, mas tava por aí. Aí casei, fiquei casada aproximadamente por seis anos, tive um filho. Aí não deu certo, eu mesma tomei a iniciativa de separar. Naquela época... tomei a iniciativa e separei. Morava com a minha mãe, depois ela cuidou do meu filho porque eu trabalhava e ela cuidava dele. E quando eu desquitei... quando eu tava falando para desquitar eu levei ela para morar comigo. Aí depois ela ficou morando comigo sempre. Mas assumia toda a minha mãe. Eu acho que não foi difícil. Olha, inclusive eu falo que mãe solteira e desquitada... porque eu sou desquitada, não tem... naquela época não tinha divórcio. Então mãe solteira e desquitada tem a responsabilidade, mas eu acho que se você se organizar... eu tinha pouco tempo para ficar com ele porque eu trabalhava em dois empregos, as folgas não batiam... porque na Telefônica eu folgava qualquer dia da semana, segunda, terça, quarta, quinta... no outro eu folgava sábado e domingo então não batia. Eu trabalhava sábado e domingo. Então no dia que eu tinha uma folga... às vezes... de vez em quando eu falava assim: “Anselmo hoje nós vamos pensar que a gente tem dinheiro.” A gente saía ia pro cinema, pro teatro, almoçava fora, tomava sorvete, a gente ia pro zoológico, Ipiranga, enfim a gente ia para todo lado... No dia da folga eu conseguia fazer esses... dava meu jeito. Para ir na reunião... como a minha mãe levava ele na escola, então na reunião de escola assim eu fazia questão de ir. Mas como? Trabalhando em dois empregos naquela correria. Aí eu fazia uns rolos lá dentro, pedia folga... pra ir na reunião. Porque criança quando o pai ou a mãe vai na reunião eles se sentem... “É minha mãe, é meu pai!”

Parei de tomar remédio com trinta anos, porque não tinha mais nada. Antes eu ficava indisposta para fazer as coisas... já tava desquitada... então já tive vontade de estudar de novo. Que uma das coisas que eu falava: “Eu não vou morrer sem ter o diploma.” Isso eu tinha na minha mente. “Não vou morrer sem ter... sem ter a minha casa, o meu apartamento, a casa minha mesmo, sem ter... sem dirigir, sem ter meu carro.” E tudo isso eu fiz depois dos trinta. Depois que eu desquitei.

E tem outra coisa, quando eu vim para São Paulo que eu tinha onze anos o meu filho... eu não tinha eu era solteira... é lógico, eu era uma criança. Eu passava em frente ao Caetano de Campos. Ali na Praça da República? Então, ali... eu tinha uma vontade de estudar ali. Eu via aquelas meninas saindo com aqueles uniformes, e aqueles carrões na

porta. E me diziam que lá estudava gente rica. Eu pensava... mas se eu casar e tiver um filho ele vai estudar aí. Não deu outra. Fui sorteada e consegui. Ele nasceu e já tava lá dentro. Aí fez até o ensino médio lá. Tá aí. Desde os quatro anos até o ensino médio. Acontece... acontece.

Eu me sentia bem, eu me sentia elegante. Eu era elegante. Não sei se é porque quando a gente era pequeno... quando era pequeno eu acho que não... quando eu era casada... não tinha... praticamente assumi a casa então eu não tinha roupa, não tinha sapato, tinha um sapato só... Fui trabalhar o sapato molhou, aí eu pus no forno, aí ele fez assim (encurvou). Aí eu tinha que trabalhar no outro dia com ele. Eu tive que molhar e ir com o sapato molhado para ele voltar. Então eu acho que eu fiquei com esse trauma, que quando eu comecei a ganhar melhor e podia comprar sapatos, roupas elegantes eu comecei a ficar... aí eu comprei muito... porque eu andava elegante, eu me sentia elegante... eu me sentia elegante. Até o dia que eu fui emancipar o Anselmo. Porque eu falei: “Ah, se eu precisar de fazer alguma coisa, comprar alguma coisa se eu conseguir e precisar da renda dele né?” Tinha que ser mais de vinte um anos naquela época. Aí eu fui no cartório. E ele falou, mas quem tem que assinar é o pai. “Ele tá sobre minha guarda, agora quem tem que assinar é o pai?” “Emancipação quem tem que assinar é ele e o pai. Você pode pagar, você pode fazer tudo.” Aí eu marquei... aí eu liguei para ele, aí ele veio conversar comigo na Telefônica. Aí tô eu vestida, usando meu saltinho. E aí recepção me chamou e ele olhou para mim e falou assim: “Hummm. Você está elegante. Tudo isso é para me ver? E eu falei: “Não, esta é minha roupa de trabalho.” (Pega outra foto e diz: Olha como eu era sofrida na época de casada? Nessa época eu era sofrida.)

Eu já podia comprar roupa, sapato. Eu fiquei mais vaidosa. Eu gastava dinheiro comigo. Até quando o meu filho precisava de mim para ajudar eu não... a prioridade era a casa, era ele, saúde, alimentação. Aí depois quando começou a dar para fazer tudo e ainda ter aquela... aquela para emergência né? Gastava com cabeleireiro, sapato, bolsa... até hoje... eu nunca gostei de comprar bolsa... essas bolsas de... sempre de couro sabe? Não essas bolsas... esse sintético. Inclusive eu falo, eu compro bolsa e depois a bolsa não acaba porque... então eu acho que sapato roupa... Quando eu tava grávida mesmo, lavava o vestido a noite para ir trabalhar no outro dia. Então eu acho que eu fiquei com aquela coisa... e depois deu aquela compulsão de comprar. Agora eu posso agora eu vou comprar. Você tem que de vez em quando parar e falar: “Pera aí.” Breca.

Não tive mais problema nenhum de saúde, mas foi a mesma coisa. Acho que mudou né? Que eu fiquei gorda... falei que eu ia voltar com o marido para efeito de regime...

((risos)) porque na época que eu era casada eu era magrinha... eu acho que a preocupação... que é isso, que mais preocupa é a mente... o cansaço de trabalhar... o cansaço físico não preocupa tanto, o cansaço mental é que cansa... a preocupação deixa você acabada. Depois que eu desquitei eu comecei a engordar um pouquinho, porque era muito magrela... porque a moça falava: “Tadinha da Anita, tão magrinha... tão magrinha...” Aí passou o tempo, desquitei e a mesma moça: “Nossa Anita como você tá gorda!” E eu falei: “Ah deixa de ser...” Porque ela me via tão magrinha que quando ela me viu gordinha ela assustou.

Aqui eu estava com vinte e nove anos. Devia ser alguma festa da Telefônica. Festa de confraternização.

Eu aposentei com cinquenta e cinco anos por tempo de serviço. Eu fiz o curso de Guia de Turismo né? E aí viajo bastante. A noite eu não saio muito porque com essa violência... sabe? É meio perigoso né? Você anda por aí qualquer lugar... Você anda por aí e todo mundo tá sujeito a isso né? Mas a gente que é mais fragilizada, tem que tomar mais cuidado. Mas eu viajo bastante, eu tinha sonho de fazer viagens de navio já fiz três. É bom viu? Eu vou jogar bingo, jogar boliche. Ah cadê, onde que tá? Eu ganhei esse ano, foi dia primeiro de abril, eu ganhei um troféu olha aqui. Com quarenta e cinco anos eu nunca tinha corrido, fui participar de uma corrida de dez quilômetros. Eu não treinei nem um quarteirão e consegui. Aí eu cheguei aqui com a... fui jogar boliche... e cheguei aqui e botei na frente dele (o troféu). “O que é isso? Ganhou?” “Antes você não ia jogar boliche comigo porque você achava que eu não ia... saber porque eu ia cair... agora você não vai porque você tem vergonha de perder.”

Não pratico atividade física, eu não pratico nada, descobri que a bola de boliche tinha buraco agora, comecei a jogar depois de velha, depois dos setenta. E corrida foi aquela e uma outra de cinco quilômetros e aquela de dez.

Eu acho que tem pessoas que se acomodam muito. Tem pessoas que chegam a uma certa idade e falam: “Ah, porque eu vou me preocupar em lembrar disso se a fulana pode me falar? Eu pergunto para ela e ela me fala. Eu não vou preocupar.” Eu faço palavra cruzada, sabe? Eu faço um monte de coisa. Sempre fui ativa, eu trabalhava, sempre me preocupei em escrever corretamente sabe? Sempre lia, até hoje ainda consulto dicionário se eu tenho dúvida de alguma coisa. Eu sempre pergunto assim: “Anselmo, pra minha idade como acha que está meu comportamento, está normal, dentro da média, abaixo da média?” Ele falou: “Tá até acima viu?”. Ele falou para mim, não sei se porque é filho que ele falou. “Mas se por acaso você ver que eu estiver fazendo alguma coisa assim fora daquilo normal entra no circuito e cutuca, mas seja firme porque eu vou ser dura.”

Fotografia 56. Anita com sua mãe e seu filho em Rifaina. Fonte: arquivo pessoal.

Tem gente que fala: “Ah, eu já tô com quarenta anos, não vou... não vou estudar mais, não quero aprender mais nada. Não quero fazer mais nada... porque daqui pra frente é só...” Mas não é não. Tem tanta coisa ainda. E se eu quiser ainda tenho muito coisa. Até falo: “Se um dia eu quiser arrumar um emprego eu tenho chance, eu consigo.” Eu tenho certeza que eu consigo.

Ah eu tô gorda. Eu tô gorda. Mas a boca não deixa... tô meio gorda mas não acho ruim não... ah... eu sei que as mudanças acontecem né? Tem que aceitar, se não aceitar tá perdida, vai perder o sono e não vai voltar mesmo.

Aí vem a menopausa... pra mim foi tranquilo. Passou, passou... Cabelo branco eu não aceito. Ainda. Com doze anos eu já tinha uma mechinha aqui, com dezesseis eu já tinha uma mecha grande. Aí eu comecei a pintar o cabelo com dezesseis anos. Até hoje eu não aceitei ele ficar branquinho todo não. É bem branco, sempre pinto. Incomoda, isso eu não gosto não. Eu olho parece que ai... fica tão acabadinha. Não sei se eu deixasse... eu falei que um dia eu vou raspar a cabeça para deixar ele todo branco para eu ver como eu fico e como eu me sinto. Eu falei eu vou raspar a cabeça inteira e deixar todo branco para ver como eu

sinto. Aí eu compro uma peruca. Se cuida bem fica bonito. Eu tenho uma conhecida a Marta ela fica linda de cabelo branco. É a coisa que eu não aceitei.

Então eu tenho medo do meu pé ficar torto, isso aí eu tenho medo. Ai tem muita gente da minha idade ou mais nova que o pezinho fica todo torto. Outro dia eu fui jogar boliche... inclusive ela tava ontem no curso... três senhoras que estava, mais novas que eu e levantavam... aí elas andam assim (tortas)... eu falei que é dez para as duas... aí eu olhava as três levantavam. E eu: “Ai meu Deus, será que eu tô assim e não tô percebendo? Será que eu tô andando assim?” Aí eu ficava... ficava prestando atenção. Elas levantavam e eu ficava olhando o joelhinho. Ai meu Deus do céu. Aí eu voltei preocupada pra casa. Aí pus o Anselmo ali e falei: “Anselmo fica aí.” Ele: “O que?” “Agora eu vou andar na sua frente e você vai olhar se eu estou andando dez para as duas.” E ele falou: “O quê que é dez para as duas?” E eu falei: “Andando assim.” Ele falou: “Não, não tá não, porque?” “Porque eu vi isso.” “Ah, mãe deve ser a formação delas mesmo.”

Quando eu tava grávida eu tinha o maior medo, eu ficava me policiando porque as vezes a mulher grávida anda assim, abre a perna. E eu, ai meu Deus. Eu ficava me policiando para não ficar. Porque tem gente que às vezes senta assim... isso segundo eu já ouvi dizer que é uma insegurança, então eu fico me policiando que você vai ficando deformado. Eu fico me policiando porque eu vejo pessoas bem mais novas que eu que já tá assim. Toda assim curvadinha. Eu falei que qualquer dia eu vou botar o cabe de vassoura aqui, pra ficar assim (ereta).

Rugas eu acho que não tenho quase nada. Ah foi pra mim for normal, só que eu uso creme pra dar... se eu lavar o rosto dez vezes por dia, dez vezes eu passo creme. Eu tenho aqui, que eu já falei que eu vou tirar essas bolsinhas (nos olhos). Mas eu acho que o que isso é mais que quando a minha mãe ficou doente... porque ela não ficou totalmente dependente, mas gente se preocupava né? Porque ela teve Alzheimer. Então eu ficava preocupada dela ir na cozinha, mexer alguma coisa. Porque ela tomava seu banho, a gente levava ela para passear. A gente fazia tudo. Menos de um ano antes dela falecer ela tava na Pousada do Rio Quente tomando banho em baixo das duchas, o Anselmo, o neto também. Desde que ele... que ele começou a trabalhar as primeiras férias dele, a primeira semana era para passear com a vó. O pessoal ficava bobo de ver ele um rapazinho jovem cuidando de uma senhora. E foi até ela falecer ele fazia essa rotina. E eu ficava preocupada com ela, ficava meio... não fica tão firme para andar, não pode levantar no escuro. Mas então até o coisa do interruptor quando você acende a luz me acordava... qualquer barulhinho... então eu ficava... eu dormia muito pouco, eu tinha insônia, eu acho que isso daqui foi criando mais

assim. Mas eu vou tirar ainda. Não vou fazer aquilo para ficar assim (esticada) igual a Elza Soares. Quero disfarçar isso aqui, isso aqui. Acho que ainda dá tempo, estou com setenta e seis e sete meses.

Olha o que eu usei muito na pele foi aquele creme Nívea, aquele de latinha azul. Ele ainda é ótimo, eu conheci uma senhora que ela usava até agora antes de falecer, ela tinha oitenta e poucos anos. Você precisava ver a pele dela como era bonita. Era o de latinha, não era aquele caro, aquele que é dez... não sei se aquele que é dez hoje está fazendo mais efeito que o da latinha, mas o da latinha sempre foi muito bom.

Hoje eu me sinto bem, depois que a minha mãe morreu eu comecei a tomar remédio para pressão porque sabe que quem tem Alzheimer a pessoa que cuida... o cuidador fica... então a minha pressão ficou... então eu tomo remédio para pressão. Eu tomo ômega três e... eu tive uns probleminhas mesmo que eu fui parar no hospital. Esse ano eu fui parar na UTI. Mas eu vou numa boa. Sabe o que é? Eu tive um sangramento intestinal, quando... mas foi feio... isso foi cinco anos atrás, a minha hemoglobina chegou a seis ponto três, que é... a minha pressão chegou a sete... mais um pouquinho eu iria entrar em coma, mas eu não perdi a consciência nenhum minuto... e nem a fome. Aí o médico: “Pode ser hemorroida, pode ser pólipos, pode ser divertículo ou pode ser coisa pior.” Aí você fica pensando que é coisa pior. Mas me internou, aí eu fiz a endoscopia porque não sabia onde era o sangramento, estômago ou intestino. Aí já fez a colonoscopia junto. Aí o médico fala... terminando de fazer a colonoscopia eu já tava acordada, porque eles sedam... ainda mais que eu fiz os dois... eu já tava acordada, ele estava tirando a luva e olhou pro outro e falou assim: “Nunca vi divertículo sangrar tanto.” Eu falei: “Ah doutor, então é divertículo é?” Ele não pensou que eu tava acordada. Não tem infecção, não tem nada, tem uma sensibilidade. Quando saí de lá já saí com dez ponto três de hemoglobina. Já tava quase dentro do... e agora em fevereiro eu tive de novo, mas não foi tão forte, e o médico falou: “Ah vou te internar.” Eu falei: “Tudo bem.” Eu já sabia. Eu já deixo até a malinha pronta. “E eu vou te levar para a UTI.” “Mas porque?” “Nada não. Porque lá... pode ter algum sangramento, um fluxo maior e sua pressão pode abaixar e lá tem médico toda hora. No quarto não.” Aí eu fui para a UTI, até gostei é movimentado, toda hora médico. Só a única coisa que eu não gostei é que não pode levantar. De um modo geral a UTI não é tão ruim não. Não é só para quem tá morrendo não. Foi por precaução. Eles me avisaram que pode ocorrer novamente e aconteceu. Mas tiro de letra também.

Eu gosto dessa foto daqui. Eu já estava aposentada. Tá eu, meu filho e minha mãe na casa em Rifaina. Foi aniversário da aniversária da Janete.

ESMERALDA

Fotografia 57. Esmeralda aos 6 anos. Fonte: arquivo pessoal.

Eu sou Esmeralda Voltran Brochini, né casei com meu marido e peguei o sobrenome dele, mas eu sou Voltran. Aí eu tive uma infância muito pobre, de uma pobreza muito grande. Não é pobreza, é pobreza grande. Minha mãe lavava roupa para fora, meu pai tomava conta de uma plantação de eucalipto e eu fui criada assim... pequeninha, desde que eu me conheço. Então eu tava escrevendo... a Marli falou: “Mãe, escreve um livro. Sobre a sua vida.” Uma vida bonita. Oitenta e dois anos bem vividos. Maravilhosamente bem vividos. E eu tenho uma recordação boa, eu cresci, fui na escola, não gostava de

estudar, a escola era muito longe, tinha que andar uma hora para chegar na escola, porque morava muito longe da escola, de padaria de coisa. Aí no terceiro ano eu tinha onze anos, aí a gente era muito pobrezinha e saía para trabalhar, ia ser pajem, cuidar de criança. Minha mãe lavava roupa para fora, conhecia as mulheres que lavava a roupa, entregava a roupa e aí tinha sempre aquelas que tinha criança pequeninha, bebezinho, aí eu sempre tinha trabalho para fazer. Isso foi até uns treze anos, aí eu entrei na fábrica. Aqui no Brás, na Maria Ângela, no Matarazzo. E lá eu fiquei até casar. Eu casei com vinte anos. Eu era tecelã. Trabalhei, era tecelã e a gente vinha de bonde porque era, o ônibus era mais caro, era caro, então a gente vinha de bonde. Eu pegava o bonde na Penha, porque com quatorze anos eu vim morar com uma tia minha, porque onde eu morava com a minha mãe num tinha condição de morar com ela porque era mato. Era... tinha que andar muito para tomar um ônibus. Eu era mocinha. Minha mãe dizia que era perigoso. Minha mãe não podia me levar, meu pai não podia me levar, fui morar com uma tia minha na Penha. E lá eu fiquei até casar.

Você conhece a Penha? A Penha é um subdistrito de São Paulo, a Penha é muito grande e a Penha tem... Vila Esperança, Vila Matilde, que é toda Zona Leste, eu sou da Zona Leste. E aí o meu pai tinha o... esse patrão dele tinha uma plantação de eucalipto muito grande que hoje é um bairro, é um bairro, chama Jardim Três Marias, porque o dono tinha três filhas com o nome Maria, Maria Augusta, Maria Cecília e Maria Eduarda. Num me lembro muito bem mas era assim mais ou menos. Hoje... era tão grande que só meu pai tomava conta. Ele ia olhando... era uma plantação de eucalipto, só eucalipto, muito grande, e só meu pai tomava conta e nós morávamos no meio daquilo. Onde... por exemplo para ir para escola eu tinha que atravessar todos aqueles eucaliptos para ir para escola, e a gente ia a pé, uma hora e meia andando... andando para escola. E hoje lá é um bairro que chama Jardim Três Marias, porque ele era dono de tudo aquilo e ele vendeu os lotes e ficou o bairro Jardim Três Marias. Saindo dali, de onde a gente morava, andava uns vinte minutos já tinha vizinhos, umas casas, mas era assim... uma casa aqui... uma casa lá... uma casa lá... quase não tinha nada. Não tinha uma padaria, para a gente comprar pão tinha que andar quarenta minutos, pra comprar pão, nem era padaria, era venda.

A casa... a gente morava numa casinha de sapê... depois... a minha vida é muito linda, eu tive uma vida muito linda... morávamos numa casinha de sapê... a minha mãe teve só dois filhos, só eu e o meu irmão. E a gente era criança... era pau a pique, sabe o que é pau a pique? Tem gente que nem sabe o que é isso. Pau a pique, então a gente dormia numa cama grande, nós três, eu, meu irmão e minha mãe e meu pai dormia no cantinho lá. Que era

uma pobreza de fazer dó. Mas você sabe que era uma pobreza que a gente não era infeliz? Nós éramos muito felizes, minha mãe cantava, meu pai ia pro trabalho. Eu era pequena ainda... antes... eu ia para escola era antes de eu ir ficar mocinha e sair de casa para trabalhar e morar com a minha tia... a gente brincava, subia em árvore, nadava nos rios, uma infância linda, pobre mas linda. E tinha um buraco assim na parede que a gente, eu e meu irmão subíamos na cama que a gente era criança e ficava olhando a lua. A gente se encantava com a lua. Por aquele buraco, que era pau a pique a casa né? Era tão... era tão... a gente era tão feliz. Sabe o que eu fiz depois que eu casei? Casei muito bem graças a Deus. Num sou rica mas vivo graças a Deus bem. Sabe o que eu fiz? Encontrei uma pintora, procurei uma pintora, mas pintora boa, ela tem até medalha em Portugal. E ela fez a casinha para mim, e eu tenho a casinha no meu... no meu... no meu quarto em Arujá. Isso então a casinha, porque ela pintou assim... ela fez o rascunho com a minha memória, que eu lembrava e lembro até esse momento ela todinha como ela era. Até onde tinha as coisas, as panelinhas da minha mãe, o fogão, tudo, tudo com perfeição. E ela fez, pintou a casinha. Então eu tenho a casinha em frente a minha cama lá em Arujá, no meu quarto. Aí eu pus o quadro e mais um quadro de olaria porque eu trabalhei em olaria também, quando eu era criança. Era pesado, mas aí eu já era grandinha, já tinha uns doze, treze anos e já trabalhava na olaria, fazia tijolo. E também foi muito linda a minha vida ali, também tem o quadro... o quadro foi uma amiga minha que me deu. Uma amiga, que eu contei para ela que eu trabalhei na olaria e ela ficou tão encantada... ela pediu a alguma pessoa, um pintor fez a olaria igualzinho como era. Então eu tenho a minha olaria e a minha casinha. Então às vezes eu tô lá na minha cama deitada, e tá lá na minha parede em frente... e tem as recordações que são lindas, lindas, lindas.

A gente era feliz... eu e meu irmão... meu irmão era pequenino, ele era cinco anos mais novo que eu. E eu já era meninota, sempre fui alta, grandona. E ele era pequeno. Então eu ia, nadava nos rios, subia em árvore, então foi uma infância muito boa, muito gostosa, livre. Livre e sou livre até hoje. Eu amo a liberdade, mesmo quando eu fui casada... fui casada e fiz até bodas de ouro, cinquenta e dois anos. Mas sempre tive liberdade, a liberdade de se andar direito, a liberdade não consiste em a gente fazer o que não deve, mas sim o que se pode fazer... tudo... dentro dos seus limites de direção... de coisas direitinhas... a liberdade é linda até hoje. Sou livre. Mas a liberdade... eu acho que ninguém proíbe a nossa liberdade, a liberdade tá dentro da gente. Não adianta a pessoa... por exemplo se me tolhessem a liberdade eu num ia deixar, porque tá dentro das pessoas. Pessoas que não tem liberdade não é os outros que fazem ela não ter, ela não tem, os que tem, tem.

Quatro aninhos. Não me lembro. Eu me lembro que eu comecei a escrever um caderno... é... eu me lembro de cinco anos... e eu tô escrevendo um caderno e parei com treze anos, parei o caderno. Aí eu falei para a Marli, a Marli falou: “Não mãe, é para a senhora continuar a escrever.” Aí agora eu tô com uma preguicinha... eu lembro com cinco anos, com cinco anos eu lembro direitinho... a lembrança ela assim... claro que a gente não lembra as coisas com perfeição, a gente lembra alguma coisa... mas dizer lembra disso tudo direitinho... fazia isso, fazia isso... fazia aquilo, fazia aquilo... não. Tanto que assim ó, a minha mãe tirou essa foto com quatro anos que a Marli vai mandar para você, eu tô bonitinha pra caramba, bonitinha, com quatro anos. Depois nunca mais tirei foto... nunca mais... eu fui tirar foto que nem ali eu tô junto com o meu marido eu era noiva, de branco ali os dois bonitinhos. Aqui é a plantação de eucalipto, onde a minha mãe... aqui eu era noiva... e aqui a minha... tá vendo os eucaliptos aqui tudo? Tá vendo aqui? Mais pra cá era nossa casa. Nós tiramos foto, esse aqui é meu marido. Ele era bonitão, bonito, bonito. Eu fui tirar depois foto com quatorze anos, que aí eu fui morar com a minha tia e eles tiraram foto de mim, eles tiravam foto, a minha tia tava melhorzinha de vida. Tinha máquina de tirar fotografia... aí eu tirava depois de quatorze anos. Ah mas raro também. Era raro, não como hoje... hoje é uma coisa para tirar, a pessoa tira foto dela mesmo né? É um exagero, é um exagero, demais.

Não... quando a gente era mocinha... que eu me lembro de treze, quatorze anos a gente tinha vaidade sim, tinha, mas não tinha como ter as coisas, um batom, um pó a gente não tinha... não tinha... então a gente gostava, mas a gente não tinha. A gente não era infeliz porque não tinha, eu nunca fui infeliz. Que eu fui cuidar mesmo, ficar mais bonitinha foi com quinze, dezesseis anos aí comecei... a gente dormia de papelotinho para ficar crespinho no cabelo... a gente tinha essa vaidade, batonzinho também... já tinha. As roupas eram simples, eram... mas bonitinhas... olha meu vestidinho... era bonitinho... a gente tinha... a gente comprava o pano e a costureira fazia, quase não existia roupa pronta como hoje. A gente tinha costureira, isso quando eu era moça já... mocinha... a gente comprava o paninho e a costureira fazia o vestido, não tinha pronto.

Eu era bonitinha, bonitinha sim. Eu sempre fui magra, me sentia muito bem. Nunca me preocupei com isso. Sempre fui magra e as roupinhas ficavam bem, as costureiras faziam os vestidos e ficavam bonitinhos. Ficava bem, eu nunca me preocupei de engordar. A gente não tinha problema de engordar, de comer de engordar. Tudo era mais ou menos igual. Parece que não tinha gente gorda, gorda. Porque todo mundo tinha uma vida muito ativa, não se tinha empregada, se andava para pegar ônibus se andava para buscar o pão.

Ninguém era gordo porque todo mundo movimentava. Hoje ficam gordos porque tem tudo, não se faz nada, tem tudo pronto. Não é? Essa foi nossa vida.

Na olaria trabalhava na produção, fazia tijolo. Desgastava, lógico. Eu levantava as quatro e meia da manhã. Porque a olaria era assim, tinha que trabalhar enquanto o sol não era muito forte. Mesmo assim nós pegávamos um sol forte. E essa olaria era de um tio meu, era primo do meu pai, essa olaria. E agente morava... levava uns quinze minutos para chegar na olaria. Eles também moravam no meio do mato também. Na olaria tiravam o barro dos barranco né? Então era tudo vazio. Então levantava as quatro e meia da manhã... as quatro e meia eu levantava, a minha mãe chamava, e eu ia sozinha porque naquele tempo não tinha nada ali, nem tarado, nem... não tinha nada, se dormia com as portas abertas, não tinha ladrão, não tinha nada. Aí eu chegava na olaria, que era eu e a minha prima, que até hoje a gente se dá, a gente se adora. Nós fomos criadas juntas, ela tinha a olaria e eu tinha a minha casinha lá, mas a gente se dava. E eles tinham a olaria. Então eu tava lendo um livro, porque eu gosto muito de ler. Então é um livro sobre cores. É um estudo mesmo sobre cores, então eles falam... ela conta as vida da gente... é por exemplo porque que as morenas no começo... no meu tempo também... se preto, se era negro ou mulato era gente pobre... então nós trabalhávamos... e nós somos branca... eu e minha prima somos brancas né? Então a minha tia, a mãe dela costurava e fazia uma roupa comprida... de tecido mesmo né? Vem até os pés, de manga comprida, a manga ela vinha até aqui assim ((mostrando a metade da mão)) para não... para a gente poder trabalhar nas lançadeira, nas coisas. Que era para não queimar as mãos, porque no domingo a gente ia passear. Eu e ela... na pracinha mesmo ali do bairro, às vezes ia na casa das amigas, dos parentes, não podia ter a mão preta. E o livro fala... é lindo o livro, fiquei louca quando li o livro. Então ela fazia assim... a costura e a manga... aqui a gente tinha um chapéu de palha e um pano que nos cobria aqui que não podia queimar o rosto. Então quando a gente saía, ninguém dizia que a gente trabalhava na olaria. Porque se a gente ficasse... pre... preta... iam dizer: “deve ser gente pobre”... mas a gente era... ela não, ela estava bem de vida, mas eu era pobrezinha, mas era branquinha... e cuidava da pele. E tudo isso tem nesse livro que eu comecei a ler e fiquei encantada. Aí eu trabalhava na olaria... a gente levantava as quatro e meia da manhã... nove horas a gente parava para almoçar... o que seria um almoço... porque das quatro e meia que a gente vinha trabalhando... nove horas a gente almoçava que era nossa comida italiana... eu sou filha de italiano e ela também era filha, éramos todos italianada, tudo italiano. Então a gente almoçava... era polenta, linguiça... é... polenta e linguiça... minha tia fazia com molho eu almoçava com eles né? Polenta e molho com

linguiça e só, não tinha guaraná, não tinha nada dessas coisas... nada. Mas era uma vida linda, linda. Depois eu... quando era nove horas a gente voltava pro trabalho, que a gente comia, voltava, trabalhava mais um pouco e depois eu ia para minha casa e almoçava lá na minha casa... não me lembro direito se a gente almoçava... ela também ia para a casa dela. E a gente saía também aos domingos, ia passear na casa dos parentes.

Eu lançava tijolo. Tinha o batedor, por exemplo, eu vou explicar direitinho... porque era a família que trabalhava, tinha seis filhos a minha tia, todos trabalhavam na olaria, cada um fazia uma coisa. Então tinha o que era um negro, ele fazia o barro... um ia buscar o barro com a carroça e o burro, lá na pipa fazia o barro que os cavalo andava de volta e moía o barro, o outro carregava no carrinho o barro nas banca... tinha as banca para trabalhar os tijolo. Então tinha as forma... e todos nós, meu primo trabalhava as vezes com o meu tio, com o meu primo. Então um batia o tijolo, cortava com a... a... a... que nem um arco com um arame. Era sempre o homem que batia o tijolo que era mais pesado, tinha que pegar o barro ((faz o movimento com as mãos)) bater e depois cortava aí entrava a lançadeira, que era eu, minhas primas que trabalhava, jogava areia em cima, balançava um pouquinho e punha numa tábua, era umas tábua fininha. Aí a gente punha nas tábua, punha outra tábua em cima, porque não podia amassar. Porque era barro mole, não tão mole... ficava um barro molinho que... aí tinha que ter cuidado para não sair o tijolo torto. Aí a gente punha a tampa e depois com cuidado punha no engradado, aí fazia aquelas... engradado que ia embora assim... todos... uns de assim... outros de assim... assim que a gente fazia, tudo engradadinho, não um em cima do outro, tudo bem... pra ele secar. E aí tinha o forno que queimava, depois de seco, tinha o tempo de secar também. Depois de seco nós fazíamos isso, eu e minhas primas, carrinho de mão, com ele seco, era levado para um... um casarão... um caramanchão muito grande fechado aonde o fogo por baixo, os tijolo tudo em cima, que isso que meus primos que faziam, os homens. Os homens faziam, para subir lá né? Punham todos tijolo em cima, fogo em baixo e queimava os tijolo, saía vermelhinho, sequinho e depois vinha os caminhão buscar. Carregava os carrinho. Aí tinha os carrinho, que nem esses carrinho de mão. Colocava tudo eles arrumadinho que já tavam seco, que ele iam depois para queimar. Punha todos arrumadinhos, não que a gente enchesse o carrinho com peso... não, nem podia carregar, mas o suficiente para poder carregar eu e minhas primas, a gente carregava os carrinhos, levava na boca do forno aonde já tinham meus primos e eles emparedavam lá dentro e depois punham o fogo e ficavam duas noites... um dia e uma noite com fogo lá pra queimar todo aqueles tijolo. Depois tiravam de lá e nós emparedávamos

depois um em cima do outro, fazia umas pilhas grande, que aí já tavam seco. E aí vinham os caminhões pegar.

Fotografia 58. Esmeralda com o noivo na casa da mãe. Fonte: arquivo pessoal.

Ficavam com as mãos grossa porque trabalhava, mas eram brancas, eram branquinhas. A gente não podia queimar. Não machucava nada. E não tinha muita fumaça porque era grande, inclusive eu tenho a foto, o barracãozinho como era. Lindo, lindo. Sempre me dá muitas saudades. Você sabe que quando eu saio... que eu saio muito, ando pra caramba... aqui eu venho e fico pouco tempo e eu passeio para caramba... às vezes eu vou na Santa Casa, lá é feito de tijolo, de tijolo à vista e eu vou lá e fico doida vendo a Santa Casa... eu fico recordando e talvez... não sei se era do meu tijolo... porque os tijolos, eles... os caminhões vinham buscar para fazer São Paulo, Penha... eu sempre falo se eu fiz um tijolinho desse da Santa Casa, eu trabalhava de menina, alguns são cobertos de reboque, alguns são à vista, tem alguns imóveis bonitos, coisas bonitas de tijolo à vista, ainda se faz, o

tijolo é bonito. Às vezes eu falo: “Poxa, algum tijolinho daqui será que foi eu que fiz? Não?” Ai, eu me encanto, eu acho lindo.

Eu dava muito bem com esse trabalho... ficava cansada, era um trabalho pesado. A canseira a gente tinha sim, mas veja bem... não era uma canseira que nos entristecia ou que deixava a gente revoltado... nada... porque não tinha escolha... não tinha escolha... não adiantava achar ruim, precisava ganhar o pão, precisava comer. Encarava aquilo e era muito feliz. Quinta-feira passada eu fui passar o dia com ela, essa minha prima. Então passei a tarde com ela, fui almoçar com ela... era uma delícia a gente recordar... a gente tomava banho junto só de calcinha nos rio, ninguém via... porque não tinha ninguém. Às vezes só de calcinha... dava mergulho mesmo sabe?

Aí eu fui... já tinha quatorze anos e na olaria a gente ganhava muito pouco... pagavam muito pouco mesmo sendo meu tio, pagava pouco né? Não é porque eu era parente que ele ia pagar... a gente ganhava pouco. Aí a minha mãe falou que não tinha onde trabalhar ali... olaria ou empregada... a minha mãe falou assim: “Você ta com quatorze pra quinze anos, então você tem que morar lá... (que era irmã do meu pai). Você tem que morar lá na tia Lola porque lá você vai poder trabalhar.” E de fato fui morar com minha tia e trabalhar na fábrica... ganhava bem... trabalhava muito... mas já era um trabalho diferente... mais leve. Entrava sete e meia e saía as cinco horas. Na fábrica, na Matarazzo, a gente trabalhava por produção, não era por hora, tinha que produzir para ganhar. Eu era tecelã, tinha o tear... que hoje eu acho que é tudo diferente, é mais automático hoje... tinha uns... eu tocava o tear. Tinha que produzir muito. Era por produção, eu entrava sete e meia, mas eu para ganhar mais eu entrava mais cedo, porque podia entrar a hora que quisesse, para picar o cartão era sete e meia. Porque era o horário de entrada, mas a gente podia entrar seis horas se quisesse, era por produção, quanto mais fazia, mais ganhava. Então às vezes eu entrava as seis, seis e meia, que eu tinha que sustentar meus pais que eram pobrezinhos.

Saí com vinte anos para casar, aí parei de trabalhar, casei com um homem maravilhoso, lindo, maravilhoso. E saí com vinte anos da fábrica, casei e fui morar com a sogra... era uma casa... a minha sogra tinha feito uma casa nova... uma casa boa e nós fomos morar, eu, minha sogra, a mãe dela, a minha cunhada que já tinha casado, o marido... tudo numa casa só, tudo junto... Eu conheci o meu marido no bonde... eu tinha dezessete anos e pouco e pegava o bonde na Penha e descia no Brás, a Maria Ângela é no Brás. Até de vez em quando meus filhos me levam lá para matar a saudade... eles me leva... hoje não é mais nada... não tem nada... mais fábrica... o prédio continua, pegava um quarteirão o Matarazzo. Eu tomava o bonde também.

Meu marido era entalhador, de madeira. Ele fazia coisas bonitas, fazia móveis, umas camas, cadeiras, tudo trabalhado, era entalhador. Ele trabalhava no Belém, no Belenzinho. E aí eu morava na Penha, ali perto. E aí, as mulheres ficavam dentro do bonde. A gente ficava de pé ou sentada, mais mulheres e homens também, tinha homem que sentava ali também. E os homens ficavam ali pendurados, os bondes vinham cheios. E a gente se conheceu ali... eu olhava para ele... ele olhava para mim... aí começamos a namorar ali. Naquele tempo eles vinham conversar com a gente, se a gente aceitava namorar... e a primeira vez que ele veio falar comigo... eu não era muito de namoro... eu não era namoradeira, tinha pretendente, claro. Uma moça direita, bonitinha, que era bonitinha, não era feia... tinha pretendente e eu nunca queria nada. E ele veio falar comigo, o meu marido e eu falei não para ele. Nossa! Quase que ele me joga. Tinha uma escadinha, um puxado assim que ele veio falar comigo para namorar, num sei porque eu falei não. E ele era um homem de muita personalidade... personalidade forte, não era boboca. Quase que ele me joga de um barranquinho. Ele não gostou, achou muito ruim e falei que ia pensar e ele falou: “Poxa, você me dá bola. A gente se olha. Você parecia me aceitar, agora eu venho falar com você e você me diz: Não, eu vou pensar.” Eu não falei não, eu falei que ia pensar um pouco. Tinha uma vida de muita responsabilidade com os meus pais, tinha que ajudar meus pais. Não era uma vida fácil. Aí depois a gente se via de novo né? Eu tava no bonde... e ele olhava... olhava... aí veio falar comigo. Aí ele veio de novo... era destino né? Aí aceitei e casamos.

Aqui nesta foto éramos noivos. Aí era onde morava minha mãe. Minha mãe morava... a casinha dela tá mais para cá e um dia a gente foi lá, nós dois para conhecer minha mãe. A gente ia de vez em quando para ver minha mãe e ele ia comigo... ele ia... foi um dia especial porque era difícil a gente ir lá, uma vez ou outra a gente ia na minha mãe, porque era tudo mato e uma mocinha com o namorado ia pro mato? Não ia pro mato... a gente ia mas com todo respeito, tinha nada de vai para o mato e vai fazer alguma coisa. Eu namorei três anos com ele, com o João, eu namorei três anos. Aí eu casei com vinte anos e ele com vinte e quatro, ele era quatro anos mais velho que eu.

Todos filhos de italiano. Os meus filhos, eles são italiano mesmo, e eu sou de família italiana e o João também de família italiana, não tem mistura, não tem mistura, tudo italiano. Era tudo igual, cada nacionalidade tem o seu costume, então a gente era tudo italiano, eles tudo italiano, não teve problema não.

Quando nós casamos ele não me deixou trabalhar... voltar a trabalhar porque eu gostava de trabalhar e de ganhar dinheiro, era bom. Aí eu gostaria de trabalhar e ele falou:

“Não, mulher minha não trabalha.” Ficava em casa cuidando de tudo, aí logo engravidei, tenho uma filha com setenta e dois ano, a mais velha a Marta. Casei com vinte anos e logo engravidei e cuidei de filho, da casa, de filho, ajudava eles... na coisa da casa, lavar roupa... sempre fui dona de casa e nunca mais trabalhei... é o trabalho mais chato que trabalhar fora né? Uma dona de casa não é isso... é fazer comida, lavar roupa, limpar a casa, encerar... naquele tempo tinha que encerar, passar o escovão. É diferente, era chato né? Hoje eu amo ser dona de casa, hoje eu não faço nada né? Tenho empregada, faço nada hoje. Faço por *hobbie*, amo cozinhar. Eu fui conhecer a liberdade depois que eu fiquei viúva. Porque quando eu era moça, menina, era pai, era mãe, menino, tia... não tinha liberdade, casei tem que respeitar marido, quem é casada não tem liberdade.

Me sentia bonitinha. Meu corpo era bonito, sempre tive corpo bonito. Bem feito. Magra. Sempre assim, elegante, bonita. Até hoje eu não sou gorda, nunca fui gorda. Fui gorda há uns anos atrás, faz tempo já, eu engordei um pouquinho, eu fui ao médico, fiz um regime e emagreci, fiquei bem e não volto mais a ser gorda. Tive quatro filhos. Mudou sim, eu tinha um corpinho bonito, corpo bonito... aí eu engravidei da Marta... assim... Casei dia primeiro de janeiro, a Marta nasceu dia oito de novembro, faz a continha aí, aquele tempo ninguém fazia sexo antes do casamento, as que faziam... algumas faziam mas era fuá, eram fuá. Então a gente tinha muito cuidado, não se tinha liberdades não... tinha liberdade de beijinho, uma coisinha, mas tudo...

Ah, o corpo... quando eu engravidei, eu era vaidosa com o corpo, porque aquele tempo tínhamos os filmes de *Hollywood*, eu sempre frequentei cinema desde os doze anos, porque eu morava com a minha tia. Minha tia me mimava muito então eu ia no cinema, com treze, quatorze anos eu ia no cinema. E as mulheres eram lindas, as artistas, eram lindas... daquele tempo... elegantes, com as roupas lindas... e a gente também gostaria de ser como elas, a gente assistia aqueles filmes lindos né? E então eu nunca tive tendência de ser gorda, sempre fui magra. Quando eu engravidei eu não gostei, ficar gorda, ficar manchada... eu sofri muito com a Marta, tive muito enjoo. Foi um cacete. Não gostava de ficar grávida né? Mas fiquei de quatro. Eu nunca gostei de ficar grávida, mas gostava de ter filhos né? Mas modifica o corpo, modifica, claro... mas a gente se enfeitava, punha sainha assim... mais rodada, coisa para não aparecer muita gordurinha, as coisas... sempre fui vaidosa com o corpo. Até hoje... não tenho muita barriga, vejo o pessoal falar: “Nossa você tá bem, você não parece que tem oitenta anos.” Modifica, mas eu voltava ao normal, mas não era rápido não, mas como a gente tinha uma vida também muito brava, muito assim... lavava roupa no tanque, encerava o chão, abaixava... não ficava muito feia não. A gente

ficava bonitinha, de tanta atividade que a gente tinha né? Depois que eu tinha filho me preocupava sim, não gostava de ficar tudo esmolengada assim não... não gostava até hoje não gosto. Não fazia nada... trabalho... trabalho... trabalho... não tinha máquina de lavar roupa, fogão era carvão.

Meu marido era entalhador, aí ele logo que nós casamos, entalhador tava ganhando muito pouco, ele trabalhava no Belenzinho... acho que um ano ele foi ser vendedor, ele vendia cera e depois foi vender artigos de salame, é... linguiça... trabalhou muitos anos de vendedor até quando nós mudamos para São Bernardo ele fazia isso. Depois que ele saiu do emprego dele... era muito longe, sabe? Ele vinha com o sapato furado de tanto andar, porque vendedor anda, vai no cliente aqui, outro lá, ele andava o dia inteiro para vender. Foi em São Bernardo que nós crescemos em nossa vida. Depois ele saiu de vendedor e ele montou uma firma que foi um grande sucesso na vida nossa. Ele empacotava arroz, feijão e envasava óleo... compramos um imóvel grande na Avenida Anchieta. Na minha vida foi um pulo da noite para o dia, mas me acostumei muito bem com essa vida. Quando nós começamos a crescer, claro que veio o luxo. Construimos uma casa muito linda em São Bernardo, uma casa linda. Era tão linda a casa, num bairro chic e eu sempre fui uma mulher muito simples... até hoje eu sou desse jeito, e eu tava varrendo o meu quintal... com a vassoura varrendo... parou uma pessoa e falou assim para mim... ele vendia livros... ele falou assim: “Você me faz um favor de chamar a sua patroa?” e eu falei: “A minha patroa saiu.” Era eu né? Eu adorava, varrendo lá... mal sabia... a patroa era eu né? E os carros mais lindos eram meus, tive carros lindíssimos... tenho foto dos meus carros.

Nessa foto eu tinha... um... eu acho que eu tinha... uns quarenta e cinco. Aqui eu já era casada. Uns trinta e cinco quarenta. Aqui mudou toda a minha vida. A Marta e o Marcos já eram grandes. Ainda não dirigia quando mudei para São Bernardo... depois que eu aprendi a dirigir, aí eu já morava no centro de São Bernardo. Depois eles iam na escola direitinho. Depois eu mudei, nós fizemos uma casa lindíssima, depois do centro eu fui morar num bairro lindo. Aí fizemos uma casa muito linda e meu marido era assim, como a gente prosperou ele queria sempre mais, então fiz essa casa linda, tudo novo. Ficamos acho que dez, doze anos ali... aí fizeram um apartamento de luxo que chamava “Gaiola de Ouro”. Que morava só os que tinha dinheiro. Mas a gente não era tão rico assim, não era, mas tava bem né? Ele vendeu a casa e fomos morar no apartamento... tudo novo... tudo lindo... maravilhoso... morei onze anos lá... fizeram outro apartamento, um outro novo, mais chic ainda e ele foi lá... comprou novo... lindíssimo também... aí moramos lá uns dez anos... aí vendemos... aí ele quis morar no Arujá. É a casa que eu moro hoje. Aí eu falei para ele:

“Podemos construir no Arujá, mas eu não quero caseiro, eu quero uma casa não grande, que eu quero cuidar, que eu gosto”. Aí ele fez a minha vontade. Ele fez uma casa, não é grande, não é pequena, uma casa muito boa. E lá eu reino pra caramba. E ele... judiação... ficou dois anos e um mês, e dois meses e ele morreu... nem aproveitou a casa. Não sei ele trabalhou muito, ou se era ansioso... ele tinha um pouco de depressão.

Fotografia 59. Esmeralda aos 45 anos. Fonte: arquivo pessoal.

Às vezes eu fico nervosa, às vezes quem tem filho, quem tem saco de filho... você não tem filho ainda... filho enche o saco... são lindos... tenho quatro... mas não são os melhores do mundo nem os piores. Mas tem horas que enche o saco... enche... aí eu fico nervosa com alguma coisa e logo aparece uma mancha... fica manchado, uma coisa preta... eu já me acostumei com isso, se eu fico nervosa já fico olhando... só no braço dá... o corpo... Você sabe que o corpo fala?

Mudança nenhuma, eu posso ser a mulher mais rica do mundo... eu não vou mudar nada na minha vida. Sempre simplesinha, porque a felicidade tá na simplicidade, não tá no luxo... eu saio... eu vou... ando São Paulo inteirinho sem nada, olha. Nunca me aconteceu. Nunca me roubaram nada, nem assaltada, nada... eu ando sempre simples. Não ando com nada, não levo nada... bolsinha, compro bolsinha baratinha... tudo... sapatinho baratinho...

mas eu nunca mudei, sempre fui assim desde moça, tinha vaidade, claro. Mas era uma vaidade simples. Hoje eu também sou vaidosa, mas é uma vaidade simples. Num é nada de coisa... não uso brinco, nada.

Quando eu comecei a ficar bem, nesse carro lindo eu andava mais arrumadinha, não de luxo, mas bem arrumadinha. Bem arrumada era uma roupa melhor. A gente tinha muita amizade em São Bernardo. A gente conhecia muita gente... um dia eu tinha esse carro... mas eu andava simplesinha, muito simples.... aí um dia eu parei na frente da loja do Nazuri e ele tava na porta. Ele vendia, as riquezas tudo comprava dele. Eu estacionei meu carro na frente da loja dele. Desci do carro, ele falou assim para mim: “Esmeralda, você nessa carro tá parecendo motorista, você parece empregada.” Porque as roupinhas simples, não era rapeira. Aí eu falei: “Você acha Oswaldo?” “Nossa você não combina nesse carro.” Eu achei um pouco ruim, porque eu nem tinha imaginado né? Num ligava para essas coisas. Aí eu cheguei em casa e contei para o João, ele era um homem vaidoso. E ele falou: “Bom, o culpado é você, você não liga. Você só usa roupa simples.” Mas ele foi sem vergonha... malandro né? Depois fiquei cliente dele, comprava lá sempre. Fui lá e comprei umas roupinhas, não de luxo, não gosto de luxo, mas bem arrumada, bonita. Eu me gostei, ia na cabeleireira toda semana... arrumava o cabelo, me depilava... quando a gente é moça a gente tem pelo, hoje eu não tenho pelo nenhum. Era vaidosa sim, aí eu conheci um pouco de vaidade do corpo, não de luxo, de ostentar, mas do corpo sim... eu gosto do pijama velho que é gostoso... sapatinho velho que ando bastante com ele.

Eu saio São Paulo inteiro e digo para você, eu não saio para ser vista, eu saio para ver. Eu vejo tudo... ninguém me vê porque eu não tenho nada para ostentar, tenho roupa simples, sapato simples. Você pode usar roupas bonitas, o que não pode é ostentar, nós vivemos no Brasil, nós não podemos ostentar, você sai na rua quanta gente pobre tem... você sai cheia de joia, cheia de coisa... não combina... até injusto. O ser simples é assim, é muito gostoso viver a simplicidade... quando eu saio na rua simples... tem mais comunicação com as pessoas. Às vezes eu vou aqui na Oscar Freire e tem coisas lindíssimas, num compro nada. Se você vê uma pessoa chiquíssima... você vê aquela mulher tem até receio de chegar perto. E eu saio na rua é lindo... às vezes eu tô na rua para atravessar... tudo bem que tem esse cabelinho branco que é uma coisa muito boa... aí as pessoas pegam no meu braço e falam: “A senhora pega no meu braço para a senhora atravessar a rua.” Se vai com luxo as pessoa tem receio de chegar. Às vezes as minhas amigas falam assim: “Ah Esmeralda, você devia pintar esse cabelo. Você remoça, fica bonita. Pinta o cabelo.” E eu falo: “Eu não vou pintar esse cabelo nunca, é a coisa mais linda! É a minha carteira de identidade.” Eu subo no

metrô e as pessoas já dão lugar. Agora para gente nova ninguém dá muita confiança. Por ser mulher simples, cabelinho branco, sempre sou bem... não tem desrespeito... uma coisa agressiva... nada...

Você sabe que a gente nota essas coisas... talvez você tá entrevistando uma pessoa diferente né? Claro que as rugas aparecem, quando a gente é nova não tem, quando a gente envelhece vai aparecendo. Mas eu nunca preoquei com isso. A vida vai nos consumindo então não dá tempo de você ficar... olhando ruguinha... a não ser que seja pessoa muito vaidosa. A gente tá envelhecendo... menina... chega tão rápido. Às vezes eu olho no espelho e falo assim: “Meu Deus, mas eu tenho oitenta e dois anos!” E tô bem, tenho saúde, tô ótima, sou feliz, sou alegre. Então a velhice não para falar, para ensinar para as pessoas, eu acho que é da pessoa. Cada um envelhece de uma maneira. É uma luta que você não pode lutar contra, ela vem... se você não morre fica velho. Agora tem que cuidar... quando vem alguma coisa... e tem as coisas... que nem eu tô simples, mas uso as coisas para me deixar mais bonita... eu uso um xampu bonito porque eu gosto do meu cabelo brilhando. E se cuidar dentro da nossa idade. Eu não posso usar vestido curtinho, Maria Chiquinha. Pode? Num pode. A gente tem que se assumir com a nossa idade. Mas o assumir não é fácil não. As minhas amigas dizem assim: “Eu gosto tanto do seu cabelo, que ele é branco, bem cuidado. Eu gostaria... eu tô cheia de pintar cabelo, eu gostaria de deixar branco. Mas eu não consigo, porque quando começa a manchinha branca aqui eu vou no cabeleireiro, ou eu mesmo pinto. Eu não admito aquele cabelo branco.” Eu tingia também, eu já tenho uns vinte e cinco anos de cabelo branco. Porque eu fiquei com o cabelo branco nova. Eu tinha trinta anos e já tinha cabelo branco. A questão de deixar o cabelo branco, nós temos que admitir que estamos envelhecendo, mas isso é... essa aceitação não são todo mundo, porque eu já vi mulheres de noventa anos com o cabelinho pintadinho. Elas são lindas também. Eu falo com as minhas amigas: “Não deixem o cabelo branco enquanto vocês não se aceitarem.” Tem que aceitar, saber que a idade vem. Ela vem sozinha, com o espelho, você se olha. Aí o cabelo começa a ficar branquinho e não é fácil... ele vem devagar. Não é fácil para deixar o cabelo branco. Porque você não pode... você pinta o cabelo de castanho e de repente aparece de cabelo branco. Tem transição, tem aceitação, tem tudo aquilo. É uma delícia a aceitação da nossa velhice, do nosso cabelo branco. Então é assim, eu sento no metrô, daí eu sento e fico lá quietinha. Aí senta uma mulher com uma criança, de dois, três, quatro anos. Aí ela fica olhando para mim, olhando o cabelo branquinho... Sabe o que é? Muito raro pessoas de cabelo branco, eles se encantam. Eu acho que pensam: “Será que é a

Mamãe Noel? Será que é fada?” Eu me divirto. As avós hoje, quase nenhuma tem cabelo branco, então eles não conhecem cabelo branco.

O rosto muda, lógico que muda... eu fico usando as coisas. Muda para mim, muda para todo mundo, para minhas filhas. A gente sempre gravava festa, tudo. E tenho as fitas aí, são lindas, elas novinhas, quatorze anos... hoje elas tem cinquenta e três anos... não tem nada a ver com antes, é uma diferença grande. Porque a gente se aceita na nossa idade... fica feia... fica com ruguinha... cai o peitinho... cai tudo. Põe o sutiã, segura e fica bonitinho. É o que dá para fazer, mas quando a gente vai no espelho, tira e cai tudo né? Mas quando a gente tem aceitação fica mais fácil, porque vai cair para todas né? Claro que tem que arrumar bonita, né? Uma velhinha mais ou menos arrumadinha, senão fica ruim né? Já é velho e coisa? É feio. Se arruma bonitinha. Mas a gente já não tem mais preocupação né? Quando a gente é moça pinta cabelo, depila, puxa tudo... agora não tem mais nada... fica livre. Outra coisa boa é que a gente pode ser espontâneo, eu falo tudo que quero... pode... se alguma pessoa não gosta muito falam: “Ah, ela tem idade, não vai se incomodar.”

Fotografia 60. Esmeralda fantasiada de cigana em festa de aniversário. Fonte: arquivo pessoal.

Eu me vejo bem bonitinha... ah eu me gosto... essa aqui foi numa festa, ela fez aniversário a freira (amiga fantasiada de freira). Foi uma festa, nós fomos tudo fantasiada. Essa roupa era da Marta, porque a Marta era gordinha, eu sou magra e a roupa ficou meio grandona. Mas eu acho bonitinha, eu gosto. O cabelinho branco, aí amarraram. A Marta amarrou uma... eu acho que é um lenço, não sei o que é.

Hoje eu tenho a vida que eu pedi a Deus, adoro. Eu tô vivendo os melhores dias da minha vida. Assim... pela independência financeira, principalmente, eu acho que quem não tem independência financeira... eu não sei se é bom... eu acho que não é muito bom... eu gosto de cozinhar, eu saio faço as minhas compras, compro tudo que eu quero, aí eu venho em casa. E eu tenho a Vera que me ajuda. Então eu faço comida para os quatro (filhos). Eles recebem toda comida prontinha, as coisas gostosas. E lá no Arujá, além de sair com as minhas amigas, eu cozinho. E eu venho sexta-feira para São Paulo só para passear, terça-feira eu vou embora, ou segunda, só quando eu quero, se eu quiser ficar a semana inteira eu fico. Não tenho nada que me prende, a não ser o compromisso com as pessoas que eu amo, meus amigos. Em São Paulo eu vou ao cinema, teatro, saio muito de ônibus, metrô. Adoro cozinhar, a mesa é o centro do mundo. Pensa? É o centro do mundo, ninguém vive sem comer. É lindo né?

Eu adoro quando você fala você, eu não gosto que me chamem de senhora. Aí eu falo com as pessoas: “Não me chamem de senhora, cada vez que você me chama de senhora eu envelheço uns três anos.” Você é mais gostoso. Envelhecer tem uma beleza sim, da idade, da sabedoria porque viveu, e isso não quer dizer que uma pessoa com a minha idade sabe tudo. Eu vou te convidar para a minha festa de cem anos e eu vou ter cem anos aprendendo, eu quero aprender sempre.

LOURDES

Fotografia 61. Lourdes no jardim de casa aos 14 anos. Fonte: arquivo pessoal.

Eu nasci em Santos em 1934. Olha antes de vir para São Paulo nós fomos para o Rio de Janeiro, parecíamos ciganos. Meu pai cismou de ir trabalhar no Rio de Janeiro, e eu fui para lá eu tava com... meu irmão tava com um ano e pouco, ele tinha começado a andar... Aí fomos para lá, para o Rio de Janeiro. Depois ficamos lá... eu não lembro, depois a minha outra irmã nasceu lá. E ela era seis anos... era... agora ela já faleceu. Ela era seis anos mais nova que eu. Nós fomos em seis irmãos. Aí voltamos para Santos, aí depois voltamos para São Paulo, aí é que voltamos para São Paulo. E ficamos aqui até... acho que eu tinha... quando eu tinha sete anos aí eu já tava em Santos que foi meu primeiro colegial, eu comecei o primeiro ano lá em Santos. E depois, só aquele ano. Depois no ano seguinte, nós tínhamos ido para São Paulo antes de eu terminar o ano lá. Aí minha mãe me matriculou mas eu não fiz do começo aqui em São Paulo, lá no Braz onde a gente morava. Eu tava na terceira série e fomos para Santos de novo. Isso daí me atrapalhava o estudo. Mas no terceiro ano a professora lá já tinha dado coisa, e eu fui para lá depois da metade do ano. Ela tinha dado coisa que eu não tinha... teve férias aqui... tinha coisa que eu não tinha aprendido já. Ela ainda falava... era uma professora boazinha... fala para mim que eu não ia passar de ano. E cada vez falando, falando... E eu disse: “Eu vou passar sim, eu vou passar!” E passei! Depois fomos para o Rio de Janeiro outra vez ainda. Aí viemos para São Paulo e eu tinha... quando nós viemos do Rio de Janeiro eu fui morar na Vila Matilde. É, depois que eu falei que tava com quatorze anos, que eu fui trabalhar eu morava na Vila Matilde. E aí nós ficamos aqui em São Paulo. Depois meu pai ainda foi, mas eu já trabalhava e já tinha quinze anos, dezesseis e meu irmão também já tava trabalhando. Então nós falamos: “Você vai, nós não vamos deixar de trabalhar para ir para lá.” Você não sabe nada... depois que eu casei continuou a minha vida cigana! Eu falei para ele (marido), ele tinha um violino. Eu falei: “Vamos comprar uma carroça? Porque assim eu aprendo a tirar a carta e nós vamos... não precisa mais nada, nós vamos de uma vez.” Porque minha vida foi sempre assim: para lá, para cá, para lá, para cá. Casei, nos mudamos... Quantas vezes? Dezoito? Não sei... Nós chegamos a ir para o interior também. Foi um romance...

Ah a vida era boa, mas era ruim, que nem eu tinha que ir na escola. A gente era diferente, a gente muda muito. Eu fui numa porção de escolas. E vai e volta. Então quando a gente tá começando a acertar ali, pronto já mudava né? E mesmo para ter amizade já era a mesma coisa. Mas eu levava numa boa né? Só que a minha mãe era muito doente, ela tinha uma bronquite asmática e eu cuidava mais dos meus irmãos. Éramos seis. E tinha mais uma irmã que nasceu, depois mais um irmão também. E uma irmã caçula.

Eu gostava de ser criança, porque eu tinha quatorze anos e você acredita que eu brincava? Eu tava no Rio de Janeiro... eu cuidava dos meus irmãos, mas eu brincava mais do que eles. Além de brincar eu cuidava deles. Então lá como era muito calor, minha mãe como era muito doente. Mas meu pai sempre ganhava bem quando ia para o Rio de Janeiro, ele sempre gostava. Então ela deixava o dinheiro por minha conta e eu podia comprar o que quisesse para mim e para os meninos, para as crianças. E aquele calor danado e a gente gostava muito de ou comer jaca, uma coisa assim, coisa assim né? Mas nós morávamos no mesmo quintal com uma... ele era primo da minha mãe quando nós fomos pro Rio moramos lá no mesmo quintal que eles. E tinha a esposa dele que era muito... tudo para ela fazia mal. Então ela não deixava os filhos dela nem a gente... e ficava sempre: “Não pode comer isso, não pode isso! Não pode aquilo!” Aí a minha mãe falava assim: “Você vai e compra escondido.” Aí eu levava os filhos dela e meus irmãos para uma construção do lado e a gente ia escondido lá! Bom né? Por isso que eu falo para você, eu era muito criança apesar de ter responsabilidade, eu gostava de ser criança e não tinha vontade de crescer. E nossa vida era assim... e à noite principalmente lá não tinha iluminação e também a rua não era calçada, tinha uma graminha, um matinho lá na frente da casa, então o que eu fazia? Íamos a um barzinho lá perto e comprava Guaraná, para todos os meus irmãos e os filhos dela. Ficávamos bebendo escondido dela lá. Só que eles iam pegar o abridor... era dela. Uma vez perdemos. E para achar depois? Então era assim, umas coisas bem crianças que eu fazia, mas eu gostava.

Com 14 (anos) eu morava na Casa Verde, estava com 14 anos, comecei a trabalhar porque eu fiz só o primário antigo, 4 anos né? E aí eu não estudei mais. Comecei numa profissão que primeiro fui numa fábrica de tecelagem, não gostei, era fábrica, não gostei. Aí depois... antes eu morava lá na Vila Matilde, quando eu trabalhei lá na fábrica. Era Tatuapé, lá na Matarazzo, muito grande, uma tecelagem. E depois eu mudei para Casa Verde e aí fui numa cartonagem. Mas era fábrica e eu não queria uma fábrica assim. Eu achava um ambiente muito ruim, muito sei lá... Porque era misturado, homem e mulher e eu tava só com 14 anos. Então não achava aquele ambiente gostoso, não achava. Aí por intermédio de uma amiga que morava perto, ela já costurava, mas costurava em casa. E eu queria costura, alguma coisa assim, porque costurar assim eu aprendi com a minha mãe alguma coisinha, mas assim, costurar à mão, um bordado. Então eu preferia costura né? E ela disse: “Ah se você quiser eu te levo e a gente vê se acha alguma coisa para você.”. E eu disse: “Que seja alguma coisa a mão que eu sei mais ou menos costurar alguma coisa à mão.”. Aí fomos, procuramos e só achava coisa assim... ali na José Paulino mesmo, naquelas

oficinas grandes com máquina industrial. E mal entrava já queriam que ficassem, ensinavam. Estavam precisando. Aí eu fiquei preocupada e disse: “Não, eu quero uma coisa à mão, não tô acostumada com máquina.”. E coisa assim né? Até que achamos uma oficina pequenininha de um amigo dela que era vendedor numa daquelas lojas. A loja dele mandava fazer os casacos nessa oficina né? E aí nós fomos lá e no dia seguinte comecei a trabalhar. Feliz da vida. E era uma oficina. Aí era só à mão, só coisa pequenininha. Tinha uma que era mais nova que eu nesse tempo, tinha umas quatro pessoas mais, então as outras eram na máquina. E eu e ela à mão né? Que fazíamos as coisas à mão. Daí depois como foi saindo pessoas, foi mudando, eu sei que quando eu tava com 17 anos, não eu tava com... acho que estava com 15... com 15 anos eu estava. Eu, aí eu fui para máquina, eu aprendi, mas aí eu tava interessada. E como eu ficava lá para almoçar, porque 1 hora para eu ir em casa era bem perto, mas tinha condução, então tinha que ser uma coisa muito corrida, 1 hora só. Aí eu levava comida, ou então meu irmão levava para mim, porque ele era mais novo do que eu. Não trabalhava e levava meu almoço. E aí na hora do almoço, eu falei com o meu chefe, o dono da oficina se ele deixava eu ir treinando na máquina tinha uns retalhinhos que sobrava. Aí ele adorou né? Porque assim ele já sabia que ia me por né? Aí aprendi a costurar a costura reta. Aí depois quando tinha uma vaga eu fui mesmo costurar e fiquei depois até casar. Porque depois não ia trabalhar né? Então naquele não trabalhava. Agora eu falo para ele que se eu soubesse eu tinha continuado a trabalhar. Ah eu gostei da mudança, gostei demais porque eu aprendi. Tudo que eu aprendi lá na oficina, mesmo que à mão... porque coisa que eu... sabia costurar mas não sabia as mangas, as coisas assim do chuleado que eu fazia. Então fiquei até casar. Ia fazer, tinha 20 anos quando eu casei.

Você sabe que eu não me importava muito com o corpo? Eu não queria crescer... aí para mim foi a pior coisa do mundo. Eu não gostei... Mas eu não era assim, eu não tinha essa vontade. Eu não queria crescer, sei lá, eu achava isso ruim, para mim foi. Eu achei ruim. Não tinha vaidade sabe? Não eu nunca me achei, ah sei lá... não gostei nem um pouco da adolescência. Não acontece que minhas colegas tinham uma pressa de casar, uma pressa de namorar... eu tinha dezoito anos e não tinha namorado ainda. E não tinha vontade mesmo.

Eu conheci ele com dezoito, é porque depois de dezoito... eu ia numa mocidade espírita. Nós somos espíritas. Tinha uns que me achavam bonita só que eu não percebia nada disso, não percebia que tinha menino interessado, se não tinha, para mim não me interessava. Aí tinha um que perguntava se eu queria namorar e eu dizia: “Não, porque se a gente namorar e não der certo depois um acaba saindo ou o outro.” Então eu não queria

misturar as coisas, mas as que eram minhas amigas ficavam picadas porque elas estavam interessadas nos rapazes e achavam que eles não se interessavam por elas por minha causa. Então de tanto eu ouvir besteira, assim sem noções. Eu disse: “Não, eu vou namorar e fazer questão de levar lá para elas ficarem sossegadas e depois eu desmancho.” E depois na Igreja eles sempre faziam um parquinho, antigamente tinha bastante disso, então era uma diversão. Eu não ia sozinha porque não me interessava andar sozinha. E lá no parquinho às vezes eu saía com a minha irmã para dar uma volta né? Aí eu pensei, aqui eu acho que é fácil de arrumar né? Eu vou olhar dessa vez e dar uma chance... quem sabe? Mas eu pensava de arrumar um namorado para levar lá para elas pararem com o ciúme. E foi o que eu fiz... mas eu não sabia que era tão fácil... não sabia porque eu nunca tinha namorado. Eu pensei, se eu olhar para alguém e se ele me olhar... e foi o que aconteceu.

Eu conheci o meu marido... Nós mudamos para São Paulo, morávamos pertinho e não nos conhecíamos. Aí o irmão dele levou e ele já se interessou por mim. Depois nesse tempo que nasceu minha irmã caçula. Depois que ela nasceu, nossa! Eu fiquei tão encantada com um bebê em casa que eu não queria nem sair de casa porque só tinha o fim de semana para ficar com ela. E fiquei um temporada sem ir né? E depois conversando... Eu não sei o que que minha mãe falou. Então eu namorei esse rapazinho e depois eu namorei um outro e eu disse: “Chega!” Aí eu falei para minha mãe: “Ah mãe eu não quero namorar não!” depois elas viram que se eu quisesse eu namoro, então eu não vou me preocupar com isso não. Aí só quando chegar o príncipe encantado é que eu vou namorar. Aí minha irmã falou: “O Henrique bem que fica olhando para você!” E eu: “Ah, eu não percebi.” Ela disse: “É... você não vê, mas que fica, fica...” Aí ela falou, falou, falou. Eu acho que ela tava querendo voltar na mocidade que era o único lugar que a gente saía. E ela disse: “Vamos amanhã que você vai ver.” Aí eu disse: “Eu vou só porque você tá falando, mas eu não acredito não.” Eu cheguei lá e ele já tinha falado com a que depois foi minha cunhada que casou com o irmão dele. E uma outra... veio me perguntar se eu namorava. Eu disse que não. Então foi assim, aí quando elas falaram que ele tinha perguntado e eu disse: “Não, não namoro.” Aí elas juntaram... então sei que foi assim que eu comecei a conversar com ele. E assim fomos.

Aí eu tinha dezoito. Eu tirei essa foto pouco antes de conhecer ele. Essa foto é bem diferente. Eu estou com oitenta e um e me casei com vinte. Assim eu não saía de casa, eu só ia na mocidade. Porque meus pais eram muito de não deixar. Não, antes disso eu ia sim, eu ia muito para Santos, mas meu pai até tinha que tirar autorização para poder ir. Então ele tirava e eu ia porque tinha minha avó e eu tinha uma tia que era mais nova que eu. Era do mesmo ano, só que ela fazia em abril e eu fazia em setembro. Então como tínhamos a

mesma idade minha avó levava ela. Mesmo no carnaval tinha a Portuguesa, o campo né? E eles eram sócios, então a gente ia lá pular carnaval. E eu fui dois anos só porque meu pai também não deixava. E lá era porque minha avó levava a gente, porque era só atravessar e já tava perto né?

Fotografia 62. Lourdes jovem. Fonte: arquivo pessoal.

Então o único lugar que eu ia assim que eu podia. Então assim na mocidade eles faziam piquenique, uma vez vieram aqui no Pico (do Jaraguá) e subiram, mas meu pai não

deixou. Eram assim não podia sair. Desde de que nós ficamos noivos, você pensa que podia sair? Nós saímos sozinhos uma vez só. E mesmo assim porque a mãe dele ficou de ir junto, lá na casa do irmão dele lá na Liberdade. Aí na hora que eles vieram, veio ele, a minha... meu cunhado... mas nem era noivo ainda e a... que era da mocidade, a Ivete... eles chegaram lá em casa para a gente ir para a casa do irmão dele. A minha mãe deixou porque não tinha como na hora falar que não. Só que a minha sogra não ia né? Ia só nós. Mas quando eu cheguei em casa como eu escutei! E se eu soubesse não devia ter ido. Então era assim, não podia sair sozinho.

Não me sentia mesmo... Eu vejo a Mabi (neta) falar, às vezes eu falo com a Mabi, aí falo para ela: “Oh, você é bonita.” Porque ela também era que nem eu, e do mesmo signo. E eu falava: “Você larga de ser trouxa, porque também falavam que eu era e eu também fazia que nem você e me menosprezava. Larga mão disso!” Porque eu disse agora depois que eu vi a foto. Eu achava que eu não era tão de jogar fora, mas eu também pensava assim. Nunca me achei nada que tivesse que sobressair... que né? Até o cabelo, esse aí tá comprido. Mas eu deixava mais comprido, e aí eu fui cortar, cisme de cortar, mas a cabelereira ficou meia hora: “Mas você vai cortar o seu cabelo?” Eu disse: “Vou.” Porque fica comprido e me dava mais trabalho né? E ficou: “Eu vou esperar mais um pouquinho, quem sabe você muda de ideia?” E não queria cortar de jeito nenhum. Aí cortou, mas era assim. Eu não tinha coisa assim de que fosse. Eu estou arrumada aqui porque tirei essa foto. Eu não sei porque tirei essa foto também. Não me lembro.

Algo que me incomodasse não. Eu tinha responsabilidade, mas eu não queria ficar adulta logo não. Isso que eu não queria. Mas não é mesmo assim. Só depois que nós fomos namorar que eu fui dando uma mudada.

Quando eu casei eu tive cinco filhos, era bem inexperiente assim, muito bobona, não sabia nada, nada, nada. Também não perguntava né? Porque naquele tempo a gente foi criado assim de uma maneira que não podia... não podia isso, não podia aquilo, não podia nada. Então fui muito tola em toda parte, então eu acho que por isso que eu gostava de ser criança e sei lá. Não tinha informação mesmo, nada, nada, nada. Eu me casei 1955, aí eu fiz vinte e um e eu tive filha com vinte um anos. Quando eu me casei, eu me casei em março, em abril eu fiz vinte e dois.

Ia fazer, tinha 20 anos quando eu casei. Então aí saí da oficina... Só que como ele (o marido) era alfaiate e trabalhava em casa, logo, logo eu já arrumei uma serviço à mão. Aí passei da máquina para a mão só. Eu fazia bastante... era só à mão mas muita coisa eu fazia. Porque se ele trabalhasse sozinho ele levava muito mais tempo para fazer. E então a maior

parte de pontinhos miudinhos, de coisinhas miúdas era eu que fazia, arremate de linha, o paletó é tudo à mão né? Porque na máquina era bem pouca coisa né? Só que colocar a manga a gola, essas coisas assim era mais demorado, era coisa que ele fazia né? Mas tinha essa entretela, essas coisas que vão dentro do paletó que ele ficou tão acostumado que ele não desacostumou mais de trabalhar junto. Porque enquanto eu fazia uma coisa ele fazia outra, quando ele terminava aquilo que ele tava fazendo ele já precisava daquilo que eu tava fazendo. Então era uma coisa assim tão certa, que dava certo. Nós ficamos trabalhando assim. Aí os filhos foram nascendo e eu continuei a trabalhar. E aí quando eles... quando a primeira nasceu eu continuei costurando com ele. Era só nós dois mesmo, tinha a menina, fazia as coisas, mas sobrava tempo. O tempo que eu tinha eu ajudava ele. E quando ela resmungava qualquer coisa, e outros foram tudo assim... eu deixava o carrinho perto da minha perna e então quando resmungava qualquer coisa eu mexia com o pé e aí eles ficavam quietos e pronto. E foi assim. Da casa mesmo eu cuidava mais na hora do almoço. Eu tirava para fazer o almoço, já lavava a roupa depois do almoço, eu fazia tudo, dava uma geral assim.

E nisso eu fiquei trabalhando 50 anos. Nós trabalhamos até 2010, porque deu um AVC nele e ele parou de trabalhar ele tinha oitenta anos. E eu tava com setenta e sete, eu tô com oitenta e um e ele oitenta e quatro. Então mas a gente não sentia. É isso que eu falo, eu sou assim, muito inquieta. Deve ser isso. Como é que fala? Ah... eu não posso parar, sabe? Eu fico ansiosa. Então eu trabalhava e eu me adequava tão... com os olhares e tudo o que eu tinha que fazer e eu não percebia o quanto que eu fazia. Agora eu falo para ele, eu não sei como eu consegui e criar os filhos e te ajudar. Porque hoje eu não tenho essa disposição, é claro né?

Os cinco, filhos... foi parto, todos eles parto normal. O primeiro que geralmente leva uma tonelada de tempo, a minha nasceu em três horas, os outros a mesma coisa. Era só três horas. Nossa! Isso eu agradeço a Deus. Porque eu imaginava, né? Minha mãe falava que quando eu nasci acho que levou dois dias, que ela ficou né? Eu também esperava. Porque eu sou filha... que nada... quando a Sônia Regina nasceu nós tínhamos ido um dia antes a uma festinha de aniversário, quando foi no dia seguinte ele ainda tava costurando, mas eu tava cansada aquele dia e fui deitar. Mas dali a pouco arrebitou a bolsa. Mas eu nem sabia o que era isso. Fui pro banheiro e aí depois voltei. Mas continuava e eu falei: “Mas que gozado. Que esquisito...” Aí a minha sogra morava no mesmo quintal e ela que foi a parteira dos primeiros filhos. É mesmo dos outros também. Aí eu falei para ele: “Ah fala pra tua mãe...” Eu não sentia dor até aquela hora. Aí ela veio e fez ele ir buscar... que tinha uma

injeção que eles usavam para ajudar a dar contração. Então foram na cidade. Já eram o que? Onze horas né? Então se fosse um dia antes eu tava na festinha ainda. Aí quando ele voltou já tava quase nascendo e não precisou nem de injeção. E foi com três horas só. O parto em casa foi tranquilo, eu acho né? Apesar de eu não ter tanta experiência e assim de não ter tanto, não me falaram nada e eu também não perguntava. Mas foi tudo bem né? Minha sogra que fazia, a mãe dela já era do interior. E ela também começou no interior. Que olhava as crianças. Então já tinha outras noras também. Só que aí depois, até isso... isso agora eu sei o que que era. Eu tive aquela tal de depressão pós parto, só que eu não sabia. Ninguém acho que sabia também. Porque eu fiquei muito fraca. Não é fraca, agora eu sei que foi depressão que me deu. Eu via os outros fazer as coisas... que nem pegar uma vassoura. Aquilo para mim parece que era uma coisa tão... que eu não ia conseguir mais. Eu sentia uma fraqueza, uma coisa esquisita. E o pior é que a filha trocou o dia pela noite. De noite ela não deixava a gente dormir, chorava a noite inteira. Dormia no colo e quando eu ia por... pronto, chorava. Aí de dia ela dormia... aí eu abria a janela, mexia... que nada! Punha para tomar banho tava dormindo ainda. Depois a segunda já foi mais tranquila. E eu também já tinha mais prática e já foi mais tranquila. Esse que tá aqui em casa, que foi te atender foi o mais tranquilo de todos.

Fotografia 63. Lourdes com o marido em final de semana na praia de Jukeí. Fonte: arquivo pessoal.

Aqui foi um passeio que nós fomos, depois de muitos e muitos anos que ele não saía. Eu saía porque ele não fazia conta que eu fosse. Aqui foi em Monte Verde, nós passamos uns dias. Essa daqui eu já tinha trinta e pouco... Foi na... um pouco pra lá de Bertioga. Como é que chama? Não, essa aqui foi na... como é que chama essa praia aqui? Perto de Maresias. Acho que é Juqueí, acho que é sim. Foi bom porque aqui tava meus filhos, meus genros. Tiramos um dia para ir assim cedinho e voltar de noite. Mas resolveu assim uma coisa meio de repente, né? Então foi bom. Aqui é minha filha mais nova, solteira ainda. Aqui é o Henrique. E foi... tem os netos. Passamos um dia muito gostoso viu? Bom mesmo.

Eu me sentia bem, porque eu não... eu voltava ao normal que eu era. Eu nunca tive problema assim. Já fui bem gorda, agora tô magra. E não tô fazendo dieta, não precisei fazer para emagrecer agora né? Já uma ocasião eu fiz porque tava me dando dor nos joelhos. Os médicos e as meninas falavam... eu tava acima do peso. Foi em 2000... que eu fui no Rio de Janeiro com a minha irmã né? Essa que nasceu lá, ela não conhecia. Aí tinha uma excursão da terceira idade e ela me convidou para ir com ela, da terceira idade delas. Não foi quando o... aconteceu aquele acidente lá? Do avião⁴, foi 2000 né? Foi 2001. Então eu estava lá esse dia. Até quando eu desci do hotel para ir tomar café eu vi aquele bombardeio mas achei que tavam assistindo um filme. Para mim era um filme. Mas eles falaram para mim: “Não, tão bombardeando mesmo.” Bombardeando não, bateram né? O avião. E eu tava com um... se bem que a outra minha irmã era seis anos mais nova e achavam que ela era mais velha que eu. É que eu aparentava menos... eu aparentei sempre menos idade do que eu tinha né?

Ah eu gostava do meu corpo. Não fazia muita conta assim... de ter... eu fala para ele se eu não tava muito gorda. Se ele achava que não tava, tava bom... pra mim tanto fazia. Mas aí quando eu fui me pesar, que nós estávamos lá. Ela entrou para comprar um remédio e tava eu e uma cunhada dela que tava junto com a gente. Aí ela... eu me pesei eu tava com sessenta e oito quilos, para a minha altura né? Aí eu fiquei horrorizada. Aí eu fiquei mesmo. Disse: “Por isso que os médicos falam para mim emagrecer né?” Por causa da dor no joelho e era o peso que eu tinha. Mas eu não tinha... até então não fazia muita conta. Tá na hora de dar um jeito né? Aí eu fiz um regime. Mas levei um ano para emagrecer. Emagreci quatorze quilos já. Daquela vez. E depois disso como foi assim bem devagar eu não engordei mais. Eu fiquei naquele peso. Eu fiquei com cinquenta e dois que eu achava que aquilo lá tava bom que eu não precisava emagrecer mais. Mas agora que eu tenho emagrecido porque eu não tenho andado bem de saúde. Porque eu sempre tive saúde, agora que eu não

⁴ Atentado as Torres Gêmeas nos Estados Unidos ocorrido em 11 de setembro de 2001.

ando bem. Mas agora, ultimamente tá meio atrapalhado. Tenho um problema na válvula mitral e me dá muita falta de ar. E me atrapalha.

Tinha bastante disposição nessa época, tava acostumada não sentia nada. Depois... agora mais de idade não que eu seja vaidosa. Quando eu saio eu gosto de tá com uma roupa boa, calçado. Em casa eu fico de qualquer jeito. Nem sempre eu fico de qualquer jeito. Porque de vez em quando me dá vontade de fazer quem nem minha prima lá de Santos. Tem uma prima que aquela é vaidosa. Ela tem as coisas certas dela. Ela levanta, toma banho, se arruma, parece que ela vai sair. Põe joia, se maquia. “Eu não sei o que pode acontecer de repente? Eu já tô arrumada.” Pra ir arrumar a casa. Nesse ponto que eu acho que tenho que... tem que sair mais arrumada, mais... não arrumada, pelo menos com uma roupa melhorzinha, um sapato bom. Uma coisa assim, né? Não sei se é uma vaidade, ou o que que é? Mas é que os filhos vão crescendo e elas são né? E depois ficam comprando as coisas para mim e eu acostumei. Deve ser isso, mas não que seja vaidade, né? Eu sou vaidosa? Ah, esse ponto eu falo sim. Não é porque a gente tá velho que a gente vai relaxar. Já chega ser velho. Não é por causa dos outros é por causa da gente mesmo.

Fotografia 64. Lourdes em casa tomando café com as amigas. Fonte: arquivo pessoal.

Essa eu tô na cozinha de casa. Aqui eu tô com a segunda filha, essa é minha nora, essa aqui é a mãe dela. Foi tirada aqui na cozinha de casa, essa casa. A gente tá sempre

comendo! Você vê uma porção de fotos... Não, não era um dia especial, acontece que cada vez que eles vem em casa, sempre vem mais de um. Então às vezes eles trazem ou a gente faz bolo. Fica sempre a mesa cheia de *coisarada* aqui. Então fica comendo a tarde inteira.

Ah sim... quando... é gozado que os filhos foram casando né? Mas falavam do ninho vazio. Mas esse meu filho menor que agora tá separado tá aqui com a gente de novo. Então ele foi o que demorou mais para casar. Então eu não achava tanta falta. E outra, quando eles vinham, vinham todos. Tava a casa sempre cheia. Depois tinha os netos também, não achei falta. Mas aí quando ele casou e tava só nós dois. Aí começou a me dar um vazio, uma coisa... não sei se ele... acho que ele não sentiu, mas eu senti porque aí tava a casa vazia de tudo. Eu não precisava cuidar mais de tanta coisa porque... comida... eu e ele qualquer coisa a gente come. Se ele tiver... lanche para ele é até melhor. Não precisa de comida. Então é assim né? Aí aquilo... eu sentia falta de ter mais coisa para fazer, porque eu tava acostumada a fazer muita coisa. Aquilo sim me deixou meio baqueada. Continuava trabalhando, costurando. Continuava, só que o serviço da casa... quando tem um filho todo dia tem uma camisa que tem que passar, tinha que lavar, né? Tinha mais roupa assim dele. Ficou meio vazio só. Depois a gente vai indo e acostuma.

Então... hoje de gordura de isso aqui eu tô achando que eu tô é muito magra. Não é porque eu emagreci mesmo. Eu não ando boa mesmo. E esta última tomografia mostrou que eu estou com enfisema. Eu estou com um neuro... logista marcado para ir. Porque eu sempre tive saúde, mesmo gripe. Eu nunca... eu tinha quer ver? Eu fui ter a primeira gripe eu já morava aqui. Eu tinha eu acho que cinquenta anos. Eu não tinha. E febre? Mesmo que eu esteja doente eu não sinto febre. Nas pessoas a primeira coisa é dar febre, e eu não. Eu... dá as doenças e eu não fico assim febril, né? Sempre tive saúde, mas agora ultimamente é que tá tudo complicado né? Só isso agora que tá. Por causa da idade, desgaste natural. Agora já não tenho a disposição que eu tinha. Quero ver onde ele vai (marido)... ele está esquecido. Ele cisma as coisas. Eu tô mais doente por causa disso. Tô meio cansada. Ele fica também querendo conversar...

Mas você sabe que assim, o cabelo porque eu tinjo? Não é por mim não. Minhas filhas e esse meu filho aí... eu tinha deixado, desde dezembro do ano passado, eu deixei sem tingir. Até o mês passado, até maio. Ele como era muito preto, o meu não fica todo branco. Por isso que eles acham ruim. Porque quando fica todo branco é uma coisa. Quando fica assim do jeito que fica o meu, fica ruim. E quando foi Dia das Mães eu falei: “Ah não vou tingir mais não.” Esse que mora aqui comigo já tinha me falado: “Ah mãe, vai tingir sim... não sei o que... fica melhor assim...” Ai, falou, falou... aí minha filha também tinha vindo, essa

segunda aí, que é mais preocupada assim comigo. Então ela falou: “Ah mãe. Vai tingir sim! e não sei o que... assim fica mais velha e não sei o que lá.” E ficou preocupada sabe? Aí ela falou assim: “Vou ligar para o seu cabeleireiro e falar para ele tingir de qualquer jeito.” Eu disse: “Tá bom, eu vou tingir.” E eu tinjo de uma cor, que agora fica bastante tempo, e quase parece que não tem branco. Mas tem bastante. Mas eu não queria mais tingir, eu acho que dá muito trabalho de ficar muito tempo na cabeleireira. Agora não, sábado eu já vou tingir. A raiz já tá bem grande. É assim, eu vou deixando o mais que puder. Eu não tenho preocupação com rugas. Não tenho não viu? Limpeza de pele que eu gostava de fazer porque eu não sei cuidar mesmo da pele. Agora até tem muitos anos que eu não faço. Acho até que tô precisando. Porque tá áspero meu rosto, mas não de ficar assim. Olha essa daqui é bisneta, já tem doze anos. Então agora a alegria da gente é assim, quando tá os netos, os bisnetos aqui. Olha aqui eu tô com as duas netas e com os cabelos brandos. Olha a diferença. Como fica. Ah eu não fazia conta. E você também que fica querendo que eu tinja (marido). Você fala sim. Todos eles implicavam. Enquanto eu não fui tingir não sossegam. Eu não fazia conta, mas eles! Ah você sabe que mesmo na menopausa eu não tive aqueles calorões, aquelas coisas não? Começou com cinquenta e seis anos né? Então não tive muito que nem nossa falavam tanto disso. E eu ficava preparada. Eu tive foi pouca coisa. Acho que não sei porque eu sempre trabalhei muito, eu nunca tive muito tempo para... muito tempo para coisa diferente. Nós dois ainda somos muito. “Como é que eu dava conta?” Eu fico imaginando, agora eu não tenho, mesmo se tivesse que fazer eu não... e não ia fazer nem metade né? Isso que eu ia te falar... acho que na última gravidez eu resolvi fazer pré-natal no hospital e fui lá na Frei Caneca naquele hospital. E fiz, aí eles também... a enfermeira ficava admirada porque eu já tinha trinta e três anos e achava que eu não tinha né? Ela falava para o médico: “Acha que essa menina tem essa idade?” Ele também não aparentava a idade, achavam que quando ele foi lá todo entusiasmado que fosse o primeiro filho. Ele disse não é a quinta. Não tinha dificuldade porque voltava ao normal, achava que voltava porque não fazia muita conta. Não tinha tempo de pensar em outra coisa.

7. ANÁLISE DOS RESULTADOS

7.1. CONSTRUINDO A REPRESENTAÇÃO DO CORPO- PRÓPRIO

A partir das entrevistas, pretendo aqui, analisar o discurso acerca da percepção estética, bem como a mudança da percepção ao longo da passagem do tempo. Discutirei o discurso da percepção estética destacando uma diversidade de relações da vida cotidiana, que se entrelaçam e interferem na percepção do sujeito.

A subjetividade individual é um conjunto de modos de percepção, de afetos, pensamentos, desejos e outras formas de relação que os sujeitos atuantes estabelecem com o mundo que são dadas com e por meio do corpo (Moraes, 2011). O corpo é uma realidade biológica, mas também psíquica e social, e tem sido fonte de sofrimento psíquico decorrente das regulações sociais que incidem sobre ele. Entender a tríplice constituição do corpo permite compreender o processo pelo qual podemos nos relacionar com ele. Em primeira instância temos o corpo biológico, aparato físico que dá existência ao ser, que contém um conjunto de limitações e possibilidades. Entendido como natural é tradicionalmente objeto da medicina que o esquadrinha em seus processos fisiológicos e anatômicos, tomado enquanto positividade, onde se instalam doenças e que é passível – e passivo – à intervenções. Mesmo o corpo biológico não pode ser tomado como totalmente natural, uma vez que a concretude do corpo é resultado histórico e social, já que a sociedade possui modos de produção dos corpos. A segunda realidade do corpo é social e desnaturaliza a concepção anterior pois entende o corpo inserido na ordem dos significados, e também é um produtor de sentido. A cultura como produto da sociedade existe em forma de símbolos e ela é em última instância um instrumento de poder (Bourdieu, 2013). Assim o próprio corpo enquanto signo inserido em um sistema simbólico permeia as relações sociais e pode ser fonte de vantagens e desvantagens. Compreender o corpo no bojo de uma sociedade significa analisar o contexto histórico e cultural para reconhecer as formas de produção dos corpos, e analisar as especificidades de gênero, raça/etnia, classe e faixa etária. Por fim o corpo enquanto realidade psíquica, que é produto e produtor da subjetividade, é entendido aqui para além de suporte do sujeito, uma vez que é pelo corpo que o sujeito pode agir no mundo e apreender o mundo a partir da percepção.

Nesta concepção o corpo é ao mesmo tempo agente e paciente, no sentido em que ao sofrer uma ação do ambiente esta é percebida pelo corpo, o que promove alterações, em um

segundo momento retorna uma ação ao ambiente e o transforma; processos que se repetem sucessivamente. Daí a noção de corporeidade ou corpo vivo a se transformar, o corpo age sobre ambiente mas também sofre as ações ambientais. Ao longo da vida o sujeito forja seu corpo, o corpo é moldado pelas contingências internas, que são fruto da própria intenção do sujeito como forma de agir no ambiente, desde as tarefas mais simples com se alimentar, vestir, andar, praticar esportes; e externas que são resultantes das imposições de forças ambientais sobre o corpo desde a temperatura até as condições de trabalho, meios transporte, organização da cidade e padrões sociais. O corpo é um dos aspectos formativos da identidade, uma vez que ele permeia as relações sociais e é ao mesmo tempo carregado de sentidos. Em um primeiro contato com um desconhecido o sujeito realiza logo uma leitura corporal com o intuito de predizer os comportamentos deste sujeito, a leitura postural, gestual, feições, estrutura corporal e adornos são tomadas como indicativos da identidade do sujeito. Assim a partir desta primeira análise é possível deduzir, claro que com uma margem de erro, a classe do sujeito, seu gosto, seu meio cultural a partir da leitura destes signos que são utilizados para ordenar o mundo natural. Mas esta primeira análise é rasa e precisa ser aprofundada para compreender quais são as condições ideológicas e políticas que produzem esta realidade material e hierarquia social (Bourdieu, 2013).

A percepção do corpo é formada por uma construção imaginária, que se dá através de um processo contínuo de representações e identificações ao longo da vida, necessitando ser reatualizada. Este processo de reconhecimento se dá por meio de uma tríade: Autorreconhecimento, Reconhecimento do Outro e Reconhecimento pelo Outro. Essa tríade faz ser o corpo fundamentalmente social. Construir a representação do corpo é um “trabalho psíquico de o sujeito: reconhecer-se nos seus próprios desejos, discriminando o que é seu e o que é do outro e, ainda, buscando meios de satisfação, embora jamais vá alcançá-la plenamente” (Py, 2004, p. 115).

7.1.1. RECONHECIMENTO PELO OUTRO

O reconhecimento do corpo próprio e a criação de uma imagem de si é um processo relacional que depende do contato com o Outro. A ideia de olhar do Outro remete ao sociólogo, explorador que ia a terras estrangeiras compreender os diferentes modos de vida, o outro era aqui um estranho, o de fora. O Outro enquanto alteridade é aquele que nas

relações inclui e exclui, que lança um olhar e esquadrinha o sujeito. seu olhar nunca é neutro, mas tem o poder de objetificar o sujeito uma vez que o nomeia. Retomo aqui o olhar, o sentido privilegiado na modernidade, sentido capaz de promover um contato e ao mesmo tempo o distanciamento dos corpos, separa o sujeito do objeto e promove a criação do indivíduo (Ferreira & Hamlin, 2010; Le Breton, 2013).

Mais fortemente na infância o referencial estético é marcado pelo olhar do Outro, um olhar incisivo que dita o que é belo, o que é feio, que julga e controla os corpos e todo o modo de ser. Mesmo antes de começar a se dar conta do corpo a criança já está sujeita ao reconhecimento pelo Outro e percebe como se localizar no mundo a partir do seu corpo.

Le Breton (2013) ressalta que é o outro que faz juízo de valor dos corpos, que atribui o significado tanto positivo quanto negativo, mas este é um valor que reflete a influência do ambiente e a história pessoal do sujeito, daí a importância de se analisar a biografia dos sujeitos para compreender a forma com que lidam com seus corpos. A atribuição dos sentidos (positivos ou negativos) aos corpos se dá a partir do entrecruzamento de diversas influências sociais, culturais e de socializações na infância. Além do padrão estético é a partir do Olhar do Outro que o sujeito toma conhecimento do próprio envelhecimento. Passagem do tempo com seus acontecimentos importantes vão demarcando os momentos sociais e individuais, aos poucos o corpo retrata a passagem do tempo, tanto no nível individual quanto social. Diversas passagens retratam juízos de valor realizados pelos outros.

As entrevistadas relataram momentos marcantes em que o Olhar do Outro foi categórico sobre seus corpos desde as primeiras experiências na infância. Como Monica que chega a dizer que não se sentia bonita, não tinha liberdade para deixar os cabelos crescerem, ouvia que tinha os dentes tortos e ainda recebia muitas críticas da família, apesar de ser magra, ter olhos bonitos, encaixando-se nos padrões de beleza. Importante ressaltar também que na infância a criança encontra-se subjugada ao poder dos adultos, no caso de Monica são eles que escolhem o corte de cabelo, que lhe arrumam os dentes, a criança acata o gosto do Outro, mesmo não lhe agradando usar cabelos curtos. Assim como Maria Helena, que ao recordar a infância se lembra dos amigos e das brincadeiras, a estética para ela ainda não era uma preocupação, ao passo que era uma preocupação dos adultos. Quando ela ia ao parque aos domingos, a mãe de sua amiga a arrumava, emprestava vestido pois possuía melhores condições financeiras.

Na infância a questão do peso ainda não era considerada um problema, as crianças gordinhas eram tidas como belas e saudáveis. Nildéia que desde criança sentia-se bonita e que sua mãe recebeu várias pedidos para que as entregassem para adoção pois a família era

muito pobre e as crianças eram “*gordinhas e bonitas*”. Nildéia assim como Cleuza, não tinha problemas por estar acima do peso na infância. A noção de sobrepeso quando aplicada às crianças é diferente da aplicada aos adultos, nas classes trabalhadoras a criança gordinha é considerada forte, saudável. Nesta fase da vida o peso é visto como uma característica positiva, diferentemente das fases subsequentes.

Anita lembra dos cuidados recebidos pelas mulheres da família, sua avó lhe colocava um laço na cabeça (Fotografia 52), e a mãe costureira fazia vestidos, Anita se sentia bonita e mais que isso, como ela própria afirma era exibida, gostava muito de aparecer para os outros. Neste mesmo sentido Catarina rememora os momentos em que era o anjinho da Procissão para a qual sua mãe confeccionava a roupa e ela desfilava recebendo elogios. Ela diz que era magra, se sentia bem, mas que como criança não sabia se era bonita, no entanto ao receber elogios dos outros sentia-se bonita. Assim como Suzete, que desde a infância se sentia bonita pois sempre teve avaliações positivas quanto ao seu corpo, como disse: “*eu era daquelas loirinhas que chamavam atenção*”. Solange também relata possuir uma relação positiva com seu corpo pois desde criança sempre foi muito elogiada, era tida como uma criança bonita e seu pai que queria um filho homem, diante de tanta repercussão adorava exibí-la em público. Desde tenra idade é possível perceber as vantagens relacionadas ao corpo, ser a criança bela, encantadora nos meios onde habita significa receber o carinho e a atenção dos outros. Isto remete à ideia de Beauvoir (1960a) na qual as meninas, diferente dos meninos que possuem o pênis, alienam-se e fazem alter ego no Outro. Com as socializações descobrem o belo e o feio, pela via do corpo se faz objeto, aprende que nos contos de fadas que para serem amadas precisavam ser belas assim como as princesas que seduzem pela beleza.

Interessante notar aqui dois fatores relevantes, o primeiro é o discurso do que é considerado belo, o segundo é o olhar do Outro. Sobre a primeira questão é possível afirmar que cada época conta uma estética, assim as normas do que é belo ou feio podem variar conforme o tempo. No entanto Baudelaire (1996) define dois componentes da beleza um componente eterno, invariável e um relativo que pode mudar conforme a circunstância, a partir da junção desses dois componentes o belo pode ser entendido como aquilo que representa um ideal de felicidade. O corpo da mulher com sua harmonia seria para o artista um convite à felicidade, retratado incessantemente pelos artistas revelando os padrões estéticos de cada época. Em segundo lugar é evidente que a partir de um padrão estético o Olhar do Outro é aquele que percebe, analisa e classifica entre belos e feios. O sentido da visão é capaz de operar uma separação entre sujeito e objeto, daquilo que vejo consigo

ganhar distância. O olhar do Outro pode ser capaz de objetivar, de congelar e exercer o controle sobre o sujeito, tornar-se um princípio ordenador da concretude do corpo (Ferreira & Hamlin, 2010).

A necessidade de ser bem vista pelo outro também é um fator que leva o sujeito a cuidar e às vezes intervir em sua imagem corporal. A preocupação com a aparência e como seria olhada pelos outros fazia com que Esmeralda e sua prima tivessem cuidado para não queimar as mãos e os rostos ao sol quando realizavam o trabalho pesado na Olaria. Caso tivessem a pele preta seriam vistos como pobres, como afirma que ela era pobre, as mãos eram grossas mas eram brancas. Neste sentido verifica-se que o corpo contém em si signos de classe e raça/etnia. O imperativo estético brasileiro está associado a estética branca, na qual os traços físicos europeus como pele branca, cabelos lisos, olhos e cabelos claros, traços finos são considerados belos. Fica evidente neste momento o cuidado com o corpo a fim de não bronzear a pele no trabalho pelo receio de aparentar pelo corpo ser pobre ou negra. A mesma questão do padrão estético branco se apresenta nos cabelos, as mulheres entrevistadas que possuem cabelos crespos e cacheados utilizam-se artifícios químicos (produtos alisantes e relaxantes) ou mecânicos (técnicas de escova e touca) a fim de terem os cabelos lisos. Nildéia conta que já utilizou todos os tipos de produtos alisantes em seus cabelos e surpreende-se por ainda ter cabelos depois de ter utilizado tantas químicas fortes, apesar disso afirma manter esta prática pois não se reconhece de outra forma. Maria Helena começou a alisar os cabelos na adolescência pois nesta fase começou a se preocupar em ficar bonita para os meninos e além do alisamento usava perucas emprestadas pela patroa. A preocupação em alisar os cabelos já começa desde a infância das meninas que precisam diariamente utilizar métodos para “*domar o cabelo ruim*”, tomado em comparação com o cabelo liso que é bom. Solange afirma que nunca precisou despender muitos cuidados em seu cabelo pois eles são bons, não dão trabalho e estão sempre arrumados. Reforça aqui a ideia da superioridade estética do branco e busca de intervenções para alcançá-lo⁵. A questão das práticas de alisamento dos cabelos vai além da questão estética, possui ainda o atravessamento pelo racismo, Miranda (2011) em seu artigo analisa a questão do encobrimento das características raciais a partir da identificação com o ideário estético

⁵ A questão étnica/racial foge do escopo desta pesquisa, sobre a questão racial e o imperativo estético branco no Brasil indicamos o estudo de Lia Vainer Schucman na qual ela se debruça sobre as representações da branquitude no Brasil. Schucman, L. V. Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana / Lia Vainer Schucman; orientadora Leny Sato. -- São Paulo, 2012. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

europeu. No entanto, esta identificação se dá por questões políticas, sobretudo ao discurso hegemônico branco que também se apropria do padrão estético. Esta ideologia acaba por produzir uma *desidentificação* como próprio corpo que apresenta características de etnia/raça que são tomadas como socialmente indesejáveis já que no jogo das relações de poder não são positivas. Daí as práticas de alteração das características.

Há ainda a expectativa de que as mulheres deixem os cabelos longos – principalmente quando jovens – como sinal de feminilidade e ao burlar esta regra as mulheres são alvo de inúmeras críticas. Ao cortar os cabelos, que eram longos até a cintura, Solange foi duramente criticada por seu amigo de infância que chegou a romper relações. Lourdes quando decidiu cortar os cabelos curtos foi desencorajada pela cabeleireira que só realizou o trabalho depois de muita insistência.

Na adolescência evidencia-se a busca do desejo do Outro com o início dos relacionamentos afetivos. O corpo passa ser o local privilegiado do desejo e é através dele que se dá o jogo da conquista. Um corpo bonito, dentro dos padrões estéticos facilita, em um primeiro momento, os relacionamentos afetivos. Esmeralda afirma que por ser bonita sempre teve pretendentes, bem como Lourdes que mostrou para as amigas que conseguiria facilmente um namorado. No entanto a vivência de um corpo belo e atraente nem sempre é percebida como positiva, o discurso sobre o corpo feminino é sexualizado desde a infância, e estas vivências são relatadas como abusivas pelas entrevistadas. Como por exemplo Solange que sempre teve um corpo considerado belo dentro do padrão brasileiro com quadris largos e cintura fina, seu corpo lhe rendia apelidos como o de “*tanajura*” e afirma que desde a adolescência muitos homens demonstram interesse por ela, ao ponto da quantidade de assédio chegar a incomodar pois sente-se um objeto de interesse. Esta visão sexualizada do corpo da mulher começa desde a mais tenra idade, como no caso de Monica que aos 14 anos ao usar os *shorts* do uniforme de vôlei do colégio percebe que os homens a seguiam para olhar seus glúteos, ao compreender que o interesse desses homens era sexual ela se sente assustada. Estas passagens elucidam as discussões de Beauvoir (1960a) sobre o corpo da mulher que deixa de ser uma expressão de subjetividade e se apresenta ao homem como detentor de desejo, com qualidades de um objeto a ser possuído.

A preocupação com a percepção do companheiro sobre os corpos é recorrente nas entrevistas. O sobrepeso passa a ser um problema para Nildéia quando depois de viúva decide relacionar-se novamente. Neste momento questiona: “Quem vai desejar um corpo gordo?” E é pela via das dietas e cirurgias plásticas que ela molda um corpo desejável. Quando começa a relacionar-se novamente Nildéia opera uma segunda mudança em sua

aparência, ela que sempre gostou de roupas e acessórios extravagantes, coloridos, usava batons e esmaltes em cores fortes, cabelos vermelhos pois gostava de ser notada decide ficar mais discreta para agradar o namorado. Neste momento a filha diz que não reconhece mais a mãe. Da mesma forma que Elca buscava atender as exigências estéticas que o ex-marido demandava, uma aparência com *sex appeal*, com cabelos longos e lisos, roupas femininas. Já Loures declara que não se preocupava com seu corpo, para ela o importante era a opinião do marido, se para ele seu corpo estivesse bom para ela também não haveria problemas.

Durante a adolescência Suzete passa por um período em que sofre um aumento de peso inesperado, no entanto se sente segura pois tem um namorado que se sente atraído por ela. Semelhante ao que ocorre com Denise que apesar de estar acima do peso na adolescência tinha um namorado. Assim o fato de possuir um companheiro diminui as próprias exigências com relação ao corpo, uma vez que o corpo passa ser desejado por outro.

Enquanto lócus do desejo o corpo também pode ser um objeto de vergonha, quando o corpo é percebido de forma negativa como desajustado, diferente dos padrões. O medo do julgamento, a vergonha faz com que algumas mulheres evitem se expor. Dirce tem vergonha de usar saias e vestidos, acredita que se deve mostrar o que é bonito. Ela parou de frequentar piscinas e praias por vergonha de usar biquíni, diz que só nadaria novamente se colocasse uma burca para esconder seu corpo. Assim como Denise sente vergonha do corpo, tem vergonha de mostrá-lo, mesmo para o namorado. Ela sente a crítica da sociedade sobre os velhos e as pessoas que não tem o peso normal. Logo em seguida questiona se existe um peso normal. Mesmo consciente de que não existe esta medida de normalidade ainda assim não consegue superar a vergonha. Monica tem um episódio de escárnio público quando os meninos da sala percebem que ela não depilava as pernas e riram, ela se sentiu envergonhada com o ocorrido. O corpo da mulher é passível de julgamento público, mesmo que seja por desconhecidos na rua, seja através das cantadas e “elogios” ou pela críticas. Maria Helena compara a reação dos homens na rua, quando ela era mais nova os homens buzinaavam para ela, hoje mais velha e mais gorda os carros passam ao largo. O envelhecimento da mulher gera uma invisibilidade o que corrobora a assertiva de Beauvoir (1960b) de que muitas mulheres sentem um alívio da perda do valor simbólico dos corpos quando envelhecem e finalmente podem sentir-se livres e autênticas.

Ao Outro não cabe somente o papel de julgar os corpos, mas também de controlar, o poder exercido sobre o corpo se dá em três instâncias, em primeiro lugar o controle dos espaços onde os corpos podem circular; em segundo lugar a partir do controle do tempo, ou

seja quando os corpos podem circular; e por fim o controle se dá pela vigilância constante, observado e registrado o tempo todo, mesmo quando não se está sendo observado o sujeito internaliza o olhar do observador (Foucault, 1979). O corpo do esportista é um corpo moldado e controlado para alcançar níveis altos de desempenho, corpo que é sempre cobrado para superar seus próprios limites. Desde a infância Yara era cobrada pelos pais a ter um alto desempenho nos esportes, principalmente na natação. Lembra-se de uma passagem da infância na qual mesmo doente foi forçada a participar de uma competição de natação e do orgulho de ter ganho mesmo em condições desfavoráveis. A relação do corpo com a prática esportiva também pode ser libertária como foi na experiência de Denise com as corridas. Ela realizou a metáfora: com a corrida conseguiu afastar-se de seus problemas familiares. Neste primeiro momento já adulta ela consegue pela primeira vez conectar-se com seu corpo que até então havia sido depositário de ódio pelo peso, e em seguida da vergonha pela gravidez na adolescência. Experimentar o corpo pela via do prazer, da superação foi um salto em sua história de vida, foi a via pela qual ela inicia a reconciliação com o corpo até então negado. Em diversas passagens Denise afirma que precisava cuidar antes da cabeça que do corpo, mas neste momento ela entendia o cuidar do corpo apenas pela via da estética, pelo desejo de realizar uma plástica nos seios caídos. Com a corrida ela percebe que cuidar do corpo para além da estética também é necessário, ao colocar o corpo em movimento se abre para novas experiências e enriquece suas percepções e até mesmo seus relacionamentos sociais. Ela mesma conclui que há uma ligação entre mente sã e corpo são.

O controle do corpo da mulher também tem uma forte expressão biológica, do papel feminino de reprodutora. Na gravidez as mulheres também possuem os corpos sujeitados ao discurso do Outro. Inicialmente Suzete sofreu várias críticas por ter se casado e não ter tido filhos, quando engravida depois dos 30 anos sofre novas críticas, quando admirava sua barriga em frente ao espelho sua mãe lhe diz que não havia nada de bonito ali e que ela estava gorda. Marly também sofreu críticas em sua segunda gravidez, não planejada aos 45 anos, já com os cabelos brancos era frequentemente questionada se era avó do bebê. Nildéia que também teve uma gravidez não planejada na adolescência precisou escondê-la o quanto pôde. Como tinha sobrepeso foi fácil esconder a barriga com roupas, até que o enjoo a denunciou. No trabalho sofria ameaças da dona da confecção, quando contou sobre a gravidez foi demitida e assediada moralmente. Verifica-se portanto que há um discurso biologicista sobre a mulher enquanto reprodutora, que esta é uma função que deve ser desempenhada. Há uma forte cobrança sobre o exercício da maternidade, ao mesmo tempo

em que há um série de julgamentos sobre quando a mulher deve exercer este papel, mulheres que engravidam na adolescência e com o agravante de não serem casadas são duramente criticadas, assim como as que decidem adiar os planos de maternidade. O período considerado biologicamente e socialmente ideal para que a mulher tenha filhos coincide com o período que a mulher está no auge de suas atividades profissionais e ela precisa optar entre dedicar-se aos filhos e em alguns momentos se ressentiram por isso (Esmeralda, Catarina, Yara, Nildéia), ou conciliar a maternidade com as atividades laborais, muitas vezes sozinhas como no caso de Monica, Cleusa, Elca, Suzete, Lourdes, Solange, Marly e Anita.

As mulheres também sofrem controle na forma com que se expressam através de seus corpos, seja de maneira indireta ou maneira direta como no caso de Catarina que o pai proibia de usar maquiagem e ela o fazia escondido na rua, quanto pelo marido que também impunha uma série de restrições quanto ao uso de maquiagem, esmaltes escuros e roupas. E mesmo após a viuvez Catarina não se sente livre para usar os produtos cosméticos da forma que deseja, como ela disse não se libertou para usar esmaltes vermelhos e maquiagem. Nildéia pôde cuidar de si como gostaria apenas quando ficou viúva pois temia o que os parentes e vizinhos diriam de uma mulher vaidosa com um marido enfermo. No primeiro encontro com seu segundo marido Elca recebe de presente um casaco, que ele diz que deu para ela poder jogar fora seu casaco feio antigo. Ela aceita o presente, mas diz que vai continuar usando o casaco antigo porque gosta dele e não aceita esta tentativa de controle sutil. O discurso do Outro sobre a forma com que as mulheres se apresentam por meio de roupas, maquiagens, cabelos e uso de adereços ocorre ao longo de toda vida. A aparência das mulheres é constantemente julgada a partir de padrões e discursos muitas vezes conflitantes e diversos. O discurso religioso prega que a mulher seja recatada e discreta, condena o uso de maquiagens e roupas que mostrem o corpo. Ao mesmo tempo em que a é cobrada em apresentar uma bela aparência a partir da qual será julgado seu valor enquanto mulher.

No início do século XX as mulheres começam a ter a sua disposição uma infinidade de cosméticos para auxiliá-las a alterarem a sua aparência e se tornarem bonitas, na primeira metade do século o ideal de beleza era uma aparência natural, o excesso era indicativo de moral duvidosa (Sant'ana, 2014). Como é possível observar na fala de Marly, que diz que a beleza da época era uma beleza sem intervenções, até porque havia poucos recursos. A partir dos anos 50 as revistas passam divulgar uma infinidade de recursos estéticos para as mulheres se tornarem belas. As entrevistadas em sua maioria relataram gostar de usar

cosméticos, ainda as que tiveram infância e adolescência muito pobres como Esmeralda, Catarina e Cleusa mesmo que fosse apenas um batom e um papelote nos cabelos. Até as mulheres que não se diziam vaidosas quando entraram na adolescência passaram a se preocupar com a aparência, pois neste momento desperta o interesse pelos rapazes e se utilizam da aparência para chamar atenção. Mesmo Yara que era esportista e se dizia sem vaidade, estava sempre desarrumada com os cabelos molhados por causa dos treinos, nesta fase quando começa a frequentar os bailes e quer ser chamada para dançar passa a se preocupar com roupas e maquiagem. Dirce que não se achava vaidosa na adolescência sempre gostou de modificar os cabelos, de se maquiar e vestir roupas bonitas.

Outra questão que influencia a vaidade é o trabalho, algumas profissões exigem um cuidado com a aparência, como no caso de Marly, que não tinha vaidade alguma passou a se preocupar com a aparência quando começa a trabalhar como advogada e lhe é exigida uma aparência adequada ao cargo. No entanto assim que se aposenta volta a deixar a vaidade de lado. A ascensão social pelo trabalho também permite que mulheres pobres possam ter acesso aos bens de consumo de beleza. Isto aconteceu com Maria Helena e com Anita, que eram pobres e durante a vida adulta, a partir do trabalho, puderam ter acesso a roupas, maquiagens, tratamentos de beleza. Ambas relataram ter um momento em que se excederam no consumo destes produtos e que precisaram diminuir seus gastos neste segmento.

Durante as entrevistas foi comum as mulheres relacionarem a entrada no mercado de trabalho ao aumento das preocupações estéticas. Qual o discurso por trás da beleza feminina no ambiente de trabalho? Sobre isto Wolf (1992) propõe que com a liberação das mulheres das exigências matrimoniais e entrada no mercado de trabalho no pós-guerra surge o “Mito da Beleza”, que é uma forma de reajustar as relações de poder dos homens sobre mulheres. A beleza entra então como uma forma de prejudicar o progresso das mulheres. Os padrões de beleza aplicados ao mercado de trabalho teriam ainda a finalidade de justificar a discriminação das mulheres no trabalho. A exigência estética foi durante anos legitimada nas instituições, a qual Wolf chamou de Qualificação da Beleza Profissional [QBP], mecanismo que as empresas utilizavam para contratar, promover e demitir as mulheres. Assim a carreira da mulher é oposta a do homem, quanto mais jovem e atraente mais chances ela tem de ocupar um cargo. Neste sentido as empresas entendem que podem exigir que as mulheres se apresentem a partir de um padrão estético estipulado, sendo que o mesmo não é solicitado na mesma medida para os homens. A beleza passa a ser condição do sucesso profissional, e o telejornal foi um dos criadores de tal padrão de profissional bem sucedida,

uma jovem magra e maquiada. Com o intuito de enfraquecer essas exigências estéticas Molloy (1977 como citado em Wolf, 1992) propõe um uniforme feminino em seu livro “*The woman’s dress for successes book*”, esse uniforme seria o *tailleur*, um conjunto composto por blazer e saia, tal qual o masculino. Assim um acordo entre todas as mulheres tornaria possível derrubar as exigências estéticas no trabalho e as mulheres seriam vistas apenas como profissionais. No entanto a indústria da moda propõe que as mulheres abandonem estes trajes e voltem a ser femininas. Também é preciso considerar que do ponto de vista material as mulheres também sentem os efeitos da QBP, conforme sobem de cargo as mulheres são cobradas a exibirem ainda melhor aparência. Muitas acabam por gastar 1/3 do salário entre roupas e maquiagem. Assim as mulheres são submetidas a uma tripla jornada, a doméstica – uma vez que ainda hoje os homens não participam efetivamente das tarefas do lar – a laboral e a estética, essa exaustão acaba por barrar o progresso feminino.

Ao contrário a experiência do trabalho operário pode extinguir a vaidade, como ocorreu com Cleusa que era vaidosa e com o excesso de trabalho, trabalho em turnos, passa a se descuidar. Assim a vivência operária é extrema e oposta a das mulheres de classe média. O operário na fábrica tem o corpo como instrumento de trabalho, apartado do trabalho intelectual ele precisa apresentar um corpo dócil, adaptado à produção. O bom operário é aquele que apresenta características físicas como força, agilidade, destreza e resistência. Após a introdução dos estudos dos tempos e movimentos pelo casal Gilbert surge a noção da economia do tempo, assim o trabalhador precisava produzir mais em menos tempo. A energia do corpo é exaurida ao máximo nas fábricas, o trabalho deixa sua inscrição no corpo do sujeito, tanto físicas, quanto psicológicas e sociais (Bercito, 2011). O corpo do trabalhador, ao ser submetido a uma jornada extenuante, repetitiva, com seus movimentos controlados acaba por vivenciar a perda da estesia, ou seja de sua capacidade de perceber sensações e a sensibilidade estética. O corpo exausto, ao final do dia se detém no máximo as atividades de manutenção da vida. Tal cenário é ainda atroz com as mulheres, uma vez que estão mais sujeitos a receber menores salário, trabalhar mais horas, ocupar postos de trabalhos inferiores (Wolf, 1992; Cappellin, 2004).

As relações sociais também interferem na forma como as mulheres cuidam de sua aparência. Interessante notar a transformação de Solange quando vivia no interior era vaidosa, sempre preocupada em estar com os cabelos arrumados, maquiada e com roupas e acessórios combinando. Ela fala da cobrança que há em cidades do interior quanto a aparência e afirma a importância de se ter uma boa imagem pois lá ela era observada por todos. Em contrapartida nas grandes cidades como São Paulo você é apenas mais um na

multidão, você pode se apresentar como quiser e não será notado, por isso após se mudar para a capital Solange para de se preocupar com a aparência e dispensa o uso de maquiagens, produtos de beleza e roupas caras. A falta de vaidade também é interpretada socialmente de forma negativa, como na vivência de Esmeralda que mesmo após ter ascendido socialmente manteve a aparência simples, ela relata dois momentos em que foi julgada como empregada. O primeiro quando já residia em uma casa luxuosa e estava varrendo o jardim e é interpelada por um vendedor que pergunta a ela se a patroa está em casa. E em um segundo momento quando o dono de uma boutique da cidade diz que ela não combina com o carro de luxo que dirige e que poderia ser no máximo uma motorista. A segunda crítica lhe soa mais forte e ela decide comprar roupas mais arrumadas na boutique, porém sem ser extravagante pois precisa se adequar a um novo meio social. Ainda assim tenta manter a simplicidade, ela afirma que sua aparência simples, sem roupas de grife, sem joias e com os cabelos brancos lhe permite transitar pela cidade, bem com manter maior contato social nas ruas e no metrô de São Paulo. Os cabelos brancos são como sua identidade, ela afirma. Graças a eles as pessoas se aproximam, oferecem ajuda, são solícitos, as crianças interagem, a entrevistada consegue criar uma relação social positiva mediada pelo signo dos cabelos brancos. Um de seus prazeres é circular pela cidade, socializar com as pessoas, ver e não ser vista. Diferentemente de suas amigas de classe alta afirma que nunca foi assaltada, muito menos mal tratada e que a simplicidade aproxima as pessoas.

Há ainda um discurso sobre a vaidade na velhice, um julgamento moral que preconiza que as idosas devam se cuidar porém com parcimônia, dentro do que é apropriado para sua idade. Sobre isso Suzete diz que mesmo idosos precisam se cuidar, que agradar os olhos dos outros é uma obrigação. Lourdes e Catarina concordam que ser velho já uma condição negativa e que este não pode se descuidar de sua aparência. Esmeralda e Elca mesmo tendo uma visão bastante positiva quanto a velhice acreditam que as mulheres velhas devam se vestir de acordo com sua idade e não tentarem se vestir e ter a aparência igual a de suas filhas e netas.

Na vida adulta a relação com peso sofre uma intensa modificação, o ideal de beleza feminino tem como principais pilares a magreza e a juventude. Nas sociedades ocidentais os obesos são criticados e associados a estereótipos negativos e a características morais indesejáveis. A sociedade atual é lipofóbica e as mulheres vivem sob um terrorismo nutricional, uma forte vigilância alimentar ao passo que nunca houve tanta oferta de alimentos calóricos e *fast foods*. Dirce desenvolveu problemas de sobrepeso devido a ansiedade motivada pela possibilidade de morte iminente do pai; ela se depara com uma

situação corriqueira na qual uma vendedora afirma que seu manequim é 52. Apesar da vendedora estar correta esta constatação deixa Dirce muito abalada, como se o olhar da vendedora que é *expert* no assunto confirmasse seu peso. Esta comprovação externa faz com que Dirce saia da loja e vá imediatamente em busca de tratamento para emagrecer. Na mesma direção Anita se lembra da amiga que sempre a criticava por ser muito magra e que assim que ganhou peso foi criticada também. Assim com o Marly, Suzete e Esmeralda foram criticadas por deixar os cabelos brancos. O olhar do Outro age como reificador, seu discurso materializa a percepção do corpo, mesmo que este discurso seja incoerente. Os discursos a respeito do corpo tem o poder de moldá-los, no caso do discurso estético que analiso suas ações são mais evidentes. O discurso estético feminino que preconiza a magreza como ideal utiliza-se de imagens de mulheres cada vez mais magras para representá-lo. Neste sentido a força do discurso se reifica nos corpos, na busca das mulheres a moldarem seus corpos para caberem em manequins cada vez menores.

Para manter o corpo desejável que se chega a maturidade para muitas mulheres é necessário realizar procedimentos estéticos, tomar cuidados com alimentação e dieta. Quando se separa de seu primeiro marido uma das primeiras atitudes de Elca é realizar uma cirurgia plástica no rosto para sentir-se melhor e mais confiante. Após o falecimento de seu marido Nildéia faz diversos procedimentos cirúrgicos (lipoaspiração, injeta gordura nos quadris e nádegas, retira excesso de pele abdominal, diminui os seios), exercícios e dietas a fim de alcançar um corpo que seja sexualmente desejável. No entanto as mulheres que não puderam realizar intervenções em seus corpos não se sentem desejáveis para relacionamentos sexuais como afirmam Denise, Dirce e Monica. Existem duas possíveis leituras das práticas de intervenções cirúrgicas com objetivos estéticos: a primeira que julga a cirurgia plástica a partir de um discurso moral como sendo uma sujeição da mulher a um padrão estético – daí provém o medo de muitas mulheres realizarem cirurgias plásticas e serem criticadas como fúteis (Goldenberg, 2005; Wolf, 1992; Goetz, 2013; Debert, 2003); a segunda que toma a cirurgia plástica como um meio de reformular o corpo dentro uma sociedade que o toma enquanto capital (Novaes, 2006; Le Breton, 2013). A cirurgia plástica na modernidade se apresenta para estas mulheres como uma possibilidade de realização e de exercício de sua individualidade.

O controle do corpo acaba por produzir um saber, uma disciplina sobre os corpos, a partir dos discursos fica evidente que a disciplina que detém um saber privilegiado sobre o corpo ainda é a medicina em detrimento de outras possíveis como nutrição, fisioterapia, educação física e etc. Quando as mulheres decidem intervir nos corpos elas, em sua maioria,

optaram por dietas prescritas por médicos, utilização de remédios para controle de peso e cirurgias plásticas.

A partir dos depoimentos posso perceber o forte peso do reconhecimento pelo outro na formação da percepção do corpo próprio, este discurso age por reificar os corpos alterando não somente a percepção mas a materialidade dos corpos. As expressões do discurso do outro sobre os corpos femininos pôde ser percebida a partir das seguintes práticas: 1º) O outro é aquele que cria um discurso estético sobre o que é belo e o que é feio; 2º) É o outro que julga os corpos dos sujeitos; 3º) O outro que classifica os sujeitos dentro dos padrões estéticos; 4º) O outro que determina formas de se relacionar a partir dos corpos; 5º) O outro que exerce controle sobre os corpos nas dimensões de tempo e espaço; 6º) O discurso do Outro detém o saber sobre os corpos.

7.1.2. RECONHECIMENTO DO OUTRO

A segunda parte do processo de formação da imagem de si é o reconhecimento do outro, através da comparação com o outro ou com as imagens produzidas pela sociedade o sujeito pode demarcar seu lugar na família, na sociedade.

Logo na infância os sujeitos já são capazes de se confrontar com a imagem do Outro e é no ambiente familiar, o primeiro grupo de socialização, que se tem a possibilidade de instaurar o reconhecimento. A primeira lembrança em que ocorre um questionamento estético para Marly é quando nasce sua irmã caçula e ela se compara ao novo bebê da família. Neste momento a perda da atenção dos pais que se voltam para o bebê é sentida por Marly que, ao se comprar com um outro que é detentor da atenção da família atribui ao bebê o lugar de mais belo. De maneira mais acentuada, a infância de Denise foi marcada pelas comparações com a irmã, a quem a família sempre atribuiu a posição de bela, e consequentemente Denise assumia a posição de demérito, era tida como a desajeitada, a gordinha, de cabelo crespo, a criança difícil. Sempre em contraste com a irmã sentia-se rejeitada, para acobertar os irmãos sem apetite e evitar castigos comia a comida deles, ansiosa comia cada vez mais. Hoje ao olhar a fotografia da infância (fotografia 27) percebe que não era gorda como seus pais diziam. Mesmo depois de adulta as comparações continuavam, sua mãe era uma mulher bastante elogiada, suas pernas eram consideradas muito belas. Denise percebia bastante semelhanças com a mãe, principalmente as pernas, no entanto a família negava, ela não ocupava este lugar na família. Somente na velhice consegue repensar a imagem de si e descolá-la do discurso da família. Elca não se sentia

bonita pois seus irmãos tinham pele mais clara que ela, ela era única morena. Seus irmãos brincavam dizendo que ela era adotada. Também se sentia desengonçada perto das colegas que desenvolveram a puberdade antes, como ela afirma era o “*Patinho Feio*”.

As relações estabelecidas com os colegas de escola também são importantes para compor a imagem percebida do corpo, uma vez que eles se tornam o grupo de referência mais semelhante fora das relações familiares. Yara não se preocupava com seu corpo e afirma que só se deu conta de que era baixinha quando foi para a faculdade e começou a se comparar com as amigas. Também pela comparação com as amigas percebe que tinha os glúteos pequenos e passa a usar duas calças para que se pareçam maiores. Marly relata o dia em que sua amiga de escola pergunta se era mais bonita que as outras colegas e que neste momento realiza que não é tão bela (de acordo com os padrões) quanto às amigas e que não seria por este caminho que seria bem sucedida ao se relacionar com os demais, portanto decide investir em suas habilidades intelectuais. A mulher sem beleza precisa ao menos mostrar competência extrema para diminuir sua invisibilidade no ambiente de trabalho, enquanto as belas, só por este estatuto se fazem visíveis, até que envelheçam (Wolf, 1992). Por isso é muito comum o discurso de que as mulheres que não possuem beleza precisam se esforçar e se destacarem em outras áreas, uma vez que são desprovidas do mais importante atributo feminino, bem como o espanto quanto uma mulher além de bela apresenta alto desempenho intelectual, como se houvesse incompatibilidade entre ambos.

O processo de envelhecimento é vivenciado com muita angústia pelas mulheres, há medo das mudanças que estão por vir nos corpos. Anita expressa sua angústia ao ver outras mulheres idosas, às vezes até mais novas que ela, que tem os corpos deformados pelo tempo, com os pés tortos, que ela chama de posição “*dez para as duas*” – alusão ao ponteiros do relógio – que seriam os pés voltados para fora. Frequentemente ela pede ao seu filho que a observe andando para lhe dizer se seus pés também estão ficando tortos.

Nos relacionamentos afetivos as mulheres entrevistadas também realizam avaliações da imagem do Outro. Primeiramente chama a atenção a percepção que estas tem do homem gordo, diferentemente da mulher um homem para ser considerado gordo precisa estar com sobrepeso em níveis mais altos e à estes homens são atribuídos valores negativos, como preguiça, gula e menos valia como amante. Solange e Nildéia relatam momentos em que homens gordos tiveram interesse de se relacionar com elas, mas eles foram rejeitados. Em segundo lugar aparece a questão da idade dos companheiros, as mulheres quando se comparam com estes percebem que estão envelhecendo física e psicologicamente melhor. Lourdes encara melhor o envelhecimento que o marido, no entanto está se sentindo

desgastada por ter que dispensar cuidados ao marido doente. Elca quando se compara com os ex-companheiros se vê mais ativa e jovial, elabora a hipótese de a mulher depois que aposenta ainda tem a possibilidade de exercer outros papéis como o de dona de casa. Os companheiros também podem ser aqueles que denunciam o próprio envelhecimento, Denise quando se reencontra com seu ex-marido se assusta ao vê-lo tão envelhecido, depois acaba por deduzir que deve estar tão envelhecida quando ele.

Perceber-se positivamente no processo de envelhecimento, é um fenômeno que ocorre muitas vezes por comparação. Ao possuir características de um corpo jovem na velhice as mulheres idosas se sentem belas em comparação com as outras. Como no caso de Nildéia que conseguiu emagrecer e tem um corpo magro e ativo. Ao se comparar com as irmãs obesas e ressaltar que uma delas já nem consegue mais andar ela encontra satisfação em seu corpo. Também se compara com as jovens da academia que não conseguem emagrecer e se orgulha da transformação que conseguiu operar em seu corpo, e ainda mantém um símbolo desta transformação, uma calça número 56 que exhibe para as colegas de academia. Quando vê seu corpo de atleta - que nada, corre e anda de bicicleta – e se mantém magro, rígido como o dos jovens com os quais treina e bem diferente da maior parte de suas amigas é fonte de satisfação para Yara. Por outro lado exibir características próprias da velhice como os cabelos brancos é motivo de orgulho para Elca e Esmeralda e ao se compararem com as outras idosas de cabelos pintado se sentem autênticas.

ATRIZES COMO REFERENCIAL ESTÉTICO

A sociedade moderna produz uma infinidade de imagens, as quais nos últimos anos com o aumento da circulação de informações tem chegado até os sujeitos em grandes proporções. Logo no início do século XX a imagem das atrizes dos filmes de *Hollywood* começaram a fazer parte do imaginário popular e passaram a se tornar referencial de beleza feminino a ser alcançado. Este cinema estetiza o corpo feminino, com jogo de luzes e controle de câmeras padroniza a aparência. A atriz hollywoodiana é estilo mulher fatal, sexualizada, sua função é mostrar o corpo. No Brasil as revistas e a televisão cumpriram o papel de reproduzir o padrão estético branco através das atrizes nacionais que não eram representativas de uma maioria nacional de negros e mestiços. Apesar desta discrepância

entre as imagens das atrizes e das mulheres brasileiras ainda assim as primeiras se tornaram um referencial estético a ser alcançado.

Os filmes de *Hollywood* eram o grande entretenimento da jovem Esmeralda, que todos os finais de semana ia ao cinema no centro da cidade, para ela as atrizes eram lindas e seu sonho era ser parecida com elas. Marta Rocha, a Miss Brasil mais famosa de todos os tempos, é considerada por Marly como uma referência em beleza. Mas logo na juventude Marly percebe que não havia possibilidade de atingir este padrão de beleza, até porque na época não havia muitas possibilidades de intervenção no corpo, a beleza era um dom natural. Apesar da dificuldade de alcançar um corpo como o das atrizes havia uma outra saída para se parecer com elas, a moda. Os cabelos, as roupas, as maquiagens eram amplamente copiados pelas mulheres da época, Nildéia se lembra de usar as batas iguais as da atriz principal da novela *Selva de Pedra*.

As atrizes são os modelos que atuam justamente para criar e dar forma ao padrão estético, sendo que na realidade elas são admiradas justamente por serem uma exceção. As atrizes são um reflexo de um privilégio social, do acesso a um número incontável de procedimentos e técnicas para apresentar uma aparência naturalmente jovem e magra (Sontag, 1972). Mas a partir da intensificação do consumo em nossa sociedade este discurso que antes era exclusivo às atrizes passa a ser dirigido também as mulheres comuns e o padrão de exigências aumenta (Wolf, 1992).

O envelhecimento das atrizes e os sinais do tempo deixados em seus corpos são acompanhados pelas expectadoras que acabam por se comparar. As atrizes que conseguem manter uma aparência jovial e continuam ativas tornam-se um exemplo de bom envelhecimento. Como um exemplo mulher que envelheceu bem Dirce recorda de Hebe Camargo, que segundo ela tinha pernas maravilhosas, lisas e se entristece ao comparar com as suas. Contraditoriamente reconhece também que a velhice é inegável e que deixará marcas e questiona a dificuldade em encontrar uma atriz que não esconda a idade e afirma que a única que aceita a idade é Fernanda Montenegro. Também reconhece que muitas atrizes fazem plásticas mas negam e cita a atriz Beatriz Segal. Percebe também como o processo de envelhecimento deve ser mais difícil para as mulheres que vivem de sua imagem e que são julgadas publicamente por isso. Cita o fato de que atualmente é comum encontrar na internet matérias que abordam o antes e depois das atrizes, comparando as imagens delas na juventude e na velhice. E pensa nos desafios físicos e psicológicos vivenciados por essas mulheres. Neste momento usa como exemplo a atriz Elizabeth Taylor, que segundo Dirce, era uma mulher deslumbrante e hoje ficou “*velha, gorda e papuda*”. Anita também tem medo

de fazer plásticas e ficar como a cantora Elza Soares, que não tem uma aparência natural. É possível perceber uma satisfação em acompanhar o envelhecimento de figuras públicas – observável pela quantidade de matérias sobre o “antes” e o “depois” de famosos – perceber que até mesmo as atrizes que são modelo de beleza envelhecem traz um conforto e diminui a solidão frente a esta experiência.

As mulheres tomam então a figura das atrizes e modelos como parâmetro estético, corpos que ocupam o lugar do desejo tanto para homens quanto para mulheres, mesmo sendo corpos forjados para criar uma imagem de consumo e resultado de uma distinção social. As imagens das atrizes tem a seguinte repercussão na vida das mulheres: 1º) regulam a relação com seus próprios corpos, uma vez que representam um ideal a ser alcançado e sinônimo de sucesso e em geral são fonte de sofrimento; 2º) regulam as relações dos outros com os corpos das mulheres, uma vez que são analisados a partir deste parâmetro dificilmente alcançável; 3º) estabelecem um modelo de beleza alcançável desde que sejam consumidos os produtos capazes de promover a beleza; 4º) quando não representam mais o ideal de beleza mostram que a velhice é inexorável e ao mesmo tempo aproxima a atriz da mulher comum com suas imperfeições.

7.1.3. AUTORRECONHECIMENTO

E por fim, o sujeito precisa formar uma imagem de si a partir de um autorreconhecimento, processo que se dá de forma mais lenta e pode sofrer deturpações, como sinaliza Bergson (1939) esta capacidade de compreender os sentidos e percepção do corpo próprio ainda é precária nas crianças, uma vez que demanda treino.

Diversas situações podem levar a um empobrecimento do autorreconhecimento do corpo próprio. Discutirei inicialmente os entraves à constituição desta imagem que já começa a se apresentar desde a infância. As entrevistadas relataram que não se lembravam sobre a forma como se percebiam na infância, onde as questões estéticas passavam despercebidas. Relatam um período de inocência e sem preocupações com o corpo, apenas com o divertimento. No entanto nem todas puderam ter a infância como fase de descobrimento do corpo a partir de brincadeiras, Esmeralda, Cleusa e Lourdes já assumiam responsabilidades e trabalhavam desde a infância, sendo que as duas últimas continuaram trabalhando até a velhice. Aqui fica evidente a alienação do corpo pelo trabalho, um empobrecimento dos movimentos e consequentemente das percepções pelos movimentos

repetitivos do trabalho na fábrica e na confecção. Hoje, ainda trabalhando, Cleusa diz não se sentir envelhecendo, mesmo sentindo as mudanças do corpo ela afirma que não tem tempo para se preocupar com isso, ainda precisa pagar as contas.

O desconhecimento do corpo também empobrece a percepção, Lourdes e Marly relataram que no ambiente familiar o corpo era um tabu, era proibido falar sobre o corpo e assuntos relacionados como sexo, gravidez, prazer. Denise descobriu o corpo e o prazer com o primeiro namorado, dançavam juntos e ainda se lembra do prazer de sentir o toque do corpo, ela e Nildéia engravidaram na adolescência por desconhecimento do corpo.

O corpo doente também é um entrave à percepção, segregado, empobrecido e controlado pelo discurso médico. A experiência de ter tido diversos problemas de saúde e cirurgias fez com que Suzete sentisse seu corpo como frágil. Anita desde a infância sofria de convulsões, a explicação dos médicos era de que o problema havia se desenvolvido em uma fase de transição de menina para mulher e que por isso não teria possibilidade de cura e que por isso seria impossibilitada de ter uma vida normal, teria diversas limitações e dependeria de fortes remédios. Quando vai participar do processo seletivo para o trabalho na Telefônica omite a doença a despeito dos remédios que trazia na bolsa e consegue a vaga. Até que por volta dos trinta anos repentinamente se cura da doença. Socialmente é o corpo que não produz e que não participa. O corpo doente é aquele que deve se sujeitar ao saber médico, deve ter o espaço e o tempo controlados, requer observação e afastamento das atividades (Foucault, 1979).

Apesar destes entraves que empobrecem a percepção do corpo próprio os sujeitos são capazes de criar uma representação do corpo a partir desta tríade de dados, assim a imagem do corpo é formada, mesmo que precariamente. A imagem idealizada do corpo dificilmente coincide com a real, mesmo com esta defasagem é importante que como componente da identidade a imagem necessite ser sempre reatualizada.

A fase da juventude é considerada o expoente máximo da beleza feminina, as características da juventude definem o padrão de beleza atual como rigidez, magreza, rapidez. Portanto nos relatos fica evidente que neste momento as mulheres apresentavam maior consciência corporal, bem como mais confiança e autoestima. Mesmo que não se sentissem bonitas ou que não se preocupassem com a estética a maior parte das mulheres entrevistadas se atribuíam como característica positiva ser magra. Maria Helena se orgulha de ser tão magra que parecia tuberculosa. Monica diz que quando se casou era tão magra que parecia uma criança em sua primeira comunhão. Yara e Suzete eram tão magras que até gostariam de engordar. Anita e Esmeralda se sentiam bonitas justamente por serem magras.

Nildéia se sente bonita na adolescência pois havia conseguido emagrecer, assim como Dirce era magra com pernas grossas. A magreza garante um status de beleza à mulher, ser magra uma expressão de autocontrole, de mulher comedida, senão apagada. Novaes e Vilhena (2003) ressaltam que a magreza é o principal capital para que as mulheres obtenham vantagens nas relações sociais, desde matrimônio até emprego. Ainda faz-se necessário destacar que hoje para ser considerada magra uma mulher precisa ter um corpo mais magro do que algumas décadas atrás. Wolf (1992) destaca que o padrão de magreza das modelos atuais é 23% mais baixo que o das mulheres comuns. Este padrão rigoroso de magreza tem sido associado também a diversos transtornos de ordem alimentar e a plasticomania (Medeiros, 2012; Goetz, 2013).

Ao longo da vida o corpo continua sofrendo transformações, algumas delas podem ser bastante radicais como gravidez, menopausa e por fim o envelhecimento, reatualizar estas imagens pode ser um processo difícil.

A gravidez é um período de transformações na vida da mulher que são de ordem sociais, emocionais e físicas. As entrevistadas ressaltaram que apesar da gestação ser considerada um período positivo as mudanças que ocorrem no corpo são de ordem negativa, como o aumento do peso, a flacidez na barriga e nos seios, as manchas, enjoos, depressão pós-parto. Lourdes e Esmeralda conseguiram voltar o corpo a forma anterior a gravidez por causa do trabalho pesado sem recorrer a tratamentos estéticos, pois não tinham condições financeiras. Já Catarina e Nildéia não conseguiram retomar o peso anterior.

A menopausa é um marco na passagem da vida adulta para velhice e traz mudanças físicas relevantes às mulheres, tais como alterações hormonais, mudanças na pele, perda da libido, mudança no ciclo menstrual, aumento de peso e os calorões; tais alterações variam de intensidade para cada mulher por isso sua percepção também é bastante diferenciada. As mulheres se referem a este período de forma bastante negativa pois precisam lidar com os sintomas e mais ainda se adaptar a um novo corpo. Suzete experienciou uma menopausa precoce e precisou fazer uma cirurgia de retirada do útero. Solange que ainda está passando por este processo se queixa muito dos sintomas, principalmente os emocionais e os calorões e por não poder fazer a reposição hormonal devido a um histórico de câncer na família. Neste momento está estabelecendo mudanças em sua rotina alimentar e física, percebe que ganha peso, fica com a pele ressecada. Marly também teve dificuldades na menopausa, principalmente com a queda da libido.

As mudanças do corpo na velhice também requerem uma atualização na autopercepção do corpo, no entanto estas podem ser compreendidas de formas distintas.

Dirce cria estratégias de adaptação as limitações que tem vivenciado, como por exemplo nas caminhadas; com o avanço da idade, já não consegue mais andar o quanto andava pelas ruas de São Paulo por isso quando se cansa pega um táxi ou um ônibus, as tarefas de casa que não consegue realizar pede auxílio, como trocar uma lâmpada. No entanto em alguns momentos em que sua limitação fica visível aos outros sente envergonhada, como quando as pernas não obedecem ao se levantar de uma cadeira ou ao tentar subir um degrau de ônibus, sua estratégia é fazer uma piada para disfarçar, mesmo que os outros percebam.

A tarefa de reconhecer o corpo próprio de forma autêntica realizando uma síntese entre o que o sujeito reconhece no outro e como o outro reconhece o sujeito, é uma tarefa árdua e constante. Solange, Suzete e Esmeralda por se adequarem ao padrão estético e terem tido ao longo da vida retorno positivo dos outros sobre seus corpos conseguem encarar de forma positiva os sinais do envelhecimento. Já Elca e Marly que distantes do padrão de beleza conseguem forjar uma autenticidade estética pela via da arte e literatura. Elca que em suas palavras se sentia o “*Patinho feio*” elabora uma mudança de postura pela via do teatro quando interpreta Titânia. Esta experiência teatral opera uma mudança na forma como se percebe e a partir da adolescência estabelece uma relação mais confiante com o seu corpo que é externalizada pela forma com que aceita os cabelos brancos e como utiliza a moda, ela afirma não consumir moda, usar o que todos usam, mas sim cria moda, busca ser autêntica.

Marly passa por uma experiência semelhante, pois desde a adolescência não se sentia bonita, mas acreditava que isso era superável pela personalidade e forma de posicionar no mundo e justamente por isso se sentia livre e pôde buscar sua autorealização em outras áreas da vida, seu prazer, independência. Ela acredita que um dos fatores que impulsionaram esta tomada de atitude foi um livro chamado “*A mulher eunuco*” que analisava como as mulheres eram controladas pela estética do corpo e pela moda.

Fica evidente como então o processo de autorreconhecimento pode ser dificultado pelo trabalho, tabu, doença, no entanto mesmo que de forma prejudicada ela se desenvolve e ao longo da vida precisa ser reatualizado, sendo que para as mulheres alguns marcos podem trazer mudanças mais difíceis como a gravidez, a menopausa e o envelhecimento. A partir do século XX dois instrumentos vão ser fortes auxiliares no processo de reconhecimento de si, são eles o espelho e a fotografia, que serão discutidos a seguir.

a) ESPELHO ATUALIZA A IMAGEM DE SI

Mirar-se no espelho é uma ação cotidiana, que para as mulheres assume uma conotação diferente na velhice. O espelho mostra dia a dia as mudanças do corpo, os primeiros fios de cabelos brancos, as rugas que aparecem nos cantos dos olhos. Ver esta imagem atualizada é ver a velhice chegar. Nas entrevistas as mulheres falam sobre esta revelação que o espelho traz, no entanto a relação com o espelho se dá de maneira diferente entre as entrevistadas. Esmeralda diz que a percepção do envelhecimento chega pelo espelho, que ele é o primeiro a denunciar, mas que é assim para todas. Para Elca a relação da mulher com o espelho é reflexo da relação dela com o próprio envelhecimento “*é dramático buscar a juventude eterna*”.

A sensação de que o espelho denuncia a velhice é expressa por Maria Helena que a dez anos atrás quando estava com uma amiga e se olhou no espelho se assustou pois se viu velha e exclamou: “*Já começou!*”. Dirce também tem o espelho como aquele que denuncia o que se quer negar pois quando olha vê uma imagem que não espera e se sente horrível, uma “pata choca”. Por isso evita se olhar no espelho, e quando resolve olhar criticamente se sente mal, percebe novos defeitos que a velhice traz. A mesma percepção tem Monica que não gosta de se olhar no espelho, não gosta do que vê, sente-se feia. Assim como Yara que não gosta de olhar no espelho porque não gosta de ver suas rugas no rosto.

A presença maciça dos espelhos nas residências é um fenômeno recente, nos séculos XIV e XV os inventários do governo francês contabilizavam poucos espelhos devido a sua dificuldade de manutenção; nos séculos XVI os espelhos eram a medida da riqueza dos burgueses que carregavam pequenos exemplares cuidadosamente emoldurados sendo incomuns no campo e nas aldeias; no século XVIII os espelhos passam a adornar as casas ricas que querem imitar a aristocracia, já nas aldeias apenas o barbeiro possuía pois não era possível manter um espelho em uma habitação onde não havia espaço privativo; somente a partir do século XX que os espelhos se tornam acessíveis. Até então a gordura não era um problema para a mulher “Como admirar a celulite no poço da água? Como ver o queixo duplo no fundo da panela de cobre?” (Nahoum, 1979, p. 31).

Nahoum (1979) analisa os dois fatores que fundam a noção atual de beleza feminina que para ele são: 1) a imagem refletida no espelho e 2) a história psicossocial das mentalidades. O imperativo atual da magreza não é uma mudança de padrão estético pois a gordura não se fazia noção imperativa antes da popularização do espelho, mas é

consequência da possibilidade de observação que o espelho proporciona associada a maleabilidade do corpo. Para o autor o espelho não tem papel ativo nenhum, ele apenas reflete a imagem em constante movimento – por isso passível de modificação – a qual atribuímos socialmente os significados. No entanto o espelho como um reflexo frio do corpo não abarca a história, é uma realidade parcial do sujeito.

As discussões sobre a relação do espelho com o padrão estético magro estabelecidas por Nahoum (1979) nos abrem caminhos para pensar a relação do espelho com o corpo envelhecido, mas no entanto não são da mesma ordem. O espelho traz um novo componente para a imagem corporal: a imagem refletida do corpo, fiel, instantânea e em movimento. A formação da imagem de si mediada pelo espelho ao longo do processo de envelhecimento se dá através das seguinte forma: 1º) pelo espelho o sujeito pode ter uma imagem atualizada de si, e no dia a dia pode notar o processo do envelhecimento; 2º) a corrente ideia de que o espelho revela o corpo real do sujeito, com suas qualidades e imperfeições. É possível fazer uma analogia aqui ao espelho da Rainha Má do conto da Branca de Neve que pergunta ao espelho encantado quem é mais bela que ela e tem como resposta cruel que há uma garota mais bela e mais jovem; 3º) a relação confessional que os sujeitos estabelecem com o espelho, com ele é possível ver aquilo que se quer esconder dos outros, admirar o corpo nu; 4º) ele proporciona também a possibilidade do jogo de atuação, frente à ele o sujeito pode se moldar e observar, o murchar e inflar a barriga, esticar as rugas com as mãos, prender os cabelos, alterar a postura, a tez da testa, ensaiar posturas.

É inegável a atração que os sujeitos possuem ao se mirar no espelho assim como Narciso faz nas águas, o espelho possibilita o conhecimento do corpo, formar a imagem do corpo próprio, acompanhar suas mudanças e atualizá-la. Ele reflete uma realidade inexorável para todos, no entanto a relação que se estabelece com a imagem refletida possui também um caráter social.

b) FOTOGRAFIAS CONSOLIDAM A IMAGEM DE SI

Utilizar as fotografias como objeto de pesquisa juntamente com as entrevistas promoveu um enriquecimento dos dados coletados. Enquanto selecionavam as fotografias para a entrevista em meio aos álbuns de família as depoentes já se sensibilizavam para a realização da entrevista. Algumas relataram que ao revisitar os álbuns de família foram

tomadas pela emoção, uma vez que o álbum de família é o registro documental doméstico mais comum. Nesta pesquisa a fotografia não foi utilizada apenas como um apoio para memória ou ilustração, mas sim como um objeto que materializa tanto um ideário estético quando um registro indenitário individual, ou seja, um objeto polissêmico e que aqui será analisado pela via do significado social e do registro identitário do sujeito. Bourdieu (2006) propõe tomar a fotografia como objeto de análise sociológica, ao realizar análises que vão além das qualidades técnicas e estéticas, uma vez que as fotografias são objetos que realizam uma representação que permitem o reconhecimento de expressão de um Ethos. Podemos tomar também a fotografia como um objeto da Psicologia uma vez que ela representa também a expressão de um sujeito, um sujeito de ação que escolhe representar uma determinada realidade sobre um determinado recorte e um sujeito representado que também age ao escolher como quer ser representado. Analiso aqui as fotografias a partir deste duplo olhar, Psicológico e Sociológico.

No processo de representação da imagem de si a fotografia teve papel fundamental por ser capaz de congelar imagens que podem ser acessadas ao longo do tempo reatualizando a representação do sujeito a cada mirada. O surgimento da primeira câmera comercial fabricada pela Kodak em 1888 (Corrêa, 2012) causa a expansão do acesso às fotografias e trouxe a difusão dos álbuns de família, que retratam o desenvolvimento do grupo familiar ao longo dos tempos, bem como o domínio crescente da autorrepresentação. Tal fenômeno ocorreu inicialmente nas famílias com posses, tornando-se acessíveis aos demais nas décadas seguintes. O século XX com a modernidade e suas práticas individualistas autorizou a atenção a si mesmo. O corpo retratado expressa os códigos culturais de uma época, com suas posturas, gestos e modos de vida (Ory, 2008). Daí a relevância do estudo dos álbuns de família para compreensão de determinados momentos históricos e seus modos de vida.

A fotografia é considerada uma prática social e cultural mais popular que possui uma função normatizadora que através dos álbuns de família constrói narrativas da classe média, compartilha os valores e o estilo de vida burguês, ela também constrói no nível individual uma narrativa biográfica do indivíduo inserido no contexto familiar. As fotografias são consideradas objetos de trocas reguladas entre os membros dos grupos, uma representação que permite o reconhecimento do sujeito enquanto pertencente a um grupo e ao mesmo tempo o distingue dos demais. É notória a relação da fotografia com a identidade, que através da representação imagética exprime a relação dual de pertencimento e exclusão.

O registro fotográfico na infância é uma prática recorrente na sociedade contemporânea, no entanto três das entrevistadas, Catarina, Lourdes e Nildéia não possuem fotografias desta fase. De maneira apressada é possível explicar a ausência de fotografias da infância pelo viés econômico, uma vez que o acesso ao material de registro fotográfico possuía um alto custo financeiro, no entanto havia a figura do fotógrafo itinerante que tirava fotografia nas cidades em que passava e as vendia a baixo custo. Esta foi a explicação dada por Nildéia que tem como origem uma família de imigrantes nordestinos. Mas como explicar o fato de que outras mulheres de classes populares possuem fotografias deste período? Algumas análises são possíveis, como a explicação que Bourdieu (2006) encontra ao estudar uma aldeia de *Lesquire* na *Béarn*, na qual os camponeses consideravam tirar fotografias que não sejam de solenidades como sinal de futilidade, desperdício e até mesmo uma tentativa de mimetizar o comportamento dos cidadãos. Assim a motivação não seria apenas o recurso econômico, mas a escolha do destino de tal recurso. Outro fator que pode justificar a escassez de fotografias de crianças é que até 1945 não havia o hábito de registrar crianças, mas principalmente as cerimônias dos grupos, que são as passagens mais importantes que garantem a unidade grupal. Após a Segunda Guerra Mundial é que surgem as primeiras celebrações destinadas as crianças como o Natal, com isso a criança passa a assumir um papel de destaque na família e suas representações surgem em maior quantidade.

As fotografias de infância ressaltam a existência de um padrão estético nos álbuns de família, as meninas aparecem nas fotografias de maneira bastante semelhante, de vestidos brancos, algumas com laços de fitas brancas na cabeça e em posturas rígidas e formais, como ocorre nas fotografias de Maria Helena (fotografia 1), Elca (fotografia 23), Solange (fotografia 40), Marly (fotografia 44), Anita (fotografia 52) e Esmeralda (fotografia 56). Estas fotografias permitem evidenciar que: 1º) há a presença de um forte padrão estético compartilhado na sociedade paulistana até a primeira metade do século XX; 2º) este padrão estético era difundido em diferentes classes sociais; 3º) permanecia a preocupação em realizar registros com características mais formais para compor o álbum de família. Estes três fatores ressaltam a ideia do álbum de família ser o guardião da biografia da família, na qual são selecionados apenas os momentos felizes, as pessoas ajustadas e os momentos mais marcantes. Há todo um cuidado no momento de selecionar uma fotografia para compor o álbum, escolhem a fotografia na qual o fotografado apresente a melhor imagem de si, com as melhores roupas e melhor postura, daí a dificuldade em realizar uma distinção social pois em geral as fotos de família tem como objetivo retratar bem-estar, conforto (Moreira Leite,

1994). A fotografia de Maria Helena, Anita e Esmeralda ilustram esta impossibilidade de a partir das fotografias perceber o pertencimento de classe, em entrevista Maria Helena relembra que no momento de tirar a fotografia o fazia com vestido emprestado pela amiga de classe alta. Anita ressalta que nas famílias pobres a fotografia era tirada pelo fotógrafo que ia até as casas fazer o registro fotográfico e tempos depois retornava para vendê-las.

As demais fotografias retratam o cotidiano das famílias, as crianças brincando como as de Monica sentada na areia (fotografia 7), Cleusa sorrindo abraçada à irmã (fotografia 15), Dirce sentada na cadeirinha (fotografia 36) e Denise com as amigas e com a irmã (fotografias 26 e 27), Yara no passeio diário aos Correios com o pai (fotografia 11) e a viagem em família de Suzete (fotografia 31). Apesar de retratarem momentos mais descontraídos ou do dia a dia elas ainda retomam à mesma estética da época, as meninas com seus vestidos brancos e laçarotes na cabeça e há uma certa formalidade na postura das crianças que se posicionam enfileiradas, ou sentadas. Importante destacar aqui uma mudança na forma de retratar a criança pois ela já começa a ser figura importante nos álbuns de família.

As fotografias escolhidas para compor o álbum da família registram a biografia de seus membros e narram uma história familiar. A escolha de fotografias que retratam ritos de passagem são relevantes pois marcam os momentos mais relevantes da história de vida, trazem temporalidade às lembranças e servem de fio condutor da história. Os rituais religiosos marcam fases da vida dos sujeitos, como por exemplo a Primeira Comunhão ⁶ que é um ritual no qual o jovem católico exerce de maneira ativa sua religiosidade, uma passagem da infância para a juventude. Esta foi a fotografia escolhida por Solange (fotografia 41) na qual ela aparece em plano médio com diversos símbolos religiosos como a vela, missal, luvas e véu e grinalda. É perceptível o contexto religioso e a postura formal que a ocasião requer, Solange ainda preserva feições bastante infantis que parecem acentuadas pela vestimenta que denota um ar de pureza. Nesta fotografia são observáveis diversos símbolos religiosos carregados de significados as vestes brancas e o véu eram símbolos da pureza das mulheres solteiras, as luvas eram usadas porque se comungavam com a vela acesa nas mãos, o missal servia para acompanhar a missa em latim e o símbolo PX é uma referência as letras gregas *rho* (x) e o *rho* (p) que são as iniciais de *Xristós*, isto é Cristo⁷.

Na juventude existem importantes marcos que estão ligados à vida escolar, como a formatura, entrada na universidade. As fotografias destes momentos foram selecionados por

⁶ A primeira comunhão é uma cerimônia na qual o católico recebe a hóstia pela primeira vez, para tanto ele precisa compreender os preceitos básicos do catolicismo.

⁷ Símbolos utilizados antes do Concílio do Vaticano II.

Suzete com sua foto de formatura (fotografia 32) e Marly que escolheu sua carteira estudantil (fotografia 45). Ambas fotografias estão associadas a momentos de grande importância na vida dessas mulheres. Na fotografia de Suzete (fotografia 32) tirada em primeiro plano, com seu rosto em destaque, usando beca e capelo, ela usa os cabelos curtos e uma maquiagem discreta. Em sua carteira estudantil da Faculdade de Direito Marly está retratada em uma fotografia 3x4 aos vinte anos, na qual aparece de cabelos curtos e pouca maquiagem (fotografia 45). As entrevistadas narraram não apresentar grandes preocupações com a aparência ao longo da vida, no entanto pode-se perceber uma preocupação estética nas fotografias, os cabelos curtos e alinhados, a presença de maquiagem discreta, a postura séria. Em alguns momentos das entrevistas é possível perceber nas mulheres que há uma crença de incompatibilidade entre preocupações estéticas e profissionalismo, como se as mulheres preocupadas com a carreira não deveriam dar demasiada atenção a futilidades como aparência. É notória a importância das fotografias que marcam um momento de transição das jovens que ingressavam no mundo do trabalho, a escolha das fotografias pode estar associada à importância que a carreira ocupou em suas vidas, uma vez que ambas tiveram uma importante trajetória profissional. Catarina também escolheu um momento relacionado ao trabalho, no entanto a escolha foi de uma cerimônia coletiva, a inauguração da fábrica da Niasi (fotografia 20). Nesta fotografia em plano geral é possível ver Catarina usando um penteado com topete e vestido branco, com a mão direita sob o ombro da amiga. Como era um momento festivo em uma empresa de cosméticos percebe-se as mulheres se posicionam à frente e estão com a aparência bem cuidada. Esta fotografia possui um significado especial para Catarina pois foi seu único emprego, o qual teve que abandonar por decisão do marido, para ela além do retorno financeiro o trabalho representava liberdade que ela não encontrava no ambiente familiar.

As fotografias da juventude retratam momentos de maior descontração e menor formalidade. Monica aparece retratada no telhado da fazenda com uma andorinha no ombro (fotografia 8), a fotografia em preto e branco foi enquadrada em plano americano, do joelho para cima, está sorridente, recostada no telhado com o pequeno pássaro em seu ombro direito. A satisfação com a situação descontraída diverge dos momentos relatados como sendo de excesso de regras e rigidez na criação, de acordo com seu relato, na fazenda ela vivia com liberdade perto das plantas e animais. Dirce também escolhe fotografias em que está vivendo um momento descontraído na casa da amiga Suzi (fotografias 36 e 37). Em uma tarde com os amigos se divertiram realizando um ensaio fotográfico diferente das fotografias dos tradicionais álbuns de família. Na fotografia 36 Dirce posa com um chapéu

escondendo o rosto enquanto está reclinada na parede e na fotografia 37 ela está em pé de perfil, com as mãos na cintura e a língua para fora; ambas em plano médio. Tais fotografias seriam bastante comuns se tiradas nos dias de hoje, no entanto para a época foram possíveis por uma questão de acesso ao capital cultural, uma vez que ambas são provenientes de famílias de classe média e tinham acesso a revistas e câmeras fotográficas. Bourdieu (2006) percebe em seu estudo que é comum entre as classes mais pobres assumirem uma postura rígida nas fotografias, para eles assumir uma postura correta e usar as melhores roupas é uma forma de respeitar a si próprio e exigir respeito. Neste caso a postura correta é entendida como a frontal – princípio da frontalidade – com um olhar fixo na câmera, este olhar de frente é entendido como um traço caráter.

As expressões artísticas também foram retratadas e representam momentos de descontração. Em sua apresentação de canto Maria Helena (fotografia 2), com plano médio, no qual é possível vê-la de corpo inteiro, é notável a presença de plateia ao fundo com duas mulheres que parecem acompanhar a música com palmas, ao fundo há uma criança distraída. E no plano anterior ao palco é possível perceber o recorte de duas pessoas posicionadas frente a cantora. Fica evidente a preocupação com a aparência, Maria Helena está usando vestido branco de festa, sapatos de salto alto e peruca. Ao interpretar Titânia⁸ no teatro Elca elabora uma identificação com a força e estética da personagem, é possível vê-la na fotografia 23 em plano geral, no canto direito usando uma longa peruca branca sentada ao lado do burro. Interessante destacar que ao final da entrevista Elca se dá conta de que como ela Titânia usa cabelos brancos. Nas apresentações artísticas, tanto no teatro quanto na música a apresentação estética tem uma função importante, o artista ao se colocar diante do público transmite uma mensagem através da forma e do conteúdo, por isso nas fotografias elas aparecem de uma maneira fora do usual, usando perucas, maquiagens artísticas e figurinos especiais. A força da imagem do personagem pode ser extrapolada para a vida cotidiana do sujeito como Elca afirma ter se tornado Titânia fora dos palcos.

As viagens são temas recorrentes nos álbuns de família, como na fotografia em plano aberto Denise aparece ao lado do então marido, seus pais e irmão em Campos do Jordão. Interessante notar em primeiro lugar que há um padrão estético nas roupas utilizadas pelos retratados, todos usam camisa branca e calça escura, sendo que este é um registro informal de uma viagem em família para o campo. Notadamente é comum haver uma similaridade

⁸ Personagem da peça teatral *Sonho de Uma Noite de Verão* de William Shakespeare, escrita em 1590.

estética entre membros de um determinado grupo, uma vez que partilham dos mesmos referenciais sociais e culturais. Em segundo lugar fica evidente a semelhança de Denise com sua mãe, fato que segundo ela era negado pela família. Também retratando uma viagem Maria Helena que escolheu uma fotografia na praia (fotografia 3). A fotografia ilustra um momento de sua juventude em que viajou com uma colega de trabalho para Praia Grande. Em plano aberto é possível ver prédios e banhistas ao fundo, as duas garotas ao centro, com roupas de banho, mantendo um certo distanciamento e uma postura séria para uma foto informal. A fotografia foi tirada por algum parente da amiga e registra a primeira vez que Maria Helena viu o mar. Yara também escolhe uma fotografia na praia na qual está com os amigos (fotografia 12), nesta fotografia em plano aberto com a mar ao fundo Yara aparece sentada ao centro, rodeada pelos amigos e o namorado. Este registro é importante pois retrata a melhor fase de sua vida, em que tinha um namorado no Rio e um grupo de amigos, a fotografia foi tirada antes de sua partida para Europa. A jovem pobre ao se retratar na praia pela primeira vez também quer partilhar dos mesmos signos culturais que as jovens de classe alta já estão acostumadas a utilizar. Há uma intenção por trás do registro fotográfico, a ideia de fixar um determinado momento marcante que reflete desejos individuais que são mediados pelo grupo, a forma de expressão não é neutra, é submetida a um esquema de valores grupais que determina o valor dos símbolos registrados. Assim a escolha dos objetos fotografáveis é permeada pela classe, pois a percepção estética é mediada por valores atribuídos pelo Ethos (Bourdieu, 1979).

Registrar os membros da família é também uma forma de compartilhar com o grupo a genealogia da família, os novos membros, os que nascem e os que são agregados ao grupo familiar. Cleusa escolhe uma foto em que está com a sobrinha no colo (fotografia 16), a fotografia registrada em plano geral mostra os materiais da obra da casa em que a entrevistada reside desde que nasceu até o presente. Apesar da fotografia ter sido tirada em um dia normal, é possível perceber que há uma preocupação com a aparência, ela está com um vestido bonito, brincos grandes, sapatos novos, meias-calças, os cabelos estão arrumados e ela está usando maquiagem. A fotografia 57 retrata Esmeralda e o noivo, tirada em plano geral na qual o casal está sentado em uma mureta e ao fundo a plantação de eucaliptos que seu pai trabalhava onde ao fundo ficava a casa de sua infância. Esmeralda está usando um vestido branco, simples e está com os cabelos arrumados ao estilo da época, usa brincos pequenos e pouca maquiagem.

As fotografias para documentos apresentam características estéticas similares conforme é possível observar nos retratos da juventude apresentados por Nildéia (fotografia 48), Anita

(fotografia 53) e Lourdes (fotografia 61). Nelas as jovens são retratadas em primeiro plano, usando roupas brancas, pouca maquiagem e cabelos arrumados. Nos retratos Anita e Lourdes estão inclinadas de perfil enquanto Nildéia aparece em posicionamento frontal, novamente é visível o princípio da frontalidade (Bourdieu, 2006).

Os registros fotográficos da vida adulta já não apresentam tanta espontaneidade como os da juventude, aqui são representados três grandes temas, a saber: trabalho, cerimônias e família. Tais temas representam as principais vivências da vida adulta, aqui elas se encontram no auge da vida profissional, também é o momento em que constituem família, tem filhos.

A partir do discurso das entrevistadas é constatável que a opção das fotografias desta época foi pautada no que escolheram como função prioritária em suas vidas, como nos casos de Maria Helena, Dirce e Anita que relataram terem dedicado suas vidas ao trabalho em detrimento de casamento. Maria Helena escolheu uma fotografia em que está participando do amigo secreto do Hospital do Servidor Público (fotografia 4). Nesta fotografia tirada em plano geral ela está ao centro, sorrindo com uma boneca nos braços, ela veste um jaleco, jeans e camiseta, usa relógio e colar. Anita também escolhe um momento festivo na empresa em que trabalhava, a Telefônica (fotografia 54). Na fotografia em plano geral Anita está no canto direito usando blazer e calças brancas, cabelos curtos e maquiagem. No caso das duas entrevistadas fica evidente a partir dos discursos que houve uma ascensão social a partir do trabalho. Nas fotografias é observável que as mulheres assumem uma apresentação profissional na escolha das roupas, maquiagens e joias. O retrato de Dirce (fotografia 38) ilustra o momento em que ela fala ao público no Evento Nacional das Secretárias, evento que ela organizou. Percebe-se a posição de destaque que ela ocupa no evento, em sua posição de protagonista ela aparenta estar bastante confortável, na fotografia ela está sorrindo, usa vestido estampado, joias, cabelos arrumados e óculos de grau. A fotografia sofreu um corte nas laterais e por isto se apresenta em plano americano, esta alteração evidencia ainda mais o sujeito fotografado. Tanto na entrevista, quando na fotografia fica evidente o orgulho em ter organizado o Evento Nacional das Secretárias e seu papel ativo na profissão que culmina com a participação na criação do Sindicato das Secretárias. Dirce afirma que é secretária, que se aposentou mas não deixa de ser e que dedicou sua vida a sua profissão, daí a escolha desta representação.

As cerimônias religiosas também tem um papel importante e são parte obrigatória dos álbuns de família e nesta fase da vida são mais comuns os casamentos e o nascimento dos filhos. Yara apresentou uma foto de seu casamento aos 22 anos (fotografia 13). Na foto

tirada em plano geral ela está sozinha posicionada lateralmente e vestida de noiva, sorridente com o buquê nas mãos. Na entrevista disse que se considerava muito magra e por isso escolheu um vestido plissado. Elca também escolheu uma fotografia do seu casamento, sua cerimônia civil (fotografia 24). Em um retrato em plano geral é possível vê-la ao centro ao lado do noivo e rodeada pelos parentes e amigos. Esta fotografia é menos formal, é visível abaixo as testemunhas que assinam o registro do casamento. Elca aparece sorridente de vestido branco e os cabelos semi presos, com uma aparência bastante despojada.

O batizado dos filhos também é um ritual bastante presente nos registros familiares, Cleusa escolhe o retrato do batizado de sua filha (fotografia 17). Na fotografia em plano geral está Cleusa, aos 39 anos de idade, no canto esquerdo segurando a filha nos braços junto ao ex-marido. Cleusa está séria olhando para a câmera, pode-se perceber que esta é uma postura padrão para retratos de batizado. Cleusa está bem vestida, com os cabelos pintados e sem maquiagem. Já é notável a diferença estética da fotografia anterior (fotografia 16), neste seu semblante está mais cansado e menos vaidosa que na juventude, como ela mesma explica na entrevista no período em que sua filha nasceu ela já tinha uma rotina pesada de trabalho na fábrica. Sobre a questão da estética nas mulheres que trabalhavam fora há uma similaridade, a maior parte delas usava os cabelos curtos, bem como roupas mais masculinas como calças e camisas, a maquiagem e as joias eram discretas. Quando consolida-se a entrada da mulher no mercado de trabalho após a Segunda Guerra Mundial surgem as primeiras discussões acerca das relações estabelecidas entre gênero e trabalho. Havia uma forte separação dos trabalhos a partir de diferenças de gênero ancoradas na noção de competências, o entendimento de que as mulheres possuíam menos competências necessárias para exercer as atividades do trabalho fabril, enquanto eram possuidoras das competências necessárias para o trabalho doméstico relacionadas ao cuidado (Cappellin, 2004). Ancorada na perspectiva biológica de diferenças de competências as mulheres que se encontravam no mercado de trabalho precisavam utilizar algumas estratégias para poder permanecer no mercado de trabalho, a principal delas é assemelhar o seu comportamento ao do homem no sentido de se afastar dos símbolos sociais associados à mulher no ambiente de trabalho, a maternidade, comportamentos que remetam à sensibilidade e até mesmo à estética feminina. Nota-se nas entrevistadas inseridas em setores tidos como masculinos do mercado de trabalho a necessidade do apagamento dos símbolos estéticos considerados femininos como cabelos longos, roupas consideradas femininas como vestidos e saias, uso de maquiagem e joias.

A família também ocupa papel central na vida das mulheres, para as entrevistadas o papel de mãe e em um segundo momento o de avó tem grande relevância em suas vidas. Denise escolhe uma fotografia em que está com a primeira neta no colo, aos 37 anos de idade (fotografia 29). Na fotografia em plano médio está Denise com os cabelos curtos, brincos pequenos, maquiagem discreta e camisa social, apresentação adequada ao cargo de corretora de imóveis que ocupava na época. Na imagem está retratada uma avó bastante jovem e feliz, no entanto Denise afirma que ainda passava por momentos de muita depressão, mas que a proximidade com a neta a ajudava ficar melhor. Na fotografia 46 Marly está com seu segundo filho nos braços, aos 43 anos. A fotografia tirada em plano médio vemos Marly com os cabelos brancos e curtos, óculos e camisa clara. Na imagem aparentemente Marly destoa da imagem da mãe que é comumente representada por mulheres jovens, ativas e reprodutoras, uma vez que apresenta fios brancos que são considerados sinais de envelhecimento a despeito de poderem surgir ainda na juventude.

A fotografia de Catarina (fotografia 21) retrata um passeio no sítio com a família, na fotografia em plano aberto ela está ao centro de mãos dadas com o marido que projeta seu olhar sobre ela e o neto abaixo. Catarina aos 49 anos veste um conjunto branco, está com o semblante sério, enquanto o marido parece sorrir para ela. Ela afirma que esta época foi difícil em sua vida, que os filhos já não moravam mais em sua casa e que o marido aposentado ficava o dia todo com ela, que sentia-se presa. Podemos observar que ela está com a aparência mais envelhecida e abatida comparada a última foto (fotografia 20), também ganhou peso e cortou os cabelos curtos.

Solange escolheu a fotografia do aniversário de três anos da filha (fotografia 42), na fotografia em plano geral Solange aparece abaixada, sorrindo ao lado da filha que segura um presente. Ela usa calças e blusas claras, sapato de salto, brincos grandes, está maquiada e com os cabelos longos arrumados. Ainda casada morando em Pindamonhangaba Solange se preocupava muito com a imagem, por isso dispensava muitos cuidados com a aparência. A fotografia de Nildéia foi tirada no aniversário da sobrinha, nela Nildéia está ao centro abraçada com o ex-marido e rodeada pelos parentes, a foto está em plano médio (fotografia 49). Nildéia está com saia escura e camisa clara, um lenço no pescoço e cabelos curtos e crespos que ela usava naturais na época por falta de dinheiro para alisar no salão. Mesmo em uma época com poucos recursos financeiros é perceptível uma preocupação em ter uma boa aparência.

As viagens também compõe os álbuns de fotografias, este foi o tema escolhido por Lourdes (fotografia 62). Em sua fotografia tirada em plano geral ela está de biquíni olhando

para o horizonte sentada ao lado do marido e o mar ao fundo. Na fotografia Lourdes parece estar bastante a vontade com seu corpo o que corrobora com a entrevista na qual ela disse não se preocupar com questões estéticas. Suzete também escolheu uma fotografia de viagem para uma aldeia na Índia (fotografia 33). Sua fotografia retrata uma criança local no lado direito e ela com um morador que guia um elefante ao lado esquerdo, enquanto o elefante toca sua cabeça com a tromba. Na fotografia Suzete ri e faz uma posição de espanto ao toque do elefante, ela usa roupas descontraídas, uma saia estampada, camiseta clara e câmera no pescoço. As fotografias de viagens são tiradas para eternizar momentos que são fora do cotidiano, para comprovar as experiências únicas das viagens e servir como objeto de lembrança e de narrativa das aventuras de viagem. Fica evidente a eleição do que é eleito como fotografável de acordo com a perspectiva de classe (Bourdieu, 2004).

O retrato é uma representação em que o sujeito é o objeto central da fotografia e este foi o escolhido por Monica e Esmeralda. Em seu retrato no réveillon (fotografia 9) vemos Monica jovem olhando para o lado como se não percebesse que era retratada. Nesta foto ela está com os cabelos em um corte médio e usa um colar de havaiana o que evidencia a descontração da festa. Esmeralda escolhe uma fotografia em primeiríssimo plano e desfocada (fotografia 58). Pela proximidade e falta de foco não é possível perceber muitos detalhes, apenas que Esmeralda está sorrindo, ela está com os cabelos escuros e curtos e usando um blazer. Apesar da baixa qualidade esta foto compõe seu álbum de fotografias, tal fato pode ser motivado pela pouca preocupação estética que Esmeralda possui. Bourdieu (2006) define os padrões estéticos como sendo consequência de valores de classe, assim como as convenções do registro fotográfico: as ocasiões fotografadas, os objetos, os lugares, personagens e a composição.

Escolher as fotografias atuais foi bastante difícil para muitas mulheres entrevistadas, uma vez que as fotografias consolidam uma imagem de si e na velhice é difícil reconhecer tal imagem. Em meio a uma grande quantidade de fotografias, elas diziam não ter ou não gostar de nenhuma. O número de fotografias atuais já era perceptivelmente inferior, uma vez que elas evitam tirar fotografias pois não gostam da imagem que veem. Ao olhar as fotos em que estava muito acima do peso Dirce parece não se reconhecer, chega a afirmar que não é ela. Quando está diante das fotos atuais afirma que odeia ver-se assim, que está velha, gorda, feia e se recusa a aceitar. O mesmo ocorre com Monica que agora não gosta mais de ser retratada, diz que foge pois a fotografia é pior uma vez que mostra mais detalhes indesejáveis, que seriam imperceptíveis de outra forma. Monica relembra o dia em que estava nadando nua com as amigas e que uma amiga tirou uma foto sua de costas. Quando

vê sua foto nua se assusta, porque viu seu bumbum caído, não sabia que era assim, pois evita olhar no espelho. Maria Helena também vê as fotos atuais e não gosta, se acha gorda e feia. A fotografia materializa a imagem, retrata um presente desconfortável há aqui um mal-estar da imagem pois ela representa justamente aquilo que quer ser negado, a velhice. Le Breton (2003) nomeia o ódio ao corpo, uma vez que este remete à fragilidade humana trazendo consigo o signo da morte.

A maior parte das entrevistadas escolheu fotografias em que estavam com a família ou amigos, tal fato se justifica pois nesta fase da vida com a aposentadoria os papéis afetivos voltam a ter destaque, como no caso de Maria Helena que seleciona uma fotografia atual tirada em sua viagem com irmã para Holanda (fotografias 6). Esta fotografia foi tirada em plano médio no qual o moinho de vento ao fundo é o destaque, Maria Helena está com os cabelos curtos, crespos e pintados, usa casacos de frio escuros e bolsa a tira colo. A escolha do plano fotográfico indica a importância dada ao fundo, neste caso a fotografia atesta a viagem ao exterior e demarca também a ascensão social da entrevistada. Na sua última fotografia Monica aparece em plano fechado, foi tirada no dia do casamento de seu filho em 2013 (fotografia 10). Esta foto foi tirada pelo seu cunhado, pode-se observar que ela está em uma posição espontânea, como se não percebesse que estava sendo registrada. No retrato Monica olha para o lado como se estivesse conversando com alguém, usa casaco claro, óculos na cabeça e cabelos em corte tipo *Chanel*. Anita apresenta uma fotografia em plano médio na qual está ao lado do filho e da mãe (fotografia 55), ela está com os cabelos lisos e pintados de preto, usa uma camiseta com os óculos de sol presos à gola. Nesta fotografia informal Anita está sorrindo, ela diz ter muita satisfação em ter conseguido comprar esta casa em sua cidade natal que atesta sua ascensão financeira.

Os companheiros ao longo da vida também são escolhidos para serem representados, seja pela comemoração de mais um ano juntos ou pela ausência sentida. Suzete seleciona para a pesquisa sua fotografia com o marido na qual comemoram bodas de Lápis-Lázuli ao completarem 57 anos de casados (fotografia 34). Nesta fotografia ela e o marido cruzam os braços em um brinde com taças de champanhe, podemos observar que ela está usando óculos, camisa escura e os cabelos loiros e curtos. Já Catarina escolhe uma fotografia carregada de afetividade pois foi tirada dias antes do falecimento do marido (fotografia 22), nela eles estão rodeados pelos netos e filhos no sofá. Catarina está bastante sorridente e usa os cabelos curtos, brincos discretos e uma bata clara com flores.

Os laços de amizade são de extrema importância, os grupos com os quais os sujeitos estabelecem laços indenitários ao longo da vida são fonte de identificação. Em sua fotografia

Denise está sentada em um barco durante um passeio com as amigas (fotografia 30). Ela escolhe esta foto em que está mais magra, podemos vê-la bastante relaxada sentada com as pernas cruzadas e usando roupas de ginástica. Fica evidente como a prática de atividades físicas muda sua relação com o corpo e na forma de interagir com o mundo. Em sua fotografia Dirce está em um restaurante com dois amigos ao fundo (fotografia 39). Nesta fotografia em plano médio Dirce está sentada com o braço apoiado na mesa, com os cabelos curtos e pintados de ruivo, usando óculos, camisa branca e algumas joias discretas. Dirce não sorri, ela afirma não gostar de sair em fotografias pois se sente feia. A fotografia de Lourdes foi tirada em sua casa enquanto tomava café da tarde com as amigas (fotografia 63). Sua fotografia em plano médio mostra Lourdes ao centro da mesa rodeada pelas amigas com uma farta mesa de café a frente. Lourdes está com os cabelos curtos e pintados, usa blusa de gola rolê clara e cardigã claro por cima e ainda se encontrava com um peso maior que o atual. A fotografia 59 retrata Esmeralda em uma festa a fantasia na qual comemorava o aniversário de sua amiga, nesta fotografia em plano americano ela está sozinha, de pé em frente a uma parede de azulejos de mosaico de cristal transparentes. Esmeralda está fantasiada de cigana e para isso utilizou uma saia e bata da filha e também colocou um lenço na cabeça, também está usando maquiagem e os cabelos estão brancos. A imagem do retrato confirma a afirmação de Esmeralda de que ela não tem muitas preocupações estéticas e que gosta de se vestir de forma simples.

Solange opta por uma fotografia tirada no local de trabalho (fotografia 43), nesta fotografia em plano curto ela está com os cabelos longos e pretos, com pouca maquiagem, colar e óculos no pescoço e uma camiseta decotada preta. Apesar de ser uma fotografia no local de trabalho ela está informal pois trabalha no caixa de uma casa de shows. Fica perceptível que Solange tem uma aparência bastante jovial apesar de apresentar algumas rugas ao redor dos olhos. É possível inferir que a escolha da fotografia no local de trabalho foi realizada por este ainda ser um papel muito importante em sua vida, uma vez que está solteira, com a filha morando em outro país seu principal lugar de referência e socialização é o trabalho.

Cleusa elegeu uma fotografia 3x4 de documento (fotografia 18), nesta fotografia atual ela está usando camiseta clara, brincos grandes, colar e óculos, seus cabelos estão pretos e com corte médio. A fotografia escolhida por Marly foi tirada em sua cozinha (fotografia 47), é um retrato em primeiro plano bem informal no qual ela está com os cabelos totalmente brancos, sem maquiagem, sem brincos e usando uma camiseta branca.

É preciso ainda discutir o impacto da tecnologia no registro fotográfico e sua influência na estética. As alterações tecnológicas das últimas décadas transformaram o modo como os sujeitos se relacionam com as fotografias, o acesso à câmera digital introduz uma mudança radical nos hábitos cotidianos. Em 1981 se dá a comercialização da primeira câmera digital da história pela Sony chamada Mavica (Correia, 2013), daí em diante esta tecnologia foi se desenvolvendo – passam a ser compactas, automática e multifuncionais – foram incorporadas pelos celulares e outros *gadgets* (dispositivo eletrônico), e assim foi estabelecido seu uso massivo a partir dos anos 2000⁹. Esta nova configuração da fotografia agora digital e móvel, associada ao uso da internet e das redes sociais proporcionam aos sujeitos constante ligação com os outros, a forma de se relacionar com o mundo passa a ser instantânea e através da imagens. Mota (2014) ressalta as principais transformações que a fotografia digital trouxe à vida cotidiana: em primeiro lugar a transformação da posse da câmera, em tempos anteriores havia a câmera da família e hoje cada membro tem sua câmera em seu próprio celular com câmera; a segunda transformação é o caráter da fotografia que deixa de ser privada e passa a ser pública; a terceira mudança é quanto a temporalidade, enquanto a fotografia analógica tinha permanência no tempo a fotografia digital tem caráter transitório e a quarta modificação é quanto ao conteúdo já que na fotografia analógica registravam-se principalmente os ritos de passagem e cerimônias especiais, já na fotografia digital tudo torna-se fotografável. Apesar das diferenças inseridas pela fotografia digital a autora propõe que há uma continuidade na forma de se relacionar com os álbuns de família e as redes sociais uma vez que a finalidade de ambos é realizar uma prática social de cunho doméstico, há também uma similaridade entre a *carte-de-visite* e a *selfie* já que ambas são formas de interação social.

Apesar de grande parte das entrevistadas fazerem uso constante de redes sociais nas quais há o compartilhamento de imagens como o *Pinterest*¹⁰, *Instagram*¹¹ e *Facebook*¹² a frequência e a forma com que Yara, Elca e Nildéia usam diferencia-se das demais. Para a fotografia atual Elca escolhe uma que estava em seu álbum do *facebook*. Tirada em um estacionamento durante viagem a fotografia de Elca está em plano americano onde apenas uma pequena parte do fundo é perceptível (fotografia 25). Elca está sorridente, com os

⁹ Segundo o IBGE a estimativa para 2013 é de que 75% da população brasileira acima de 10 anos de idade possua aparelho celular, o que representa 130,2 milhões de brasileiros.

¹⁰ Ferramenta visual onde se pode encontrar imagens de acordo com tópicos de interesse que funciona em rede.

¹¹ É um aplicativo de captura e compartilhamento de fotografias em rede.

¹² Rede social lançada em 2004.

cabelos curtos e brancos, sem maquiagem, usando brincos e colar discretos, com uma camiseta informal. No restante do álbum da rede social ela privilegia as fotos em que está com os cabelos brancos ou em fase de transição. Nesta rede social Elca administra uma página chamada “Branco, Prata e Outros Tons”¹³ nos quais divulga o documentário de mesmo nome e imagens de mulheres com os cabelos naturais discutindo de forma política o assunto.

O retrato de Yara foi tirado à beira da piscina do clube (fotografia 14, fonte: *facebook*), o qual Yara está sentada em uma cadeira de praia com sombreiro usando maiô, óculos escuros e os cabelos molhados penteados para trás. Esta fotografia corrobora com suas afirmações de que se sente muito satisfeita com seu corpo pois pratica atividades físicas regularmente desde a juventude, no entanto está insatisfeita com as rugas de seu rosto. Nas redes sociais Yara compartilha algumas fotos suas com os grupos de natação em que participa o que demonstra o forte senso de identificação com os esportistas, o uso de suas imagens como esportista tem como objetivo uma construção de uma identidade coletiva entre as mulheres idosas. Ela também criou um *blog* no qual discute temas relacionados ao envelhecimento a partir de sua história de vida chamado “*Quem, velha eu?*”¹⁴. O posicionamento de Yara e Elca sobre o corpo e envelhecimento se dá a partir de uma construção coletiva uma vez que ambas participam de um grupo de idosas da mesma sinagoga.

A fotografia de Nildéia (fotografia 51) foi retirada do *facebook* por solicitação da mesma, ela afirma que sempre posta fotos na academia. Nesta foto tirada em plano geral ela está com roupas de ginástica, com os cabelos em corte *Chanel* e pintados de pretos. Ela está com o celular na mão para tirar a foto em frente ao espelho, o que é chamado de *selfie*. Este tipo de autorretrato é bastante popular entre os jovens já está sendo apropriado por outras faixas etárias como no caso de Nildéia que possui aproximadamente 2300 fotos no *facebook*, sendo que grande parte delas são *selfies*. O autorretrato é uma forma de expressão de individualidade e componente da identidade, é um meio de compartilhar com o outro uma versão elaborada de si. A *selfie* com seu caráter temporário tem como premissa ser constantemente repostada, assim ela é um meio de propagação da identidade individual quase em tempo real. As celebridades utilizam desse artifício para criar uma imagem, divulgar e a partir disto comercializar produtos, como é o caso das *blogueiras fitness* que compartilham suas

¹³ Disponível em: <https://www.facebook.com/BrancoPrataeoutrostons/?fref=ts> Acessado em: 2 de dezembro de 2015.

¹⁴ Disponível em: <https://yaraschechtmann.wordpress.com/> Acessado em: 2 de dezembro de 2015.

atividades diárias de exercícios, cuidados com o corpo e alimentação para que sejam as garotas propagandas da vida real dos produtos que lhes pagam altos cachês. As *blogueiras fitness* são personagens criados para gerar maior identificação com o público-alvo de determinados produtos. Emerge então uma questão importante: Porque mulheres comuns também se submetem à exposição de sua imagem em redes sociais? Aqui está o ponto nodal da modernidade, o individualismo aliado ao consumo. O indivíduo é o expoente máximo da sociedade e é produtor de si, seu corpo entra no jogo do mercado simbólico como mais uma mercadoria entre outras, daí é possível entender porque mesmo uma pessoa comum se apropria das *selfies*, seu corpo é o seu produto, sua imagem precisa também circular entre as outras mercado das imagens.

7.2. SIGNOS DO ENVELHECIMENTO

Já trouxe a discussão sobre o padrão ideal de beleza da mulher que é tomado pela mulher jovem e magra. No entanto é preciso questionar o que faz a mulher se perceber fora deste padrão, quais são os sinais do corpo que caracterizam o envelhecimento feminino e que conseqüentemente as colocam fora do ideário estético vigente. Ser feia para uma mulher é ser menos mulher, é perder a característica mais essencial atribuída pela sociedade, é perder o capital corporal que facilita o acesso ao matrimônio, à vida sexual e até mesmo à carreira (Wolf, 1992; Goldenberg, 2005). Interessante notar que a feiura não pode ser considerada exatamente o oposto ao belo, na sociedade moderna a feiura é entendida como aquilo que pode ser melhorado pelo sujeito. Assim as características que não são consideradas positivas são passíveis de mudança. Ao longo das entrevistas três características do corpo envelhecido foram as mais recorrentes entre as mulheres: os cabelos brancos, as rugas e o ganho de peso, que serão discutidas a seguir.

a) CABELOS BRANCOS

Os cabelos brancos são um dos primeiros sinais do envelhecimento e talvez o mais icônico de todos. Eles podem começar a aparecer em diferentes idades, até mesmo precocemente na juventude, e também podem vir em intensidades diferentes. Para homens e

mulheres os cabelos brancos são indicativo de envelhecimento, no entanto no imaginário social para os homens os cabelos grisalhos são associados ao charme, maturidade e sabedoria; enquanto que para as mulheres os cabelos grisalhos são associados ao descuido, falta de feminilidade, decrepitude.

A maior parte das mulheres entrevistadas tingem os cabelos brancos como uma forma de negar o envelhecimento, à eles está associada também uma carga de sofrimento. Anita não aceita os cabelos brancos, sempre pintou e nem sabe como está seu cabelo hoje, às vezes tem vontade de deixar branco, mas acha que só fica bonito nos outros. Nildéia tem poucos cabelos brancos, mas mesmo assim pinta os cabelos pois se sente mais bonita, ela acredita que se os cabelos brancos te incomodam você precisa intervir, melhorar para se gostar. Maria Helena também não aceita os cabelos brancos, anda com um lápis preto na bolsa caso perceba um cabelo pinta imediatamente.

Algumas das entrevistadas gostariam de deixar os cabelos brancos, no entanto foram desencorajadas pelas famílias por meio de críticas como no caso de Lourdes que tingem o cabelo por causa das críticas dos filhos, tentou deixar os cabelos brancos e recebeu muitas críticas. Suzete afirma ter ficado entusiasmada quando surgiram os primeiros cabelos brancos, porque seu pai tinha os cabelos brancos desde jovem e ela considerava muito bonito. Ela havia decidido deixar os cabelos brancos, mas a família não aprovou e ela acabou por pintá-los.

Atualmente está em voga o uso do cabelo *super* platinado por mulheres jovens o que tem incentivado algumas mulheres idosas a deixarem seus cabelos totalmente brancos. No entanto apresentar os cabelos totalmente brancos sem intervenção é um processo demorado, e em alguns casos inalcançável. As mulheres que decidem parar de pintar os cabelos precisam passar por um período de transição, em que deixam os cabelos crescerem livres de tintura, neste processo que pode levar até alguns anos elas ficam com as raízes brancas/grisalhas e as pontas tingidas até que possam cortá-las e usar um cabelo uniforme. As idosas entrevistadas que optaram por deixar os cabelos brancos o fizeram antes da apropriação do cabelo branco pela moda.¹⁵ É preciso salientar também que cor e textura influenciam na decisão de deixar os cabelos brancos. Quanto a cor as mulheres loiras possuem mais facilidade em deixar os cabelos brancos visto que o contraste entre as cores é menor e transição se dá de forma suave. Com relação à textura as mulheres de cabelos crespos acreditam que seus cabelos não apresentam uma estética tão bonita quanto os lisos

¹⁵ Me refiro aqui a apropriação do cabelo branco pela moda no Séc. XX, pois em outros momentos como na corte de Luiz XIV os nobres usavam perucas brancas.

quando brancos. Esta última perspectiva pode ser entendida pela falta de referenciais estéticos, que pode ser comprovada com uma rápida investigação na ferramenta de pesquisa *Google*. Ao se pesquisar em imagens as palavras-chave “mulher cabelo branco” obtém-se um resultado de 395 imagens, destas apenas 137 são de mulheres idosas com cabelos brancos e apenas 6 são de mulheres idosas com cabelos brancos e crespos.¹⁶

Esmeralda escolheu deixar os cabelos brancos e se sente muito satisfeita por dois motivos: 1º) estéticos – sente-se bonita de cabelos brancos; 2º) social – os cabelos brancos são sua identidade, com os cabelos brancos as pessoas interagem com ela, ajudam atravessar a rua, dão lugar no metrô, é bem recebida onde vai. Ela decidiu deixar os cabelos brancos há 25 anos atrás e acredita que esta atitude reflete a aceitação do envelhecimento.

Marly começou a ter cabelos brancos aos 37 anos, quando percebeu que não gostaria de passar o resto de sua vida pintando mensalmente os cabelos, então logo tomou coragem para deixá-los ao natural. No entanto afirma que o processo não foi fácil pois os cabelos não ficam brancos por igual, demoram muitos anos para ficarem totalmente brancos. Ela se recorda que durante o processo recebeu muitas críticas das amigas, da cabeleireira, mas que o marido a apoiou.

Para Elca acredita que usar cabelos brancos são um indicador da aceitação do envelhecimento, além disso é uma atitude libertadora. Os cabelos brancos fizeram com que ela crescesse como mulher, ela se sente prateada, deslumbrante. Usar os cabelos brancos também possui um sentido político, ter cabelos brancos significa aceitação do envelhecimento, e os usa como sinal de empoderamento das mulheres idosas. O empoderamento que vem do termo inglês *empowerment* que pode ser traduzido como fortalecimento, ou tomada de poder por grupos vulneráveis, transformação das relações de poder estabelecidas. A noção de empoderamento é baseada na transformação social pelos próprios agentes, assim ele é uma construção dos próprios sujeitos (Kleba & Wendhausen, 2009). O empoderamento se dá primeiramente no nível psicológico a partir da tomada de consciência do sujeito e uma consequente ação em situações de ruptura. No nível grupal o empoderamento se dá através do compartilhamento de ferramentas e produção de uma identidade grupal. E por fim no nível macro que é Estrutural e Político se dá quando os sujeitos tem acesso às estruturas de poder conseguem realizar intervenções. Assim é possível afirmar que usar os cabelos brancos em uma sociedade que prega um rígido padrão estético para as mulheres é uma prática transgressiva e de empoderamento mesmo que no nível ainda individual.

¹⁶ Pesquisa realizada no *Google* na busca por imagens no dia 20 de novembro de 2015.

b) RUGAS

As rugas são um sinal de envelhecimento da pele comum a homens e mulheres, das rugas faciais as que mais foram fonte de descontentamento foram as da região dos olhos. Apesar de não apresentar um rosto marcado por muitas rugas Nildéia faz uso de cremes de tratamento para evitá-las, mesmo assim se queixa dos olhos, gostaria de fazer uma plástica, mas não tem mais coragem pois teme o pós operatório. O uso dos cremes ganha força no último século impulsionado pelo surgimento das primeiras grandes marcas que os associavam ao discurso científico. Os cremes assumem a promessa quase milagrosa de conter o avanço do tempo, assim para obter uma pele sempre jovem é necessário apenas cuidar da pele com os cremes corretos (Ory, 2008). Observo que a quase totalidade das entrevistadas usam este método para evitar envelhecer desde a juventude, este é o procedimento mais comum entre as mulheres.

Monica acredita que seus olhos caídos e com rugas refletem sua alma que está caída por dentro, os olhos a incomodam muito e tem o desejo de realizar uma plástica nesta área. Anita também faz uso de cremes anti-idade, mas as bolsas nos olhos incomodam, também gostaria de fazer uma plástica. Ela acredita que os olhos ficaram assim devido a época que ficou cuidando da mãe com Alzheimer e por isso não dormia bem. Yara se incomoda muito com as rugas no rosto, pois não condiz com o restante do corpo que é jovem, gostaria de fazer plástica, mas na hora não tem coragem. Ela acredita que ficou com o rosto muito enrugado por causa da natação, a água e a exposição ao sol, faz ginástica facial mas não vê resultados. Suzete sente culpa pelas rugas que possui pois é fumante desde jovem. Percebe-se entre estas mulheres a prevalência da ideia de que os olhos são a parte mais expressiva do rosto e que por isso esta área também seja um forte indicador do envelhecimento por isso a maior parte delas deseja realizar intervenções estéticas nos olhos, sendo os maiores impeditivos a falta de dinheiro e o medo da cirurgia. Fica evidente também o sentimento de culpa pelas rugas seja porque está mal psicologicamente, pelas noites mal dormidas, pela prática de exercícios ou pelo fumo.

Do corpo como um todo o rosto é tomado como sua parte mais importante, é ele que é o sinal da singularidade do sujeito, assim de acordo com Le Breton (2013) o nascimento do individualismo coincide com a primazia do rosto. O rosto toma lugar central no estatuto da fisionomia uma vez que é por ele que o indivíduo se exprime. O rosto, a partir do século XIX, que passa a ser o designador da identidade, ele que o difere na multidão, e

preferencialmente os olhos ganham destaque, uma vez que do rosto eles são a alma, assim seus sinais são mais importantes (Coutrine, 1988). Tal percepção é tomada pelo senso comum e pode ser aferida em diversas expressões cotidianas.

A aceitação das rugas pode se dar de forma negativa como Dirce que não se incomoda com as rugas no rosto porque nunca se sentiu bonita ou pela via da aceitação de um processo natural como no caso de Cleusa, Esmeralda e Lourdes não se preocupam com as rugas.

Desta forma é admissível então aferir que a relação das mulheres com as rugas é da seguinte ordem: 1º) as mudanças no rosto são sentidas como mais negativas uma vez que o rosto é a marca da identidade; 2º) os olhos possuem lugar privilegiado na expressão, assim suas rugas acentuam ainda mais o envelhecimento; 3º) as práticas para evitar o envelhecimento da pele são acessíveis à todas por meio do uso de cremes e plásticas, sendo o envelhecimento do rosto resultado da responsabilidade pessoal; 4º) o rosto é mais sensível aos danos causados por comportamentos tidos como prejudiciais à pele (fumo, dormir mal, praticar exercícios), sendo novamente resultado da responsabilidade pessoal; 5º) as práticas para impedir o surgimento de rugas não são aplicáveis às mulheres que não se enquadram no padrão estético de beleza uma vez que elas apenas param a ação do tempo.

c) PESO

Ao final da entrevista quando pergunto para Anita como ela se sente hoje escuto uma resposta categórica: “*Gorda!*”. Assim como Monica, Dirce, Denise, Marly, Maria Helena, Catarina, Solange, Yara e Suzete estão insatisfeitas com o peso. Diretamente relacionado ao peso está o incômodo com a gordura localizada na barriga, e um pouco menos com a parte interna dos braços.

Dirce diz que não é apenas o peso que muda com o tempo, com o ganho de peso ocorre a flacidez da pele (a parte interna dos braços), tudo fica mole, aparecem as celulites, as pernas feias com varizes. Ela não aceita as mudanças do corpo, por isso tenta usar roupas que o escondam, sendo que ele incomoda mais que o rosto, porque o rosto ela diz não ver o tempo todo. Denise também não se sente bem com o corpo, não consegue ficar nua na frente de outras pessoas. Se incomoda com os seios caídos, com a flacidez, tem vergonha do corpo. Marly que nunca se preocupou com a estética, disse que depois da maturidade a barriga passou a incomodar pois ficou proeminente, na época gostaria de ter feito uma

plástica, hoje não tem mais coragem. Maria Helena afirma que a barriga cresceu, os braços ficaram flácidos e que as roupas não servem mais, gostaria de fazer uma plástica na barriga.

A experiência de Lourdes é contrária das demais, por estar doente tem perdido muito peso e isto tem a incomodado. Já Nildéia que perdeu peso por meio de dietas e intervenções cirúrgicas se sente muito satisfeita com seu corpo e cuida para que não volte ao peso anterior. Para Esmeralda, Elca e Cleusa o peso não é uma preocupação.

É perceptível a preocupação das mulheres com relação ao peso visto que dos critérios estéticos que compõe a beleza na modernidade este é o que ainda pode ser controlado pelas mulheres idosas, já que a juventude não lhes é mais garantida. A insatisfação com o peso atual, o desejo de emagrecer e a insatisfação com o corpo são constantes. Obter sucesso neste aspecto é passível de orgulho e exposição, ao contrário o fracasso resulta em afastamento social, dificuldade de relacionamentos afetivo e sexual, sentimento de inaptidão, ocultamento e mal-estar com o corpo.

7.3. PROCESSO DE FORMAÇÃO DA PERCEPÇÃO ESTÉTICA

Até o momento analisei como se constrói a Representação do Corpo Próprio – através das três etapas de Reconhecimento pelo Outro, Reconhecimento do Outro e Autorreconhecimento. Retomando a noção de corpo em Merleau-Ponty (1945) faz-se necessário recuperar o conceito do corpo-próprio no qual o corpo é entendido como uma totalidade, ele é a experiência vivida em última instância o sujeito é seu corpo e por ele se relaciona com o mundo. Assim a percepção se dá no contato do corpo com o mundo e este contato também produz o reconhecimento do corpo-próprio, uma vez que o sujeito é o corpo e ao relacionar-se com o mundo ele apreende o mundo e a si próprio. Por isso é pela via da motricidade – da relação espaço/tempo – que o sujeito é capaz de desenvolver a consciência do corpo, uma consciência pré-reflexiva que engloba o que percebe e o percebido. Este corpo enquanto corporeidade – conceito que entende o corpo enquanto corpo de experiência, em ação e movimento – possui duas características importantes é sempre processo e é simbólico, por isso é expressivo. Portanto a consciência do corpo-próprio propõe o conhecimento do significado do corpo neste jogo de símbolos sociais. A formação da consciência do corpo-próprio não é tarefa fácil, é preciso que o sujeito elabore continuamente uma síntese das percepções do Outro, se compare com o Outro e ainda se

autorreconheça. A formação de consciência do corpo é promovida pela via da ação, a experiência corporal é mediada pelos movimentos, sempre atualizada conforme se relaciona com o mundo. No entanto, o empobrecimento das experiências do corpo pode encobrir a tomada de consciência do corpo-próprio, assim ela se daria de forma parcial e levaria em conta apenas aspectos externos, seria pela via do reconhecimento pelo Outro e do reconhecimento do Outro.

Neste momento é possível questionar como se dá o processo da percepção estética nas mulheres idosas. Para tanto é necessário recuperar os princípios elaborados por Bergson (1939) que entende a percepção como um processo no qual os corpos se relacionam com as imagens através da sua possibilidade de ação. A percepção está aqui intimamente relacionada às lembranças, assim a percepção não é um dado puro, ela é um imbricamento do presente com o passado. Em seu esquema a aquisição da memória é representada por um cone invertido no qual S (imagem do corpo presente) toca o plano móvel P (percepção) e a memória é a base AB, como é possível observar na figura 1. O esquema do cone da memória mostra claramente a impossibilidade da existência da memória pura, bem como a relação entre memória e percepção.

Figura 1. Cone da Memória (Bergson, 1939, p. 293).

No entendimento de Bergson (1939) as imagens que entram em contato com o sujeito podem ter duas respostas, a primeira seria uma ação que entraria no esquema percepção-ação, e a segunda não evocaria uma ação, mas criaria uma representação que seria o esquema percepção-representação. Nos dois esquemas as imagens externas geram uma modificação no sujeito em níveis diferentes, um motor (externo) e outro lembrança (interno). Portanto para a percepção tanto a ação quanto a representação consequentes das imagens são as bases da memória, respectivamente memória hábito e memória imagem. Há também a percepção não relacionada à imagem, ela é proveniente do sensorio-motor do corpo em

movimento e que permite uma atualização constante do corpo, relacionada a ação no espaço e tempo. Desta forma a percepção aqui é entendida a partir de imagens ou objetos que suscitam uma ação ou representação do sujeito, no entanto o processo da percepção bergsoniana não é capaz de explicar o processo da percepção estética, uma imagem estética não gera de forma direta uma ação ou representação uma vez que são de ordem social – na modernidade possuem diversos atravessamentos políticos, econômicos, de gênero e classe.

Com o objetivo de explicar o processo de percepção estética proponho o esquema de um Circuito de Percepção Estética. Neste circuito existem os Objetos Estéticos que são os conjuntos de imagens e objetos sociais que nos relacionamos diariamente (outros corpos, fotografias, imagens midiáticas, discursos sobre os corpos) que serão chamado de O. Tais Objetos Estéticos O se encontram em fluxo constante em nossa sociedade e entram em contato com o sujeito denominado S. Este sujeito S percebe este Objeto Estético O e realiza uma operação individual que ocorrerá a partir de dois fatores: 1º) sua representação ou consciência do corpo-próprio, que tanto mais será desenvolvida quanto mais ação e consciência ele tiver do corpo de forma física e intelectual; 2º) a partir dos padrões estéticos que o sujeito considerar Internos ou Externos. Os padrões estéticos internos são aqueles forjados pelos sujeitos a partir de seu referencial social correlacionado com suas vivências e conhecimento de seu próprio corpo. Os padrões estéticos externos são aqueles que embora também sejam socialmente compartilhados são tomados de forma acrítica por incorporação, são padrões em geral criados e difundidos midiaticamente como respostas prontas para alcançar a satisfação.

Desta elaboração individual o Sujeito poderá apresentar quatro possíveis respostas: 1) Assimilação – pelo qual absorve os padrões estéticos sociais, o sujeito recebe os objetos sociais e aceita como ideais uma vez que ele não possui consciência do corpo próprio e se orienta a partir de padrões estéticos externos sem questionamento. 2) Negação dos padrões – o sujeito nega os padrões estéticos vigentes uma vez que não possui consciência do corpo-próprio, possui referencial estético interno, ou em alguns casos pode não formular padrão estético nem interno nem externo, portanto não estabelece relações conscientes com o corpo e com a estética. 3) Síntese dos padrões estéticos – no qual o sujeito recebe e elabora os padrões estéticos dentro de suas expectativas de forma adaptada. Aqui o sujeito possui uma consciência do corpo-próprio desenvolvida mas ancora seu padrão estético em parâmetros externos. 4) Subversão dos padrões – o sujeito rejeita os padrões estéticos estabelecidos e cria dentro de suas possibilidades uma estética própria. Nesta postura mais extrema o sujeito entra em contato com os objetos estéticos socialmente partilhados e não os incorpora uma

vez que ele possui consciência do corpo próprio e se guia por padrões estéticos internos. No entanto esta subversão não pode ser radical uma vez que o homem não consegue escapar da cultura.

A resposta dada pelo sujeito retorna como um novo objeto estético para sociedade que será percebido por outros sujeitos em sistema de circuito de fluxo constante. Mesmo sem consciência o sujeito é responsável também pela criação de novos objetos estéticos ou pela reafirmação dos objetos estéticos vigentes (figura 2).

Figura 2. Circuito de Formação da Percepção Estética

Propõe-se aqui então uma terceira via da percepção, que a é a via da percepção estética, uma vez que possui um componente estético e social, diferentemente das outras. Seu resultado não é uma lembrança ou uma ação motora, mas sim um objeto estético, a depender do grau de consciência do corpo-próprio do sujeito e do seu referencial estético (interno ou externo). Neste sentido, aqui também o corpo é mediador da percepção, ele é tanto produto como produtor, ele é também ao mesmo tempo uma realidade subjetiva como social.

A partir da análise dos discursos das mulheres entrevistadas pude verificar o processo da formação da percepção estética, foi perceptível uma polarização dos discursos acerca da percepção estética do corpo envelhecido em positivas e negativas e dentro destas percepções há uma subdivisão de formas de agir sobre o corpo que vão desde a aceitação total até a intervenção cirúrgica. Desta maneira observo quatro possíveis formas de lidar com o corpo envelhecido, a saber:

a) ASSIMILAÇÃO

Este primeiro grupo é composto por mulheres que percebem as mudanças que ocorreram em seus corpos ao longo dos anos como negativas e insatisfeitas com seus corpos realizam intervenções a fim de melhorar sua estética. Neste grupo se encontram a maior parte das entrevistadas, no entanto o grau em que se sentem insatisfeitas com seus corpos é bastante variado. As mais insatisfeitas com os corpos são Dirce, Denise que relatam terem vergonha do corpo e sentem um grande mal-estar com sua aparência. Maria Helena e Monica também não estão satisfeitas com os corpos e em comum com Dirce e Denise tem o desejo de realizar cirurgias plásticas. Apesar de Denise ter obtido uma grande evolução com processo terapêutico e atividade física, ela ainda se sente muito insatisfeita com seu corpo. Anita não se sente satisfeita com seu corpo, afirma estar gorda, se incomoda com os cabelos brancos e possui muito medo das mudanças que o envelhecimento pode trazer, tem medo de ficar debilitada como outras idosas que conhece. Já Catarina se sente insatisfeita com o peso e realiza intervenções pequenas como dietas e tintura nos cabelos, no entanto se sente satisfeita com sua vida hoje pois se sente livre. E Lourdes se sente insatisfeita por estar doente e emagrecendo muito, as intervenções que realiza no corpo (pintar os cabelos) são realizadas por pressão dos filhos, atrelado à isso ela ainda está se sentindo desgastada por cuidar do marido doente.

São perceptíveis cinco pontos em comum nestas mulheres: 1) em primeiro lugar elas possuem uma grande exposição à imagens externas dos padrões estéticos, tem amplo acesso à TV, revistas, jornais, redes sociais, viagens, principalmente as mais insatisfeitas; 2) elas se espelham em padrões externos de modelos estéticos seja por meio do discurso dos outros sobre seus corpos ou pela comparação com modelos estéticos (outras pessoas do convívio próximo e imagens de atrizes/modelos); 3) estas mulheres utilizam ou gostariam de utilizar procedimentos a fim de apagar os efeitos do envelhecimento e acreditam que assim se sentiriam bem; 4) elas se sentem desconfortáveis em seus corpos visto que são diferentes do corpo ideal; 5) as idosas possuem um empobrecimento da percepção corporal pela subutilização do corpo.

b) NEGAÇÃO

Na entrevista percebo que Cleusa em seu discurso sente as mudanças em seu corpo como negativas, mas que ao mesmo tempo se recusa a pensar sobre isso, ela entende este tipo de preocupações como sendo perda de tempo e uma pessoa que ainda trabalha não pode se ocupar de tais assuntos. A classe operária tem o corpo como instrumento principal de trabalho e sua função produtiva é incompatível com a estética, o trabalho pesado restringe os movimentos do corpo e consequentemente empobrece a percepção, há um amortecimento da estesia da vida cotidiana. Vê-se logo na juventude o apagamento da vaidade e a preocupação com a manutenção da vida, condição que é ainda presente. Sua qualidade de trabalhadora operária também dificulta o acesso às imagens socialmente produzidas, o que por um lado a possibilita criar um referencial interno de estética e por isso não se preocupar com intervenções e padrões.

c) SÍNTESE

Neste quadrante se encontram as mulheres que possuem uma percepção positiva de seus corpos, que sentem bem e que encaram as mudanças do envelhecimento de forma positiva. Suzete se sente bem com seu corpo, possui um corpo naturalmente magro e afirma ser elegante. Relaciona-se sem preocupações com o corpo de forma simples apesar de já ter sofrido alguns procedimentos cirúrgicos por problemas de saúde, ressenete-se um pouco pelas rugas que possui mas faz sua *mea culpa* por ser fumante há muitos anos. A única intervenção que realiza é pintar os cabelos a pedido da filha e marido.

Yara é esportista desde a infância, pratica diversos esportes dança, anda de bicicleta, corre e principalmente pratica natação. Possui uma ótima relação com seu corpo, orgulha-se de sua capacidade atlética e da forma jovial de seu corpo, sente-se muito bem ao mostrá-lo em fotografia de maiô e usa sua imagem para motivar outras mulheres. Percebe seu rosto envelhecido pelo sol e água da piscina, até gostaria de intervir mas não tem coragem ainda. Ela molda seu corpo através dos exercícios e dieta.

Nildéia orgulha-se da transformação que realizou em seu corpo, com sobrepeso desde a adolescência conseguiu sair do manequim 56 e exhibe a antiga calça como troféu. Extremamente vaidosa nas roupas, maquiagens, cabelos posta *selfies* quase diariamente. Operou

esta transformação no corpo por meio de intervenções cirúrgicas e hoje mantém através de dieta restrita e atividades físicas.

Neste grupo evidencia-se: 1) a grande exposição as imagens principalmente em redes sociais, todas possuem *facebook*, sendo que Nildéia é a mais ativa em *selfies*. Além do *facebook* Yara possui um blog em que divulga textos e fotografias e Suzete interage com *facebook* e *twitter*¹⁷ com mais textos que imagens publica poesias e artigos críticos; 2) Possuem um padrão estético moldado a partir de imagens referenciais externas; 3) Realizam atividades físicas que proporcionam relacionar-se mais ativamente com os corpos e possuir maior consciência corporal (exceto Suzete); 4) realizam intervenções estéticas em seus corpos a fim de sentirem bem.

d) SUBVERSÃO

No extremo positivo estão as mulheres que se sentem satisfeitas com seus corpos e também não realizam nenhum tipo de intervenção estética. Desde jovem Marly percebeu que não atendia aos padrões estéticos e decidiu que focaria em seu desenvolvimento intelectual e trabalho. Elca sempre se relacionou bem com seu corpo, quando jovem ainda realizou um procedimento estético e teve uma vida focada na carreira. Hoje desenvolve projetos sobre morte e envelhecimento e se sente muito bem com seu corpo sem realizar intervenções. Solange se incomoda com as alterações que a menopausa trouxe mas mesmo assim sente-se bem com seu corpo desde a juventude. Como ainda apresenta poucos sinais de envelhecimento não realiza nenhum tipo de intervenção no corpo. E por fim Esmeralda que sempre sentiu bem com seu corpo e hoje, mesmo com as mudanças do envelhecimento se sente bonita e não realiza nenhuma intervenção estética.

Este grupo possui um diferencial dos outros grupos, suas características são: 1) assim como os outros grupos possui acesso às imagens que circulam e compartilham padrões estéticos, sendo que Elca tem grande exposição à elas pois tem *facebook* e outras redes sociais; 2) não realizam intervenções estéticas a fim de atingirem o padrão estético estabelecido; 3) essas mulheres construíram um referencial estético interno, baseado em suas próprias experiências e corpos; 4) buscam externalizar novas imagens do que é envelhecer colocando em pauta novas formas de estética do corpo envelhecido (principalmente Elca e Esmeralda).

¹⁷ O *twitter* é uma rede social na qual as pessoas podem compartilhar frases de 140 caracteres e imagens.

Ao entrar em contato com a forma que estas mulheres se percebem esteticamente e forjam seus corpos, consequentemente criando novos objetos estéticos, fica perceptível a força que o discurso estético da modernidade possui sobre os corpos das mulheres ao ponto de trazer um forte mal-estar com o corpo. As limitações sentidas pelas mulheres que não atingem o padrão estético extrapolam para outras áreas da vida e são fonte de sofrimento. As mulheres que conseguem trabalhar seus corpos a fim de se aproximarem do padrão estético tem a oportunidade de se sentir ativas neste processo e realizarem mais trocas sociais e sentirem-se bem, apesar de contribuírem com a manutenção deste padrão. Por último encontram as mulheres com um posicionamento crítico frente ao padrão estético e que usam seus próprios corpos como forma de resistência e criação de imagens empoderadoras a fim de criar uma estética do envelhecimento feminino. Ao tecer o corpo-próprio o sujeito também tece a sua identidade, uma vez que na modernidade o corpo se torna o expoente máximo do indivíduo. Assim o corpo pode também ser palco de resistência política e econômica, uma vez que o corpo feminino tem sido submetido há séculos a estas formas de dominação.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O envelhecimento traz consigo mudanças de ordem sociais, psicológicas e físicas que na modernidade tem sido potencializadas. A velhice apresenta-se como um momento de perdas, na sociedade capitalista a mais notória é a perda dos papéis sociais, no entanto as mulheres além de estarem sujeitas ao afastamento social elas ainda sofrem pelo prejuízo da beleza que tem sido atribuído às mulheres como o seu mais importante papel social. Quando a mulher se viu livre das obrigações familiares a contemporaneidade pôs em jogo uma nova concepção de mulher bem sucedida, esta além de boa esposa, mãe e trabalhadora ainda deve ser bela. A beleza toma então uma roupagem não natural, é algo a ser trabalhado e conquistado pelo sacrifício pessoal, diante deste discurso todas podem ser belas. Convidada a modelar seu corpo por meio de procedimentos disponíveis no mercado a mulher que não alcança o padrão, leia-se magra e jovem, é submetida a um julgamento moral e é desqualificada.

O discurso moderno sobre o corpo possui um componente ideológico, no qual o corpo é tratado como mais um objeto em um mundo de consumo e o sujeito é convocado a transformar seu corpo. Apesar do individualismo pregar que o sujeito realize em seu corpo as alterações que desejar como uma tela em branco, ao mesmo tempo lhe são apresentadas uma infinidade de possibilidades transitórias, o sujeito se sente então sem referências e solitário em sua produção. O corpo ganha o *status* de um valor, o sujeito é instigado a mostrar seu corpo que passa a ser sua referência, assim a aparência toma um lugar privilegiado para ancorar a identidade do sujeito já que socialmente vive-se uma crise de sentido.

O corpo, principalmente da mulher, passa a ser um capital que permeia as trocas simbólicas, como um substituto da pessoa a ele são atribuídas características que antes eram atribuídas ao sujeito. Na moralização do corpo a imagem é capaz de sustentar os signos do sujeito que vão desde competência, autocontrole e bondade. A identidade agora ancorada na forma do corpo nem sempre se produz de forma consciente e também apresenta dificuldade em realizar o processo de atualização da representação. O processo de envelhecimento traz consigo a atribuição de novos significados a esta realidade corpórea, que na atualidade é carregada de sentidos negativos. Experimentar este corpo envelhecido requer um trabalho de elaboração da representação do corpo-próprio, uma constante

atualização da imagem. O processo de formação da representação do corpo-próprio se dá através de uma tríplice relação: o reconhecimento pelo Outro que elabora um discurso que reifica os corpos; o reconhecimento do Outro no qual o sujeito se compara aos demais corpos (e imagens produzidas) e a Autopercepção pela qual o sujeito elabora a imagem de si formando a sua consciência corporal, este processo pode ser auxiliado pelo reconhecimento da própria imagem no espelho e fotografias. As fotografias cumprem um importante papel na formação da identidade do sujeito uma vez que narram a história individual e familiar, bem como representam o indivíduo em sua melhor imagem.

O padrão estético de beleza da modernidade associa os corpos das mulheres às características de magreza e juventude. Entretanto ao envelhecer as mulheres precisarão lidar com signos físicos do envelhecimento, que nesta pesquisa foram apontados como sendo os cabelos brancos, as rugas no rosto e ganho de peso. A partir desta dissonância entre o que é considerado socialmente belo e a realidade corpórea estas mulheres elaboram percepções estéticas diversas sobre o envelhecimento. O processo de envelhecimento pode ser vivenciado de forma negativa no qual as mulheres se sentem insatisfeitas com seus corpos e a partir daí assumem a postura de aceitá-lo ou então de buscar intervir para alterá-lo, ou até mesmo negar o corpo. Outra possibilidade é perceber o corpo envelhecido de forma positiva mas realizando procedimentos para se aproximar dos padrões estéticos, aceitá-lo positivamente sem operar alterações.

Desta forma o processo de formação da percepção estética foi entendido como um circuito fechado, no qual as imagens sociais chegam até o sujeito que efetua uma elaboração a partir de seus referenciais internos de consciência do corpo-próprio, consciência que é promovida também pela via da ação, uma vez que a percepção se dá no espaço/tempo. A subutilização do corpo na modernidade produz um amortecimento da percepção e consequentemente um empobrecimento da consciência corporal. O segundo fator que atua na percepção estética é o referencial estético no qual o sujeito se apoia, que pode ser interno (formado a partir de suas experiências e arcabouço cultural) ou externo (pela apropriação das imagens midiáticas). A partir desta elaboração ele pode reagir às imagens recebidas de quatro possíveis formas absorvendo os padrões estéticos, realizando uma síntese destes, negando ou subvertendo. Todas estas respostas retornam à sociedade como forma de imagens que podem atuar como reforçadores dos estereótipos do corpo ou como novas formas de expressão.

Apesar de vivermos em uma sociedade que produz uma grande diversidade de imagens, sendo principalmente imagens de corpos femininos sexualizados observamos que é

possível estabelecer uma relação consciente com o corpo-próprio e criar imagens estéticas mais autênticas. A dimensão estética do corpo pode ser então utilizada como forma de empoderamento feminino e resistência perante o discurso do corpo como objeto de consumo na modernidade. As mulheres idosas tem assumido um protagonismo na produção de uma nova estética do envelhecimento feminino e criando espaços de divulgação de imagens que as representem. Deste modo as imagens criadas por estas mulheres possibilitam um empoderamento feminino e uma produção de novos discursos sobre os corpos a partir de um posicionamento crítico. Neste sentido as fotografias são usadas muito além das *selfies* – representação do individualismo moderno – como meio de expressão de novas forma de se relacionar com os corpos. Superando o sentido de corpo como um sustentáculo do indivíduo o corpo agora se abre para a possibilidade de uma ação política e questionadora da ordem social.

REFERÊNCIAS

- Asch, S. (1979) *Psicologia Social*. Rio de Janeiro: Companhia Editorial Nacional.
- Baudelaire, C. (1996). *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Bauman, Z. (2005) *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Beauvoir, S. (1960a) *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Beauvoir, S. (1960b) *O segundo sexo: a experiência vivida*. São Paulo: Difusão Européia do Livro.
- Beauvoir, S. de. (1990) *A Velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bergson, H. (1990) *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. (1ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.
- Berman, M. (2007) *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Companhia das Letras.
- Bosi, E. (1994) *Memória e Sociedade: Lembrança dos Velhos*. (3a ed.) São Paulo: Companhia das Letras.
- Bosi, E. (2003). *O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social*. São Paulo: Ateliê Editorial.
- Bourdieu, P. (1979) “*La fotografia: un arte intermedio*”. (Trad. Tununa Mercado) México: Nueva Imagen, 15-26.
- Bourdieu, P. (2003) *Un arte medio: ensayo sobre los usos sociales de la fotografía*. Mexico: Fotografia.
- Bourdieu, P. (2013) *Economia das trocas simbólicas*. (7ª ed.) São Paulo: Perspectiva.
- Bourdieu, P., Bourdieu, M. C. (2006/ jun) *O Camponês e a fotografia*. Revista de Sociologia Política de Curitiba (26) 31-39.
- Camarano, A. A. (1999). *Muito além dos 60: os novos idosos brasileiros*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Cappellin, P. A (2004) *Igualdade das Oportunidades nas Relações de Trabalho: a ética da reparação antecede o dever de responsabilidade*. In Costa, A. A., Oliveira, E. M. Lima, M. E. B., Soares, V. (Orgs) *Reconfiguração das relações de gênero no trabalho*. São Paulo: CUT.
- Castro, A. L. (2007, jan/jun.) *Culto ao corpo e estilos de vida: o jogo da construção de identidades na cultura contemporânea*. Revista Perspectivas (31) 137 -168.

- Ciampa, A. C. (1994). *Identidade*. In: Lane, M. T. Psicologia Social: O homem em movimento. (13a ed.) São Paulo, SP: Editora Brasiliense.
- Ciampa, A. C. (1987) *A Estória do Severino e a História da Severina*. (1ª ed.) São Paulo: Brasiliense.
- Corrêa, R. J. (2009) *A evolução da fotografia e uma análise da tecnologia digital*. Trabalho de conclusão de curso, Comunicação Social/Jornalismo, Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais.
- Courtine, J. J. (1994) *Histoire du visage: exprimer et taire ses emotions XVI-début XIX siècle*. Paris: Payot.
- Debert, G. G. (1999). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: FAPESP.
- Debert, G. G. (2003). *Velhice e tecnologias do rejuvenescimento*. 32o Encontro Anual da ANPOCS. Mesa redonda 6, Corpo, envelhecimento e identidades culturais.
- Decreto N. 1.948 – de 3 de julho de 1996. (1996) Regulamenta a Lei n. 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que dispõe sobre a Política Nacional do Idoso, e dá outras providências. Recuperado em 15 de novembro, 2015, de <http://www.pbh.gov.br/leisdeidosos/politica-federal-dec1948.htm>
- Deslandes, S. F. (2004). *A construção do projeto de pesquisa*. In: Minayo, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. (23a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Estatuto do Idoso. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003 (2003). Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. Em vigor desde 1 de janeiro de 2004. Recuperado em 21 de dezembro, 2015, de http://www.planalto.gov.br/Ccivil_03/Leis/2003/L10.741.htm
- Ferreira, J., Hamlin, C. (2010, set/dez). *Mulheres, negros e outros monstros: um ensaio sobre os corpos não civilizados*. Estudos Feministas, Florianópolis. 8(3) 811-836.
- Fischler, C. (1995) *Obeso Benigno, Obeso Maligno*. In Sant'ana (org.) Políticas do corpo. São Paulo: Estação Liberdade.
- Foucault, M. (1979). *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. (Sampaio, L. F. A., trad.) (5ª ed.) São Paulo: Edições Loyola.
- Freire, D. S. (2011). *Com açúcar, sem afeto. Envelhecimento e subjetividade*. In Py, L., Pacheco, J. L., Sá, J. L. M., Goldman, S. N. (Orgs) Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: Nau Editora.
- Goetz, E. R. (2013) *Beleza e Plasticomania*. Curitiba: Juruá.
- Goldenberg, M. (2005) *Gênero e corpo na cultura brasileira*. Revista Psicologia Clínica (Rio de Janeiro) (2) 65 – 85.

Groisman, D. (2002, janeiro/abril) *A velhice, entre o normal e o patológico*. Revista História, Ciência, Saúde de Manguinho. 9 (1), 61-78.

Heller, A. (1975) *A sociologia da Vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Paz e terra.

IBGE. (2002). *Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil: 2000*. Estudos & Pesquisas. Informações demográfica e socioeconômica número 9. Rio de Janeiro.

IBGE. (2011). *Censo demográfico 2010. Características da população e dos domicílios: Resultados do universo*. Rio de Janeiro.

Iñiguez, L. (2004). *Manual de análise do discurso em ciências sociais*. Trad. Joscelyne, V. L. Petrópolis, RJ: Vozes.

Jameson, F. (2000) *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. (2ª ed.) São Paulo: Editora Ática.

Kleba, M. E. & D. Wendhausen (2009) *Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. Saúde e Sociedade*. Rio de Janeiro (18) 4 733 – 743.

Kossoy, B. (2007). *Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo*. Cotia, São Paulo: Ateliê editorial.

Kossoy, B. (2009). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. (4ª ed.) São Paulo: Ateliê editorial.

Kossoy, B. (2012). *Fotografia & História*. (4ª ed.) São Paulo: Ateliê Editorial.

Le Breton, D. (2003) *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. (6ª ed.) Campinas, São Paulo: Papirus.

Le Breton, D. (2013) *Antropologia do corpo e modernidade*. (3ª ed.) Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2011). *Metodologia Científica*. (6a ed.) São Paulo: Atlas.

Marconi, M. A., Lakatos, E. M. (2012). *Técnicas de Pesquisa*. (7a ed.) São Paulo: Atlas.

Marra, T. A. et al. (2007, jul/ago) *Avaliação das atividades de vida diária de idosos com diferentes níveis de demência*. Rev. bras. fisioter., São Carlos (11) 4 267 – 273.

Marx, K. (1990) *Manifesto do Partido Comunista*. Petrópolis: Vozes.

Matos, N. M. (2006). *O significado do lúdico para os idosos*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasília, DF, Brasil.

Medeiros, S. A. (2012). *Estética, angústia e desejo: uma abordagem psicanalítica sobre as doenças da beleza*. Curitiba: Jaruá.

Menezes, U. T. B. (2002). *A fotografia como documento – Robert Capa e o miliciano abatido na*

Espanha: sugestões para um estudo histórico. Tempo, RJ. (14)131-151.

Mincato, P. C., & Freitas, C. L. R. (2007) *Qualidade de vida dos idosos residentes em instituições asilares da cidade de Caxias do Sul – RS.* Revista Brasileira de Ciência do Envelhecimento Humano, 4 (1), 127-138. Recuperado em 15 de março, 2015, de <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/viewFile/122/98>

Miranda, S. F. (2011) *O “feio e o belo”: reflexões sobre os efeitos de uma ideologia do corpo.* Psicolatina (22) 1-8.

Moraes, A. (2011) *O corpo no tempo: velhos e envelhecidos.* In Del Priore, M., Amantino, M. (Orgs) História do Corpo no Brasil. São Paulo: Editora Unesp.

Moreira Leite, M. L. (1994, jan/jul) *Leitura da Fotografia.* Revista de Estudos Feministas. 2(E)130-141.

Moreira Leite, M. L. (1998, 1º jan/jun). *A fotografia e as ciências humanas.* BIB, Rio de Janeiro. (25)83-90.

Mota, S. P. (2014) *Dos álbuns de família para as redes sociais: fotografia em rede na vida quotidiana.* In Atas do III Encontro Anual da AIM. Comibra: AIM. 275-286.

Nahoum, J. A. (2003, jul) *La belle femme ou le stade du miroir en histoire.* In XVIII Jornada de psiquiatria do vale do Loire. Abbay de Fontevraud.

Néri, A. L. (Org.). (1993) *Qualidade de vida e idade madura.* Campinas, SP: Papirus.

Néri, A. L. (Org.). (1995) *Psicologia do envelhecimento: Temas selecionados na perspectiva do curso de vida.* Campinas, SP: Papirus.

Neto, O. C. (2004). *O trabalho de campo como descoberta e criação.* In: Minayo, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. (23a ed.) Petrópolis, RJ: Vozes.

Nobrega, T. P. (2008) *Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty.* Estudos de Psicologia (13) 2, 141-148.

Nogueira, C. (2008). *Análise do discurso: diferentes concepções na prática de pesquisa em psicologia social.* Psicologia: Teoria e Pesquisa, 24(2) 235-242. Recuperado em 21 de maio de 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722008000200014

Novaes, J. V. (2006) *O intolerável peso da feiura: sobre as mulheres e seus corpos.* Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Garamond.

Novaes, J. V. (2007) *“Auto-retrato” falado: Construções e desconstruções de si.* Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology on Line, (7) (2) 131 – 147.

Novaes, J. V. (2011) *Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social.* In Priore, M., Amantino, M. História do corpo no brasil. São Paulo: Editora Unesp.

Novaes, J. V. (2011). *Beleza e feiura: corpo feminino e regulação social. Envelhecimento e*

subjetividade. In Py, L., Pacheco, J. L., Sá, J. L. M., Goldman, S. N. (Orgs) *Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora.

Ory, P. (2008). *O corpo ordinário*. In CORBIN, A., COURTINE, J., VIGARELLO, G. (Orgs.) *História do Corpo: As mutações do olhar: O século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.

Pacheco, K. M. B., Ciampa, A. C. (2006) *O processo de metamorfose na identidade da pessoa com amputação*. Revista Acta Fisiátrica 13(3) 163 – 167.

Paiva, E. F. (2011). *Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamento de gente, trânsito das imagens*. In Priore, M., Amantino, M. (Orgs). *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp.

Paulista, A. (2013, dez). *As mulheres nos movimentos sociais de moradia: a cidade sob uma perspectiva de gênero*. Revista Humanidades em Diálogo. USP.

Payerson, (1989) *Os problemas da estética*. São Paulo: Martins Fontes Editora.

Ponty, M. (1945). *Fenomenologia da Percepção*. (2ª ed.) São Paulo: Martins Fontes.

Py, L. (2004). *Envelhecimento e subjetividade*. In Py, L., Pacheco, J. L., Sá, J. L. M., Goldman, S. N. (Orgs) *Tempo de Envelhecer: Percursos e dimensões psicossociais*. Rio de Janeiro: Nau Editora.

Reis, A. C. A (2011) *Subjetividade Como Corporeidade: o corpo na fenomenologia de Merleau-Ponty*. Vivência (37) 37 – 48.

Sant’ana, D. B. (2014) *História da Beleza no Brasil*. São Paulo: Contexto.

Scharfdtein, E. A. (2006) *Instituições de Longa Permanência: Uma alternativa de moradia para os idosos brasileiros na vida contemporânea*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro. UFRJ.

Schneider, R. H., Irigaray, T. Q. (2008, out/dez) *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. Estudos de Psicologia (Campinas) 25(4) 585 – 593.

Schucman, L. V. (2012) *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. Tese, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

Silva, V. T. S. (2007). *O cuidado do idoso no domicílio*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil.

Sontag, S. (1972) *The double standard of ageing*. The Saturday review, September (23) 29 – 38.

Sourieu, E. (1973) *Chaves da Estética*. Lapa, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira.

Spink, M. J., (2003, jul/dez). *Pesquisa de Campo em Psicologia Social: uma perspectiva pós-construcionista*. Psicologia & Sociedade; 15 (2)18-42.

Tucherman, I. (2004) *A juventude como valor contemporâneo: Forever young*. Revista Logos 21: Comunicação e religiosidades (11) 21, 134 – 150.

Vilhena, J., Medeiros, S. (2005/mar.) *A violência da imagem: estética, feminino e contemporaneidade*. Revista Mal-estar e Subjetividade (Fortaleza) (1) 109 – 144.

Von-Martin, A. (2006). *A sociologia del renacimiento*. (trabalho original publicado em 1932). México: FCE.

Weil, S. (1996) *O desenraizamento operário*. (2ª ed.) Em *A condição operária e outros estudos sobre a opressão*. Seleção e apresentação Ecléa Bosi; (G. G. Terezinha, trad.) Rio de Janeiro, Paz e Terra.

Who (2006) *Integrating poverty and gender into health programmes: a sourcebook for health professionals* (module ageing). Geneva

Who, (1998). *Women, ageing and health: achieving health across the life span*. World health organization. Geneva.

Wolf, N. (1992) *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Rio de Janeiro: Rocco.

ANEXOS

A. ROTEIRO DE ENTREVISTA

Inicialmente foi solicitado ao depoente que selecionasse fotos de sua infância, adolescência, vida adulta e velhice. A seguir foram realizadas as seguintes perguntas:

1. Qual a história desta foto?
2. Como era sua vida nesta época?
3. Como você era fisicamente nesta época?

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA**

B. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____ sou convidada a participar da pesquisa intitulada “Percepção estética do envelhecimento feminino” que tem como objetivo conhecer como as que vivem na cidade de São Paulo mulheres sentem as mudanças ocorridas nos seus corpos e rostos ao longo do tempo, realizada pela pesquisadora Gleicimara Araujo Queiroz Klotz, do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com orientação da Professora Ecléa Bosi. Fui informada que este termo está de acordo com a Resolução nº466, de 12 de dezembro de 2012, e visa preservar os direitos dos participantes e a ética na pesquisa.

Meu nome foi selecionado devido a ser mulher, idosa, moradora da cidade de São Paulo. Eu sei que a participação nesta pesquisa é absolutamente voluntária. Eu tenho o direito de retirar meu consentimento a esta pesquisa a qualquer momento. Minha decisão em participar ou não desta pesquisa não terá influência nas atividades que desenvolvo em meus grupos de trabalho e convivência.

Se eu concordar em participar da pesquisa, o seguinte ocorrerá:

Em primeiro lugar, a pesquisadora irá me entrevistar a respeito de minha história de vida, principalmente, em relação as minhas percepções sobre as mudanças ocorridas no meu corpo e rosto ao longo do tempo. Para esta pesquisa cederei fotos de cada época da minha vida e também serei fotografada da forma como eu desejar. O local da entrevista será de minha livre escolha e não terei nenhum custo adicional por conta da participação nesta pesquisa. Esta entrevista será gravada em áudio para que seja transcrita em seguida pelo pesquisador.

Em outro momento, terei acesso à transcrição da entrevista. Poderei escolher livremente o que deve ser mantido ou retirado do conteúdo, bem como poderei acrescentar ou modificar informações anteriormente dadas sobre os eventos rememorados na entrevista. Caso manifeste interesse, receberei uma cópia do áudio e da entrevista transcrita. Posteriormente, a entrevista transcrita será analisada pelo pesquisador e constituirá a principal base da pesquisa.

Não há nenhum dano ou efeito prejudicial antecipado em participar da pesquisa. Se alguma questão me causar constrangimento ou desconforto, eu tenho liberdade para me recusar a responder em qualquer momento ou interromper a entrevista. Caso alguma emoção venha à tona durante a entrevista, o pesquisador possui formação adequada para oferecer o devido acolhimento.

Meus dados serão guardados e usados unicamente para a pesquisa. A entrevista será sigilosa, numerada e somente acessada por pesquisadores envolvidos na pesquisa de doutorado.

Se eu tiver alguma questão ou comentário sobre a participação nesta pesquisa, eu posso entrar em contato com a pesquisadora Gleicimara Araujo Queiroz Klotz, no telefone (11) 97122-5992, (11) 3864-9276 ou no e-mail gleiciqueiroz@hotmail.com.br. Ou com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da USP: CEPH-IP – Av. Prof. Mello Moraes, 1721 Bloco G, 2º andar sala 27, CEP 05508-030; tel. 3091-4182; ceph.ip@usp.br

Eu conversei com Gleicimara Araujo Queiroz Klotz sobre o estudo e foi dada uma via deste consentimento para mim. Eu entendi o que eu li ou o que ouvi e tive minhas perguntas respondidas. A participação neste estudo é voluntária e não remunerada. Eu sou livre para retirar o consentimento a esta pesquisa a qualquer momento.

Autorizo o uso de minha entrevista coletada nas publicações decorrentes desta pesquisa.

São Paulo, ____/____/____

Assinatura do participante: _____

Nome: _____

Impressão do dedo polegar
Caso não saiba assinar

Eu Gleicimara Araujo Queiroz Klotz, confirmo que informei e expliquei o conteúdo e forneci uma via deste documento ao participante.

Assinatura do pesquisador: _____